

A romantic couple in formal attire. The man, on the left, is seated in a dark, ornate chair, looking up at the woman. The woman, on the right, is leaning over him, her hand near her face, looking down at him. They are both dressed in black formal wear. The background is a warm, out-of-focus interior with soft lighting and floating golden particles.

Como uma Joia

O que o dinheiro não pode comprar

ISADORA RAES

2ª Edição



Como uma Joia

O que o dinheiro não pode comprar

ISADORA RAES

3ª Edição

Como uma joia

O que o dinheiro não pode comprar

ISADORA RAES

2ª Edição

Sumário

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

Copyright © 2020 Isadora Raes

Capa: LA CAPAS

Revisão: Aline Santos

Diagramação digital: Aline Santos

Todos os direitos reservados.

É proibida a cópia do material contido nessa obra sem o devido consentimento da autora. Essa obra é fruto da imaginação da autora e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nela tem qualquer ligação com a vida real.

Capítulo 1

JONAS

A CONSTRUÇÃO é inovadora e impecável. O piso branco brilhante, as pilastras da mesma cor e estilo monumental, paredes lisas, sofás e cadeiras decoradas, luminárias que deixam o ambiente com um aspecto mais familiar e aconchegante. Já é tarde da noite quando chego ao *Gallante Hotel*, localizado na zona sul da cidade, e dirijo-me à recepção. Meu assessor Augusto, que costuma me acompanhar na maioria das viagens, está orientando o mensageiro no que diz respeito às malas.

— Boa noite — falo ao rapaz magro atrás do balcão, enquanto procuro meu celular em um dos bolsos do paletó — Fiz uma reserva.

— Boa noite, senhor Malta — responde, um pouco cauteloso. Já sabe que não sou do tipo que perde tempo com papo furado. Dizem que sou ativo por natureza, e possuo uma excelente aparência, olhar intimidador, gestos bem definidos, e obviamente, muito dinheiro no bolso. Já ouvi dizer que sou arrogante e vaidoso, de acordo com a opinião masculina, e um homem extremamente bonito e sexy, que sabe fazer barbaridades na cama, segundo a opinião das mulheres. E isso é verdade. Ao longo dos meus trinta anos, tenho muita história para contar. O sujeito da recepção se apodera da chave, e então me entrega.

— Tenha uma boa-noite, senhor Malta.

— Obrigado — murmuro, já dando-lhe as costas.

— A gente se encontra no jantar, Jonas? — indaga uma voz, de repente, às minhas costas. É de Moreira, um sujeito baixinho, calvo e barrigudo. Nem me dou ao trabalho de fitá-lo.

— Não sei, Moreira, estou cansado — dirijo-me ao elevador — Acabei de vir de um voo insuportável, estou com o corpo esgotado e a cabeça formigando. Você pode imaginar.

Moreira é um dos diretores da Luxus e um homem que costuma ser um tanto inconveniente e bajulador. Chegou à empresa anos mais tarde que eu e meu irmão, mas nunca o considerei um amigo como o próprio Moreira gosta de dar a entender. Temos apenas o trabalho na Luxus como algo em comum, embora existam outras coisas que nos ligue, como por exemplo, a ambição. Todavia, Moreira vai além disso. Não é apenas ambicioso, mas também ganancioso, além de instável e meticuloso.

— Os empresários vão estar aqui — comenta, seguindo-me pelo elevador — Não acha uma boa ideia termos uma conversa sobre negócios?

— Prefiro dormir — retruco, categórico, antes que o ascensorista feche a porta do elevador.

— Os chineses gostaram da ideia — insiste, enquanto consulto o celular e ignoro grande parte das ligações perdidas e mensagens não lidas — Os caras têm dinheiro a balde e estão impressionados com o projeto. Por que não fechar uma parceria?

Não respondo. Apenas olho para o visor do aparelho e constato que são onze horas da noite. Suspirando, penso que o que desejo ter neste momento é uma cama quente, limpa e aconchegante.

— Conversei com Ralph e ele me assegurou que os caras são confiáveis — prossegue o mala sem alça do Moreira, me irritando — Ele mesmo já fechou negócio com eles uma vez no passado. Por que não aproveitamos essa grande oportunidade?

Eu o encaro e vejo seus olhos pretos brilhando.

— Pensa na dinheirama que vamos ganhar à custa deles!

O alarme no painel apita avisando que acabamos de chegar à cobertura e então a porta se abre. Saio primeiro. Moreira vem logo atrás.

— O que me diz?

— Hoje não, Moreira. Já falei, estou cansado pra caralho e se tivesse que ir a um jantar de negócios, provavelmente nem conseguiria raciocinar direito. Para ser franco, nem mesmo se eles aparecessem com uma loira pelada, eu iria.

Moreira dá uma risada, dizendo poder imaginar a cena. Sabe muito bem que sou um mulherengo incorrigível, e que se estou falando que seria capaz de ignorar até mesmo uma mulher pelada, é porque realmente estou ferrado de cansado.

— Essa foi boa, Jonas. Muito boa! Certo, amanhã então a gente conversa melhor. Boa noite, amigo. Ah! E sonhe com a loira!

Não sorrio com a piada. Não há graça nela. Aliás, nem mesmo me despeço. Ponho a chave-cartão na entrada da porta e a abro. Dou graças a Deus por finalmente me ver livre do bosta do Moreira. Bem sei que não posso confiar de olhos fechados no miserável. Aliás, nele nem ninguém. Trabalhar em grandes corporações é mesmo essa merda. Ninguém é seu amigo de ninguém e esperteza é

fundamental. Mais que gentileza. Caso pisque a porra dos olhos por alguns segundos, pode sofrer uma rasteira quando novamente os abre. No fundo, o que todos querem é status, poder e dinheiro. E eu, como o CEO da Luxus, principalmente. Dirijo-me à suíte principal. Tiro o paletó e a camisa e, em seguida, os sapatos e a calça. Entrarei debaixo do chuveiro e logo depois me jogarei na cama.

VERÔNICA

A gente tem um bom emprego, meninas. Então vamos agradecer a Deus e dar o nosso melhor em mais um dia.

Ajeito o cabelo enquanto ouço Leila, a supervisora, falar. Desde que cheguei aqui há duas semanas ela sempre fala a mesma coisa em toda manhã. Suspiro. Sou uma das novas camareiras do famosíssimo *Gallante Hotel*. Sim, Leila, sei que devo a Deus e, também a Érica o emprego.

Bom, Érica é a minha melhor amiga. Nos conhecemos no segundo grau. Após o término dos estudos, cada uma seguiu para um lado, mas a amizade prevaleceu. Enquanto Érica tinha arranjado o emprego no *Gallante*, eu tinha ido trabalhar com telefonia, todavia, não costumava ter muita sorte nos empregos que arrumava. Era só passar alguns meses e, então, era dispensada. Sempre a mesma agonia. No início até achei que o problema fosse comigo, no entanto, percebi que sempre tentei dar o melhor de mim e ser uma funcionária exemplar. O fato é que me faltava algum ingrediente, e isso era "sorte". A gota d'água foi ficar desempregada pela última vez, então resolvi aceitar a recomendação de Érica, que trabalhava como camareira no hotel. Apesar da minha pouca experiência, está sendo interessante mudar um pouco de área, e quem sabe dessa vez o emprego não engrena?

— *Hoje Ângela e Regina vão ficar nos andares 5, 6 e 7; Celina e Cláudia nos 11, 12 e 13...* — Leila avisa.

— Essa semana a casa parece cheia — confidencio no ouvido de Érica.

— Fim de semana se aproximando, meu bem — comenta, mascando chiclete — mas vai se acostumando

com isso, pois independente de fim de semana o hotel é sempre cheio.

— *Érica e Verônica* — Leila diz — *andares 18, 19 e... cobertura!*

— Hora da ralação — resmunga Érica antes de seguirmos para um dos elevadores de serviço, que fica na ala oeste do hotel.

Começo a refletir que, apesar dos dessabores, trabalhar em um grande lugar como o *Gallante* é uma ótima oportunidade. Está certo, não recebo o melhor salário do mundo, mas pelo menos vai dar pra ajudar com as contas de casa. Além disso, as generosas gorjetas que ganho com frequência de alguns hóspedes fazem tudo valer ainda mais a pena. Muitos deles são executivos de grande porte, homens com muito dinheiro e status. Entramos no elevador e Érica aperta o botão no painel.

— Viu ontem o último capítulo da novela? — quer saber.

— Não — ajeito o meu uniforme — Você sabe que não assisto a novelas. Prefiro filmes.

Sou uma garota de vinte e quatro anos que ainda mora com os pais e a irmã mais nova. Vivemos no Irajá - pois é, um bairro no subúrbio carioca. A casa onde moramos é pequena. Há apenas uma cozinha, sala, banheiro e dois quartos. Divido um com Vanessa, minha irmã caçula. Meu pai, um porteiro aposentado, passou toda a juventude se matando de trabalhar para sustentar as filhas e a esposa, uma humilde dona de casa.

— Chegamos — comenta Érica, quando alcançamos o 17º andar.

Andamos pelo hall até nos dirigirmos ao primeiro quarto. Essa é a melhor parte do trabalho. Ficamos deslumbradas com todo o luxo e requinte que o *Gallante*

proporciona aos clientes e nos divertimos comparando suíte com suíte. E dessa forma o tempo parece passar mais rápido e quando nos damos conta, já é fim do expediente.

— Veja isso! — observo a mobília da primeira suíte — Chiquérrimo!

Érica passa a mão pelo aparador. Ela é loira, baixa, um pouco cheinha, como ela mesma costuma dizer, e muito espontânea.

— Como esse povo nada em dinheiro! Sabe, fico impressionada. Será que a gente consegue mudar de vida algum dia?

Sorrio com desânimo.

— Não sei. Mas acho que com esforço e trabalho duro, tudo é possível.

— Ah, tá! No dia de São Nunca!

Solto uma risada desta vez. Érica continua:

— Mas pense bem, Verônica. Você não acha muita injustiça esse povo ter tanto dinheiro enquanto a gente rala pra caramba pra não ter nada?

Dou de ombros.

— Ah, sei lá. Não almejo riqueza — caminho até à louça de porcelana que está sobre a mesa de madeira ali no canto da sala — Ainda que concorde que dinheiro é sempre muito bem-vindo, quando de origem lícita. Mas juro, viveria feliz toda minha vida se apenas tivesse uma casa melhor para morar e condições de dar um pouco mais de conforto aos meus pais.

Minha amiga suspira profundamente enquanto explora os outros móveis da suíte.

— Mas como eu gostaria de encontrar um homem rico que me tirasse daquele buraco de onde vivo!

— Hum, melhor trabalhar, que contos de fadas não existem.

As horas se passam e após arrumarmos as camas dos quartos do 18º andar, subimos até a cobertura.

— Uau...

— Olha isso...

— Seja lá de quem for, é de alguém que tem muita grana — comento.

— Fala sério. Quem precisa de tanto luxo assim?

— Homens vaidosos e amantes de si mesmos, meu bem. Enquanto tem gente passando fome no mundo. É inacreditável.

— Veja isso — Érica comenta, sentando-se sobre o sofá vinho revestido de camurça sintética.

— Pelo menos, ele tem bom gosto. Essa sala é o sonho da minha mãe — corro para tocar as lindas cortinas blackout.

— Faz tempo que não venho aqui. Que tal dar uma olhada na vista?! — grita Érica, excitada, correndo até a varanda.

Talvez mais excitada que Érica, vou ao seu encontro e examino o belíssimo dia que faz lá fora.

— Uau. Lindo.

— Perfeito, não?

O céu está puro azul, sem nenhuma nuvem ou qualquer outra coisa. O sol brilha e observo alguns hóspedes lá embaixo tomando banho nas lindas e azuis piscinas. Perdemos alguns segundos admirando a vista perfeita desse dia alegre e ensolarado. Está tão quente que

nenhuma brisa leve toca o meu rosto ou tira os meus fios de cabelo do lugar.

— E as suítes? — lembra Érica, de repente — Vamos! — dirige-se até o amplo hall, que dá para o que parece ser a suíte principal. Eu a sigo. Érica empurra a porta devagar, até que entramos.

— Já sou fã desse quarto — Érica anuncia.

Aproximo-me da cama, ponho a mão no lençol vermelho. Pura seda.

— Quem é o milionário? — pergunto.

— Ouvi dizer que é o executivo da Luxus, aquela rede de joalheria caríssima. Jonas é o seu nome. Acho que já vi o cara estampado em várias revistas. É um sujeito lindo.

— E, com certeza, possui muitas mulheres à volta — concluo.

— E você tem dúvidas?

— Bom, acho que ele não vai se importar se a gente deitar um pouquinho na cama dele, não é? — brinco, subindo no colchão.

Érica me observa, divertida.

— Maluca. O que vai fazer?

— Nada de mais. Apenas aproveitar um pouquinho desse conforto que esse quarto maravilhoso pode proporcionar... bom, e se a gente pular um pouquinho nesta linda cama forrada por pura seda? Não acha que ele vai se importar, certo?

— Desça já daí, sua louca! — gargalha, levando as mãos à boca.

— Ah, o que foi, Érica? Só estou me divertindo um pouco... venha e veja como é macia! Qual o problema de subir aqui? Acho que a cama não vai despencar com os meus 55kg!

— Ah, é? Quero ver você fazer uma dança sensual aí em cima então, espertinha!

— Uma dança sensual? Oh, aqui em cima? Ora, já que você insiste...

Puxo o lençol de seda do colchão e cubro-me com ele, deixando uma das pernas à mostra, como uma dançarina sensual.

— Que dança você quer que eu faça?

— Que tal a dança do ventre?

— Assim? — começo a remexer meu quadril.

Capítulo 2

JONAS

OUÇO RISOS E VOZES logo assim que chego na cobertura, mas não sei do que se trata. *Que porra é essa?* Sigo em direção ao hall que dá para a suíte principal. A porta está entreaberta, então de onde estou posso ver o que se passa lá dentro. Duas mulheres. Uma está em cima da minha cama. Enquanto riem e zombam, não percebem minha presença logo ali atrás da porta. *Quem elas são? Funcionárias do hotel? Camareiras possivelmente. E por que estão ali dentro se divertindo? Não deveriam estar trabalhando? Não, não parecem estar trabalhando.* Ainda parado atrás da porta, mergulho minhas mãos nos bolsos da calça preta social. Tento ouvir o que estão dizendo, mas de repente a morena atrevida começa a dançar de um modo muito sensual e interessante sobre a minha cama. Meus olhos não perdem um movimento seu sequer. Não pisco. Meus lábios ficam entreabertos. Minha respiração para por um momento. Ela remexe o quadril de um modo quente, sua perna está de fora e meu corpo endurece completamente. De repente ela dá um grito e só então saio do meu lapso. Suas mãos largam o lençol de seda e a morena desce imediatamente da cama, murmurando um pedido de desculpas.

— Desculpe, senhor... meu Deus, me desculpe... eu não queria... eu não queria causar problemas... — balbucia, a cabeça abaixada, ela parece tomada por vergonha e culpa.

Olho para o lado e encontro a outra funcionária com as mãos à boca, completamente em pânico.

Lanço um olhar duro de uma para a outra. Sei que meu ar é altivo. A loira é baixinha e um pouco acima do peso. Nada de especial nela. Quanto à morena, ela é magra e lhe dou um metro e sessenta mais ou menos. Não, na verdade ela não é só magra... tem seios, bunda, quadril. Suas pernas não saem da minha cabeça, o modo como suas coxas e como seu bumbum se movimentavam...

— Quem são vocês? — minha voz está firme e dou um passo à frente.

— Camareiras — responde a morena, agora com a cabeça erguida, me encarando.

— E vieram a trabalho ou a diversão? Estou confuso.

— Me desculpe... a culpa é toda minha... ela... ela não teve culpa de nada... fui eu que tive a ideia estúpida de subir na cama... oh, meu Deus, o que eu estava pensando?

Eu a observo outra vez, e agora da cabeça aos pés. Meus olhos demoram em suas pernas torneadas e depois em sua cintura fina. A verdade é que eu queria muito poder humilhá-las e colocá-las em seu devido lugar. No entanto, olho para a garota à minha frente, lembro de como sensualizou na minha cama, então não sei o que acontece, mas algo é mais forte que a minha arrogância. Elas aguardam pelas minhas palavras de arrogância e humilhação, mas nesse momento alguém, de repente, me chama da sala. A voz é de Moreira. Ah, grande filho da puta. Mais uma vez me enchendo a porra do saco.

— Terminem o trabalho — mando, e meu tom é novamente duro a elas, e após olhar para a morena atrevida mais uma vez, dou-lhe as costas e saio do quarto.

Levo meus pés de volta para a sala e encontro Moreira lá à minha espera. Suas mãos gordas estão mexendo nas guloseimas do lanche da tarde que deixaram na mesa e que eu sequer toquei. Seu sorriso bajulador está em minha direção.

— Uau, Jonas. Por que só você tem direito a esses agradinhos?

Vou até o bar que fica na lateral da sala e pego uma garrafa qualquer de uísque. O homem começa a tagarelar sobre câmbio, dólar e investimentos. Essa é a minha linguagem favorita, mas não com Moreira. Encho dois copos e um deles ofereço a ele só por educação.

— Obrigado, meu amigo — agradece, levando o copo imediatamente aos lábios. —, mas continuando sobre os chineses... são milhões de dólares. Já pensou nessa bolada? Milhões de dólares de graça! Vamos aumentar nossas contas bancárias!

— Não sei. Eu preciso avaliar primeiro. Pode ser arriscado.

— Arriscado? Não acredito que esteja escutando isso de você, Jonas. Vai ser um grande investimento, não perde por esperar!

Levo meu copo aos lábios para um gole do copo.

— É uma afirmação um tanto relativa. E, sinceramente, não estou disposto a perder um centavo sequer. Não sou do time que gosta de derrotas, Moreira. Deveria saber.

— Não custa nada tentar. Você...

— Custam — eu o interrompo duramente — Custam milhões de dólares, e não estou disposto a arriscá-los. A

Luxus não vai ficar no prejuízo. Ela nunca fica no prejuízo. Jamais se esqueça disso.

O gordo vira-lata engole em seco, percebendo que o meu tom não é amistoso e que não estou muito feliz com a visita fora de hora dele. Coça rapidamente a cabeça.

— Certo. Eu só acho que deve então avaliar o projeto ao menos. Pensa nos milhões de dólares que podemos faturar, e também...

Antes que Moreira termine a frase, as duas mulheres, de repente aparecem na sala. Eu até havia me esquecido delas e, no momento em que as vejo, levo um susto. Ah, claro, as camareiras. Ambas parecem dois bichos do mato agora, cabisbaixas, os semblantes assustados, com medo de interromper alguma conversa. Uma delas pigarreja.

— Terminamos o serviço, senhor — é a morena atrevida que teve a audácia de dançar em minha cama. Olho bem para o seu rosto bonito e vou descendo meu olhar sem pudor nenhum por todo seu corpo. Admito em pensamento que a prefiro mil vezes sensual em cima da minha cama do que vestida nesse uniforme sem graça.

— Obrigado — respondo, sem mesmo saber o porquê estou agradecendo. As duas, então, saem apressadamente, como se eu estivesse prestes a lhes enfiar uma faca. Moreira as acompanha com o olhar.

— São camareiras? — comenta assim que ficamos a sós. — Hum, até que são gostosas!

— Você está vendo demais — desdenho, tirando o celular do meu bolso. — Só vi *uma* que pode ser considerada gostosa. A outra é comum como uma mulher qualquer do subúrbio.

— E você teve até tempo pra reparar nisso, não é, Jonas? — ri. — Está certo. Seu faro de predador nunca

falha, meu amigo.

Penso um pouco nessa ideia.

— Gosto de mulheres de todos os tipos, Moreira, mas nem todas captam imediatamente a minha atenção. É sempre bom fazer uma seleção.

— E com a grana que tem também fica mais fácil. Vamos considerar. É por isso que faz tanto sucesso, você tem a grana e o charme de que elas tanto falam.

Dou o último gole antes de abandonar a taça na mesinha de centro.

Sim, dinheiro faz toda a diferença no final das contas, é verdade.

A essa altura já atendo o celular, deixando o inconveniente do Moreira falando sozinho.

— Oi, baby — digo a Paula, enquanto de soslaio vejo o Moreira voltar a beliscar minhas guloseimas.

— *Onde você está, meu super Jonas?* — a voz feminina e melosa indaga, do outro lado da linha.
— *Londres, Paris, Milão? Por que nunca sei onde você se enfia, amor?*

— Estou no Rio, baby. Cheguei ontem à noite na cidade.

— *E por que não me ligou? Oh, Jonas! Adoraria passar uma temporada no Brasil com você!*

— Cheguei tarde da noite, Paula — passo a ponta do polegar para massagear minha testa. Sempre faço isso quando estou mentindo para ela — Tem a questão do fuso horário também. Não sabia nem mesmo onde você estava... mas não quero falar de mim, quero saber de você, como está?

— *Oh, Jonas Malta, você, como sempre, me enrolando. Que desculpa mais esfarrapada é essa de fuso horário?*

— E simulando tristeza. — *Admita que não queria me encontrar.*

Ignoro seus questionamentos. Por mais bonita e gostosa que seja, Paula na maioria das vezes me irrita. Nunca tem nada tão interessante a oferecer além de uma boa foda.

— Onde você está? — insisto.

— *Miami, honey* — diz amaciando a voz. — *E, nesse momento, me bronzeando na beirada da piscina do hotel.*

Sorrio, malicioso, imaginando a cena. A loira deitada sobre uma bela cadeira de praia, com óculos escuros redondos no rosto, sentindo-se a própria Barbie.

— Ah, é? Com aquele biquíni preto que tanto adoro?

Ri com sensualidade.

— *Yeah, com aquele biquíni preto que você tanto adora.*

— Uh! — Suspiro, e lembrando que Moreira ainda está ali, faço sinal para que o homem saia logo e me dê privacidade. Assentindo, o gordo idiota finalmente me deixa sozinho.

— *Jonas, você ainda está aí, honey?*

— Oi, Paula, estou aqui.

Paula e eu estamos juntos há alguns anos. Nem mais sei quando foi que tudo começou, só sei que a loira bonita e fogosa é o tipo perfeito para um cara como eu apresentar à sociedade. Socialite, culta, oriunda de uma família abastada, embora fútil até dizer chega. Cogitamos um noivado faz tempo, contudo, sempre acabo desistindo da ideia quando esta se torna cada vez mais séria. Casamento é uma coisa que definitivamente não almejo, embora já tenha trinta e goste das nossas trepadas - na verdade boa trepada consigo em qualquer lugar. Mulher na vida de um cara rico como eu é algo que nunca falta.

— *Meu super Jonas, você ainda está aí?* — sua voz soa, me chamando — *Preciso repassar o protetor solar, senão vou aparecer toda vermelhinha quando a gente se encontrar novamente.*

Sorrio, imaginando outra vez a cena. Paula tem mais energia para o sexo que duas ladies juntas.

— Você sabe que a adoro toda vermelhinha.

— *Oh, Jonas!* — gargalha, com malícia, e sussurrando. — *Vou pensar em você, meu gostoso.*

Quando desligo o telefone, suspiro. Afundo-me no sofá e termino de beber o meu uísque. Moreira já foi embora e para o meu alívio, não voltará tão cedo. Abandono o copo já vazio na mesinha de centro. Descanso minhas costas no encosto do sofá e, suspiro, tentando relaxar um pouco. De repente a morena sensual dançando na minha cama volta a roubar meus pensamentos e nem mesmo compreendo por que estou pensando em uma simples camareira de hotel. O que há comigo, porra?

Me ponho de pé, afastando os pensamentos. Sigo pela linda cobertura, até chegar na ala Oeste dela. Pressiono meus dedos na sacada da varanda. Olho para a paisagem lá fora. O céu de um azul escuro logo colore a noite, mas estou me lixando para o fato da noite estar linda lá fora. Não sou um homem romântico — para mim o amor não existe e a paixão é apenas um sentimento forte que culmina na relação sexual. Aliás, não faço amor. Nunca. Faço sexo. Animal. Selvagem. Irracional. Não desejo uma mulher para ser minha amada e sim para ser minha companhia, ou até mesmo para ser mais uma peça na minha coleção de joias.

Sigo para o banho e saio do chuveiro meia hora depois. A toalha preta está enrolada em volta da minha cintura,

meu peito úmido e descoberto. Entro no quarto e me encaro no espelho. Nessa mesma hora a cama reflete-se no objeto reluzente e me traz à memória a imagem da garota dançando toda sensual. Porra. Aquela pele lisa e macia realmente mexeu com a minha fantasia. E que pernas lindas ela tem! Não sabia que mulheres humildes podiam ser tão perfeitas e atraentes. Sem falar no sorriso tímido e, ao mesmo tempo, ousado e na boca formada por lábios carnudos e provocantes. Aproximo-me da janela do quarto. Volto a olhar o céu estrelado.

Até que ter aquela simples camareira em minha cama numa noite como essa seria tentador e divertido. Sem compromisso. Ela é só uma camareira. Não poderia esperar muito de mim. Apenas roupas novas, um jantar e eu me divertiria muito com seu corpo. Uma garota como essa, embora bonita, não pode ser apresentada à sociedade. O limite a ela é a minha cama quente.

Capítulo 3

VERÔNICA

LEVO um susto quando o barulho estronda no quarto escuro e silencioso. O meu velho celular Motorola. Eu havia chegado em casa três horas atrás, tomado um banho e comido rapidamente o jantar. Em seguida caíra na cama. Ficar acordada até tarde assistindo a filmes na televisão já não fazia mais parte da minha rotina. O celular continua resmungando e sem mesmo consultar o visor, sentindo meus olhos embaçados de sono, levo o aparelho ao ouvido.

— *Oi, princesa!* — fala uma voz bem familiar, do outro lado da linha.

Cidão. Meu namorado.

Pelo tom de sua voz, está sorrindo. E no fundo ouço muita algazarra e ruído.

— O que foi, Cidão? — bocejo, esfregando um dos olhos tomados por sono — Já é tarde... estou cansada...

— *Onde você tá, minha joia rara? Eu tô aqui no Zinho bar te esperando. O pagode tá começando agora. Você não vem?*

— Que pagode, Cidão?! — reclamo, irritada e indignada. — São duas da manhã! Pelo amor de Deus! Você sabe que levanto às cinco pra trabalhar todo dia! Esqueceu?

— *O quê? Fala mais alto, joia rara. A ligação tá baixa... pô, minha deusa, não comentei ontem com você*

que Os Malandros iriam tocar? — Ele ri como uma criança excitada com alguma novidade idiota. — Convidados de honra, princesa. Sabe o que é isso? Os parças e eu estamos com moral. Hoje a noite é nossa.

Reviro os olhos e tenho certeza que apertaria seu pescoço se Cidão estivesse aqui na minha frente. Como ele é sonhador e imaturo. Está na cara que o dono do bar vai dar mais um calote neles.

— *Verônica* — sua voz me chama outra vez — *você tem que vir. Sabe que a mulherada cai em cima de vocalista de pagode.*

Reviro meus olhos outra vez. Se Cidão soubesse o quanto desejo me livrar desse compromisso que tenho com ele...

— Só quero saber que tenho que dormir pra acordar cedo amanhã, Cidão! Boa noite e bom show — desligo a ligação.

E como não quero correr o risco de ter meu sono interrompido outra vez, já que Cidão não é do tipo de desistir tão fácil, desligo o aparelho. Em seguida, afundo minha cabeça outra vez no travesseiro. Respiro fundo. Penso um pouco. Cidão não é um cara ruim. Mas sei lá, a gente já não anda bem faz tempo. Acho que nunca deu certo de verdade. Além do mais, ele é tudo o que não admiro em um homem: sonhador, imaturo, acomodado, iludido, boêmio. Para piorar, não gosta de trabalhar. A desculpa que sempre dá é que não há emprego tão bom para ele e também que não nasceu para ouvir merda de chefe nenhum, todavia sei muito bem que o problema é preguiça. Conheço muito bem suas artimanhas e posso decifrá-lo perfeitamente. Às vezes tenho vontade de romper com ele. Na verdade, já fiz isso várias vezes, mas

em todas elas Cidão chorou muito e se humilhou de uma forma que me fez voltar atrás na decisão. No fundo, não sei o que será de nós dois. Acho que desde o início só houve pena e gratidão. Cidão foi quem ajudou a minha família quando chegamos no bairro. Exceto um grande carinho por ele, não sinto mais nada.

Quando acordei na manhã seguinte já eram seis e meia e isso significava que eu estava super ferrada! Me arrumei, saí de casa sem mesmo tomar o café, corri. Agora são exatamente sete e quinze e estou entrando, completamente nervosa, no Hotel. Por causa do fato de eu ter desligado o telefone para ficar livre do Cidão, acabei não tendo o alarme para apitar. Sem querer perder tempo, levo meus passos para o primeiro elevador que encontro pela frente. Quando me dou conta, estou paralisada diante dele.

Olhos azuis...

Cabelos castanhos escuros, quase negros...

Olhar sedutor e sexy...

O ricaço da cobertura, o mesmo que me flagrou dançando em sua cama na manhã anterior. Meu Deus, o que me deu na cabeça pra subir na cama do cara e fazer aquela dança idiota? Agora nem posso mais encará-lo. Merda!

Um calafrio percorre minha espinha e uma vontade absurda de enfiar a cabeça no primeiro buraco pela frente vem. Não consigo sequer balbuciar um "bom-dia". Me recolho à minha insignificância. Dou um passo à frente, mas desvio o olhar.

— Ei! — grita o ascensorista, com ar autoritário. — Você não pode entrar aqui. Tem que pegar o elevador dos funcionários!

Sim, sei disso, mas como estou muito atrasada, achei melhor arriscar. Se ele não me barrasse eu seria capaz de chegar mais rápido ao 11º andar, onde encontrarei Érica com o meu uniforme. Mas agora estou tão envergonhada que nem consigo resmungar nada. O elevador para, mas antes que eu saia, uma mão segura meu pulso.

— Espere — uma voz profunda soa perto do meu ouvido.

Ergo meus olhos outra vez para encarar o cara. Caramba! Como é lindo! E alto. Elegante. Cheio de vigor. Voz rouca perturbadora. Desço meu olhar para a sua mão em minha pele e estremeço toda. Ouço o ascensorista murmurar um pedido de desculpas, mas o sujeito ao meu lado levanta uma mão, mandando que ele fique em silêncio.

— Pra qual andar, senhorita? — indaga o executivo, me fazendo erguer os olhos para fitá-lo outra vez.

— 11º andar... por favor...

Ele mesmo aperta o botão número 11. O ascensorista pigarreja, parecendo envergonhado. Nós três permanecemos em silêncio até chegar a minha vez de descer. Quando o número no painel aparece e a porta se abre, a vergonha não me deixar virar nem mesmo para agradecer. Apresso os passos para fora e sigo quase correndo para o encontro de Érica. Eu a vejo no local combinado - uma espécie de um quarto desativado.

— Até que enfim chegou! Quase não consigo despistar a Leila. Venha, aqui tá seu uniforme.

— Você não sabe o que aconteceu comigo agora há pouco... — estou sem fôlego por ter corrido e começo a me trocar rapidamente — Vim no elevador social e o ascensorista me barrou.

— Não brinca — me auxilia a colocar as roupas.

— Ele me mandou sair.

— Sério? E aí?

— E aí que... lembra daquele ricaço lindo... o da cobertura? Ele me defendeu.

Érica abre ainda mais a boca, parecendo não acreditar na minha história.

— Sério? — esse "sério" dela sai bem mais longo. Sai "sériiiiioooo?"

— Sério. Então... ele, o cara da Luxus, bom, ele não parece ser tão esnobe assim. Ainda bem que só estávamos nós três no elevador, pois eu não sabia onde enfiava a minha cara.

Érica ergue as duas mãos, parecendo pensativa e absorvendo a história.

— Espere aí. Está me dizendo que aquele pão maravilhoso e podre de rico defendeu você, uma simples camareira, que ainda por cima fez travessura na cama dele outro dia desses?

— Isso mesmo... Hum, pronto. Terminei. Vamos?

— Vamos! Antes que a Leila nos mande pro olho da rua. E no caminho vai me contar tudinho o que aconteceu nesse elevador!

O CÉU já está estrelado quando chego sozinha ao Zinho bar. Érica, que a princípio, iria comigo, mudou de ideia na última hora, alegando que estava muito cansada e um tanto desanimada para pagode esta noite e, portanto, iria direto para a casa. Suspiro. O bar está cheio de gente e encontro um pouco de dificuldade para procurar Cidão. Contudo, não preciso me inquietar, pois ele logo me encontra. Aparecido Bezerra Pinto é o verdadeiro nome do meu namorado. Completou trinta anos meses atrás e nutre um sonho muito antigo de ser artista. "Gente importante, joia rara. Um dia você vai ver.", ele costuma dizer. Sinto o quanto anseia por isso, mas tenho medo de que sofra uma grande desilusão. Toca em um grupo musical que mistura samba e pagode, *Os Malandros*, e vive dizendo que um dia seu talento será finalmente reconhecido. Cidão não é dado ao trabalho, muito menos aos estudos, mas consegue se virar vivendo de bicos e de apresentações musicais em alguns bares pelas redondezas. Nos conhecemos há quatro anos e desde que "namoramos" Cidão não consegue nenhum emprego de carteira assinada. "O que você vê nele?", as vizinhas me perguntam. "Você merecia coisa melhor, moça", outras falam. "Você parece ter pé podre para namorado. Foi escolher logo o duro e ridículo do Cidão?", minha irmã sempre zomba. Suspiro outra vez. A verdade é que nem eu mesma sei o que deu em mim quando aceitei ficar com ele. Acho que foi mesmo gratidão. Ele foi o único que saiu da quadra onde estava jogando uma pelada quando minha família e eu chegamos de mudança. Pena que seus defeitos sobressaem sobre suas qualidades. Não sou apaixonada por Cidão. Nunca fui. Mas com o passar dos anos, aprendi a sentir um carinho

especial por ele. No entanto, verdade seja dita, não imagino o resto de minha vida ao lado dele.

— Você veio, joia rara. — Sorri, beijando meu rosto. — Ô, que surpresa boa!

— Vim direto do trabalho, Cidão, mas não posso demorar. Você sabe, trabalho em um hotel e estou sempre exausta. Além do mais, meu pai anda muito doente ultimamente.

— Mas mal chegou e já tá pensando em vazar? Que porra é essa? — resmunga, voltando a me beijar, enquanto me esquivo. Por um momento detesto seu beijo. Já é visível que a nossa relação vai de mal a pior.

— Você não entende... — me afasto um pouco de seu toque — Ei. Escute. Olhe à sua volta. Não é isso o que quero pra mim, Cidão... pra minha vida — dou um longo suspiro — Desculpe, mas não quero perder meu tempo e meus fins de semana em rodas de samba.

Sorri, fitando-me, com os olhos escuros brilhando.

— Ainda vou ser muito rico, minha joia. Muito rico mesmo. Vai ver. E vou te dar um vidão. Isso aqui é só o começo. Ainda vem muita coisa boa. Acredite.

Suspiro outra vez, cruzando meus braços na altura do peito, completamente descrente disso, mas, prefiro me calar.

— Venha, vamos sentar — me conduz até uma mesa de bar qualquer.

As aparentemente infinitas horas passam e quando o pagode finalmente acaba, dou graças a Deus por isso e porque vou poder ir direto para a casa. Cidão me acompanha até o portão. Tentando evitá-lo ao máximo, forjo uma breve despedida e imediatamente entro porta adentro. Estou exausta, sem paciência e sem tempo para

namorar também. Eu me sinto muito mal com isso, mas a verdade é que tento evitar ao máximo seu beijo. Fizemos sexo apenas duas vezes em todos esses anos de namoro e nenhuma delas foi satisfatório pra mim. "Você deve romper tudo de uma vez", minha consciência avisa e sei que é o certo a se fazer, mas ainda não sei como.

A primeira vez que tentei uma coisa parecida, Cidão chorou e implorou para que eu mudasse de ideia. Me mandou várias mensagens via celular no dia seguinte e gastou boa soma de dinheiro só me telefonando. No entanto, agora me arrependo amargamente por ter voltado atrás. Não dá mais. É um tipo de relacionamento que vem acabando comigo e me sufocando. "Ele é um verdadeiro atraso de vida. Enquanto você ficar com ele, como vai conhecer outros caras que realmente valham a pena?", Érica comentou uma vez. Deito-me na cama e penso se algum dia vou encontrar alguém que realmente mexa com meus sentimentos. Contos de fadas não existem, é verdade, mas será que nem ao menos o cara ideal, vou encontrar algum dia? Lembro-me do casamento dos meus pais e sorrio. Eles parecem se amar. Sentimento recíproco - não só uma das partes envolvida. E é isso o que quero para minha vida.

Alguém empurra a porta, me tirando dos meus pensamentos. Vejo Vanessa, minha irmã mais nova.

— Seu namorado está se achando o verdadeiro artista — seu tom é de puro deboche.

Ela se senta em sua cama e começa a tirar os saltos dos pés. Assim como eu, Vanessa também estava no pagode no Zinho Bar. Só que diferente de mim, que estou doida para me livrar do meu namorado, ela quer arranjar um namorado lá. Vanessa sempre comenta que está à

procura de um bom partido, que segundo ela, é um cara que ganhe bem, tenha carro e a leve para jantar fora.

— Ve, será que você pode me arranjar trezentos até semana que vem? — me encara, seus olhos castanhos escuros tomando conta dos movimentos do meu rosto.

— Eu já te emprestei duzentos na semana passada e você ainda não me pagou, Vanessa.

— Eu sei, mas é que preciso muito dessa grana. É coisa importante. Juro que vou pagar tudo junto depois e com juros.

Suspiro, saindo da minha cama de solteiro, e vou até à minha cômoda, onde guardo praticamente todas as minhas coisas. Pego um livro no qual guardo meus documentos e dinheiro. Tiro trezentos reais e entrego à Vanessa.

— Você é a melhor irmã do mundo — sorri e guarda o dinheiro que lhe dei na bolsa dela.

— Posso saber pra que é?

Ela me encara, o sorriso amarelo no rosto.

— Eu vi um vestido lindíssimo no shopping e jurei a mim mesma que vou tê-lo.

— Um vestido de trezentos?

— Ah, mas ele é magnífico. Quando vê-lo, vai babar. E ele ficou perfeito em mim.

— Vanessa, a gente deveria estar economizando. Você sabe, o pai está doente e as coisas não estão fáceis. Além do mais, a mãe dá o maior duro, passando roupa pra fora e o que ela ganha é muito pouco. Eles precisam de nós.

— Eu sei, eu sei, tá? Não venha com esse ar de filha generosa, querendo me fazer sentir a vadia da filha egoísta e insensível não, porque isso não vai dar certo.

Cruzo meus braços no peito, mas me calo.

Vanessa sequer tira o vestido que usou no pagode. Ela se deita na cama, puxa o lençol até seu corpo e então me deseja um breve "boa noite".

Capítulo 4

JONAS

REBATO a bola para o adversário que está do outro lado da rede. Não nos conhecemos, mas estamos jogando uma partida de tênis em uma das quadras do hotel. Eu sempre me dirijo às quadras quando acordo pela manhã e sempre que tenho disponibilidade. Tênis é um dos meus grandes hobbies. No clube que frequento, sou aclamado. Ninguém me tira do pódio. E todos sabem o quanto sou competitivo e levo as partidas a sério - assim também como levo a sério as corridas de kart. Não gosto de perder e detesto me sentir humilhado. Nesse instante avisto Augusto se aproximar da beira da quadra e tenho a certeza de que tem algo importante a me dizer. Ou ele não faria isso. Augusto me conhece o suficiente para saber que não deve me interromper em uma partida de tênis. Então concluo que alguém me procura através do celular. E por mais que eu esteja em um hotel, eles sempre me encontram. Essa é uma das desvantagens de ser o diretor executivo de uma empresa de grande porte como a Luxus.

— Telefone para o senhor! — anuncia um Augusto todo sem graça e cauteloso, de paletó, com o celular na mão. — É seu irmão, Júlio. Disse que é importante.

— Ele disse sobre o que é? — pergunto enquanto rebato um saque.

— Não. Apenas que é importante!

Comemoro o ponto feito e, em seguida, dirijo-me ao fundo da quadra para um novo saque.

— Diga a ele que depois ligo.

— Certo.

Augusto parece contemplar a bela jogada que faço e, em seguida, uma longa sequência de bate-rebate. O meu adversário é bom, mas sou melhor. Ninguém precisa me dizer para eu saber. Ninguém me supera numa partida de tênis - especialmente quando estou inspirado. Pra finalizar consigo um *match point*. Comemoro com discrição. O outro jogador sorri conformado com a derrota e vou até a rede, cumprimentá-lo. Meu assessor se aproxima de mim e me oferece uma toalha branca. Seco meu rosto suado, então Augusto me entrega o celular. Julio está me ligando outra vez.

— *Jonas* — a voz pastosa do meu irmão entra na linha.

— *Seu assessor disse que você estava ocupado...*

— Pois como pode ver, não estou mais. O que tem de tão importante pra me falar?

Pigarreia.

— *Estou ligando pra saber sobre o encontro com os empresários. Moreira me disse que eles apresentaram uma boa proposta esta semana e estão realmente interessados.*

— Ah, então é isso. Suponho que Moreira tenha te informado também sobre os riscos. São vários milhões perdidos em jogo, caso o projeto seja um fiasco.

— *Sim* — *parece engolir em seco* — *mas podemos ganhar muitos milhões também.*

— É uma hipótese um tanto relativa. E não estamos num bom momento para arriscar.

O idiota do meu irmão fica em silêncio por algum momento, parecendo absorver a informação. Em seguida,

diz:

— *A empresa não é só sua, Jonas... também tenho minha parte nisso tudo...*

— Tem razão. A empresa não é só minha, mas sou o CEO. Talvez você não se lembre, mas a palavra final é sempre a minha.

Parece engolir em seco outra vez, e então pigarreia:

— *Eu sei, eu sei, mas... bom, será que podemos conversar sobre isso uma outra hora? Podemos marcar uma reunião.*

Respiro fundo, tentando controlar a impaciência que sinto toda vez que meu irmão mais velho tenta demonstrar que entende alguma coisa de negócios quando na verdade é um grande idiota. Lembro-me das vezes em que o nosso pai disse isso e exatamente por isso me tornei o CEO e não meu irmão.

— Se você insiste, podemos discutir isso numa próxima reunião. Vou marcá-la e, em breve, comunicarei. Estou indo para a Europa daqui a dois dias e ainda não sei quando vou voltar.

— *Tudo bem.*

— Certo. Agora preciso desligar.

— Tchau, Jona...

Desligo a ligação antes mesmo de ele terminar de se despedir e então sinto Augusto me encarando.

— A senhorita Paula também ligou esta manhã — avisa.

— E ela deixou algum recado?

— Apenas pediu que retornasse a ligação.

— Obrigado — volto a secar meu rosto com a toalha. Levo meus pés de volta para o hotel. Augusto vem atrás de mim, me atualizando sobre tudo o que tem acontecido na

Luxus desde que cheguei ao hotel. Pegamos o elevador, em silêncio, e logo chegamos até à cobertura. Nesse momento coloco o celular no ouvido para falar com Paula. Caminho pela sala e fico intrigado ao observar a porta do quarto aberta. Aproximo-me. Percebo que há alguém lá dentro. Reconheço a linda camareira. Sim, a morena que havia dançado sensualmente na minha cama outro dia desses.

Caralho, eu paro. Como seu corpo é curvilíneo e gostoso, mesmo estando com o simples uniforme. Fico observando se inclinar um pouco para forrar a colcha e seu bumbum arredondado fica ainda mais visível. Meu corpo logo esquenta e meu pau começa a dar sinal de vida. Eu mergulharia em seu corpo facilmente aqui mesmo no quarto, a jogaria nessa mesma cama que está arrumando e a faria nunca mais se esquecer de mim. Eu sou bom em levar mulheres pra cama. Meu único defeito é não levá-las a sério depois disso.

— *Jonas?* — a voz de Paula soa em meu ouvido, me tirando dos devaneios. — *Você está aí, baby?*

— Oi, estou aqui, pode falar — respondo, mas meus olhos estão fixos nos movimentos da camareira gostosa, que se vira num pulo e me encara, aparentemente preocupada.

— Com licença, senhor — murmura de repente, parecendo um pouco desconfortável na minha presença e ainda mais desconfortável do que no dia que nos encontramos no elevador.

Passa por mim, murmurando licença outra vez. Tapo o bocal do celular por um momento e viro-me para Augusto.

— *Vá atrás dela! Rápido! Descubra quem é!*

Confuso, o homem arregala os olhos, mas logo em seguida se move e sai atrás da morena.

VERÔNICA

— **EI, SENHORITA!** Por favor, espere! — alguém grita atrás de mim.

Congelada, prendo minha respiração. Ah, não. O que fiz dessa vez? Não é possível que eu tenha deixado o travesseiro fora do lugar ou alguma coisa do tipo... prestei atenção a todos esses detalhes justamente porque sei o quanto esse tal executivo da Luxus, por mais que seja lindo e por mais que tenha me defendido outro dia desses no elevador, pode me prejudicar. Eu já subi em sua cama. Pior: dancei sobre ela. Não sei por que ainda não me denunciou, mas a verdade é que estou em suas mãos.

Eu me viro para o homem que está a poucos metros de mim. No entanto, não é o bonitão da Luxus. É um sujeito careca. Bem elegante e está com as duas mãos unidas na frente de seu terno.

— Sim, senhor?

— Perdão — diz, parecendo um pouco hesitante — Desculpe-me, mas qual é o seu nome, senhorita?

— Meu nome? — mordo meu lábio inferior.

Por que ele quer saber o meu nome?

— L-Leila — titubeio a primeira coisa que me vem à mente. O homem engravatado permanece me encarando e me observando. Ah, meu Deus, o que esse homem quer? Engulo em seco, mas sustento seu olhar.

— Bom, Leila, desculpe a minha curiosidade... hmm, você trabalha há muito tempo aqui no hotel?

Por que ele quer saber?

Eu o analiso. Deve ter uns cinquenta anos. Ou talvez um pouco mais, no entanto se for, é bastante conservado. Apesar do pouco cabelo, possui um rosto liso e jovial.

— Apenas há alguns meses... o senhor deseja alguma coisa?

— Oh, não... desculpe-me. Pode ir.

Assinto, aliviada, me viro outra vez e sigo depressa o meu caminho. Não entendi o que aconteceu, mas só sei que preciso sair daqui o mais rápido o possível.

JONAS

— **E ENTÃO?** Falou com ela? Descobriu alguma coisa?
— pergunto a Augusto assim que ele aparece outra vez na minha frente.

— Bom, senhor, só que a moça se chama Leila e que trabalha há pouco tempo no hotel. Há alguns meses, segundo ela.

— Leila — repito — acrescento gelo em meu uísque.

Levo o primeiro gole à boca e me mantenho preso em meus pensamentos. Leila... bom, ela não tem cara de Leila. Mas isso é o que menos importa agora. Deve ter uns vinte e poucos anos. Talvez seja casada. Ou não. Mas é muito provável que tenha namorado. É bonita e gostosa demais para estar sozinha. Várias teorias bombardeiam a minha mente e não consigo controlar o que meu corpo sente. É claro que já desejei muitas mulheres ao longo da minha vida e tive praticamente todas as que desejei, mas nunca aconteceu uma coisa dessa com uma camareira. Eram sempre mulheres com quem eu flertava em festas ou em eventos, ou até mesmo secretárias, mas nunca camareiras, porra.

— O senhor está bem? — Augusto quer saber, seus olhos em meus movimentos.

Leila... morena, curvilínea. Tem pernas bonitas e compridas, lábios carnudos, olhar de quem não se impressiona facilmente, seios duros, cintura fina, bunda arrebitada, quadris... ela é gostosa. Fato. Caminho até Augusto e o encaro.

— Quero que me faça um favor — dou mais um gole do uísque. — Quero que procure essa garota e faça uma proposta.

Bebo mais um gole da bebida enquanto controlo a vontade de rir do olhar confuso que o homem me lança.

— Uma proposta?

— Isso, uma proposta. Vou viajar dentro de alguns dias pra Paris e, depois da França, irei para a Inglaterra e talvez também para a Itália. Quero que convença a Leila a ir comigo — bebo o último gole do copo. — Vai ser uma boa proposta, ela não vai recusar. Vou oferecer muito dinheiro. Vou consultar meus advogados e pedir para que providenciem um contrato. Quero que você cuide também disso para mim.

O homem continua me fitando como se eu fosse um bicho de sete cabeças ou como se não entendesse nada do que sai da minha boca.

— Senhor, com todo respeito, me desculpe, mas acho que não entendi...

— Quero que convença a Leila a ser minha acompanhante de luxo — explico e em seguida divirto-me com sua expressão que de confusa passou a ser perplexa.

— O que foi, Augusto? Acha a ideia bizarra?

Ele engole em seco. Em seguida, arrisca:

— Muito, senhor...

— Bobagem. Não quero uma prostituta profissional. Quero uma mulher comum. Desde que a vi, ela não sai da minha cabeça.

Ele pigarreia, completamente desconfortável com a conversa.

— Mas o senhor tem tanto dinheiro... pode ter a mulher que quiser...

Abandono o copo vazio na mesinha de centro.

— É essa que quero. Pelo menos, por enquanto. Gostei de Leila e ela vai ser minha.

Continua me fitando, mas ignoro seu olhar de perplexidade, e prossigo:

— Já tive muitas mulheres em toda a minha vida, Augusto. Você como ninguém sabe disso. Talvez seja bom algo diferente agora. Uma nova aventura. Uma suburbana. Ela conseguiu chamar a minha atenção.

Augusto não comenta mais nada agora. Estico meus lábios num sorriso, me divertindo da maneira como ele me encara.

— É tão moralista assim? Está escandalizado com a ideia?

— Um pouco, senhor...

Abandono o copo vazio na mesinha de centro.

— Bom, preciso que você a procure, e então faça a proposta. Não precisa se preocupar, vou lhe dizer exatamente o que falar.

Capítulo 5

VERÔNICA

OLHO distraidamente pela janela do metrô lotado enquanto estou voltando para casa em mais uma viagem cotidiana e cansativa. A imagem do homem lindo e musculoso vem subitamente à minha mente. Na verdade, ela não sai da minha cabeça desde aquele dia em que fui flagrada em sua cama. E tudo só piorou depois do episódio do elevador. Como é mesmo o nome dele? Ah, sim. Jonas. Ele havia sido antipático e até mesmo duro comigo e com Érica na suíte quando me viu em sua cama, no entanto, não posso julgá-lo. O cara nos pegou fazendo bagunça em sua suíte. E nós somos as funcionárias do hotel, não as convidadas dele! Para ser sincera, ele se mostrou bastante compassivo ao não nos denunciar à gerência.

Mordo meu lábio inferior, sentindo algo estranho tomar meu ser. *Ah, meu Deus, Verônica, não. Você é a garota serena e pés no chão. Deixe as ilusões para Vanessa e Érica.* A verdade é que nunca liguei para homens ricos e bonitos, mas agora a imagem do cara lindo não me deixa em paz por nada. Enquanto estive em sua cobertura, a sua colônia importada me confundiu e me perturbou o tempo todo, me impedindo de trabalhar normalmente. Em um dado momento de loucura, peguei seu travesseiro e o aspirei. O cheiro gostoso masculino estava lá. Estava no quarto inteiro. E até mesmo agora não abandona as minhas narinas. Sua altura sobre a minha, o modo como

seus olhos azuis soaram sedutores e selvagens horas atrás quando me viu outra vez em seu quarto... *oh, não, Verônica. Não. De jeito nenhum. O que aquele homem rico e poderoso iria querer com você? É apenas a camareira do hotel onde ele está hospedado! Em breve ele irá embora e nunca mais o verá - a não ser nas capas de revistas das bancas de jornais.*

Quando o metrô para na estação da Central do Brasil, saio juntamente com o mundo de gente que estava comigo no vagão. Ajeito a minha bolsa a tiracolo em um dos ombros e percorro o caminho da estação. Minhas pernas estão doendo por eu estar tanto tempo em pé. Foram quase cinquenta minutos de viagem. Preciso ainda pegar um ônibus até chegar em Irajá, onde moro. Pois é. A rotina é cansativa. Dou sinal ao ônibus e agradeço a Deus porque por sorte, ele está vazio e é um ônibus rápido, que não vai ter muitas paradas até chegar no meu bairro.

Passo pela roleta e sinto um olhar masculino me acompanhando. "Que rabinho gostoso...", o sujeito murmura e então faço cara feia para ele, me contendo para não mandá-lo à merda. É assim que os caras sem educação e escrúpulos agem. Nos comem com os olhos como se fossem meros animais selvagens. Caminho pelo coletivo e me sento no banco perto da janela. Suspiro. Logo a imagem do cara, Jonas, me volta à mente. Eu tento a todo custo mudar meus pensamentos, mas então eles voam até Cidão. Ainda que eu não sinta nada por ele, tenho que respeitá-lo!

Os minutos passam e quando finalmente chego em casa, encontro o meu pai em frente à tevê.

— Oi, pai — dou-lhe um beijo carinhoso no rosto.

— Oi, querida — sorri com o meu beijo, mas permanece mirando a tevê — O Cidão não foi buscar você? — ele ainda mantém os olhos no jogo do Flamengo.

— Ah, não. O senhor sabe, não gosto de depender de ninguém.

— Mas um namorado tem que ser gentil, ainda mais com uma namorada bonita feito você. Ele não pode dar bobeira. Os outros gaviões ficam de olho — ri consigo mesmo e sorrio de volta, sabendo que mesmo que eu pedisse, Cidão não me buscaria no ponto de ônibus. O tempo dele é longo, mas ele só o gasta com o samba e o pagode.

Levo os meus passos para o corredor estreito que dá nos quartos e quando empurro a porta, encontro minha irmã toda risonha e animada, olhando os produtos da Avon e as maquiagens da Mary Kay que a Cristiane provavelmente trouxe.

— Oi — digo a elas.

— Oi, Verônica! Corre aqui e vem ver o que eu trouxe. Agora estou revendendo Mary Kay também. Posso até conseguir uma promoção bacaninha pra você.

— Eu não sei, Cris, ainda não recebi pagamento. Eu não gosto de fazer dívida, você sabe que gosto de pagar tudo direitinho.

Vejo Vanessa resmungar e fazer cara de pouco caso porque eu disse isso. É que ao contrário de mim, minha irmã está sempre contraindo dívidas de Avon, das calcinhas da Demillus e de várias outras coisas e acaba que no final nunca é ela a pagar. Vanessa costuma dizer que se pudesse ter escolhido, teria nascido numa família rica e elegante. Ela adoraria ser socialite, aquele tipo de pessoa fútil que aparece nos reality shows.

"Se eu fosse tipo uma irmã do Neymar, eu seria mil vezes mais feliz", disse.

"Eu acho que se você arranjasse um emprego, você seria tipo mil vezes feliz também", disse nesse mesmo tom a ela, que fez cara feia, contrariada porque toquei bem em sua ferida.

— Ah, Verônica, vem cá — Cris pede e sei que ela precisa muito de ajuda. Ela trabalha com Avon há uns bons anos e sei que é uma forma de conseguir um extra. Cris vive com a mãe idosa e tem um filho pequeno pra criar — Que tal esse batom? Vai fazer o Cidão ficar louco. Pede pra ele comprar pra você. Namorados têm mesmo que presentear as namoradas.

— Cidão? — Vanessa zomba — É mais fácil um camelo passar por uma agulha. Além do mais, ele não tem onde cair morto. Não sei o que a doida da Verônica ainda faz com ele.

— Não seja tão dura, Vanessa — eu me sinto na obrigação de defender o Cidão, ainda mais porque ele não está presente para fazer isso por si mesmo. Além do mais detesto o modo como minha irmã gosta de humilhar os outros. Viro-me para Cris e digo: — Eu vou dar uma olhada nos produtos sim — sorrio para a Cris porque não custa nada ajudar. Mesmo estando apertada, posso comprar algumas coisinhas.

Depois que Cris vai embora, tomo um banho e ajudo a mãe na cozinha, colocando os pratos na nossa mesa simples de ferro. O pai está sentado na cadeira, contando como ajudou o vizinho na oficina esta tarde. Ele ignora o fato de que está doente e que precisa se cuidar. Vanessa vem do quarto e afunda a bunda na cadeira, sem mesmo se oferecer para ajudar em alguma coisa. Ela já tem vinte e

dois anos e age como se fosse ainda adolescente. Detesto também a forma como ignora a doença do pai e como explora a mãe nos serviços domésticos. Mas ao invés de reclamar, faço eu mesma a minha e a parte dela.

— Como foi o seu dia, filha? — a mãe quer saber, me encarando, sempre com o semblante cansado.

— Foi bem, mãe — respondo. Faço questão de dizer que está tudo bem para ela não ter que se preocupar.

A gente janta reunido na mesa e depois de escovar os dentes, caio na cama. Ando tão cansada, que logo pego no sono.

No dia seguinte, Leila me manda ir para a cobertura, mas tento convencê-la a mandar Érica em meu lugar.

— Qual o problema com a cobertura? — a supervisora arregala seus olhos castanhos mel em minha direção.

— Bom, é que... — balbucio, mas acabo me atrapalhando com as palavras porque na verdade não há razões para esse meu pedido — é que, sei lá...

— Todo mundo quer a cobertura, Verônica. Não seja boba. É o andar mais luxuoso do hotel. E onde está o hóspede mais gostoso.

Engulo em seco.

— Agora chega de "mas". Andem! Comecem a trabalhar!

Érica me puxa pelo braço e cochicha em meu ouvido:

— Que história é essa de se livrar da cobertura? O que está acontecendo, que eu ainda não sei?

— Esqueça isso, Érica. Não é nada, é que... você sabe, desde aquele dia que dancei na cama do cara da Luxus, me sinto mal de ter que vê-lo...

— Mas você o viu no elevador e disse que ele a tratou muito bem. Então ele não pode estar bravo com o lance da cama.

— Mesmo assim, eu não me sinto à vontade. Além do mais, sou nova aqui. Só de pensar que posso perder o emprego, fico louca. Meus pais precisam de mim.

— Certo. Mas sabe que se precisar pode falar comigo.

— Claro que sei. Obrigada.

Érica e eu nos despedimos quando ela desce num andar anterior ao meu. Suspiro e me obrigo a respirar fundo quando estou sozinha no elevador. Quando o painel acusa a cobertura, peço a Deus que me ajude. Quando já estou na frente da porta, digo a mim mesma: "se controle, Verônica. Vai ficar tudo bem".

Passo pela porta e um alívio vem porque não há ninguém. Ajeito o meu uniforme e levo os meus passos até o quarto. Quero fazer o serviço muito bem feito, mas o mais rápido o possível. Só de pensar na ideia de ser pega outra vez, meu peito palpita. Giro a maçaneta da porta da suíte com cuidado, mordendo meu lábio inferior. Novamente não há ninguém, então começo a cuidar do jogo de cama.

Estou distraída com o trabalho quando de repente sinto a presença de alguém me vigiando. Não quero olhar para trás, mas sei que só pode ser ele ali atrás de mim. Tento fingir que não o sinto. No entanto, meu corpo é mais rápido que meu cérebro. Eu me pego o encarando e lá está o executivo, os ombros encostados no batente da porta, os braços musculosos cruzados na altura do peito, deixando

seus bíceps mais acentuados. Engulo em seco, mas tento disfarçar. Sua altura é perfeita, o modo como ele se faz intimidar é assustador. Seus olhos são os azuis mais lindos que já vi, mas ao mesmo tempo que são suaves, são misteriosos e selvagens. E agora estão analisando o meu corpo. De uma maneira sutil, mas não tem como eu deixar de notar. Tenho certeza de que há um leve O formado em meus lábios.

— Olá — ele é o primeiro a quebrar o silêncio do quarto e sua voz tem um quê rouco que me abala. Ele não está sério como da primeira vez que o peguei me espiando. Agora há um pequeno esticar em seus lábios.

— Senhor, eu vim a trabalho — me explico, porque da outra vez ele perguntou exatamente isso: vieram a trabalho ou à diversão? — Estou apenas arrumando as coisas. Não se preocupe, já vou sair.

Ele olha em redor, provavelmente procurando por minha amiga.

— Está sozinha?

— Sim — engulo em seco.

— E hoje não tem dancinha — seu sorriso se abre mais um pouco e ele se afasta da porta. Chega um pouco mais perto e fico completamente sem ação porque foi impressão minha ou ele acabou de zombar do episódio da dança?

— Hum, por falar nisso, senhor, quero muito agradecer por ter se calado. Poderia ter nos denunciado e não o fez. Obrigada.

— Eu não denunciaria — ainda está me encarando, com os braços musculosos cruzados, como se estivesse bem mais relaxado e descontraído hoje.

— Mesmo assim, obrigada.

Seus olhos não deixam de me avaliar por nenhum momento, mas não estão no meu corpo agora. Me dou conta de que devo voltar a trabalhar, então murmuro a ele que vou terminar o serviço no quarto para depois cuidar da limpeza dos utensílios. Ele não diz nada e de repente leva o celular ao ouvido para falar com alguém. Enquanto estou arrumando as coisas, eu o ouço fazer algumas ligações. Depois volta a ficar em silêncio e sinto como se estivesse me analisando. Mas não quero encará-lo para ter certeza.

De repente a campainha toca e ele sai do quarto para atendê-la. Termino de arrumar as coisas e então caminho para a sala. Avisto um outro sujeito. O baixinho e barrigudo. Esse me encara. Os dois estão conversando sobre negócios e então gosto de me sentir invisível ali. Me mantenho de costas para eles, limpando o balcão de madeira. É como se eu não estivesse presente e gosto disso. O hóspede da cobertura vai até a suíte principal pegar alguma coisa e o seu amigo fica na sala sozinho observando as coisas. De repente viro o meu rosto e ele está me avaliando também atrás do copo de uísque. Eu me viro de volta para a frente, me concentrando em meu trabalho. Eu me abaixo um pouco com cuidado para passar o pano no vidro super limpo da mesa. Sinto o sujeito gordo mais perto de mim, às minhas costas, e sinto o seu hálito em meu ouvido.

— Que traseiro lindo você tem.

Por um minuto acho que vai passar a mão em mim, então me viro na mesma hora para ele, que me encara e leva o copo de uísque à boca. Ele desce o olhar malicioso outra vez em meu corpo na cara de pau - é a mesma coisa que o amigo fez lá dentro do quarto, mas apesar de tudo, o

olhar do outro não me incomodou tanto. O baixinho chega mais perto de mim e seu dedo polegar toca meu queixo.

— Você é uma graça — ele é mais baixo que eu e é nojento.

Nesse momento ouvimos o executivo voltar para a sala e então o baixinho se afasta de mim. Tenho vontade de vomitar, mas me viro de costas para ele. Me obrigo a terminar o trabalho. Quando finalmente termino, saio da cobertura, pensando em não voltar mais lá.

Capítulo 6

JONAS

ESTOU FALANDO em inglês pelo telefone com Matt McDowell, um dos importantes sócios da Luxus, quando repentinamente alguém dá duas leves batidas na porta antes de abri-la e passar por ela. É Jorgeana, minha secretária.

— Desculpe, eu bati na porta — sussurra para não atrapalhar a minha ligação.

Faço sinal para que se aproxime mais enquanto termino de conversar com Donald. Quando finalmente me despeço, desligo a chamada e encaro uma Jorgeana sorridente, com cabelos escuros longos e um rosto bem cuidado por cremes e maquiagem. Antes que eu pergunte, ela esclarece:

— Suzana Sampaoli está lá fora e insiste em falar com você.

— Ah, droga — suspiro longamente — ela está sozinha, suponho.

— Completamente. Disse até que já dispensou o motorista.

Dou um novo longo suspiro enquanto relaxo minhas costas na poltrona. Como minha secretária há muitos anos,

Jorgeana sabe que Suzana é um dos meus casos mais antigos e de todos eles o mais insistente. A mulher jamais me deixou em paz e já faz anos que não trocamos qualquer tipo de intimidade.

Até sete anos atrás eu a levava para a cama constantemente e a usava de todas as formas possíveis. Ela era uma mulher de quarenta anos insaciável e infeliz no casamento. Eu era como qualquer cara de vinte e três anos, louco por sexo e, principalmente, decidido a chegar a um patamar maior. Não foi por acaso que escolhi Suzana. Ela era a esposa de Ralph Sampaoli, alguém que eu queria como sócio. Levá-la para a cama foi um meio de manter-me próximo a ele e também uma forma de convencê-lo a investir na Luxus. Hoje a minha empresa é o que é graças aos meus esforços. Sou simplesmente implacável nos negócios.

— Vai receber a sua fã? — Jorgeana pergunta com sarcasmo, me trazendo de volta dos meus pensamentos.

— Vou. Deixe-a entrar.

— Certo. Ah! Jonas — ela diz, lembrando-se de alguma coisa — já cuidei das suas passagens para Paris. Mas fiquei confusa porque o Augusto me mandou comprar duas extras. Será que não houve algum engano na contagem?

— Não, não houve. É exatamente isso — começo a checar a papelada em minha mesa enquanto Jorgeana permanece diante da minha mesa, provavelmente querendo saber quem irá me acompanhar na viagem.

Eu a encaro.

— Mais alguma coisa?

Ela sorri, sem graça.

— Não, só isso mesmo. Certo. Vou pedir a Suzana que entre — caminha pela minha sala, passa pela porta até

finalmente me deixar outra vez sozinho.

Em fração de minutos a porta volta a se abrir e dessa vez uma Suzana elegante e sorridente aparece em minha frente. A mulher para, me avalia por um tempo, então caminha com passos firmes em minha direção.

— Olá, Suzana. Como vai? — eu me levanto para cumprimentá-la.

— Bem... — beija meu rosto carinhosamente — eu estava passando por perto, então pedi ao motorista que me deixasse na Luxus. É sempre bom rever os amigos. Especialmente quando eles nos trazem boas lembranças.

Afundo minhas mãos nos bolsos da calça enquanto mantenho meu sorriso forçado.

— Certo. Como vai o Ralph?

— Bem, eu acho.

— Aceita uma bebida?

— Sim, obrigada.

Saio de trás da minha mesa e vou até o bar que fica do outro lado, perto da estante de livros. Meu escritório é um grande espetáculo para quem o vê à primeira vista. Há coisas inspiradoras que mantenho por perto, como por exemplo, uma mesa de pingue pongue, um campo artificial de golfe e vídeo games. Também há aquários embutidos espalhados pelas paredes e uma janela impressionante que vai do chão ao teto e me mostra a linda vista da Avenida das Américas.

Volto do bar com a garrafa e os dois copos. Enquanto os encho abaixo da metade, sinto Suzana andar pela minha sala. Provavelmente para observar os peixes nos aquários.

— Isso aqui é lindo — ela diz - Sempre gosto de vir aqui e vê-los.

— É, eles me inspiram — fecho a garrafa e a abandono na mesa. Pego o meu copo e dou um primeiro gole. Caminho até Suzana e lhe entrego seu copo. Ela agradece, seus olhos como gavião sempre brilhando para mim.

— É impressionante como os anos passam e você fica cada vez mais bonito e charmoso. Sua genética é realmente de causar inveja.

— Eu era um moleque quando nos conhecemos.

— Sim, é verdade. Agora você é um homem. E é até compreensível o porquê das mulheres viverem se atirando em você. Olhe só pra você: bonito, rico, charmoso, sexy, gostoso. E sabe o que é pior de tudo? Você sabe disso. Sabe o efeito que causa em todas nós. E que é só estalar os dedos, que nos têm a seus pés.

— Suzana — sorrio, então bebo mais um gole da minha bebida.

— É verdade. Não negue.

— Bom — eu a estudo — eu não acho que você veio até aqui pra falar do meu charme ou das minhas conquistas.

— E por que eu viria então? — abandona o copo na minha mesa — Sabe qual é o outro lado da história? Homens como você são difíceis de serem esquecidos. Você sabe que me tem nas mãos, Jonas — se aproxima de mim, descansa suas duas mãos com unhas pintada de vermelho em meu peito, inclina seu rosto para me ver melhor, já que é bem mais baixa que eu.

— Já se passaram sete anos, Suzana. Tem que superar — murmuro, não estou a fim de trepar com ela. Isso funcionou bem anos atrás. Mas já acabou.

— Eu não me importo. Acha mesmo que dou a mínima para o Ralph? Eu cansei disso. Chega de dinheiro, chega

de interesses, chega de viver sob mentiras. Foram sete anos, Jonas, mas não consigo esquecer nossa história... tudo o que vivemos, tudo o que sentimos está aqui ó guardado no meu peito... lembro-me como se fosse ontem... você me tocando... falando que eu era a sua vida... — beija meu peito por cima da minha camisa branca social — Meu Deus, como você é cheiroso... ainda sinto esse mesmo perfume toda vez que vou pra cama, pensando em você... sinto o seu toque... o gosto do seu beijo... a força do seu corpo no meu...

Levo meu copo outra vez aos lábios para um novo gole enquanto a mulher permanece se humilhando, beijando meu peito e dizendo o quanto sente minha falta e falta das nossas loucuras de amor. Ela tem quarenta e sete anos agora, mas ainda está bonita, elegante e bem conservada. No entanto, não a quero de volta. Nunca a amei. Sempre foi negócios, nunca porque estive realmente apaixonado por ela.

— Você precisa de sexo, Suzana — zombo enquanto não desgruda de mim e sussurra que não para de pensar em mim — O que há? Ralph não está dando conta do recado?

— Ele nunca deu, você sabe disso — começa a morder meu peito, me agarrando desesperadamente como se estivesse com medo de a qualquer momento me perder de vista — só você dá conta do recado... só você sempre deu...

Eu me afasto um pouco, mas a mulher permanece sussurrando coisas sujas e me agarrando.

— Eu ainda preciso de você, Jonas... como o ar que eu respiro... ainda sou apaixonada... nunca consegui esquecer-lo... por favor — abre dois botões de minha camisa e beija

meu peito — me deixe entrar outra vez entrar em sua vida... prometo não exigir nada em troca e não ser ciumenta e possessiva como antes...

Meneio minha cabeça, detestando vê-la tão sem dignidade e tão conformada com pouco.

— Você tem um bom casamento, Suzana. Dê mais valor a isso. Seu marido é um dos homens mais poderosos do Brasil.

— Eu não me importo! — grita, suas mãos pausadas em meu corpo — eu não me importo mais com posição e dinheiro... eu só quero você... — seu rosto desliza até a altura do meu pau — ele nunca me fez sentir como você me faz... me deixe ter isso de novo, Jonas... eu imploro...

Suas mãos nervosas começam a abrir o zíper da minha calça, logo ela puxa meu membro para fora e o contempla por algum tempo, parecendo extasiada. Sobe os olhos para mim, então os abaixa de novo. Começa a me chupar devagar e eu gosto disso. Jogo minha cabeça um pouco para trás, sentindo a boa sensação de sua boca morna em minha carne. Como gosto disso, porra. Seguro seu cabelo castanho com força. Essa vaca gosta. Eu gosto. Vou enfiando meu pau em sua boca aberta, vou empurrando para dentro, sentindo meu corpo todo esquentar. Começo a empurrar com mais rapidez enquanto vou segurando seu cabelo com mais força e a obrigando a me receber. Fecho os olhos e na minha cabeça aparece a imagem da camareira ajoelhada, me chupando dessa forma frenética. Fico assim por um bom tempo, pensando nela, sonhando com ela.

Quando já não aguento mais, explodo em sua garganta, sentindo meus fluidos saírem, meu corpo completamente saciado. Ela engole tudo, então abro os meus olhos e não

avisto mais a suburbana, mas sim o olhar de luxúria de Suzana em minha direção. Toco meu pau, fazendo-o amolecer outra vez, eu o guardo nas calças. Suzana se levanta de sua posição humilhante, e parece um pouco mais calma agora, contudo ainda vem para cima de mim e me abraça.

— Se terminar com a Paula, pedirei o divórcio e então seremos só nós dois — sussurra em meu ouvido enquanto suas mãos estão em volta do meu pescoço — Por favor, Jonas, fale que sim.

— Não vou terminar com a Paula — afasto gentilmente seus braços do meu pescoço.

Ela para, abalada, olhos agitados e surpresos.

— Por que não?

— É melhor você ir agora.

Eu me afasto, não querendo valorizar o seu show. Sei como é capaz de causar problemas quando está com ciúmes e raiva. Finalmente pega a bolsa que deixou em algum canto do meu escritório, a ajeita no ombro e caminha em direção à saída, me deixando sozinho outra vez.

Às oito, após ser um dos últimos a deixar a Luxus, dirijo a minha Mercedes até o clube, como muitas vezes faço para me distrair um pouco. Encontro Luiz Miguel e Ricardo em um duelo de sinuca enquanto Bruno me cumprimenta com a mão e um meio abraço.

— Quem está ganhando? — pergunto, olhando na direção da sinuca.

— Quem você acha? O bonitão ali — aponta para o Luiz Miguel.

— Eu quero entrar na próxima — aviso antes de ir em direção ao barman e pedir um *Bourbon*.

— Dá pra fazermos duplas agora — Bruno comenta quando já estou de volta a seu lado, olhando o jogo entre Ricardo e Luiz Miguel.

Deixo meu copo na mesa, pego um taco e entro no jogo ao lado de Ricardo. Ele é um cara ruivo, alto, elegante. É especialista em investigação e por isso sempre recorro à sua agência quando necessário. Com o tempo, o que era relação de trabalho se transformou em amizade.

Luiz Miguel acaçapa mais uma bola e comemora com descrição e com um sorriso zombeteiro no rosto. Bruno se une a um Luiz Miguel vitorioso. O primeiro é loiro, alto, atlético, e assim como eu, um tremendo safado. No entanto, ele nem sempre foi assim. A história do Luiz Miguel é a mais surpreendente entre todas. Já Bruno é o cara mais bem-humorado e descomplicado entre nós quatro. Negro, inteligente, talentoso. E de todos, o menos mulherengo. No fundo acho que ele sonha com a garota ideal, em um dia construir uma linda família e ser feliz.

Acaçapo mais de uma bola e comemoro, zombando dos adversários. Luiz Miguel diz que foi uma puta sorte, só isso. Bruno reclama com ele e pede concentração. A gente termina o jogo meia hora depois, com eles ganhando por pouco. Luiz Miguel compra mais bebidas e começa a servir um por um. Bruno consulta o relógio e diz que precisa ir.

— Ah, olhem só, é impressão minha ou ele tem alguma garota misteriosa? — Ricardo provoca.

— É só uma garota que estou conhecendo.

— E por que tem que ir tão cedo? Você nem se casou ainda e já está domado? — eu o provoco, então dou mais um gole na minha bebida.

— Essa garota é diferente. Não é só sexo como costuma ser — Bruno rebate antes de se despedir de nós e seguir o caminho até sumir das nossas vistas.

"Garota diferente, sei", zombo comigo mesmo enquanto tomo o meu último gole do copo. Pra que ter uma mulher apenas quando você pode ter todas ou boa parte delas? A imagem da camareira vem imediatamente à minha cabeça. Suas pernas lisas e compridas, seu quadril, seu bumbum arrebitado, seus seios durinhos. Não vou dizer a eles, mas meu corpo esquenta só de pensar nela. Basta uma noite e já ficarei satisfeito.

— Você ainda está hospedado no hotel? — Luiz Miguel pergunta, me trazendo de volta ao agora.

— Sim. Não será por muito tempo. Voarei pra Paris dentro de alguns dias, então pra que voltar pra casa agora? — dou de ombros.

A gente começa a falar sobre negócios. Comento que estou prestes a fechar um importante negócio e que a Luxus tem crescido muito nos últimos meses. Ricardo comenta que os casos em sua empresa de investigação estão triplicando e por isso ele tem estado mais envolvido no trabalho ultimamente.

— Como andam as coisas na Santinelli? — Ricardo pergunta ao Luiz Miguel. Ouvi dizer que estão indo bem também.

— Andam bem, sim. O meu pai, vocês sabem, ainda está à frente de tudo, mas tenho cuidado de muitas coisas agora também. A verdade é que todo aquele patrimônio um dia será meu e do meu irmão.

— Já está ficando tarde — Luiz Miguel consulta o celular, se levanta e diz que precisa ir também. Ele me aconselha a dar uma festinha particular antes de eu partir para a França. Digo que vou pensar na ideia.

— Posso levar algumas mulheres de tirar o fôlego. Três pra cada um de nós — brinca.

— Você tem virado um perfeito promíscuo — digo, me levantando também e pegando minhas chaves dos bolsos.

— Apreendi com você.

Nós três saímos do clube, nos despedimos, então cada um entra em seu carro e segue seu próprio rumo. Sigo de volta ao *Gallante Hotel*, como se ele fosse o meu lar. A verdade é que eu já teria voltado pra minha mansão (não fazia parte dos meus planos ficar tanto tempo hospedado em um hotel) se não tivesse uma coisa que me prendesse ao local: a morena que tem fodido com a minha cabeça e se tornado um desafio do qual não quero abrir mão.

Capítulo 7

VERÔNICA

— **O HÓSPEDE DA COBERTURA**, o senhor Jonas Malta, vai precisar de toda a nossa atenção esta noite — Leila começa anunciando para todas as camareiras reunidas — Ele dará uma grande festa. E acho que todas vocês já compreenderam que esse é um hóspede muito importante. Alguém tem alguma dúvida?

Como ninguém diz nada, apenas nos entreolhamos com discrição, Leila leva seus pés para longe de nós e só então o grupo vai se dispersando aos poucos. Érica sorri para mim e pisca.

— Adoro festas. A gente sempre fica mais invisível nelas e até consegue beliscar algumas guloseimas.

Reviro meus olhos e suspiro.

— Pois estou pensando em até que horas essa festa vai durar. Eu sei que vamos ganhar um extra por ficarmos por mais horas, mas e se virar a madrugada toda?

— Ah, não se preocupe. Qualquer coisa a gente pede um táxi pelo aplicativo e racha a corrida. Além do mais, amiga, depois de a gente aprontar no quarto do bonitão gostoso e você dançar toda sensual na cama dele, nada pior pode acontecer. Pra ser honesta, ele foi muito generoso. A essa hora a gente poderia estar no olho da rua.

"É verdade", penso comigo mesma e neste instante a imagem do homem alto, elegante, atlético e impecável

toma a minha mente. De todos os hóspedes, esse foi quem conseguiu a minha atenção.

Estou empurrando um carrinho cheio de lençóis brancos e limpos que deverão ser levados para a cobertura. Entro no elevador de serviço e aperto o botão da cobertura no painel. Antes que o elevador se feche, duas mãos gordas forçam a abertura e um homem de terno entra. Eu o reconheço na hora. É o baixinho barrigudo que de vez em quando aparece na cobertura. Acho que é amigo do executivo da Luxus, o tal Jonas. Ele está me encarando agora e isso me deixa um pouco incomodada. Não gosto que fiquem me encarando tanto. Além do mais, nunca sei exatamente o que esses homens ricos querem de fato. Desvio meu olhar para outro ponto do elevador, mas subitamente o sujeito chega perto de mim e sussurra perto de meu ouvido:

— Sabe, você é uma moça muito bonita.

Não respondo.

— Ouviu? Eu disse que você é uma moça muito bonita — desce seus olhos por meu corpo na maior cara de pau.

Permaneço imóvel, olhando para a frente, agindo como se ele fosse algum ser invisível.

— Que foi? Está se fazendo toda de difícil? — a ponta de seu dedo gordo alisa meu braço.

— Senhor, não me toque — me afasto para o lado, tentando ficar mais longe dele. Meus olhos percorrem o painel e agradeço a Deus quando o elevador apita e a palavra cobertura aparece iluminada no painel.

As portas de aço se abrem. Empurro o carro para fora do elevador, mas sinto o homem atrás de mim.

— Sei de algo sobre você — sussurra insistentemente em meu ouvido, me perseguindo insistentemente.

— Não quero problemas, senhor... por favor... me deixe trabalhar ou então eu o denunciarei por assédio.

Ele dá uma risada amarga.

— Me denunciar? Ora, se enxergue, mocinha. Você sabe com quem está falando? Na verdade, sou eu que tenho algo a dizer — segura meu braço, me forçando a parar — Sei o que você e a sua amiguinha fizeram na cama do meu amigo outro dia. Vocês não foram denunciadas por sorte, mas posso cuidar disso num estalar de dedos. O que acha que o gerente vai fazer se descobrir que duas camareiras estavam brincando no quarto de um hóspede importante?

Puxo meu braço de volta bruscamente, me soltando de seu toque. Eu lhe dou as costas e continuo seguindo o meu caminho, desejando ficar o mais longe desse homem.

Sinto-o vir atrás de mim outra vez. Segura meu braço e rosna:

— Isso não acabou aqui — seu tom é de ameaça e em seguida larga meu braço, me deixando seguir.

Olho para trás a tempo de vê-lo pegando um elevador social. Respiro aliviada.

Ao fim do expediente, aguardo por Érica, que avisou que se atrasaria um pouco esta tarde, mas como não tenho coragem de ir embora e deixá-la sozinha, permaneço à sua espera no estacionamento. Consulto meu celular.

Subitamente sinto a presença de alguém atrás de mim. Viro-me e reprimo um grito ao ver o careca engravatado, o mesmo que me abordou dias atrás na cobertura. O homem desce os dedos pelos botões do paletó azul-marinho, parecendo nervoso.

— Leila? — diz para mim.

Eu o encaro, sem saber o que dizer. Penso no nome errado que lhe dei outro dia desses, então me sinto culpada por ter mentido.

— Sim... o senhor deseja alguma coisa?

— Será que podemos conversar um minuto? Prometo não tomar muito o seu tempo.

— Não sei, senhor... estou esperando minha amiga e ela vai chegar a qualquer momento...

— Verônicaaaa! — Érica grita de repente, surgindo do elevador, aparecendo sorridente na nossa frente.

O homem olha para ela, depois de volta para mim. Eu o encaro, sabendo que estou ferrada.

— Verônica? — ele repete.

— Oi — Érica não está mais sorrindo, está um pouco sem graça e preocupada, perguntando se atrapalhou alguma coisa. Morde o lábio inferior e fala: — Acho melhor te esperar lá fora...

Tento fazer sinal para Érica permanecer, mas ela sequer percebe e segue o seu caminho pelo outro lado do estacionamento.

— Então seu nome verdadeiro é Verônica?

Desvio o olhar, novamente envergonhada por ter mentido.

— Por que mentiu?

— Bom, porque não sei sequer quem o senhor é — sou franca.

— Certo, entendo — ele diz — Também não quero que tenha uma má impressão de mim.

— O que o senhor deseja?

Ele suspira profundamente, parecendo mal saber como começar a conversa.

— Eu tenho uma proposta para lhe fazer, Verônica. É isso. Uma grande proposta, ousado dizer.

— Uma proposta? — sei que meus olhos estão arregalados e minhas sobrancelhas erguidas agora.

— Bom, admito que olhando por uma perspectiva superficial, é algo um tanto bizarro, mas antes de qualquer coisa, gostaria de lhe fazer uma pergunta. Espero que não se ofenda com ela.

— Me ofender? Estou completamente confusa.

O homem está na minha frente pela segunda vez, fala sobre uma tal proposta e então me pede para não me ofender com o que vai falar? O que, afinal, quer?

— Bom, desculpe a minha indiscrição, mas você poderia me dizer o quanto ganha aqui nesse hotel?

— O quê?

Permaneço o encarando, completamente chocada e surpresa, começando a acreditar que esse homem tem algum problema de cabeça.

— Desculpe, sim, eu sei que essa é uma pergunta muito pessoal e até mesmo mal educada, mas confie em mim, isso é importante.

— Por que quer saber o quanto ganha?

— Veja bem, digamos que você receba uns mil e quatrocentos reais por mês — ele começa — Certo. E quanto você acha que conseguiria juntar em mais ou menos um ano de trabalho? — Sorri, tentando descontraír o clima. — É boa em matemática? Vamos lá.

Essa conversa já está me deixando irritada. Por que, afinal, esse homem está me fazendo esse tipo de pergunta?

— Deixe-me dizer o quanto você conseguiria juntar em um ano de trabalho, Verônica — responde a própria pergunta, percebendo o quanto a cada segundo fico ainda mais perturbada. — Exatos dezesseis mil e oitocentos reais.

Arqueio as sobrancelhas, completamente atônita com o rumo da conversa. Por que diabos esse sujeito está falando isso? O que está acontecendo?

— Desculpe-me, senhor, mas não acho que seja da sua conta — recuo meu primeiro passo, me afastando dele, mas o homem me lança um olhar de súplica.

— Espere. Você vai entender.

Respira fundo e prossegue:

— Tentarei ser o mais breve e objetivo o possível. É o seguinte: uma acompanhante de luxo pode conseguir uma boa quantia de dinheiro em pouco tempo, se desejar. Além de poder viajar pelo mundo afora, frequentar os melhores restaurantes das cidades e conhecer lugares incríveis onde nunca imaginaria pisar os pés — faz uma pausa para respirar, mas seu olhar nunca abandona o meu. — Basta dizer sim a uma proposta.

— O quê?! O senhor é mesmo louco e repugnante! — digo, descontrolada, porque isso tudo já foi longe demais.

— Calma, espere...

— Vá se ferrar! — corro para longe desse louco pervertido. Olho para trás e ele não está mais me perseguindo, para o meu alívio. Se estivesse, eu juro que gritaria.

Não sei ao certo o que sinto, só sei que estou chocada, indignada e chateada, sentindo várias coisas ao mesmo tempo. Bem que Leila comentou no primeiro dia de treinamento que as camareiras deveriam ter muito cuidado com os hóspedes masculinos e com o assédio, que é uma realidade para quem vive no ambiente de hotéis. Há uma gama de homens de todos os tipos que pensam que por terem dinheiro o mundo vira em torno deles e que, portanto, podem ter tudo o que quiserem. Nojo. É tudo o que sinto. Primeiro foi o baixinho lá no elevador e agora é esse careca... O que há com esses homens?

Logo deixo o estacionamento. Um pouco nervosa com tudo o que aconteceu lá dentro, encontro Érica com os olhos grandes e brilhando e sei que está se corroendo de curiosidade.

— O que aquele careca charmoso queria com você? — pergunta, afobada. — Ei, você parece tensa. O que aconteceu? Está tudo bem?

— Não, não está. Venha, eu te conto tudo no caminho.

JONAS

ESTOU no sofá da sala de estar, teclando no meu notebook. Ao meu lado, como de costume, há um copo de uísque pela metade. Minutos mais cedo eu estava discutindo sobre negócios com um outro grande sócio da Luxus. A verdade é que independentemente de onde eu esteja ou de que hora seja, minha vida é respirar a empresa que há muitos anos se tornou a coisa mais importante para mim. Suspiro e massajeio meu rosto. Acho que preciso de uns minutos. Coloco o notebook de lado, pego o meu copo de uísque e me levanto do sofá. Levo os meus passos até à janela de vidro e fico observando o movimento lá embaixo do hotel. As pessoas caminham, mulheres bonitas entram e saem da piscina, crianças brincam enquanto o fim da tarde anuncia a noite que está por vir. Sinto o clique da porta, mas não preciso me virar para saber que Augusto chegou e está nas minhas costas.

— Então, encontrou a garota? — pergunto a ele enquanto levo meu copo de uísque à boca.

Ele parece hesitar, respira fundo, então diz:

— Sim, senhor, eu a encontrei.

— E falou com ela?

O homem não responde, então finalmente me viro de frente para encontrar um semblante constrangido e hesitante.

— Falou ou não falou?

— Falei, sim, senhor.

— E então?

— Bom, eu nem sei como começar... — pigarreia, parecendo pensar no quanto tudo o que o mandei fazer é

absurdo. — Quero dizer, não foi uma conversa simples... ela pareceu bastante... ofendida...

— Ela disse não? — meu copo de uísque está mais uma vez à caminho da boca.

— Não com essas palavras, senhor, mas pela forma como reagiu... certamente.

Dou mais um passo à frente e abandono o copo na mesinha.

— Então, está me dizendo que a garota recusou a proposta de duzentos mil?

Augusto pigarreja outra vez antes de prosseguir:

— Bom, ela saiu correndo, fugindo de mim como se eu fosse algum estuprador... temo até que me acuse de assédio.

Sorrio, zombando do medo absurdo que ele tem de tudo. Enquanto Augusto continua me atualizando do que aconteceu minutos atrás entre ele e a garota, uma onda de raiva por ter sido rejeitado me aplaca com força. Detesto a forma como me sinto rejeitado. Pior que isso: odeio me sentir humilhado.

Augusto continua comentando sobre o breve encontro que teve com a camareira do hotel onde estamos hospedados, mas não estou mais interessado no que ele está dizendo. Eu o interrompo:

— Certo. Dê um tempo a ela antes de procurá-la outra vez — ordeno e sei que minha frase o surpreende.

— Perdão, senhor?

— Quero dizer que voltará a procurá-la. Mas não agora.

— Senhor, com todo o respeito, eu não acho que seja...

— Você não é pago para achar ou deixar de achar alguma coisa. É pago para fazer o que mando.

O homem engole em seco. Assente, não querendo discutir comigo ou mesmo me provocar. O que quero é que volte a procurá-la.

— Reparei que ela não usa aliança, então não deve haver um marido ou mesmo um noivo na parada — comento.

— Talvez haja um namorado — arrisca.

— Ou não.

— Precisa de mais alguma coisa, senhor?

— Sim. Quero que descubra mais sobre ela. Quantos anos tem, onde mora, os lugares que costuma frequentar, as pessoas com quem costuma sair, e me traga todo o relatório o mais breve o possível.

— Eu farei isso.

Assim que Augusto some do meu campo de visão, volto ao sofá e aciono na minha mente o momento em que a garota dançou com sensualidade sobre a minha cama. Talvez uma nova tática a faça mudar de ideia...

Capítulo 8

JONAS

— **VOCÊS PRECISAM** de ajuda? — chego perto das duas camareiras, fazendo algo que nunca pensei em fazer, só porque estou a fim da morena e preciso causar uma boa impressão nela.

— Ah, obrigada, senh... — a gordinha fala, mas é logo interrompida pela amiga.

— Não, está tudo bem — a morena diz, me encarando e me mostrando o quanto é decidida.

— Imagina. Eu faço questão — pego a tábua pesada de suas mãos delicadas enquanto minha mente foge do meu controle e já está no que essas mãos pequenas e macias podem fazer em meu corpo.

— Obrigada — ela agradece, parecendo meio encabulada. Tenho certeza de que nesse grande hotel nenhum homem costuma ser gentil com ela por conta de sua situação como camareira.

— Onde coloco isso? — pergunto.

— Ah, ali naquela mesa — me indica.

Não faço ideia do que seja, mas tenho certeza de que é algo para decorar a festa que darei esta noite. Faço como diz e coloco a tábua pesada na mesa. Fico pensando em como o hotel não se importa com a saúde de suas funcionárias. Elas não deveriam estar fazendo um trabalho

pesado como este. Elas são camareiras, afinal, não carregadoras.

— Tem mais? — pergunto a morena, enquanto limpo minha mão na outra.

Vou até o corredor onde há várias tábuas como as que acabei de carregar. As funcionárias finalmente relaxam e se concentram em outros serviços por ali perto. Há muita coisa para se fazer. Outros funcionários carregam o equipamento de som, outros cuidam da decoração no teto e das paredes. Outros cuidam dos utensílios. O que vejo é que ninguém fica sem fazer nada.

Quando finalmente termino de carregar as tábuas pesadas, as camareiras seguem para os outros cômodos da cobertura para cuidar da limpeza. Nesse momento Moreira aparece sorrindo e perguntando o que estou fazendo.

— Você está trabalhando? — seus olhos castanhos se arregalam em minha direção.

Estou de camiseta e jeans, então imagino que eu esteja parecendo mesmo um carregador de móveis ou coisa do tipo. O mala do Moreira começa a beliscar alguns aperitivos da festa enquanto permaneço concentrado em carregar as tábuas.

— A festa ainda não começou, Moreira — digo a ele.

— É, eu sei, eu sei — ri sem graça e afasta a mão das comidas — Eu estava querendo saber se precisa de alguma coisa...

— Que tal me ajudar com essas tábuas?

— Por que está carregando isso? Não é serviço pra você. Eles têm funcionários pra isso!

— Eram duas funcionárias que estavam fazendo esse serviço sozinhas. Eu posso ajudar.

Levanta a sobrancelha e sei o porquê. Eu realmente não sou do tipo que sai sendo generoso com as pessoas em meu redor, a não ser quando há segundas intenções envolvidas, como é o caso.

— O que você anda planejando, Jonas?

— Não me olhe com essa cara de idiota. Rápido, venha me ajudar.

— Está bem.

Ele vem, pega uma tábua, mas a derruba na mesma hora no próprio pé. Enquanto o sapo gordo está gemendo de dor, estou rindo da cena. Sem dúvida, isso já me fez ganhar o dia.

— Está rindo? Caramba, eu poderia ter quebrado o dedão do pé, Jonas!

— Levante-se e aja como um homem. Se as camareiras conseguiram fazer isso, você também consegue.

— Aquela morena gostosa? Cara — chega perto de mim e confidencia: — Estou louco pra pegar ela. De hoje não passa...

— Do que está falando? — eu o interrompo, o fitando atentamente.

— Ora, aquela camareira que esteve na sua cobertura.

Dou passos à frente e paro perto dele, meu rosto quase colado ao seu.

— Nem pense nisso. Antes mesmo de assediá-la, acabo com a sua festa.

Ele me encara, atônito, provavelmente absorvendo minhas palavras ameaçadoras. Mando ele ir embora e volto para as tábuas.

VERÔNICA

— **UAU, ELE É TÃO GENTIL...** — Érica confia comigo enquanto seguimos pelos cômodos da cobertura — Bem que você comentou que ele foi agradável no elevador.

— Sim, mas infelizmente há poucos desses por aqui.

— E sobre o careca engravatado? Aquele todo elegante que nunca tira o paletó mesmo quando o dia está quente?

— Eu nem quero pensar nesse homem, Érica. Nem nele e no outro — me lembro do baixinho, barrigudo e gordo que me intimidou mais cedo, que possui mesmo na testa a frase "não presto". Só de pensar nesse homem sinto náuseas. Então me lembro também do careca que tem me perseguido recentemente. Ele passou dos limites quando veio com aquele papo de acompanhante de luxo! Quem pensa que é? Será que nunca ouviu falar em assédio sexual antes? Suspiro com raiva, me sentindo uma tola por ter sido tão passiva. Devia ter xingado e denunciado!

— Verônica? — Érica me chama, me tirando dos devaneios — Tudo bem?

— Oh, sim...

— Esse cara, o ricaço da cobertura quero dizer, é realmente maravilhoso. Estou quase pedindo uma selfie com ele. O que você acha? Será que vai recusar? Acho que não, né? Será que tem Face? Adoraria poder marcar, mas ele não faz o tipo de quem tem Facebook. Provavelmente Instagram.

Depois que a gente termina a limpeza e troca os jogos de cama e de banho, Érica e eu deixamos o quarto. Cada centímetro da cobertura está com funcionários trabalhando

por causa da festa. Meus olhos miram todos os lados, mas não encontro mais o bonitão da Luxus. Isso me deixa um pouco desanimada.

— *Por que você ainda não chegou em casa?*

— Estou trabalhando, Cidão, já falei.

— *Até essa hora? Você é uma escrava do hotel agora?*

— Vou ficar além do meu expediente. Esta noite está tendo uma festa, então é uma grande oportunidade para ganhar um extra.

— *Hoje Os Malandros vão tocar no Bar da Dona Beth. Eu pensei que você iria comigo.*

— Eu não posso, Cidão. Mas tenho certeza de que o show será um sucesso.

— *Você anda se encontrando com outro? É isso? Anda me colocando chifre? Porque se for isso, você sabe, vou surtar. Eu mato quem for, eu fico louco...*

— Pare de falar bobagem. Está vendo como não dá pra conversar com você? Você é muito ignorante e idiota! Só fala e só pensa bobagens! Eu tenho que desligar e voltar ao trabalho. Bom show!

Bato o telefone na cara dele e juro a mim mesma que vou romper com Cidão assim que estiver outra vez com ele. Não dá mais. É impossível permanecer com alguém totalmente diferente de mim. O meu celular começa a tocar, mas sei que é ele, então ignoro. Logo a voz de Vanessa vem em minha cabeça. "Ele é um atraso de vida. Enquanto estiver com ele, perderá a chance de conhecer outros caras interessantes". Sinceramente nunca gostei do modo como minha irmã costuma se desfazer das pessoas -

especialmente o Cidão, mas é fato que ela tem razão. Cidão não é alguém que soma em minha vida. Pelo contrário. Ele tenta me atrapalhar no trabalho, não me compreende, não sonha os meus sonhos e também não sonho os dele. A gente com certeza ficará melhor separado.

O meu celular finalmente para de tocar e respiro aliviada. É bom que o show seja longo e ele esqueça de mim pelo resto da noite. Pego o elevador de serviço e confiro a hora no visor do meu celular. Já são onze e quinze. A festa está rolando na cobertura. Não tive como não notar a quantidade de carros estacionados no estacionamento e a quantidade de pessoas bonitas e elegantes. Só gente rica. No andar da cobertura só existe ela, então o som de música alta não incomoda nenhum vizinho. Empurro a porta, entrando na sala e o som fica ainda mais alto enquanto vejo corpos dançando, casais se beijando e luzes coloridas girando no teto, dando aquele aspecto bonito. Sigo pelos corredores. Entro na cozinha Encontro Érica flertando com um dos garçons e eles nem se importam que estou logo ali atrás. Sorrio.

Érica sempre comenta que não dá sorte nos relacionamentos que arruma. Espero que dessa vez a coisa flua. Saio da cozinha, já que está tudo bem e sigo para o quarto. Não há ninguém. Nem mesmo o bonitão, o anfitrião da festa. Não o vejo há horas, desde que nos ajudou com as tábuas. Eu não deveria de qualquer forma estar pensando nele. Começo a arrumar as poucas coisas que estão fora do lugar e nem sinto alguém abrir a porta e se aproximar de mim. De repente um hálito de bebida fala em meu pescoço.

— Eu sabia que iria encontrá-la aqui, sua gostosa — a voz fala, me assustando e me fazendo virar para trás. É o baixinho barrigudo, nojento, que está outra vez em minha frente. Ele tem os olhos escuros brilhantes e um sorriso malicioso por trás do bigode de Hitler.

— Estou terminando o serviço. Me deixe em paz — grito a ele, me virando e tentando me soltar de seus braços, mas ele me segura com força e diz:

— Não antes de me dar uma boa chupada.

— O quê?!

Tento socá-lo, mas é em vão. Me agarra, eu grito, mas o som da festa abafa qualquer barulho que venha dali. Ele ri, comentando que parece que estou em desvantagem, e que ninguém irá aparecer.

— Além do mais — diz, me apalpando com a mão livre — Se você disser não pra mim, será sua última noite de trabalho. Vou denunciar ao gerente o que você andou fazendo na cama de um dos hóspedes. Nessa mesma cama aqui.

— Vá pro inferno, desgraçado! — cuspo na cara nojenta dele, de tanto nervoso e nojo que sinto.

Ele solta um dos meus braços, surpreso com a minha atitude. Limpa o rosto, então me dá um tapa na cara.

Caio na cama, abalada com o tapa, então ele volta a me agarrar, deitando-se sobre mim, forçando seu peso contra o meu, suas mãos segurando o meu rosto, sua voz dizendo que precisa de um beijo.

— Não! — grito, mas minha voz parece só ser ouvida por eu mesma.

De repente desiste e sai de cima de mim. Não... espere. Há alguém conosco no quarto agora. Esse alguém o puxa de cima de mim. Eu me ajeito na cama, ainda abalada e

trêmula. Vejo o anfitrião da festa socar o amigo e derrubá-lo no chão. O baixinho tenta se explicar, mas o dono da Luxus o puxa com força e o joga para fora do quarto.

Ele se volta para mim.

— Você está bem?

Ainda estou trêmula.

— Estou... eu acho... — murmuro.

Não paro de tremer, meu coração ainda está acelerado. Estou nervosa, mas ao mesmo tempo aliviada por ele ter aparecido. Eu me levanto da cama e me jogo meus braços em volta de seu pescoço e choro enquanto murmuro obrigada.

— Está tudo bem — sussurra, a voz rouca, beijando a lateral da minha cabeça, depois seus lábios vão tocando minha bochecha, depois meu queixo e por último meus lábios. Miro seus lábios por alguns segundos, nossas respirações misturadas e nossos corações acelerados são as únicas coisas capazes de serem ouvidas. Seu perfume gostoso mexe com a minha cabeça. Ele inclina o rosto para a frente outra vez, pronto para me beijar, seus lábios mornos tocam os meus, fecho meus olhos, sua mão desce por meu bumbum, sua língua entra na minha boca, meu corpo vai relaxando aos poucos, minhas mãos tocam delicadamente seu peito duro e forte, mas então alguém bate na porta e coloca a cabeça dentro do quarto, chamando por ele.

— Jonas, você está aí?

Ele se afasta lentamente. Diz para a pessoa que já vai, então o sujeito sai, fechando novamente a porta. Jonas me encara.

— Sinto muito.

Estou sem palavras. Ele me beijou e me apalpou e não achei ruim. O que aconteceu? Por que não senti nojo ou raiva? Por que quase cedi?

— Você realmente está bem? — insiste, me encarando, parecendo preocupado.

— Sim...

— Quero que saiba que se precisar de mim pra testemunhar o que aconteceu aqui, é só me procurar.

Ele gira o corpo e sai do quarto, me deixando sozinha lá.

Capítulo 9

JONAS

EU A DEIXO no quarto, sabendo que ela precisa desse momento sozinha para respirar um pouco e se acalmar. Me pergunto se ela ainda vai me olhar com bons olhos depois de eu ter me aproveitado da situação e apalpado sua bunda. Fecho a porta atrás de mim e encaro o Luiz Miguel.

— Desculpe eu ter interrompido seu momento de paixão lá dentro, cara — diz enquanto dá um gole no copo de bebida.

— Foi quase isso. Na verdade, muito mais complicado de explicar agora — olho para os lados — Você viu o Moreira por aí?

— Aquele seu diretor gorducho e baixinho? Eu o vi sair todo atordoado minutos antes de eu ter batido em sua porta. Ele provavelmente deixou a cobertura — me encara — O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— O puto tentou agarrar uma camareira lá dentro — explico, mesmo sabendo que não sou tão melhor que ele.

— Que filho da puta. E aí? Como a moça está?

— Mais ou menos — suspiro — Mas ela vai ficar bem. Agora tenho que pegar o desgraçado antes que ele suma.

— Vamos lá — abandona o copo em algum canto qualquer, pronto para me acompanhar.

— Não, nada disso. Fique. Preciso de alguém de confiança aqui. Posso cuidar do Moreira sozinho.

Bato no ombro do Luiz Miguel, passo por ele e caminho pela cobertura, desviando-me de vários corpos que estão se movendo enquanto a música eletrônica toca alto. As luzes coloridas piscam e me mostram alguns sorrisos femininos em minha direção.

— Ei, gostosão. Você ainda não dançou comigo — uma loira que certamente é uma das modelos do novo catálogo da Luxus aparece na minha frente, me abraçando e se enroscando em mim.

Paro e minha mão brinca com os fios de seus cabelos. Eu até poderia levá-la pra cama mais tarde se não estivesse tão obcecado pela simples camareira. A modelo agarra meu pescoço e colo meus lábios em sua orelha:

— Eu não posso agora, baby, mas quando puder, farei tudo o que você quiser.

Sinto seu sorriso se expandir na mesma hora, acreditando em cada palavra que saiu da minha boca. Ela finalmente me solta e me deixa seguir o meu caminho. Deixo a festa para trás. Pego o elevador e subo até o estacionamento. Tenho certeza de que é lá que vou encontrar Moreira.

Meu celular toca e vejo o nome de Paula no visor. Coloco o aparelho no meu ouvido.

— Oi, minha gata mais linda do mundo.

Ela sorri do outro lado. É tão fácil enganá-la. Eu só preciso paparicá-la e fazê-la acreditar que se não é a única (claro que Paula sabe que não é a única), mas ainda assim, a mais importante em minha vida. O maior problema para ela talvez não seja me dividir com alguém e sim me perder de vez. Contanto que eu sempre volte para ela, vivemos bem.

— *Ah, meu super Jonas, eu adoro ouvi-lo tão carinhoso assim quando fala comigo. Baby, tenho sentido tanto a sua falta... acho que vou encurtar minhas férias e voltar correndo ao Brasil.*

— Ah, não, baby — pigarreio porque preciso soar natural — Quero dizer, você ama tanto viajar, honey, e Miami é a sua segunda casa. Você ama esse lugar.

— *Eu não sei... eu tenho medo de estar sendo muito negligente com o melhor homem do mundo.*

— Sou seu, Paula, não tenha dúvidas.

O elevador finalmente abre e dou uma desculpa a ela, pois preciso desligar.

— *Promete me ligar mais tarde?* — ela suplica — *Amo você, Jonas.*

— Idem.

Saio do elevador, guardando o celular no bolso, e caminho pelo estacionamento bem iluminado e com seguranças por toda parte. Avisto Moreira dentro de seu Audi. Dou duas batidas no vidro da janela e ao me ver, o filho da puta arregala os olhos de susto.

— Abra — murmuro entredentes.

Ele hesita à princípio, mas acaba cedendo. Sabe que não é um grande negócio me desafiar. Dou a volta no Audi e me sento no banco carona. Posso vê-lo melhor agora que está na minha frente. Está com o canto a boca sangrando do soco que dei. Não me importo com isso. Fecho a porta por dentro e digo:

— Dirija até a primeira avenida que encontrar. A gente precisa conversar, desgraçado.

— Jonas, posso explicar tudo... — coloca o carro em movimento — não acredito que está bravo comigo só por

causa daquela camareira de merda. Ela é só uma qualquerzinha, cara.

— Cala a boca e dirija!

O filho da puta acelera o carro enquanto permanece se explicando, se defendendo, e tentando me convencer de que não fez nada tão grave.

— Como não fez nada? Você agarrou a garota. Tem noção do que fez, filho da puta? Foi uma tentativa de estupro. Você é um criminoso. Poderia ter ferrado a Luxus, miserável! Você tem bosta na cabeça?

— Eu só queria uns beijos... ela me deu mole a noite toda...

Eu não me seguro porque tudo isso é mais forte que eu. Acerto um murro em seu rosto que o pega de surpresa. Moreira bate a cabeça na janela oposta e leva a mão ao nariz. Estaciona o carro de qualquer jeito enquanto grita:

— Você quebrou meu nariz! Você quebrou meu nariz, cara! — choraminga, a mão no rosto, o sangue escorrendo por sua face. Eu não me importo. Lembro-me da cena que vi, do modo como encontrei a garota apavorada dentro do quarto, da forma covarde como Moreira estava sobre ela, a dominando, então um soco é muito pouco ainda. Eu o agarro pelo colarinho e aviso:

— Você tem até amanhã para aparecer na empresa e pedir demissão. Também vai me passar os seus 10% de ações ou vou acabar com a sua vida e com a sua porcaria de carreira. A partir de hoje não quero mais nenhum vínculo seu com a minha empresa...

— Jonas... que isso, cara?

— Estou avisando, se não fizer isso, vou acabar com a sua raça. Juro por Deus que vou sujar todo o seu nome e

vai ter que fugir do país. Todo mundo vai saber que além de espancador de mulheres você é um maldito estuprador.

— Por favor, não faça isso... eu posso ir preso...

— Que se foda. Eu não sei o que aquela garota que você tentou agarrar no meu quarto vai fazer a respeito, mas se depender de mim, você está fodido, filho da puta. Amanhã, Moreira.

Empurro a porta e saio do carro, deixando o desgraçado com o rosto sangrando. Endireito-me e me recomponho. Atravesso a avenida e pego um táxi de volta para o hotel.

VERÔNICA

— **ESTÁ ME DIZENDO** que um dos hóspedes agrediu você e tentou agarrá-la? Mas que loucura é essa? Tem noção do que está me dizendo, menina? — o gerente do hotel, o Sr. João Carlos Nogueira, está atordoado, com as mãos afundadas nos bolsos da calça social, me encarando.

— Isso mesmo. E tenho testemunha. O anfitrião da festa, ele viu tudo e me defendeu.

O gerente, leva a mão à boca, mas não parece chocado e sim preocupado - provavelmente com o que pode acontecer com o emprego dele. Começa a andar de um lado para o outro, sem dizer mais nada, completamente tenso. Ao meu lado, Leila, a supervisora das camareiras, permanece pensativa.

De repente o Sr. João Carlos para na nossa frente e cruza as mãos na cintura.

— Você já falou com ela sobre como casos como esse terminam, Leila? Nossa amiguinha aí sabe mesmo o que está fazendo?

— Eu tentei explicar a ela, senhor, mas...

— Do que estão falando? — quero saber, olhando de João Carlos para Leila.

— Então explique pra ela de uma vez por todas — ele vocifera, sem se dirigir diretamente a mim, como se eu não fosse mesmo nada significativa.

— Verônica, preste atenção ao que vou dizer — Leila diz, me encarando — Esse não foi o primeiro caso que aconteceu no *Gallante* e nem será o último. Esse tipo de situação acontece em qualquer lugar onde há homens ricos e poderosos.

— O que quer dizer? Como assim? Vocês querem tapar o sol com a peneira?

— Quero dizer que — ela suspira — se levar isso a frente, vai ser pior pra você. Pense por esse lado: vai enfrentar muita exposição, muita gente poderosa e poderá nunca ganhar a causa. Esses homens têm contato com advogados renomados e juízes.

— O que quer dizer? — me ergo num pulo, me sentindo indignada e coibida — Que eu devo esquecer tudo o que aconteceu e deixar aquele verme nojento ficar impune?

— Aqui é Brasil, Verônica. Não se esqueça disso. Coisas mais sérias ficam impunes, você sabe. Você é uma garota inteligente e bem informada. Você lê jornais e assiste a noticiários. Sabe do que estou falando.

— Eu só quero que ele pague pelo que fez! É isso o que quero! — grito, batendo o pé com força, sentindo muita revolta e raiva — Ele bateu em meu rosto! Me tocou de um modo sujo, me disse palavras horríveis, tudo o que quero é que pague por isso e não faça mais nada parecido com nenhuma outra funcionária — estou sentindo tanta indignação, que já estou chorando e no fim da frase me afundo outra vez na cadeira, me sentindo sozinha e desamparada.

O gerente ainda se mantém frio e seco, sai da sala, nos deixando sozinhas, provavelmente porque não dá a mínima para o meu choro e para o que passei lá dentro com um homem desconhecido. Eu poderia ter sido violentada e morta e ele não estaria nem aí. Leila fica outra vez em minha frente e pega em minhas mãos.

— Olhe pra mim — suspira, olhando para o lado para ver se o gerente foi mesmo embora — Acredite, vai ser melhor assim. Esse tipo de gente é poderosa e perigosa.

Já vi casos desses acontecerem e garotas morrerem misteriosamente. Muitas delas as famílias nem souberam ao certo o que aconteceu. Então pense muito bem. Tem noção do que ele pode fazer se você levá-lo ao tribunal? Revistas e jornais divulgarão o caso, você será exposta, sua família. Eles não querem ter a imagem prejudicada. Ele vai esperar passar o tempo e vai se vingar. Nós sabemos o que homens como esse são capazes de fazer, Verônica. Você me entende?

Balanço a cabeça, completamente atônita e apavorada, concordando com ela. Leila suspira outra vez e diz:

— Vá pra casa, descanse, pense no que falei e passe o dia de amanhã com a sua família. Vou te dar dois dias de folga, ok? Se cuide.

Assinto com a cabeça, sem condições de falar mais nada.

Limpo meus olhos úmidos de lágrimas, então ajeito minha bolsa no ombro e me ponho de pé. Deixo o escritório do gerente e sigo pelo corredor. Estou tão pra baixo e me sentindo tão pequena, que nem me despeço do porteiro, que sempre é legal comigo e um grande amigo.

— Ei! Tudo bem, moça? — ele me avalia, preocupado.

— Oh, sim. Tudo, Seu Antônio. Obrigada.

— Você está com uma carinha tão triste.

— Não é nada.

— Tem certeza?

— Tenho. Não se preocupe.

— Certo. Vá com Deus, moça — ele diz.

Forço um sorriso e me despeço. Logo avisto uma figura imponente próxima à porta giratória. Ele está de jeans escuro e vestindo uma camisa escura. Seu olhar avalia

meu semblante e parece perceber que ainda estou abalada com tudo o que aconteceu na cobertura dele.

— Você está bem? — caminha em minha direção, com as mãos afundadas nos bolsos do jeans.

— Estou.

Paro em sua frente.

— Sei que não posso fazer muito e que não posso mudar o que aconteceu, mas se precisar de qualquer coisa, se precisar que eu testemunhe contra aquele desgraçado, é só me procurar — pega um cartão do bolso e me entrega.

— Obrigada. Você foi muito legal comigo.

— Não foi nada. Eu gostaria de ter feito mais.

A gente fica em silêncio por alguns segundos que parecem eternidade. Lembro-me do momento em que ele me salvou e depois do momento em que me beijou. Eu não tive medo ou raiva ou mesmo nojo. Foi diferente. Eu gostei.

— Está muito tarde — o bonitão diz, me trazendo de volta ao agora — Me diz onde mora, que posso deixá-la em casa.

— Não precisa... vou ligar pra casa e pedir pro meu namorado vir me pegar.

— Namorado? — estica os lábios num sorrisinho sem graça e desvia o olhar por um instante — Que sujeito de sorte.

Não consigo responder nada, mas o avalio. Ele realmente é lindo, alto, forte, musculoso, cheiroso... não sei por que tem flertado comigo... não sou o que chamariam de seu tipo.

— Olha — ele me encara outra vez e seus olhos azuis brilham — Você pode ligar pro seu namorado e dizer que vou levá-la. Pode dar meu nome a ele. Sou Jonas Malta,

um executivo bem conhecido. Sei que está abalada com tudo o que aconteceu esta noite, mas posso garantir que não precisa ter medo de mim. Tenho certeza de que se algo acontecer no caminho, qualquer pessoa vai saber.

Assinto. Realmente seria praticamente impossível voltar sozinha para casa. E Cidão, do jeito que está chateado comigo, não viria me buscar.

— Está bem. Vou aceitar a carona. Obrigada.

Jonas pisca, charmoso e satisfeito com a minha decisão.

— Você chegará em segurança em casa. Tem a minha palavra.

Capítulo 10

VERÔNICA

A GENTE VOLTA para o hotel e pega o elevador social. Eu me sinto um pouco desconfortável porque toda a imponência dele é impressionante. Por mais gentil e agradável que ele seja, é perturbador ficar sozinha em sua companhia. E para piorar o meu desconforto, é como se ele soubesse o efeito que causa em mim, o que me deixa completamente intimidada -principalmente porque estamos sozinhos nesse cubículo. Ele faz um movimento com as mãos e as afunda nos bolsos do jeans. Tento permanecer imóvel e inabalável, olhando para a frente e prendendo a minha respiração. Sinto seu olhar em minha direção, mas não o encaro de volta.

O painel finalmente ilumina e indica que chegamos ao estacionamento. A porta do elevador se abre e o executivo da Luxus, muito gentilmente, faz sinal para que eu saia primeiro. Agradeço sua gentileza. Paro no caminho para esperá-lo porque não sei onde está o seu carro. A gente caminha por uns minutos e não há como não reparar nos automóveis bonitos e organizados em fileiras. Penso no Gol 2001 que Cidão comprou recentemente e que acha uma "máquina". Ele não seria nada na frente desses carros importados. Jonas saca o controle remoto do bolso e mira em um carro preto que eu imagino ser uma Mercedes.

O automóvel apita rapidamente e acende as luzes vermelhas. É lindo. Jonas abre a porta do motorista para eu entrar e me afundo no banco cinza e confortável, tomando todo o cuidado do mundo para sujá-lo. O ambiente do carro cheira incrivelmente bem. Ele é tão perfumado quando seu dono. Jonas finalmente se senta ao meu lado, no banco do motorista. Eu me concentro no cinto de segurança enquanto ele liga o motor e dá a partida.

A noite está bem escura e as ruas de Ipanema estão completamente desertas. A gente passa pela praia e eu me perco naquele mar sombrio e silencioso. Jonas me pergunta novamente se estou bem e forço um sorriso para ele, dizendo que sim. É a primeira vez que o encaro desde que entramos no carro. Ele é realmente lindo e charmoso, mesmo usando apenas jeans e camisa. Viro meu rosto para a frente porque não quero ficar pensando no quanto é atraente e no quanto sua aparência me atrai. É algo novo na minha vida. É claro que já admirei muitos homens bonitos da televisão, mas nunca um homem real me envolveu tanto quanto ele tem me envolvido.

— Então, pra onde exatamente estamos indo? — ele quer saber, então me lembro que está me levando pra casa e ainda nem disse onde moro.

— Irajá.

Aciona o que parece ser o GPS e em minutos pega a Avenida Epitácio Pessoa até o Túnel André Rebouças. O trânsito está muito bom porque já é madrugada, então tenho a impressão que levará cerca de menos de meia hora para me deixar em casa. Meu celular começa a tocar, me surpreendendo. Sem olhar o visor, levo o aparelho ao ouvido.

— *Oi, filha, sou eu* — a voz preocupada de minha mãe soa. É claro que está preocupada. Já passam da meia noite e ainda não cheguei em casa. Mamãe sabia que eu faria um extra, mas não imaginava que eu chegaria tão tarde assim. Nem eu imaginava. E só de lembrar o que aconteceu horas atrás uma tristeza me toma.

— Mãe, estou bem — me forço a dizer — Estou indo pra casa, não se preocupe. Acho que vou levar mais ou menos meia hora pra chegar aí.

— *A festa acabou agora? Por que demorou tanto? Você está vindo como? O metrô já deve ter fechado a essa hora...*

— Estou de carona com um... amigo.

— *Mãe, termine logo essa chamada. Vai acabar com os meus créditos* — ouço no fundo a voz de Vanessa resmungar, então a mãe logo me diz:

— *Estou falando do celular da sua irmã. Vou ter que desligar pra não gastar os créditos dela. Vem com Deus, filha.*

A mãe desliga e eu me sinto mais aliviada por ela estar aliviada por mim.

— Você mora com os seus pais? — Jonas pergunta de repente, parecendo interessado.

— Sim, e com a minha irmã mais nova. Vanessa.

— Bom, sua mãe deve estar preocupada. Vou acelerar mais um pouco — ele pisa no acelerador e fico pensando no que acabou de comentar. É realmente gentil e atencioso. Me pergunto se um homem como ele não tem uma esposa ou noiva. Olho disfarçadamente para suas mãos à procura de algum anel de compromisso ou aliança. Nada.

Quando o carro finalmente pega a Linha Amarela, sei que estamos bem mais próximos da minha casa. Logo vem a Avenida Pastor Martin Luther King e já estamos na Zona Norte. Dentro de dez minutos ele pega a Avenida Monsenhor Félix e então quando finalmente o carro chega na esquina da minha rua, aviso:

— É aqui. Naquele portão azul ali da frente — aponto.

Não me sinto envergonhada em nenhum momento por ele ver a minha casa humilde. Foi o lugar que meus pais compraram e ainda estão pagando com muito sacrifício. Não me envergonho dela. Pelo contrário. Tenho orgulho. É claro que precisa de reforma e pintura, mas com o tempo tenho fé que vamos conseguir fazer tudo isso. A Mercedes do Jonas para em frente ao portão azul descascado e reparo que a sala está acesa - a mãe certamente está me esperando.

— Obrigada — sorrio para ele antes de me soltar o cinto de segurança — Você foi muito gentil e generoso a noite toda.

— Foi o mínimo que pude fazer — fala todo charmoso — principalmente depois do que aconteceu lá no meu quarto. Eu lamento muito. Você não merecia — estica o braço e sua mão pega na minha, massageando suavemente. É gostoso sentir seu toque — Sei que o que vou dizer não é muito confortador, mas estive com o canalha do Moreira e avisei a ele que vou estar do seu lado, caso decida levar o caso adiante.

— Eu não vou — o sorriso sai do meu rosto e ele parece surpreso com o que acabei de dizer.

— O que quer dizer?

— É que não vou denunciá-lo... bom, acho que não vale a pena. Nós dois sabemos que isso não vai dar em nada.

Na verdade, tudo o que quero agora é esquecer o que aconteceu.

Jonas leva a mão ao rosto, esfrega sua linda face e suspira, parecendo um pouco decepcionado com a minha decisão.

— Acho que você deveria pensar melhor sobre isso, mas não vou julgá-la nem interferir na sua vontade — sua mão quente pega novamente na minha de uma forma que me deixa arrepiada — só quero que saiba, que se precisar de mim, pode me procurar. Olhe — leva sua mão ao bolso da camisa e me entrega um cartão — Aí está o meu número. Pode me ligar a hora que quiser.

— Obrigada.

Silêncio. Eu o encaro, ele me encara. A gente permanece se encarando. Parece que nenhum dos dois está disposto a se despedir.

— Olha — ele diz — Sobre o que aconteceu no quarto entre nós, me desculpe. Eu não devia tê-la beijado e tocado daquela forma, especialmente depois do que Moreira fez... não sei o que deu em mim na hora... confesso que tenho pensado muito em você...

Estou perplexa. **Confesso que tenho pensado muito em você.** Nunca poderia imaginar que um cara rico como ele pensaria numa simples camareira como eu. Olho para sua mão na minha. Gosto disso. É uma mão grande, firme e ao mesmo tempo macia. Gosto da sensação que ela causa em mim. Lembro dessa mão segurando a minha cintura e deslizando por minha bunda. Por um instante desejo não só ser tocada pela mão, mas por toda a extensão de seu corpo. *Meu Deus, o que estou pensando?*

— Você é linda — fala baixinho enquanto seu dedo polegar e o indicador estão segurando meu queixo, me

obrigando a encará-lo nos olhos.

Fecho os meus olhos, já esperando pelo beijo, mas duas batidas no vidro da janela nos interrompem, cortando todo o clima.

Olho para a pessoa atrás do vidro. Cidão. Meu coração acelera.

— Se acalme, ele não pode nos ver — Jonas diz — O vidro é filmado.

— Mas como ele sabe que sou eu que estou no carro?

— Bom, tenho certeza que é possessivo e ciumento.

Cidão continua batendo no vidro da janela, parecendo nervoso e agitado. Jonas faz menção de sair do carro, mas toco em sua mão.

— Tudo bem, é o meu namorado.

— Na primeira batida da janela, eu já soube.

— Fique aqui, por favor. Vou falar com ele — peço, quase suplicando. Sei o quanto Cidão é ciumento e bronco. Vai armar a maior confusão se ver Jonas.

Empurro a porta para deixar o carro e encontro Cidão na minha frente.

— Que negócio é esse? Mulher direita não vem do trabalho e chega em casa uma hora dessa! — grita comigo — Principalmente na companhia de outro homem. É um homem que está aí dentro, não é? Me fala.

— Cidão, para. Eu acabei de vir do trabalho, eu tive um dia de cão, você não tem ideia. Me deixe chegar em paz, por favor.

Eu o puxo para longe do carrão e para dentro do quintal da minha casa. Torço para que Jonas vá embora, mas o carro não sai do lugar, para o meu desespero. Não quero que haja qualquer confusão. Não quero nem pensar que eles possam se ver ou trocar ofensas. A mãe aparece no

quintal e só então Cidão se acalma um pouco mais. A gente entra em casa. Digo a Cidão que não quero conversar agora, que estou muito cansada e chateada.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa no trabalho? — quer saber.

— É melhor você ir, Cidão. Amanhã a gente conversa com calma. Por favor.

— Tá legal.

Finalmente se despede da mãe e vai embora. Eu o acompanho até lá fora na verdade para ver se Jonas já foi embora. Para o meu alívio, já. Fico preocupada com ele porque já é bem tarde. Espero que chegue bem no hotel.

— Ah, filha, eu estava tão preocupada — a mãe vem em meu encontro, toda inocente, o sorriso no rosto, e controlo a vontade de chorar. Oculto tudo o que estou sentindo por dentro porque não quero que saiba as coisas que aconteceram no hotel. Quero esquecer tudo o que passei no quarto da cobertura, o cheiro daquele homem nojento, sua boca nojenta, seu toque.

— Ainda bem que esse emprego é bom e que você está feliz nele. Agora descanse, vá dormir, que amanhã você vai acordar cedo.

— Amanhã vou estar de folga, mãe.

— Ora, melhor ainda então. Venha, sente-se aqui, vamos conversar — ela me puxa pela mão e me conduz até o sofá simples de dois lugares, o único que ainda temos — Vou fazer um cafezinho pra gente. Faz tempo que a gente não toma um e conversa um pouco, não é verdade?

— Deixa que eu faço, mãe. Você deve estar cansada.

— De modo nenhum. Não estou mais cansada que você, que trabalhou a noite toda — seu sorriso é terno — Fique aqui. Hoje é minha vez de mimar você. Tem feito tantas coisas por nós, Verônica. Você é uma filha muito boa.

Sorrio e beijo sua mão.

Ela se levanta e segue para a cozinha. Eu me deito no sofá minúsculo, então ouço passos e sei que é o pai que está saindo do quarto. Ele me cumprimenta, meio sonolento.

— Oi, filha. E aí, o Cidão foi buscar você?

— Não foi, não, pai. Ele está cansado. Esteve tocando no pagode.

O pai resmunga, contrariado.

— Você é boa demais pra ele. Lembre-se disso quando resolver casar.

— Como você está, pai? Como estão as dores no peito?

— Estão melhorando, filha. Obrigado por se importar. Sua irmã vive o dia inteiro em casa e nunca me pergunta como estou.

Ele caminha lentamente, levando seus passos cansados para a cozinha. Já sei o que vai fazer: beber mais um remédio antes de voltar para o quarto e dormir. Nesse momento Vanessa vem do corredor e entra na sala. Não sei se ouviu o que o pai falou sobre ela antes de ir para a cozinha.

— Você está me devendo vinte reais — ela diz, me encarando — A mãe estava toda preocupada porque você não chegava em casa e pediu meu celular emprestado pra te ligar. Gastou quase todos os meus créditos.

— Ah, como você é cara de pau, Vanessa! — brigo com ela — Ela nem ficou cinco minutos comigo na linha. Como pode ter gastado vinte reais dos seus créditos?

— Bom, cada operadora cobra de um jeito, Verônica. Só sei que eu tinha dez a mais e já não tenho mais.

Que cretinazinha.

— Bom, ok, vou pagar os seus vinte de crédito quando você me pagar os quinhentos que está me devendo. Já esqueceu?

— Eu não esqueci coisa nenhuma. Vou pagar. Já disse que vou pagar. Não precisa ficar jogando na cara.

— Não estou jogando sua dívida na cara. Foi você que surgiu agora na sala me cobrando vinte reais.

— Está bem. Esquece então. Vou dormir. Boa noite.

Vanessa gira o corpo e leva seus passos de volta para o quarto. Respiro fundo, irritada. Não sei o que acontece: fomos criadas pelos mesmos pais, mas minha irmã é uma ingrata, cara de pau, exploradora. Fico muito chateada e revoltada com a forma como trata nossos pais. Eles não mereciam uma filha como ela. De onde estou ouço os chinelos de minha irmã irem de volta para o quartinho que dividimos. Me pergunto que tanto sono é esse que sente. Não faz nada o dia inteiro. Tinha um emprego até meses atrás, mas desde que foi mandada embora, se acomodou com o seguro desemprego. Já avisei a ela que isso não é para a vida inteira, que ela deveria estar procurando outro emprego ao invés de dormir até o meio dia.

"Venho do pagode, é por isso que não consigo acordar cedo", sempre diz.

"Deixe os pagodes de lado. Eles não vão pagar suas contas", digo de volta, mas ela dá de ombros. Mas sei que minha irmã tem o mesmo defeito do meu namorado: não

gosta de trabalhar. Quer tudo fácil. O sonho dela é arranjar um homem rico para sustentá-la e lhe dar todo o mimo que nossos pais nunca tiveram condições de dar. Suspiro. Deixo Vanessa e Cidão de lado. Lembro-me de Jonas. Pego o cartão que me deu. Penso em ligar.

Capítulo 11

VERÔNICA

O PAI PASSA de volta para o quarto e me dá um beijinho de boa noite, como costumava fazer quando eu era menina. Digo boa noite de volta. Logo sinto o delicioso aroma do café vindo lá da cozinha e deixo todos os maus pensamentos de lado, exceto o bonitão da Luxus e o quanto ele tem sido gentil e atencioso comigo nos últimos dias. O mais importante é: ele não parece ter segundas intenções, afinal de contas, poderia ter se aproveitado da situação e me agarrado no carro ou algo do tipo.

Fico pensando no momento em que estivemos juntos e que não hesitou em me trazer em casa, mesmo imaginando que uma garota como eu provavelmente moraria em algum lugar da Zona Norte ou Zona Oeste. Por falar nisso, espero que tenha voltado para o hotel em segurança. Um carro como aquele é, sem dúvidas, muito visado na rua.

Pego o meu celular e aliso a tela do visor, mordendo meu lábio inferior e pensando se devo ou não mandar uma mensagem para ele, ainda que seja só para dizer: **espero**

que tenha chegado bem. Acabo me decidindo em escrever e enviar.

A mãe volta da cozinha, trazendo dois copos de café e me ajeito no sofá, me sentindo um pouco mais relaxada. Foi só chegar em casa, ver o meu pai bem e a minha mãe tranquila que tudo muda. Eles são tudo pra mim. Mas tenho que admitir que pensar em Jonas também me deixou melhor.

— Aqui está, filha — a mãe diz, me entregando um copo.

Pego o copo de café recém passado e imediatamente o levo à boca.

— Está uma delícia, como sempre.

— Obrigada. Nada melhor que um cafezinho fresco numa noite como essa — se senta ao meu lado e sorri — Mas me diga uma coisa, Cidão ficou chateado por ver você com outro rapaz? Você comentou no celular que um amigo estava te trazendo pra casa. É alguém do trabalho?

— Na verdade, não — repouso o copo na mesinha de centro — Ele é um hóspede do hotel.

A mãe franze um pouco a testa antes de dar o primeiro gole no seu café.

— Mas eu pensei que o hotel fosse de luxo e frequentado apenas por pessoas de grandes posses.

— E é. Mas o Jonas... bom, ele é generoso, atencioso, gentil...

Seus lábios se esticam em um sorrisinho.

— O que foi, mãe? — pergunto, toda sem graça, diminuindo meu sorriso, imaginando que eu tenha sido muito exagerada na forma de falar sobre o Jonas.

— Nada, querida — diz — é que o seu rosto se iluminou todinho quando você estava falando desse rapaz.

— Bom — bebo mais um gole do café, tentando disfarçar o meu desconforto. Eu não devia estar empolgada com outro homem, mas é mais forte que eu — admito que ele é bonito, sedutor e maravilhoso, mas já tenho alguém. E mesmo que não tivesse, duvido que eu teria alguma chance. Quero dizer, ele é um cara muito conhecido no meio dos negócios. Há milhares de mulheres bonitas o cercando. A verdade é que sou apenas a camareira, mãe.

Ela desfaz o sorriso e vejo o quanto ficou triste por mim.

— Não pense assim, filha — pega minhas mãos e as coloca entre as dela — Você é mais que uma camareira, filha. Você é muito especial. Qualquer homem que valha a pena verá isso e nunca duvidará. Hum, você sabe como foi que descobri que o seu pai me amava?

— Aposto que ele fez o pedido de casamento, mas você não aceitou na primeira nem na segunda — sorrio.

— Eu tinha muito medo de me arrepender. Éramos muito jovens e inexperientes. Além do mais ele tinha o sonho de ser jogador de futebol.

Damos risadinhas e a mãe leva a mão à boca para se conter porque já é bem tarde e o pai e a Vanessa estão dormindo.

— Então um dia ele me falou que se eu aceitasse casar, ele esqueceria o futebol e a fortuna que um jogador poderia ter, que tudo o que importava era eu.

— Oh, que lindo... aí você disse sim?

— Não, só na quinta vez.

Damos outras risadinhas. Depois de rirmos bastante e de terminarmos o café, me encara e decreta:

— Ainda vai aparecer um homem maravilhoso que vai fazer seus olhos brilharem como brilhou minutos atrás. E esse homem não é o Cidão, Verônica, e você já sabe.

Não digo nada, mas já não rio mais porque sei que ela tem razão.

— Eu quero o melhor pra você, querida. E isso não tem nada a ver com dinheiro e posses. Só quero que tenha um rapaz que cuide de você, que te respeite, te ame, te dê o valor que merece e que te faça feliz.

— Obrigada, mãe.

— Vá deitar agora. Você precisa descansar.

Dou-lhe um beijo no rosto, depois me levanto do sofá e caminho para o quarto enquanto penso em tudo o que me falou. Empurro a porta e mesmo não acendendo a luz, noto que Vanessa está adormecida em sua cama ao lado da minha. Tiro as sandálias dos pés e me deito. De repente o visor do meu celular ilumina e vejo que há uma mensagem recém chegada.

Estou bem. Eu faria tudo de novo. Jonas.

Meu coração acelera e se enche de algo que não sei explicar o que é.

JONAS

VOLTO PARA A COBERTURA e encontro tudo silencioso. A festa já acabou, os convidados já foram embora. Afundo no sofá, suspirando e pensando em tudo o que aconteceu e em como me esforcei para controlar o desejo de beijá-la e levá-la para a cama ainda esta noite. Com um esforço sobre-humano me contive e não forcei a barra. A garota precisava de meu conforto e não dos meus assédios. Depois de tudo o que passou essa noite eu seria um grande cafajeste se a assediasse. E acabaria com todas as minhas chances. Mas não quero isso.

De repente alguém surge atrás de mim e pelos passos, sei que é uma mulher. Não preciso me virar para saber que é Julia.

— Oi, gato, por onde andou? — se vira, entrando na minha frente, expondo sua boca bem vermelha.

Não respondo, mas gosto de vê-la quase nua, usando apenas uma camisola preta transparente, deixando seu corpo violão à mostra. Julia é aquele tipo que todo cara pega. Eu já peguei, meus amigos já pegaram e toda a torcida do Flamengo. A gente se conheceu anos atrás porque ela sempre trabalhou como secretária na Santinelli, a empresa do Luiz Miguel. Ela não é só a secretária dele. É também a amante do pai dele.

Quando a vi pela primeira vez, a desejei e Julia foi fácil. Mesmo estando com o Sr. Santinelli, se encontrava comigo esporadicamente. Nossas transas eram sempre selvagens e avassaladoras, no entanto, não é a mesma coisa agora. Não a culpo de nada. Sou eu que enjoa muito rápido das

coisas. E das mulheres também. Não me contento com uma quando posso ter todas que quiser.

— Jonas? — me chama.

— E o velho? — provoco, a encarando.

— Ele não se importa, você sabe — sorri, satisfeita porque não neguei fogo — E quanto à Paula?

— Ela está em Miami — eu a puxo pela cintura e afundo meu rosto em seu pescoço branco de porcelana.

— Você é um verdadeiro safado, Jonas Malta — zomba entre risadinhas e gemidinhos.

— E você gosta quando sou safado — afasto meu rosto de sua pele e deslizo meu dedo por seu queixo. Julia sorri, logo se agacha em minha frente, sabendo o que quero, e abre o zíper do meu jeans. Em segundos meu pau está em sua boca vermelha succulenta.

— Eu preciso disso essa noite, baby... — sussurro, meus olhos fechados, adorando a sensação de sua boca quente engolindo meu pau. Seguro seu cabelo loiro com força, levando-a me chupar do jeito que gosto. Julia é muito boa nisso. Toma o meu membro e lambe como um picolé, toma a cabeça, a glândula, depois volta a pô-lo todo na boca. Passo a empurrar com rapidez e força... ah, caralho, vou gozar. Vou lambuzá-la toda. Gozo bem forte em sua garganta. Julia geme. Seguro sua cabeça com firmeza para que não fuja. Julia engole tudo e sorri, satisfeita.

— Você é tão gostoso, Jonas...

— Eu sei disso, baby... — guardo minhas calças e fecho o zíper do jeans.

Julia acendeu o fogo em mim. Isso é bom porque preciso tirar outra mulher da minha cabeça. Nunca fiquei tanto tempo assim me concentrando em uma só presa quando posso ter todas, e isso me deixa um pouco irritado.

Quero Verônica, mas não gosto da ideia de estar demorando para tê-la. Bato na bunda de Julia, incentivando-a a correr para o meu quarto. Vou atrás. Eu a encontro na minha cama, já livre da camisola e ficando de quatro. Julia é bem safada. Gosta de oral e de anal. Curte o que você quiser. Me livro da camisa e do jeans. Pego a camisinha, deito-me na cama atrás de Julia e ponho a camisinha no meu membro ereto. Seguro sua bunda, separando as bandas. Ponho a cabeça do meu pau no fundo de sua bunda. Ela geme e começa a rebolar na minha frente, falando coisas safadas. Vou entrando devagar, vou forçando passagem, enfiando lentamente, deslizando por sua bunda.

— Ah, que gostoso, Jonas... — sussurra enquanto rebola e pede por mais — Ai, vai... não pare... por favor...

Começa a gemer alto, suplicando por mais, choramingando por mais.

— Você é tão bom nisso...

— Sou bom em tudo, querida... empina mais esse rabo gostoso pra mim...

Julia faz o que mando. Geme mais alto. Enfio em sua bunda com mais vontade e força até finalmente gozar. Puxo seu cabelo com brutalidade. Beijo sua nuca macia. Em seguida tiro a camisinha cheia de esperma, me levanto da cama, vou ao banheiro, jogo tudo no vaso sanitário e dou descarga. Volto para o centro do quarto, ponho meu jeans.

— Jonas! — eu a ouço chamar quando já estou abrindo a porta para sair do quarto. Já estou saciado. Julia desce da cama, ainda nua, segurando suas roupas.

— Vou chamar um táxi pra você — aviso.

— É sério que vai me dispensar logo depois de me comer? Nossa, como é cretino. Aliás, todos vocês são cretinos. Não sobra um. Velho ou novo, todos iguais — sei que está se referindo aos meus amigos e também ao pai de Luiz Miguel, que a enrola num relacionamento de quase sete anos.

— Se sabe que não prestamos, por que ainda insiste, Julia? Você pode tomar as rédeas de suas escolhas. Acredite, você é mais que uma boa foda.

— Assim fala o homem que acabou de me foder — zomba, vestindo-se novamente.

Eu a ignoro. Se ela não se importa de ser a grande vagabunda, o problema não é meu. Deixo o quarto e vou para a sala. Caminho até a janela ampla da cobertura e fixo meus olhos na vista lá fora. A praia de Ipanema - linda e serena agora. Gosto de sentir a brisa em meu rosto. Julia já está na sala também, resmungando atrás de mim.

— Não gosto de quebrar seu coração, Julia, mas não sou esse príncipe encantado que vai salvá-la e levá-la para um castelo.

Sei que minhas palavras a machucam porque é justamente tudo o que deseja: um homem que vai lutar por ela e assumi-la, afinal todos os que encontra só querem usá-la e jogá-la fora.

— Sou mais um dos caras de quem você precisa ficar longe — me viro para ela, fitando-a — De todos, sou o pior. Não há salvação pra mim.

Julia fica me olhando, perplexa com tudo o que falei, seus lábios vermelhos e carnudos trêmulos, seus olhos azuis lacrimejando.

— Ei, Jonas, não fale isso — vem para cima de mim e joga seus braços em volta de meu pescoço — Não é

possível que esse coração não se abra pra ninguém — pressiona os lábios carnudos e vermelhos em meu peito e fica mordiscando-me, até eu afastar seus braços gentilmente de meu pescoço e dizer:

— O táxi chegou. Vá.

Ela se afasta de mim como se eu tivesse lhe dado um tapa. Resmunga, magoada. Em fração de segundos pega as coisas e vai embora, batendo a porta. Sigo até o bar e encho um copo de uísque. Estou precisando disso. Subitamente Augusto aparece e começa a recolher as garrafas de bebida vazias e a arrumar a bagunça da festa.

— Não perca seu tempo com isso — resmungo a ele — Uma equipe de limpeza cuidará disso amanhã. Vá dormir — digo, mas sei que o homem é disciplinado demais e continuará arrumando o que puder.

— A festa foi boa, senhor?

— Mais ou menos — suspiro antes de levar mais um gole de uísque à boca — O desgraçado do Moreira quase estragou tudo, mas algo positivo saiu: levei a garota pra casa esta noite.

— A camareira? — me encara, surpreso e chocado. Provavelmente não esperava que eu levasse alguma mulher simples como aquela em casa. No máximo eu chamaria um táxi como fiz a pouco tempo com a Julia. Ou talvez esse olhar arregalado signifique que Augusto já esteja me vendo como alguém obcecado.

— Ela parece ser uma boa moça, senhor.

Penso em suas palavras. Penso em como foi estar com Verônica, em como foi bom me aproximar mais dela.

— Não quero que volte a procurá-la tão cedo — digo e Augusto me encara. Há em seus olhos um pouco de esperança de eu desistir de vez dessa história que para ele

é bizarra e imoral — Calma, ainda não desisti dessa mulher. Não é o que pensa. Acontece que a garota já passou por um episódio traumático esta noite. Moreira tentou agarrá-la no meu quarto e se eu não tivesse chegado a tempo, não sei o que poderia ter acontecido.

— Santo Deus...

— Ela precisa de um tempo. Especialmente agora que está acostumada a me ver com bons olhos. Não quero me tornar um monstro de uma hora pra outra. Será que me entende?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Está liberado agora. E pode tirar o dia de folga amanhã. Boa noite.

— Boa noite, senhor. E obrigado.

O homem gira o corpo e vai embora da minha cobertura. Repouso o copo na mesinha de centro, deito-me no sofá. Meus olhos estão no teto, mas minha mente está em Verônica. Vejo uma mensagem não lida em meu celular. Me surpreendo quando vejo que se trata dela.

Espero que tenha chegado bem.

Um sorrisinho se estica em meus lábios. Penso no que escrever de volta. Escrevo:

Estou bem. Teria feito tudo de novo.

Envio para ela. Queria poder escrever tantas outras coisas. Ou melhor, queria poder fodê-la agora mesmo.

Capítulo 12

VERÔNICA

— **ESSA MAQUIAGEM** é nova? — Vanessa pergunta enquanto estou me maquiando na frente do espelho.

— É, foi a que ganhei de aniversário da Érica.

— Caramba, parece muito boa. Deixou até você com cara de atriz de novela. Me empresta? — ela nem espera eu dizer sim ou não, já vai tomando a base líquida da minha mão e pegando as outras maquiagens que estão na minha cama — Você também vai ao pagode esta noite?

— É, vou. Hoje é sexta e quero me divertir um pouco. Além do mais, *Os Malandros* vão tocar. Prometi ao Cidão que iria.

— Eu também vou. A Gleice garantiu que virão rapazes da Zona Sul esta noite, já que um grupo de pagode bem famoso, que não é *Os Malandros*, claro, vai tocar. Não posso perder isso por nada. Quem sabe meu príncipe encantado não esteja entre eles?

Começo a pôr os brincos em minha orelha enquanto minha mente está bem longe de Vanessa e dos olhos de cifrão dela. Estou pensando em terminar de vez com Cidão e já imagino o quanto essa conversa vai ser difícil.

— Pronto. Estou um espetáculo — minha irmã se avalia na frente do espelho após usar minha maquiagem. De repente vira o rosto para mim e me avalia também — Você até que é bonita, Ve. Mais até que eu. O problema é que não tira proveito disso. Se eu tivesse esse seu corpo e

cabelo, eu já não estaria mais morando aqui nessa humilde casa do Irajá. Eu já estaria casada com algum coroa do hotel.

Reviro meus olhos, não acreditando no que acabei de ouvir. Como podemos ser tão diferentes uma da outra mesmo depois de termos tido a mesma criação?

— Você não sabe o que fala. Nem tudo é só dinheiro, Vanessa. Há mais que isso. Se não fosse, muitos ricos não estariam se suicidando. Você acha mesmo que casar com um homem só porque ele tem grana vai fazê-la feliz?

— Ficar com um pobretão é que não vai — dá de ombros — Acontece que sou muito sincera e não dou a mínima para essa coisa de politicamente correto. A verdade é que prefiro ser uma rica feliz do que uma pobretona amargurada. Não quero andar de ônibus e de trem a minha vida toda. Não quero comprar produtos da Avon e mal ter dinheiro pra pagar.

— Você pode trabalhar e se manter, Vanessa. Por que acredita que apenas tendo um homem rico vai conquistar o que quer? O mundo está mudando. Mulheres estão trabalhando, conquistando. O problema é que você gosta das coisas fáceis.

— E quem pode me julgar? — ajeita os cabelos encaracoladas e sorri outra vez para o espelho — Bom, é melhor eu ir indo. A gente se vê lá.

Vanessa sai rebolando e eu começo a ajeitar meu cabelo enquanto penso na amargura da minha irmã. Lamento tanto por ela pensar dessa forma, de dar mais valor ao que as pessoas têm do que ao que elas são. Lamento por saber que o mundo não é um mar de rosas e que pessoas como a minha irmã tendem muito a sofrer. Sem falar nas coisas que já não nego que ela possa fazer

para ter o que quer. Andar com homens casados, se submeter a ser amante ou até mesmo a se prostituir em troca de dinheiro. Lembro dos homens do hotel e tenho certeza de que se fosse minha irmã ela consideraria a ideia daquela proposta. Ela aceitaria duzentos mil, jantares e viagens em troca de sexo.

Meu celular toca e sei que é Cidão. Atendo rapidamente e digo a ele que já estou de saída. Pego minha bolsa e caminho pela sala. Beijo o rosto do pai que está vendo o noticiário e saio de casa. O Bar da Beth fica duas ruas acima da minha. Quando chego na esquina, vejo o movimento de longe. Muitos carros elegantes, mulheres sambando e pessoas conversando. Cumprimento as vizinhas e Mari me chama para a mesa dela. Quando o Cidão surge no palco, me sinto constrangida pelas coisas que ele fala.

— Aquela ali é a minha musa, o outro lado da minha laranja, o amor da minha vida. Verônica, fique de pé pra todo mundo te vê.

Tento esconder meu rosto, mas as pessoas aplaudem, fazendo barulho e as meninas na minha mesa falam para eu levantar. Para não deixá-lo humilhado, levanto rapidamente e volto a me sentar. Cidão termina dizendo que a música que vai começar a tocar foi feita em minha homenagem. Eles não são tão bons quanto acreditam que são, mas para uma sexta à noite qualquer música ao vivo é legal. Acabo me soltando aos poucos e caindo no samba ao lado das garotas.

De repente algo acontece e é como se fosse câmera lenta. Eu o vejo do outro lado, me olhando, os olhos fitos em mim como se eu fosse a única coisa do mundo. Perco o ar. Paro de sambar. É como se fôssemos só nós dois agora

e nada mais importasse, como se nada fizesse mais sentido. Ele está com os lábios esticados num lindo sorriso, seus olhos azuis brilhando em minha direção, fazendo meu coração bater loucamente. Pisco várias vezes para ter certeza de que estou vendo miragem, mas ele continua do outro lado da rua, me encarando.

O barulho da música fica em segundo plano, não consigo ver mais nada, só ele. Alguém fala comigo e só então me dou conta do que está acontecendo. A música ainda não acabou e Cidão está cantando bem alto no microfone. Jonas permanece com os olhos em mim e eu permaneço com os meus nele. Nesse instante ele leva o celular ao ouvido e então sinto o meu tocar na minha bolsa. Pego o aparelho e me dou conta de que é ele que está me ligando.

— *Você parece uma deusa do samba* — a voz mais máscula e profunda soa do outro lado da linha, me deixando quente.

Estou tão nervosa e ao mesmo tempo surpresa que dou um breve sorriso e pergunto:

— O que está fazendo aqui?

— *Tem muito barulho... não consigo ouvi-la direito. Será que pode vir até aqui fora?*

Mordo meu lábio inferior, me perguntando se é uma boa ideia. Olho para o palco e Cidão está muito concentrado e envolvido no show que está dando. Além disso Jonas tem sido gentil e bacana comigo ultimamente, pode ser considerado um amigo.

— Está bem.

Desligo o celular, o guardo outra vez na bolsa, digo para a Mari que já volto e em seguida saio do bar. Gosto da brisa em meu rosto, balançando meu cabelo e o meu

vestidinho curto. Estou usando saltos, então meu vestido está mais curto ainda e minhas pernas longas. Ajeito-o, puxando-o para baixo, mas não adianta muita coisa. Atravesso a rua e o encontro ainda sorrindo e com as mãos cruzadas no peito amplo e forte. Ele fica muito bem dentro de camisa e jeans. Seus olhos descem por minha cintura e depois para as minhas pernas de fora.

— Oi — sorrio para ele — Como veio parar aqui?

— Vim com amigos. Eu não esperava encontrá-la aqui.

Seus olhos avaliam meu cabelo, depois descem por meus seios, cintura, me analisando completamente.

— Você está linda.

Mesmo sem graça, digo:

— Obrigada.

Jonas chega mais perto, diminuindo a nossa distância.

— Eu não tinha ideia de que conhecia uma Rainha da Bateria — brinca.

— Ah — sorrio, sentindo meu rosto esquentar — Não sambo tão bem assim.

— Foi lindo.

Olho para o lado, puxando o ar e o soltando devagar.

— E cadê os seus amigos?

— Foram até um caixa 24 horas. Logo estarão de volta.

Permaneço me avaliando.

— Será que podemos dar um passeio e conversar um pouco?

— Eu não sei...

— Não vai demorar muito.

Ele se move até o carro e usa o controle remoto para abrir a porta do carona. Agradeço e afundo no banco. Ele dá a volta e se senta na frente do motorista. Põe o automóvel em movimento. A gente conversa sobre como

está a noite e sobre o que fizemos nas últimas horas. Ele para o carro na Avenida Monsenhor Félix e então me encara.

— Fiquei esperando seu telefonema a respeito do episódio lamentável no hotel, mas você não entrou em contato.

— É — abaixo a cabeça, me sentindo chateada por ter desistido rápido — Eu decidi não levar isso à frente. Resolvi esquecer. Não quero me expor e expor a minha família.

— Se ele a intimidou, posso cuidar disso e...

— Não, ele não me intimidou.

— E o hotel?

— Não — minto, mas então suspiro, porque afinal, o hotel também não me intimidou e sim me aconselhou — eu pensei bem e decidi isso.

— Tem certeza? Posso cuidar das coisas pra você.

— Não, tudo bem, eu prefiro esquecer tudo aquilo.

— Certo — responde, mesmo parecendo contrariado com a minha decisão.

Ele se vira de lado e me encara, seus olhos azuis brilhando no escurinho do carro. Subitamente sua mão toca meu queixo e meus olhos encaram os seus. Estou sem reação, do mesmo modo que fiquei quando ele me beijou e me tocou na cobertura.

— Não quero ser repetitivo, mas você está realmente linda — sussurra, rouco, seus olhos agora presos em meus lábios.

Pisco, me sentindo fraca, louca para ele me beijar. Não consigo dizer nada. Fecho os meus olhos e tudo o que sinto em seguida é o calor dos seus lábios. Parece estranho. Ele é um executivo rico e eu sou apenas a

camareira do hotel onde está hospedado. Logo seus lábios forçam passagem e sua língua invade a minha boca. Gemo baixinho à medida que ele empurra mais sua língua para dentro da minha boca num beijo intenso e possessivo.

— Eu não posso... — balbucio, tentando fugir de sua boca e organizar meus pensamentos e emoções. Ponho minhas mãos em seu peito forte, empurrando-o delicadamente para longe.

Ele suspira, frustrado, mas respeita minha decisão.

— Certo — segura o volante e liga novamente o carro.

Não dizemos mais nada um ao outro. Eu me jogaria nesse beijo e em outras coisas mais se não existisse o Cidão na minha vida. No entanto, infelizmente existe. Penso em romper tudo com ele esta noite, mas enquanto isso não acontece, ainda sou namorada dele e lhe devo respeito e lealdade.

Quando Jonas volta a me deixar em frente ao Bar da Beth, eu o encaro:

— Tenho que sair agora. Boa noite, Jonas.

Ele não responde.

Me solto do cinto de segurança e empurro a porta delicadamente. Quando já estou fora, bato a porta com cuidado e atravesso de volta para o bar.

Mais tarde, avisto Jonas ao lado de outros dois rapazes e todos os holofotes estão na direção do trio, obviamente. De fato, não há como não olhar para eles com curiosidade. Pela forma como se vestem e pela boa aparência que possuem, está claro para todos que são caras ricos e que

moram na Zona Sul. Cidão me pega de repente pela mão e me leva para a frente dos rapazes.

— Olá, rapaziada, tudo bem com vocês? Sejam bem-vindos — diz para os rapazes ricos — Sou Cidão, o vocalista dos Malandros. Vocês devem ter me ouvido — começa a apertar a mão de um por um, tentando ser simpático e fazer média — Essa aqui é a minha namorada.

Sou obrigada a apertar a mão dos amigos do Jonas e quando chega a vez de apertar a mão dele, não escondo o meu nervosismo. Horas mais cedo eu estava trocando beijos com ele.

Ai, caramba.

— Como vai? — ele leva minha mão aos lábios, fazendo de conta que não nos conhecemos, e então quando puxo minha mão de volta sinto algo nela. Um pedaço de papel. Disfarço e seguro o papel entre minha mão fechada.

Quando finalmente Cidão e eu afastamo-nos dos rapazes, digo a Cidão que preciso ir ao banheiro. Lá pego o pedaço de papel e leio o que está Jonas me escreveu.

Passei a noite inteira olhando pra você. Preciso vê-la onde estivemos. Jonas.

Respiro fundo. Parte de mim diz que é loucura. A outra parte só diz que precisa ir.

Capítulo 13

JONAS

— **OI, RAPAZES** — um trio de garotas diz, encarando Luiz Miguel, Ricardo e eu e não preciso ser esperto para imaginar o que querem conosco. Na verdade, está claro como água cristalina que desde que pisamos nesse velho barzinho de plena Zona Norte da cidade, a maior parte dos olhares femininos pousam em nós.

Luiz Miguel, o mais simpático de nós três, estica a mão para a primeira garota e sorri para todas as outras, dizendo que é um prazer conhecê-las.

Fabírcia?

Gleice?

Vanessa?

Cada nome que é entoado entra em minha mente e sai dela da mesma maneira. Nenhuma dessas garotas ganham o meu interesse, então simplesmente as ignoro.

— E você, qual o seu nome? — a que se chama Vanessa me encara, seus lábios carnudos bem desenhados de vermelho e seus olhos castanhos chocolate brilhantes descem por todo o meu peito.

É claro que pode estar interessada no meu peitoral, mas é ainda mais certo de que se importe ainda mais com o tamanho do meu bolso ou com o quanto há em minha carteira.

— Meu nome é Jonas — digo a ela, pegando em sua mão já esticada para mim, mas não querendo perder muito o meu tempo.

— Uau... Jonas, é realmente um nome lindo, forte e... — faz uma pausa, passando a língua pelo lábio inferior de um jeito malicioso — másculo. Combina com você.

Enquanto as outras duas garotas ficam jogando charminho para os meus amigos o olhar de gavião de Vanessa não sai de cima de mim. Luiz Miguel logo é convencido a sambar com uma mulata, Ricardo permanece conversando com a loira e ninguém deve imaginar o quanto desejo me livrar de Vanessa.

— Olha só, Jonas — ela diz, enrolando alguns fios de cabelo em seu dedo indicador — ficamos aqui só nós dois.

A tal Vanessa sorri ainda mais intensamente para mim enquanto meus olhos procuram por Verônica. Eu a vejo sair do banheiro feminino, ajeitando o cabelo comprido. Adoro o ritmo em que suas pernas longas e bonitas se mexem. Ela está incrivelmente sexy de vestido curto e minha mente voa para além da imaginação. De repente o pagodeiro a pega pela mão e mesmo estando visivelmente contrariada, ela aceita ir para a pista de dança com ele. Não consigo tirar os olhos do casal.

— Ah — Vanessa segue meu olhar e suspira com ar de irritação antes de confidenciar — Aquela ali é a minha irmã. Bom, ninguém diria que somos irmãs se não fosse pela semelhança que temos. Somos muito diferentes por dentro. Sei lá, ela é do tipo certinha, enjoada, daquelas que só vive trabalhando e quase não sai de casa.

Não gosto do modo como fala da própria irmã, mas como quero saber mais a respeito de Verônica, olho para Vanessa, mostrando-me interessado.

— Vocês moram há muito tempo no bairro?

— A minha vida inteira — dá de ombros, em seguida suspira: — Sabe como é... nem todo mundo nasce com a bunda virada para a lua. Eu tenho alma de rica, mas a minha realidade é de pobre.

— Sua irmã, de fato, parece um pouco diferente de você... — aponto para o casal dançando no meio do salão — a julgar pelo modo como parece feliz onde está.

— Pois é, aquele ali é o Cidão, o homem mais burro e ignorante que conheço. Como vê, os dois se dão muito bem — chega mais perto de mim — inclusive em outros aspectos... — toca meu peito sobre a minha camisa e começa a brincar com o tecido — Se você quiser, posso provar, Jonas.

Olho para a sua mão delicada em meu peito e não sinto nada. Tesão, desejo. Nada. Pelo contrário, vejo em Vanessa a imagem de uma cobra venenosa.

— O que foi? Não sou bonita o bastante pra você?

Eu a encaro, então me inclino um pouco para baixo e colo meus lábios em sua orelha:

— Você é deslumbrante, só que eu gosto de ir atrás da caça e não de ser caçado.

Dito isso, afasto minha boca de sua pele e sigo para longe da garota, imaginando o quão indignada e ofendida a deixei.

Acontece que não me importo.

VERÔNICA

— **SABE O QUANTO** agradeço a Deus por você ser minha namorada? — Cidão comenta ao pé do meu ouvido enquanto seu pé literalmente pisa no meu. Ele até pode entender bem de pagode e samba, mas nunca foi um bom dançarino — Há quanto tempo a gente não faz aquele "nheco nheco" que eu tanto gosto... esse seu vestidinho tá meu deixando maluco...

— Hoje não, Cidão. Nem pensar.

— Você fala isso há anos. Sempre diz "hoje não". Então vai ser quando? Nem parece que somos namorados, pô... você tem que entender que tenho minhas necessidades, Verônica... um homem precisa de amor e carinho na cama... eu me toco todo dia, pensando em você...

Paro no meio do salão, interrompendo a nossa dança e então olho em seus olhos.

— Cidão, a gente precisa conversar sério — aviso.

Ele me puxa pela cintura de volta para perto dele, sorrindo e agindo como se levasse meu comentário na brincadeira.

— Cidão, estou falando sério — insisto, mas ele me segura com firmeza e me obriga a voltar a dançar com ele, me embalando no pagode meloso que está tocando agora no bar — Cidão, é sério! — insisto outra vez, mas ele continua ignorando meu tom de voz.

Detesto a forma como leva as coisas: sempre ignorando meus pedidos e vontades e agindo como um homem das cavernas. A verdade é que a culpada disso tudo sou eu, que permiti que as coisas chegassem a esse ponto. Cidão sempre foi um cara sem instrução, mal educado e sem

limites. Um verdadeiro bronco, como Vanessa costuma dizer. Sua boca volta a procurar a minha, mas estou com tanta raiva e pronta para acabar logo com isso, que empurro seu peito e nesse momento alguém aparece o chamando para reiniciar o show.

— Tenho uma surpresa pra você no final da noite — Cidão diz para mim antes de acompanhar o colega de grupo e voltar para o palco do bar.

Não estou nem aí para a surpresa que tem para me dar. Só quero que todo esse pagode acabe e que a gente possa ter a nossa conversa definitiva. Já estou decidida a romper e não vou voltar atrás.

Saio do centro do salão e caminho de volta para a mesa onde estão minhas amigas e vizinhas. Todavia, antes disso, não consigo deixar de o notar me olhando. Ele, Jonas. Permanece por perto e penso no bilhete que me mandou meia hora atrás. Não quero olhar para ele porque tenho medo de fraquejar, mas sinto seu olhar o tempo todo sobre mim. Isso pode ser loucura porque mal o conheço, mas a verdade é que já o desejo. Além do mais, esse cara é tudo o que Cidão não é.

De repente Mere se inclina ao meu lado e confia em meu ouvido:

— Aquele bonitão ali não tira os olhos de você.

Eu me faço de desentendida e comento que é só impressão dela, que há muitas garotas bonitas e solteiras para ele paquerar no bar.

— Pode ser, mas ele nem disfarça, Verônica. Ele está encantado. Se você não tivesse o Cidão...

— Bom, mas eu tenho o Cidão — corto logo porque no fundo preciso dizer isso a mim mesma antes que eu faça alguma coisa da qual possa me arrepender.

— Vish... olha só quem já tá de olho nele... — Mere comenta e sigo seu olhar até onde Jonas e Vanessa estão.

O que minha irmã está fazendo lá? Desde quando ela o conhece? Será que está dando em cima do cara? Eu realmente estou impressionada. Sei que minha irmã nunca perde tempo e gosta de homens ricos e de preferência, bonitos, mas em todo esse tempo que Jonas chegou ao bar nunca passou pela minha cabeça que Vanessa cairia em cima dele. Logo dele...

— Sua irmã é bem esperta, Ve. Aquela ali vai longe — Mere sorri, ainda observando o casal que está conversando na lateral do bar.

Eu detesto ter que concordar com a nossa vizinha, mas a verdade é que Mere tem toda razão. De onde estou vejo Vanessa falar algo ao pé do ouvido dele enquanto Jonas leva um copo de cerveja à boca para um gole. Ele, de fato, é incrivelmente lindo e sexy. Não só Vanessa, mas muitas outras estão de olho nele e nos amigos dele. Começo a me remexer na cadeira de lata, me sentindo desconfortável e um pouco incomodada com a ideia dos dois juntos. "Ah, Verônica, não pire. Eles são livres e desimpedidos e você tem namorado! Namorado!", digo comigo mesma. "Pare de olhar para eles". No entanto, não consigo me controlar. Olho outra vez para os dois juntos e Vanessa já está com os braços em volta do pescoço dele, como se já fossem íntimos o suficiente. Eu me levanto da cadeira, dizendo:

— Eu preciso de um pouco de ar.

Mere me encara, surpresa, e diz que vai guardar o meu lugar. Pego minha bolsa e caminho para fora do bar.

Capítulo 14

JONAS

— **SABE DE UMA COISA?** — a tal Vanessa fala em meu ouvido, surgindo atrás de mim — Não desisto tão rapidamente das coisas.

Ela contorna meu corpo e fica outra vez na minha frente. Eu a olho de cima a baixo e reconheço que a garota é determinada. Até começo a me perguntar se valeria a pena comê-la. De fato, não é de se jogar fora. No entanto, falta alguma coisa nessa embalagem à minha frente. Sem dúvida a irmã é uma opção muito melhor.

— Então, você não vai dizer nada a respeito? — insiste, jogando os braços em volta do meu pescoço, nem mais se importando de disfarçar que está se jogando aos meus pés.

— Você é realmente determinada, tenho que admitir — levo meu copo de cerveja para mais um gole.

— Isso é um ponto positivo ou negativo?

— Depende da perspectiva. Mas seria realmente positivo, se eu, de fato, estivesse interessado — retiro gentilmente seus braços de volta do meu pescoço — Quem sabe um outro dia? Agora preciso fazer uma ligação. Com licença.

Afasto-me da garota atirada e finalmente deixo o bar, levando o meu celular ao ouvido.

— Augusto — digo assim que meu assessor atende do outro lado da linha — Conseguiu descobrir alguma coisa sobre a garota?

— *Sim, senhor — pigarreia — ela mora com os pais numa casa no subúrbio...*

— Isso eu já sei, porra. Quero saber de algo mais significativo.

Parece pigarrear outra vez do outro lado.

— *O que o senhor não sabe é que essa casa onde moram não está devidamente quitada.*

Paro na hora porque esse comentário realmente ganha a minha atenção.

— Como é? Me explique isso melhor — eu me afasto mais do bar porque o barulho ensurdecador do pagode atrapalha a ligação.

— *Ainda faltam cerca de trezentos mil para a casa ser quitada, senhor. E o prazo está perto do fim. A família corre o risco de perder o lugar onde mora.*

— Tem certeza disso? — recosto-me na lataria do meu carro e afundo uma mão no bolso, me sentindo um grande filho da puta, mas um filho da puta com um trunfo na mão.

— *Infelizmente sim, senhor.*

— Trezentos mil para conseguir dentro de um prazo... — falo comigo mesmo, mas sabendo que Augusto ainda está na linha — Isso parece impossível para uma família humilde como a dela.

— *Sim — suspira — O pai é um porteiro aposentado e a mãe uma dona de casa. E quanto a filha, ela não ganha muito no hotel. A situação é realmente complicada. Sem falar que o pai está doente.*

— Ela não teria recusado a proposta se soubesse dessa dívida, o que me leva a crer que Verônica não sabe

de nada. O pai provavelmente está escondendo isso da família toda e talvez esse segredo esteja o matando.

— *O senhor pensou rápido.*

— Eu sempre penso rápido, Augusto. Meu cérebro é como uma máquina. Bom, imagino que isso seja tudo. Vou desligar. Aproveite a noite com a sua família.

— *Obrigado, senhor.*

Desligo o telefone e caminho de volta para o bar. Recosto-me na parede de azulejos e cruzo os braços no meu peito enquanto assisto a casais sambando e mulheres de vários tipos sorrindo para mim. No entanto só tenho olhos para ela. *Ela*, porra. De repente alguém no microfone anuncia um concurso feminino de samba. Explica que o dinheiro arrecadado por cada garota que participar irá para uma casa de caridade e a que receber o maior valor será eleita a Musa do Bar.

Grande porra, penso comigo mesmo. Onde estou com a cabeça para me enfiar em um lugar como esse?

Diante dos meus olhos cerca de dez candidatas se levantam das mesas e se organizam no salão. O grupo do namorado de Verônica começa a tocar e as garotas começam a sambar. Verônica está entre elas. Meus olhos se perdem em suas pernas longas, na forma como suas coxas se movem dentro do vestidinho micro, como seus quadris se mexem, seus seios pulam, seu bumbum balança. Fico perdido nessa imagem, babando, me imaginando tocando seu corpo, mergulhando em sua carne. Começo a sentir meu pau endurecer. Olho para o vocalista do grupo cantando uma música que fala de traição enquanto não faz ideia de que estou com o pau duro, louco para comer sua namorada. Se ele soubesse o que eu faria com ela agora... eu meteria fundo, rebolaria

dentro de sua boceta, a deixaria inchada de tantos golpes que eu daria. Mais que isso, a deixaria lambuzada.

De repente uma mulher mais velha passa com envelopes pequenos, explicando novamente que no concurso, a garota que tiver mais dinheiro como votos será a Musa do Bar. Grande merda. Puxo na carteira um talão de cheque e escrevo uma quantia que sei que ninguém ali será capaz de dar além de mim e dos meus amigos. Coloco o cheque no envelope e escrevo o nome de Verônica. Sei que vencerá por causa do que estou apostando nela. Entrego o envelope à mulher, que sorri e agradece.

— Obrigada, lindo. Boa sorte para a sua escolhida.

— Ela não precisa de sorte. Só precisa de mim — respondo a ela, sem deixar de olhar Verônica sambando.

— Isso que é um homem de convicção — elogia antes de se afastar de mim.

Desencosto da parede e sigo até o bar para pedir uma cerveja. Eles não têm uísques. Nesse caso a cerveja bem gelada vai ajudar. O cara me entrega a garrafa e fico ali tomando o primeiro gole enquanto vejo as garotas sambarem. Quando a música finalmente termina, Verônica está sorrindo e adoro ver esse sorriso em seus lábios carnudos. Ah, o que esses lábios poderiam me proporcionar... adoraria tê-los me chupando enquanto eu segurasse com força seus cabelos longos.

VERÔNICA

— **E A NOSSA VENCEDORA** deste ano é... Verônica!
— a voz de Ulisses anuncia no microfone e meu coração acelera na hora porque em todos esses anos só ganhei esse concurso uma vez.

— Eu? Ele está falando sério? — sorrio para as meninas, que sorriem de volta e me aplaudem. Olho para a direção de Vanessa e ela está toda séria, com cara feia por ter ficado para trás. Passo pelas meninas e caminho até o palco, onde me esperam.

Ulisses me dá os cumprimentos e comenta que em meu nome recebemos cerca de dez mil em cheque. Fico completamente assustada, meu ar some e então a imagem de Jonas vem imediatamente à minha cabeça.

Foi ele.

Procuro por seu rosto na multidão, mas não o encontro em lugar nenhum. De repente ouço os aplausos em minha direção e então finalmente o avisto com as costas no azulejo, os lábios esticados em um sorrisinho cínico e malicioso. Ele está me aplaudindo também.

Ulisses no microfone me pede para sambar mais uma vez e brinca dizendo:

— Cidão, não fique enciumado, mas sua namorada merece nossos aplausos. E aí, Cidão, foi você que investiu pesado nos envelopes para a sua amada? — ele brinca, deixando Cidão completamente envergonhado. Sei que ele não tem condições nem de colocar nota de cem.

Começo a sambar enquanto a música de Alcione toca e então tudo volta a ficar em segundo plano. Só vejo Jonas

em minha frente, me aplaudindo de onde está, sorrindo, seus olhos azuis cheios de malícia vidrados em mim, e não consigo deixar de olhar de volta para ele. É como se fosse um ímã. Ele me atrai assim como pareço atraí-lo. É uma ligação estranha, mas algo que me deixa bem. Me sinto bem quando estou em sua companhia e quando está apenas me encarando. Ele tem o poder de me fazer sentir bonita, atraente, sedutora, sexy, ele tem o poder de me fazer sentir especial como nenhum outro cara foi capaz.

Horas mais tarde, depois de receber o bilhete de Jonas, caminho até o lugar marcado. Avisto o carrão preto com os faróis desligados. Não sei o que estou fazendo. *Você tem namorado, Verônica. Pare com isso agora.* Acontece que meus pés tomam vida própria e caminho mais alguns passos, até que Jonas se vira para mim, as mãos afundadas nos bolsos do jeans. Ele me olha de cima a baixo e sorri, satisfeito com o que vê.

— Por um momento tive medo de que não viesse — chega mais perto de mim e toca o polegar em meu queixo.

— Foi você que deixou aquele cheque, não foi?

— Você deveria ganhar.

— Obrigada. Você fez algo maravilhoso. Não sabe o quanto estou feliz por ter ajudado o centro de caridade. E você só tem feito coisas boas desde que o conheci.

Ele sorri e é algo tão bonito de se ver. Seu polegar e indicador levantam o meu queixo, me fazendo o fitar melhor. E gosto de seu toque em minha pele.

— Eu seria capaz de dar o mundo a você — rosna baixo, não escondendo o quanto está louco por mim.

Toco em sua mão que está sobre o meu rosto, mesmo sabendo que isso não vai acabar bem. De repente ele traz seu corpo para mais perto do meu, seus 1,85m de altura

ficando ainda mais evidente. Gosto do calor de seu corpo atlético tomando todo o meu. Meu rosto se ergue para olhar o dele. Nossos olhos se encontram. Meus olhos se fecham e sinto seus lábios mornos nos meus.

Abro os meus lábios para os dele, sua língua entra e se aperta contra a minha, logo as línguas se movem e jogo meus braços em volta de seu pescoço duro. Gemo baixinho, adorando sentir a dureza de seu peito contra meus mamilos, a força de seus braços musculosos em volta de mim, a sua barba pinicando meu rosto, suas mãos grandes coladas em minha bunda, seu membro volumoso contra meu umbigo.

— Vamos pra outro lugar... — sussurra em meu pescoço — preciso de você esta noite...

Estou tão fora de mim que sou capaz dessa loucura, continuo o beijando, mesmo sabendo o crime que estou cometendo. Serei capaz de ir com ele para qualquer lugar e de me entregar de cabeça, corpo e alma.

— Olha só isso... — uma voz surge do nada, atrás de nós, parando nossos beijos e amassos.

Viro-me e dou de cara com Vanessa, de braços cruzados, e uma carranca no rosto capaz de me matar.

— Agora entendi tudo — ela diz, seus olhos pegando fogo de raiva — Você, como sempre, entra em meu caminho e atrapalha a minha vida. Odeio você, Verônica! Odeio você! — essa última frase foi entoada de forma histérica.

Minha irmã gira o corpo e corre de volta pelo caminho por onde veio.

— Eu preciso ir... — digo ao Jonas, estou em choque, me sentindo suja e indigna — Por favor, esqueça o que aconteceu aqui... eu não posso... adeus.

— Verônica! — ele grita, mas não posso continuar a ouvi-lo.

Corro para longe dele, desejando que não venha atrás de mim, que não insista mais. Eu não me viro para trás porque não quero fraquejar outra vez. Eu não sei o que Vanessa vai fazer, se vai contar tudo para o Cidão e promover um inferno. Eu só quero ir pra casa e colocar minha cabeça em ordem. Está tudo uma bagunça e o pior é que nem sei ao certo como começar a arrumar.

Capítulo 15

VERÔNICA

EMPURRO A PORTA do quarto e encontro Vanessa terminando de se trocar. Respiro fundo. Ela está em casa. Inclusive olhando para a minha direção. Fecho a porta atrás de mim com cuidado e anuncio:

— A gente precisa conversar.

Minha irmã suspira e então fala com desdém:

— Se é por causa da sem-vergonhice que presenciei lá fora, pode ficar sossegada, que não vou dizer nada ao chifrudo.

— Não é isso, Vanessa — respiro fundo, sentindo-me um pouco aliviada e esperançosa de que a gente se entenda ao menos uma vez na vida — Foi só um beijo — tento explicar — Na verdade, estou meio confusa. Esse cara chegou há poucos dias em minha vida e confesso que tem me deixado balançada... mas você como ninguém mais sabe que eu não faria uma coisa dessas com o Cidão... ainda que eu queira mesmo terminar com ele. Não estamos bem há anos. Hoje mesmo vou conversar com ele e romper tudo...

— Ah, tá — ela desdenha — Vai contar também sobre os beijos que trocou com o gostosão? Duvido. Você é uma sonsa dissimulada.

Sinto minhas sobrancelhas arquearem. Observo a fisionomia de Vanessa, sua raiva e inveja embutidas em um

olhar malicioso, de quem não está nem aí para a tristeza de Cidão e que só está mesmo preocupada com o trunfo que tem em mãos. Mas no fundo mesmo, está furiosa. Vanessa, sem dúvidas, está revoltada por eu ter interrompido o que ela acha que seria a sua "grande chance", mas por outro lado está feliz por ter uma carta na manga contra mim. Isso está visível em seu rosto. Estreito meus olhos e chego mais perto dela.

— O que fiz pra você me odiar tanto? Por que sempre faz questão de me infernizar, de me provocar? Por que não me suporta?

— Ah, por quê? É sério que você ainda me pergunta?
— solta uma risada sem humor — Bom, vamos lá. Passei parte da noite interessada num cara e você apareceu no meu caminho, como sempre faz. Acho que é você que não me suporta! E hoje tive a confirmação de que você não é essa santa que todo mundo acredita!

Estreito meus olhos e tudo o que sinto agora é pena. Lamento por ela ser tão vazia e pequena como é.

— Sabe o que se chama isso? Inveja. Não sei o porquê, mas no fundo você sente inveja de mim! Eu não tenho muito nem sou nada especial, mas você me odeia por quem sou — dou mais um passo até minha irmã, ficando mais perto dela — Você é vazia e pequena. E se não sabe, conheci aquele cara lá fora muito antes de você! Para o seu governo, tenho fugido dele desde o início da noite!

— Pois é, e estou me perguntando como conseguiu fisgar um homem como aquele. Ah, já sei. Está na cara que ele não só deu aqueles beijinhos em troc...

Antes que termine a frase dou-lhe um tapa bem dado no rosto e Vanessa geme, surpresa por eu ter batido em sua cara.

— Nunca mais fale assim comigo — rosno baixo, me controlando para não segurá-la pelos cabelos e bater ainda mais — Não tenho sangue de barata.

— No fundo sabe que tenho razão — sua mão ainda está no local onde dei o tapa —, que a minha vida inteira precisei concorrer com você para chamar atenção dos pais, que sempre recebi esmolas enquanto você era a princesa da família! A vida inteira você sempre foi a filha perfeita. Eu sempre fui a errada. Mas sabe de uma coisa? Aprendi hoje que você não é melhor que ninguém. Você é uma sonsa, mentirosa e vadia!

Acerto outro tapa no rosto da minha irmã e nem me reconheço mais. Tudo o que sinto é raiva, mágoa e revolta. Vanessa está novamente com a mão no rosto e eu estou me perguntando como ela tem coragem de ser essa pessoa ingrata. A minha vida toda fiz tudo por ela, para ajudá-la, sempre me sobrecarreguei para protegê-la. Sempre me esforcei e me matei de trabalhar para ela não ter que ficar com a pior parte de ajudar os nossos pais. Sempre tentei ser a amiga e compreensível irmã mais velha que faz tudo em prol da irmã caçula.

— Eu ajudo em casa, lavo, passo, ajudo a mãe e o pai. Eu pago pelas contas e dou um duro danado pra colocar comida aqui em casa. Não vou mais aceitar ofensas gratuitas, sua preguiçosa e ingrata!

Vanessa permanece com a mão no rosto e tudo o que sinto é a minha respiração acelerada. Ela grita de repente e vem para cima de mim. Agarra meu cabelo enquanto me xinga de coisas horríveis. Agarro o seu cabelo de volta e a jogo com força contra a cama. Subitamente a porta se abre e a mãe e o pai aparecem, assustados e gritando que

paremos com a briga. O pai me puxa de cima de Vanessa que continua gritando e me xingando.

— Vocês pensam que têm a filha mais perfeita do mundo, não é? Vocês não sabem de nada! A queridinha aí estava aos beijos com outro homem lá fora! A verdade é que a filha perfeita de vocês não passa de uma vagabunda!

Voo para cima de minha irmã outra vez, mas o pai me segura com força, me impedindo. Vanessa ri com satisfação por ter acabado de me desmascarar na frente de nossos pais, então continua:

— Puta fingida!

A mãe grita com ela, mandando-a calar a boca. Eu me sinto humilhada e envergonhada. O pai finalmente me solta, chocado com o relato de Vanessa, então deixa o quarto sem falar nada com ninguém e, em seguida, saio de casa. Ajeito minha bolsa, sentindo a culpa me golpear, então sigo para o bar da Beth. O pagode já está bem mais fraco agora. Jonas e os amigos dele já foram embora. Cidão sorri ao me ver, mas antes que diga qualquer coisa, eu o puxo para um canto.

— O que foi, gata? Aconteceu alguma coisa? Você parece agitada.

— A gente precisa conversar.

Ele assente, percebendo que só pode ser realmente agora sério.

— Cidão — falo firmemente, olhando em seus olhos castanhos — vim aqui terminar tudo entre a gente. Eu não quero mais, já não suporto mais... — suspiro, me esforçando para ser sincera porque nós dois não merecemos mais viver nessa mentira — Eu andei pensando muito e decidi que não estou mais feliz e nem fazendo você feliz...

— Que negócio é esse? Do que tá falando? É claro que tá me fazendo feliz. Você sempre me fez feliz. Eu não posso viver sem você, Verônica. Sem você não sou nada... o que é isso agora?

— Cidão, escute, por favor — seguro em seus ombros e olho no fundo de seus olhos — Acabou. Não amo você — meus olhos marejam porque eu não queria estar falando uma coisa dessas na cara dele, mas não posso mais adiar essa conversa — Me desculpe... eu lamento tanto... acontece não quero mais continuar como estamos... não quero fingir algo que não sinto. Eu não mereço, você não merece. Nós não merecemos. Vamos parar por aqui.

Não diz nada, só me encara de um modo duro e perplexo. Sinto a dor em seus olhos e com todo o meu coração lamento por isso.

— Me desculpe, Cidão.

Ele está inconsolável. Seu semblante logo cai e Cidão não consegue esconder de ninguém o quanto está sofrido e o quanto o mundo está desabando a seu redor. Não quero mais vê-lo desse jeito pra baixo e também não quero que me convença a voltar atrás na decisão como sempre faz, então giro meu calcanhar e caminho apressadamente para a saída do bar.

— Verônicaaaa — eu o ouço me chamar, mas não paro. Preciso acabar com esse ciclo vicioso que virou nosso relacionamento.

Pego o meu celular com as mãos trêmulas enquanto alcanço a rua e disco para Érica, que me atende logo no primeiro toque. Conto a ela resumidamente tudo o que aconteceu nas últimas horas e pergunto se posso dormir esta noite em seu apartamento.

— *É claro que pode! Nem precisa perguntar. Venha, que estarei te esperando* — diz do outro lado.

Sorrio, me sentindo um pouco mais calma e aliviada agora.

— Obrigada, amore. Você é demais.

— *Imagina. Você é a minha melhor amiga.*

JONAS

— **OLÁ, SENHOR** — Augusto me cumprimenta assim que piso meus pés na cobertura.

— Olá, Augusto. O que ainda está fazendo aqui?

— A senhorita Julia o espera há cerca de uma hora — anuncia enquanto estou abandonando minha carteira e a chave do carro na mesinha de centro. Nesse momento avisto Julia sorridente dentro de um vestido vermelho e sexy.

— Oi, Jonassss — ela diz e confesso que estou surpreso. Me pergunto se superou o nosso último encontro. No episódio anterior ela saíra revoltada, alegando que eu a tinha mandado embora logo assim que a comi. Aparentemente sua revolta passou.

— Oi, Julia. Não esperava vê-la tão cedo — começo a desfivelar o relógio do meu pulso.

— Eu não sou uma mulher que guarda mágoa — sorri, maliciosa, aquele olhar de quem está louca para trepar.

— Hum. Você sabe que gosto de mulheres livres, independentes, que não dramatizam tudo.

— Bom, vou deixá-los sozinhos — Augusto pigarreia, nos lembrando que ainda está presente. Em seguida se despede, todo formal, antes de girar o calcanhar e fechar a porta às suas costas.

Afundo minhas mãos nos bolsos do jeans, pensando que tudo o que queria esta noite era ter Verônica em minha cama, especialmente com as pernas bem abertas para me receber. No entanto a empata foda da irmã dela atrapalhou tudo. Eu já estava com ela quase no papo quando a irmã vigarista apareceu. Não sou capaz de expressar o quanto

me sinto frustrado e irritado. No entanto, agora, Julia poderá ser uma espécie de meu prêmio de consolação. Passar a madrugada entre suas pernas, metendo em seu corpo de porcelana, provando seus lábios naturalmente vermelhos não deixa de ser uma boa opção, ainda que não me seja nenhuma novidade. Já conheço esse corpo de cor e salteado, já o tive de todas as formas possíveis.

Levo meus pés para perto dela, então afundo minha mão no bolso, querendo garantir que possuo preservativos. Um homem como eu nunca passa uma noite sozinho, a não ser que queira. Um homem como eu sempre está prevenido. Estou diante de Julia. Seus olhos verdes brilham. Sua boca vermelha clama por um beijo. Seus seios quase saltam do decote do vestido. Levo meu braço até sua cintura e minha boca alcança a sua. Instantaneamente se agarra em mim e diz o quanto me ama. Não correspondo às suas declarações de amor, mas gosto de ouvir e sentir o que causo a ela. Logo estamos na cama, eu provando todo o seu corpo e me aliviando nela. Em minha opinião existem mulheres para casar, outras para serem usadas como troféu e algumas outras para apenas me dar prazer na cama. Julia está inclusa no terceiro caso.

Horas mais tarde, abro os olhos e sinto pernas e braços espalhados sobre mim. Julia. Passo a mão pelo meu rosto e vejo tudo escuro à minha volta no quarto. Eu me desvencilho dela cuidadosamente para não acordá-la. Visto minha cueca e saio do quarto. Pego o meu celular e disco para Ricardo, que sempre me socorre nos momentos em que preciso. Ele possui uma agência especializada em investigações e é o melhor no que faz. Toda vez que a Luxus precisa de ajuda para ferrar com alguém ou para se

livrar de ameaças capazes de pôr tudo a perder é Ricardo que entra em ação e nunca perde uma guerra. E pago muito bem a ele por isso. Além do mais, em todos esses anos trabalhando juntos, sua agência com a Luxus, nossa relação se ampliou para uma boa amizade.

— *Diga, Jonas* — sua voz entra na linha. Não está sonolenta. Ricardo dificilmente dorme cedo porque está sempre trabalhando.

— Preciso que uma pessoa descubra que a casa onde mora não está quitada, como ela acredita. Preciso que ela pise com isso e seja capaz de fazer qualquer coisa para resolver esse problema.

Ele dá uma risadinha do outro lado do telefone e diz:

— *Às suas ordens. Mande as informações em um relatório por e-mail, que vou dar uma olhada.*

— Preciso que faça isso com urgência.

— *Pode deixar comigo.*

— Ótimo. Boa noite.

— *Boa noite, Jonas.*

Desligo o aparelho. Caminho para a janela da sala de estar, me sentindo o grande cretino filho da puta que sempre fui. Nunca antes desejei uma mulher e usei armas sujas para tê-la a meu bel prazer, nunca precisei fazer isso, até encontrar Verônica, a camareira suburbana que tem ferrado com a minha cabeça. Eu até poderia seduzi-la e tê-la. Já estava no caminho certo. Tê-la seria só uma questão de tempo. Sou capaz de fazê-la ficar aos meus pés, contudo não é isso o que tenho em mente. Não quero que se apaixone, não quero que me ame ou viva por mim. Tudo o que quero é que role na minha cama e que esteja disponível para atender aos meus caprichos. Não quero que seja minha amada ou mesmo minha namorada, só

quero que seja minha amante, minha prostituta exclusiva, minha mulher na cama, e que entenda que quando tudo não for mais divertido e terminar, sairá da minha vida tão repentinamente como entrou.

Largo o celular. Caminho até o meu notebook e começo o relatório. Depois que dou todas as informações a respeito de Verônica e da família dela, envio tudo para o e-mail do meu contato. Sei que dentro de dias ou mesmo de horas terei tudo o que quero.

Capítulo 16

JONAS

— **CAROS SENHORES**, estou aqui para lhes informar que não farei mais parte do grupo Luxus e, portanto, passo todas as minhas ações para o CEO Jonas — Moreira diz isso, tentando soar natural, mas é nítido o desconforto e a amargura em sua voz, no entanto, ninguém dá a mínima para isso. Especialmente eu.

Contenho o meu sorriso vitorioso nos lábios e me sinto mais uma vez implacável, insuperável, alguém que nunca será combatido por ninguém. Moreira já estava no topo da minha lista negra. O que ocorreu com Verônica foi a gota d'água.

Moreira, que ainda permanece patético em pé diante de todos, finalmente olha para mim e então faço sinal de que seu discurso já foi o suficiente. O filho da puta se despede e se retira em seguida. Assim que a porta atrás dele se fecha, me levanto da mesa e digo a todos:

— Reunião encerrada. Vamos todos voltar ao trabalho.

Todos se levantam e aos poucos vão dispersando. Augusto, que esteve todo o tempo em pé ao lado de minha cadeira, se aproxima e me entrega uma pasta cheia de relatórios. Pego a pasta e sigo com ela para a minha sala, sentindo Augusto atrás de mim.

— Feche a porta — ordeno assim que entro na sala, e ele obedece.

Coloco a pasta na minha mesa enquanto folheio papel por papel. No entanto não é sobre os relatórios que quero pensar ou falar agora. O assunto que está na minha cabeça nesse exato momento não tem nada a ver com a Luxus.

— Eu tive que cancelar minha viagem para a França. Quero que compre novas passagens — digo a ele.

— Sim, senhor.

— A ideia era eu levar alguém comigo, você sabe, mas tive que mudar os planos.

— Está se referindo à camareira, senhor?

— O nome dela é Verônica — eu o encaro pela primeira vez desde que chegamos à minha sala e logo em seguida me sinto patético por estar me importando com o modo como o meu assistente se refere a ela.

Vou até o bar e me sirvo com um pouco de uísque.

Ela é só uma camareira, Jonas. Uma garota bonita que só serve pra cama. Nada mais, porra. Que porra está havendo com você, Jonas?

Augusto pigarreia, nitidamente preocupado.

— Tudo bem, senhor?

— Está — digo, o encarando — Quero que compre novas passagens aéreas. Ida e volta. Pra mim e pra ela.

O homem fica estático ao meu lado e por causa disso volto a encará-lo.

— Não fui claro?

— Mas o senhor... acha mesmo que ela dirá... sim?

— Não tenho dúvidas disso. Agora vá e faça o que mandei.

— Claro.

Augusto passa pela porta, me deixando sozinho na sala. Caminho até o bar e me sirvo outra vez com uísque.

Enquanto bebo um gole minha mente voa até Verônica e suas curvas. Eu não sei o que acontece comigo porque é a primeira vez que fico tão maluco por uma mulher. O fato de ela ser difícil mexe ainda mais com a minha libido. Tenho certeza de que quando a tiver em meus braços, será a melhor trepada da minha vida.

No fim da tarde dirijo a minha Mercedes até Irajá, onde Verônica mora. Eu já decorei o trajeto e não me importo com o tempo que levo para chegar lá, contanto que eu chegue. Ajeito os óculos escuros nos olhos e piso no acelerador, pensando no que vou dizer a ela dessa vez quando encontrá-la. Pego o meu celular. Eu até poderia ligar, mas a minha precipitação só faria com que ela se esquivasse de mim. O ideal é pegá-la de surpresa. Guardo o celular no lugar.

Finalmente paro o meu carro em frente ao portão azul da humilde casa. Disco seu número, mas Verônica não atende. A chamada acaba entrando na caixa postal. Bufo, me sentindo um idiota. Levo o meu punho até o meu queixo enquanto fico pensando. Finalmente empurro a porta e saio da Mercedes. Sinto os olhares de curiosidade dos vizinhos sobre mim e sobre o meu carro. É óbvio que um automóvel como esse nunca pisou nessa rua. Levo meus passos até o muro da casa e procuro pela campainha, mas não há nada.

— Oie — uma voz feminina soa atrás de mim e me viro até uma mulher magra, que embora não seja feia, é muito maltratada — Quer que eu chame alguém da casa pra

você? — ela se aproxima de mim, vestindo shorts e blusa — Sou Mere, a vizinha deles.

— Oi — estico a mão educadamente para cumprimentá-la — Sou Jonas. Estou procurando a Verônica. Sabe me dizer se ela está em casa?

— Olha, eu não sei... não vejo a Ve desde o dia do pagode, mas posso conferir pra você.

Passa por mim, depois pelo portão e entra no quintal, gritando:

— Verônicaaaaa! Dona Selmaaa! Vanessaaaaa! Tem alguém aíiii?

Ajeito meus óculos escuros no rosto e olho em volta do bairro. É um local bem humilde, casas pequenas, mal construídas, muitos muros sem pintura e portões descascando. Há uma pequena pracinha no meio da rua e algumas crianças brincam livremente ali.

— Oii — uma voz de repente me faz virar para a frente e vejo a irmã de Verônica, aquela que me deu mole e depois nos pegou no flagra no dia do tal pagode.

Ela também está de shortinho e decote. Está sorridente, ajeitando os cabelos cacheados, os lábios carnudos.

— Ah, meu Deus, se eu soubesse que você viria, eu teria me arrumado antes — comenta.

— Como vai? — estico a mão para Vanessa, me esforçando para ser gentil e agradável, mesmo sabendo que esse tipo de garota não merece a minha atenção.

— Você está de carne e osso na minha frente? Jura? — de repente se vira para a vizinha e diz — Pode ir, Mere. Obrigada.

A tal Mere vai embora, mas Vanessa sequer se vira para se certificar disso. Admito que ela é uma garota bem interessante, mas há algo em seu interior que não aprovo.

— A sua irmã está? — sou logo direto ao assunto.

— Bom, ela não está. Mas talvez eu me recorde de onde ela foi e conte a você — me encara, seus olhos castanhos brilhando.

Seguro a sua cintura, sabendo que ao contrário da irmã, é uma tremenda vigarista.

— Certo. Que tal um jantar aqui perto? — colo meus lábios em sua orelha — A gente pode se conhecer melhor. Afinal, eu não vim de Ipanema até aqui à toa, baby.

— Um jantar? Uau. É claro que aceito — sussurra de volta em meu ouvido — Você é maravilhoso... eu só vou me arrumar rapidinho. Você pode entrar e me esperar.

— Eu posso esperar aqui fora.

— Ah, não, por favor. O bairro é perigoso... tem tido muito assalto — toca meu rosto com carinho — Não quero que se arrisque.

Vanessa abre o portão azul para mim e tento ignorar todo o meu senso crítico e a minha prepotência ao entrar na casa.

— Venha, só não repare a bagunça. A casa é simples, coisa de pobre.

Logo entramos na minúscula sala de estar que é menor que o meu banheiro.

— Manhêeee! — ela grita para alguém — Temos visitaaaa!

Logo uma senhora negra e bonita do mesmo estilo das filhas aparece na sala e me encara com surpresa e vergonha.

— Oh — ela está sem graça.

— Olá, sou o Jonas. Como vai? — estico a minha mão para cumprimentá-la e ela a aperta, toda sem graça, explicando que está cheirando a comida.

— Você trouxe um rapaz e nem me avisou nada, Nessa... se eu soubesse, tinha preparado alguma coisa...

— Ah, não, não se preocupe comigo — digo.

A mãe de Verônica me encara e de cara gosto dela. Tem um ar de quem possui um bom coração

— Você pode se sentar e me esperar — Vanessa diz, espalmando suas mãos pequenas em meu peito, me empurrando no sofá e me obrigando a sentar, agindo como se tivéssemos toda essa intimidade. Cobrinha desgraçada.

Estou afundado no sofá velho de dois lugares enquanto Vanessa diz que não demorará muito para se aprontar e a ouço dizer para a mãe pelo caminho do que parece ser o quarto que eu a convidei para jantar.

— *Vocês se conhecem há quanto tempo? Ele parece ser um rapaz da Zona Sul, Nessa...*

— *Shhh, fale baixo, mãe... por que nunca fica feliz com as minhas conquistas?* — Vanessa diz para a mãe e elas não têm a ideia de que estou ouvindo toda a conversa — *Foi sempre assim... vocês sempre apoiam ela e nunca me apoiam...*

Olho em volta da sala e me pergunto onde está Verônica. Olho para o lado e avisto um retrato da família reunida. Meus olhos se perdem no sorriso de Verônica. Me pergunto se o pai delas está em casa, mas pelo jeito não está. Em fração de minutos, Vanessa volta para a sala, toda arrumada, perfumada, maquiada, o cabelo pranchado solto e bonito.

Eu me levanto na hora e me obrigo a dizer que ela está linda.

— Então, vamos?

— Vocês não vão esperar nem um cafézinho? — dona Selma pergunta, mas quero mesmo ir embora antes que

Verônica apareça e me veja chamando sua irmã para sair.

— Foi um prazer conhecê-la — levo a mão da senhora aos meus lábios, me despedindo dela.

Vanessa agarra em meu braço e quando saímos pela porta a ouço sussurrar "me deseje boa sorte" para a mãe.

Quando já estamos na calçada, abro a porta da minha Mercedes para que Vanessa entre e se sente. Dou a volta e me sento atrás do volante.

— Esse carro é incrível — comenta, apalpando o sofá macio — deve ter custado uma nota, hein.

— Não custou mais do que tenho para dar — respondo quando já estou tocando o volante e fazendo o carro se mover.

Dou a partida e estaciono no primeiro restaurante que encontro a poucos quilômetros. A gente se senta numa mesa e deixo a irmã de Verônica folhear o cardápio à vontade.

— Posso pedir qualquer coisa mesmo? Tem certeza? Não vai reclamar não, né?

— Claro que não. Peça o que quiser — levo meu copo de vinho ao lábio enquanto penso em quanto tempo vou precisar aturar essa garota para saber sobre a irmã dela.

Chamo o garçom e Vanessa diz o que quer.

— O que vai querer, senhor? — ele me pergunta.

— O mesmo que ela.

Vanessa levanta os olhos para o rapaz e dispara:

— Faça por merecer e então terá a gorjeta.

Espero o cara se afastar, então encaro a garota à minha frente. Decote que deixa seus seios redondos à mostra, boca vermelha suculenta, sorriso de quem está louca por uma boa trepada. Eu poderia passar a noite com ela, fodê-la toda e assim não perderia meu tempo e minha viagem. A

garota tem um corpo atraente e embora seja escrota, é pegável. No entanto, não chega nem ao dedinho mindinho do pé da irmã. E não sou idiota, se eu trepar com ela, minhas chances com a irmã serão anuladas.

— Então me diga, onde está a sua irmã?

— Você não sabe?

— Eu não estaria perguntando se soubesse.

— Bom, ela terminou com o namorado ontem, acho que ficou muito mal com isso... apesar de tudo, o Cidão é um cara legal e no fundo, tenho certeza de que eles se amam.

— Mesmo? — levo minha bebida outra vez ao lábio para um gole e sorrio porque sei que tudo o que diz é uma tentativa de tirar a irmã da jogada. Acontece que a irmã é o cerne do jogo. Não cheguei tão perto para perder Verônica agora.

A nossa comida vem juntamente com novas bebidas e consigo retirar de Vanessa que a irmã dela está provavelmente na casa de uma amiga, Érica. Confirmo que essa é a camareira que trabalha com Verônica lá no hotel. Para a minha noite ficar perfeita e a prova de que o jantar não foi perda de tempo, consigo o endereço de Érica.

Após o jantar, a gente deixa o restaurante e Vanessa se recosta na lataria do meu carro.

— E então, mereço um beijo por ser tão boazinha com você, não mereço? — Vanessa sorri, toda oferecida para mim.

Chego bem perto dela e coloco meus braços em volta de seu corpo, a enjaulando. Ela toca meu rosto e cola os lábios carnudos em minha orelha.

— Você é um gostoso. Eu topo um motel agora mesmo, se quiser.

Não, não vou cair nessa. Antes que meu pau endureça, mantenho minha cabeça focada no meu objetivo. Verônica.

Colo meus lábios em sua orelha do mesmo jeito que fez segundos atrás comigo.

— Você é uma delícia, acontece que não consigo tirar sua irmã da cabeça — sussurro.

Seu sorriso se desfaz na hora e sei que por essa ela não esperava. Eu me afasto de seu corpo e aceno para um táxi.

— O que está fazendo? — ela quer saber, se desencostando do meu carro, me olhando, chocada.

— É um táxi pra você — aceno enquanto o táxi para.

— Por quê? Você não gostou de sair comigo? — resmunga — Não vai me levar pra casa?

O táxi para na nossa frente. Abro a porta traseira e a conduzo gentilmente até o banco. Fecho a porta, interrompendo o que quer que ela iria dizer. Bato na lataria do carro para que o motorista dê logo o fora e tire essa vadia de perto de mim. Subitamente o meu celular começa a tocar e vejo o nome do Ricardo na tela. Penso em não atender, mas sei que ele só pode ter algo muito importante a me dizer.

— Fala — digo com o celular no ouvido.

— Amanhã um telegrama direcionado à Selma dos Santos chegará em mãos. A esposa e filhas saberão sobre a dívida da casa.

— Certo. Obrigado.

— Boa noite, amigo. Tenho certeza de que terá lindos sonhos esta noite.

Desligo o meu celular, me sentindo aliviado e cheio de esperanças. Tenho certeza de que em breve Verônica virá até mim. Descarto a ideia de procurá-la no endereço da

amiga. Logo ela será minha por livre e espontânea vontade. Ricardo tem razão. Terei sonhos lindos esta noite. Entro no meu carro e sigo em direção ao hotel.

Capítulo 17

VERÔNICA

— **FILHA, A GENTE** precisa conversar — é a primeira coisa que a mãe diz logo assim que piso os meus pés em casa.

Surpresa com o anúncio e agora preocupada com o seu semblante de tristeza e profunda angústia, seguro minha bolsa com força, sem deixar de encarar a mãe.

— O que foi? Está tudo bem? — pergunto.

— Não, querida, não está.

Logo uma série de coisas vem à minha cabeça. *Como está o pai? Será que aconteceu alguma coisa com ele depois da briga feia que Vanessa e eu tivemos? Ou será que aconteceu alguma coisa com o Cidão depois que terminei com ele? Será que ele fez alguma besteira? Ah, meu Deus...*

— A casa, filha — seu rosto de angústia se transforma em derrota — a gente vai perder a nossa casa.

— O quê?

A mãe inesperadamente cai aos prantos, me deixando completamente triste e assustada. Meu coração se parte ao meio e uma sensação horrível toma o meu peito.

— Mãe, calma — pego em suas mãos — do que a senhora está falando?... como assim? Quem disse isso?

Ela ainda está aos prantos e tudo o que penso em fazer é abraçá-la e lhe dar todo o meu conforto.

— É uma dívida antiga, Verônica — diz em meio às lágrimas — A gente nunca contou nada pra vocês porque seu pai sempre achou que estava tudo bem, que ele teria dinheiro pra pagar prestação por prestação... até que as coisas complicaram, ele se aposentou e a dívida se tornou alta demais...

Enquanto minha mãe explica, fico imaginando a angústia e o sofrimento deles enquanto faziam tudo em segredo para não preocuparem as filhas, o quanto se esforçaram para resolver uma situação que nunca conseguiriam fazer sozinhos. Eu abraço minha mãe com muita força e deposito um beijo em sua cabeça.

— Mãe, deveriam ter falado antes... sabe que pode confiar em mim.

— A gente não tem esse dinheiro, filha... não tem dinheiro pra pagar pela nossa própria casa...

Conduzo à mãe ao sofá e me ajoelho na frente dela. Peço que tenha calma e que respire fundo, que todo esse nervosismo só fará com que as coisas piores.

— O que está acontecendo aqui? — Vanessa surge do nada, retirando os fones dos ouvidos e nos olhando com interesse.

— Fique aqui com ela, que vou pegar um copo de água com açúcar — peço à minha irmã que pela primeira vez na vida obedece a algo sem me questionar.

Corro para a cozinha, tentando bancar a forte, mas no fundo minhas mãos tremem e luto para manter a respiração normal. Começo a encher o copo com água,

vou pegar o açúcar e mexo a colher no copo. Enquanto faço isso minha cabeça vai até ao que acabei de descobrir agora: corremos o risco de perder a nossa casa! Meu Deus! Levo minha mão à boca, resistindo fortemente a vontade de chorar. Volto para a sala e ofereço o copo de água com açúcar para a minha mãe beber.

Horas mais tarde, meus pais já estão dormindo tranquilamente e eu não consigo pegar no sono. Amanhã vou ter que acordar cedo e voltar ao trabalho no hotel. No entanto não sinto sono nenhum. Ando de um lado para o outro na pequena sala de estar, pensando em como farei para conseguir o dinheiro que precisamos. É muito dinheiro... levo minha mão ao rosto, pensando, tentando encontrar uma solução, mas não vejo nenhuma luz no fim do túnel. Nem que eu trabalhasse a minha vida inteira conseguiria...

Subitamente a voz do careca engravatado lá do hotel surge em meu ouvido. Fecho os olhos. Lembro-me das coisas que falou. Uma proposta... uma grande soma de dinheiro em troca de... oh... só de pensar nisso me dá arrepios... em me vender... nunca passei por uma coisa como essa antes... nunca me imaginei fazendo uma coisa como essa ainda que eu precisasse... Raciocinando rápido, há apenas uma solução para que esse grande problema seja resolvido. Eu jamais cogitaria essa hipótese se a situação não fosse tão séria como é. Suspiro com tristeza. Lembro-me da imagem da mãe quando cheguei em casa e me comovo até agora com o estado em que estava. O semblante sofrido, os olhos vermelhos de tanto chorar...

lembro-me do que falei para ela depois que tomou a água com açúcar e se acalmou um pouco.

— Não vamos perder a casa, mãe. Vamos dar um jeito nisso. Não se preocupe. Tem que haver uma saída.

— Não sei, querida... você não ganha muito, e seu pai... aquela aposentadoria de porteiro não dá pra nada... e quanto à sua irmã... Bom, Vanessa nem tem um emprego...

— Vou dar um jeito nisso, mãe. Confie em mim. Vou pensar numa solução — eu a abracei com força. — A gente não pode perder a nossa casa...

Os pingos da torneira semiaberta caem e estalam alto, ecoando no meu ouvido. Sinto-me como a Polegarzinha nesse banheiro frio e amplo do hotel. A impressão que dá é que há uma torneira gigantesca por causa do barulho ensurdecedor que ela faz. Não que o barulho dos pingos seja algo realmente irritante, mas para quem está com a cabeça cheia de problemas, torna-se uma coisa insuportável.

É hora do almoço e não consigo me concentrar em outra coisa que não seja a dívida da casa. Minha mãe me dera uma bomba e agora preciso desativá-la. Desgostosa, levo as duas mãos ao rosto e o seguro. Me esforço para não chorar. Mas não consigo. Quero chorar, gritar, lamentar, mas não posso, pois estou dentro do hotel, o meu local de trabalho. Érica já está me aguardando no refeitório, onde costumamos nos encontrar para almoçar. Suspiro, levanto-me e prometo a mim mesma que não entrarei em pânico. Não. Não me desesperarei e clamarei a ninguém.

Lavo meu rosto na pia, o enxugo e depois saio do banheiro. Respiro fundo e caminho em direção ao restaurante. Minutos depois encontro uma Érica inquieta, já sentada à mesa. Controlando-me para não desmoronar em lágrimas, levo as mãos até os cabelos, tensa. Minha amiga comove-se com meu estado e lamenta por não poder fazer nada para ajudar.

— Então, vai aceitar mesmo a proposta? — pergunta, abalada com toda a história.

Dou um profundo suspiro antes de responder.

— Não tenho escolha. Meu mundo caiu, Érica. Estamos prestes a perder a casa. Você não tem ideia de como estou arrasada... — Contenho-me outra vez para não desmoronar aqui.

— Que barra, hein...

Limpando com a palma da mão uma lágrima que cai do rosto, comento:

— Já liguei para o cara. Ele ficou de me encontrar daqui a pouco no hotel.

Um silêncio impregna o ambiente.

— E os seus pais? Você não vai contar nada a eles, vai?

— Claro que não! De jeito nenhum! Nem em sonho! Deus me livre que eles saibam de uma coisa dessa! — meus olhos estão completamente arregalados, fico em pânico só de pensar nessa ideia. — Seria a maior humilhação do mundo pra eles. O maior desgosto que eu poderia dar. Nem quero imaginar.

— Você pode confiar em mim, ok? Não vou contar nada a ninguém. Fique tranquila.

— Eu sei — sorrio com carinho para ela, pegando em suas mãos — Confio em você.

— Claro que pode confiar. Afinal, somos amigas, quase irmãs — passa a língua pelos lábios nervosamente, tentando dizer coisas para me confortar. —, mas se isso serve de consolo, pelo menos você não vai ter que ficar com aquele gordinho baixinho...

Dou de ombros, desgostosa.

— Baixinho, careca, bonitão... é tudo a mesma coisa... a situação vai ser a mesma. Não tenho nada pra comemorar e muito menos pra onde fugir. Vou estar agindo de qualquer forma como uma... ah, você sabe.

— Não, Ve, não fale assim. Não se puna dessa forma. Preste a atenção: você está fazendo o que é necessário. É ponto-final. Se o cara vai te dar os cem mil, beleza. Você já quita tudo de uma vez e fica livre da dívida. Melhor que perder a casa que seus pais levaram a vida toda pra conseguir. Você não está fazendo nada porque gosta ou porque quer. Está fazendo porque está precisando, certo?

Seguro novamente em suas mãos, lágrimas descendo dos meus olhos.

— Obrigada.

— Não tem de quê. Pode contar comigo sempre. Sabe disso.

Capítulo 18

VERÔNICA

O SOL BRILHA à essa altura da tarde e está visivelmente disposto a queimar a pele de quem estar indiferente a ele. Há uma sombra perto do jardim e de lá é possível contemplar as verdejantes folhas das árvores. Na primavera isso, sem dúvida, ficará lindo. Meneio a cabeça. Com tantos problemas para pensar, ainda tenho mente para imaginar como ficarão floridas as árvores do hotel na primavera?

Suspiro. Olho ao redor. No horário combinado, me vejo sozinha e angustiada, bem longe do prédio principal. O nervosismo não passa, então massajeio as mãos. Entrara em contato com o careca engravatado e agora eu o aguardo próxima a uma das piscinas exuberantes da ala leste. Aflita, começo a andar de um lado para o outro, tentando reunir coragem para o que virá depois. De repente, eu o sinto, sua presença. Encaro-o. Ele, de fato, não é bonito. Nem sedutor ou coisa parecida. Mas possui uma certa elegância no modo de portar-se. Assim como no modo de falar.

— Senhorita.

— Oi, senhor...

— Augusto — estica a mão para mim e eu a aperto.

Ambos estamos nervosos ou desconfortáveis com essa situação.

Sem deixar de fitá-lo, passo a língua nervosamente pelos lábios, então murmuro:

— Eu liguei porque... bom, porque...

— Tudo bem. Não precisa explicar. Muito menos entrar em detalhes — cruza as mãos brancas à frente do paletó e pigarreja. — Antes de mais nada, preciso dizer uma coisa: meu patrão é quem está por trás da proposta e ele está seguindo hoje para Paris. Portanto, não vai dar tempo de acompanhá-lo. Contudo a levarei ao encontro dele logo que possível...

— O que disse?

Ele balança os cílios por dentro dos óculos de grau, confuso. Tanto ou mais que eu.

— Perdão? — ele diz para mim.

— Bom, é que você falou "meu patrão"... eu pensei que a proposta...

— Ah, sim. Me desculpe. A culpa foi toda minha. Eu não lhe expus toda a situação desde o princípio. Peço perdão. O fato é que essa proposta não é minha. Nunca foi.

Permaneço o encarando, e esperando que termine o que começou a dizer.

— Meu patrão. É ele quem está interessado na senhorita. Foi ele que me pediu que entrasse em contato e fizesse a proposta.

Sei que minha boca está aberta em um imenso O e não consigo falar mais nada. Tento arrumar a minha mente, organizar o que acabo de descobrir agora, mas não consigo juntar as peças.

— Bom, o que posso dizer é que ele é um homem confiável e íntegro. E que desde que a viu ficou encantado.

— E posso saber quem é ele?

— Um empresário importante. É tudo o que posso dizer no momento.

— Oh, meu Deus... em todo esse tempo achei que fosse você... — levo minhas mãos ao rosto, me sentindo cada vez mais confusa com toda essa situação. Quem é esse homem misterioso, afinal?

— A senhorita já viajou pra fora do país? Tem passaporte?

— Sim... eu tenho... quer dizer, é que uma vez quase fui trabalhar fora. Estados Unidos. Eu fiz um passaporte, mas acabou que o trabalho não vingou, mas isso já faz um tempinho... não vem ao caso...

— Entendo. Certo. Ainda hoje providenciarei as passagens aéreas e os exames.

— Exames?

— Sim, um *Check up*. Você compreenderá melhor quando der uma olhada no contrato.

— Está bem.

Imagino que seja algo para comprovar que não estou grávida e que estou bem de saúde, além de não possuir doenças venéreas.

— Aproveite e tire o dia para ir ao shopping e comprar tudo o que precisar. Estarei à disposição para ajudá-la, caso prefira.

Eu o encaro, pensando que minha expressão deve ser de alguém que viu um fantasma ou não entendeu nada. Do que ele está falando? Estou tão enrolada com dinheiro, com uma enorme dívida para quitar, e ele vem falar em shopping e em compras?

— Não se preocupe com dinheiro — comenta, me encarando, como se fosse capaz de ler meus pensamentos. — Foi deixada uma boa quantia para que a

senhorita pudesse se organizar melhor antes da viagem. Meu patrão pensou em tudo.

Engulo em seco, meus olhos arregalados.

— Uma quantia?

— Sim. Mas podemos também conversarmos sobre o contrato. O que acha?

— Claro.

Abre uma maleta preta e retira alguns papéis dela.

— Aqui está — me entrega algumas cópias. — Leia com atenção e caso tenha alguma dúvida, pode me perguntar.

Agitada, pego os papéis da mão dele e sento-me num banco da madeira ali perto, antes de começar a folhear os documentos. Leio superficialmente. Estou muito nervosa e tensa para raciocinar direito. Tudo o que quero é acabar logo com isso antes que o arrependimento me faça recuar. Em seguida, assino.

— Bom — ele diz, pegando uma das vias de volta. —, assim que marcar a viagem entrarei em contato. Devemos partir bem cedo. Tome, aqui está um cheque para as compras. Compre tudo o que precisar. Não se perturbe. Como disse, é para a senhorita gastar mesmo.

— Obrigada — pego o cheque de sua mão e observo o careca elegante girar o calcanhar e ir embora depois de se despedir de mim.

Minha mãe não consegue entender o porquê de eu querer viajar tão repentinamente e confesso que está sendo uma barra mentir tanto para ela. Parte o meu coração vê-la tão preocupada, mas ainda assim mantenho

as mentiras porque lá na frente tudo isso será por uma boa causa. A nossa casa.

— Não entendo, filha. Você simplesmente comenta que conseguiu um emprego no exterior e que vai viajar dentro de poucos dias...

Mamãe está me observando fazer as malas.

— Vai ser por uma boa causa, mãe. Não se preocupe, está tudo bem. Vou receber um bom dinheiro lá fora. Tudo em euros. E vou quitar a nossa casa.

Ela fica alguns minutos em silêncio, pensativa.

— Apesar de não estar entendendo nada, você é tão forte, tão batalhadora, filha, que dá orgulho de ver — sorri com ternura, até que então novamente a preocupação volta a estampar seu rosto — Mas, filha, me explique direito essa história de viagem... E o seu trabalho no hotel? E a faculdade?

— Mãe, está tudo certinho. Tranquei a matrícula da faculdade e não se preocupe com o hotel. Consegui um emprego melhor lá na França. Vamos conseguir o dinheiro pra pagar a dívida da casa.

Eu paro um pouco de mexer nas malas. Chego mais perto da mãe e pego nas mãos dela.

— Confie em mim, vai dar tudo certo, ok? Não dá para explicar agora, mas depois explico tudo direitinho, com mais calma. Prometo.

— Mas quanto tempo vai ficar lá fora? Você nunca foi pra fora do Brasil, Verônica... você nem sabe inglês ou francês, filha...

— Vai ser por pouco tempo — beijo suas mãos calejadas — Ei, fique tranquila. É um emprego temporário. Em breve estarei de volta. Aquiete seu coração, dona Selma.

— Mas como aquietar meu coração? Você vai com quem? Confia nessas pessoas? Sabe quem eles são de verdade?

— Confio. São pessoas sérias e honestas — minto — É tudo seguro, pode ficar sossegada.

— E quando vai partir?

— Amanhã bem cedo — suspiro. — Vou para a França. Já imaginou? Vou conhecer Paris, uma cidade linda e cheia de oportunidades!

Mamãe me encara, um pouco melancólica.

— Eu não sei, filha...

Respiro fundo e ainda mantenho suas mãos quentinhas nas minhas.

— Confie em mim, por favor. Estou fazendo por nós. E vou conseguir o dinheiro e salvar nossa casa. Em pouco tempo estarei de volta — eu a abraço com ternura.

— Certo... mas vê se manda notícias. Assim fico menos preocupada.

— Vou mandar, mãe. Claro que vou. Não se preocupe também com isso — beijo seu rosto.

Deitada na cama, passo a noite com gemidos inexprimíveis e lágrimas. Eu me contenho para que Vanessa, que está dormindo na cama ao lado, não ouça. Sei que não há como voltar atrás, nem se eu quisesse. É tarde demais. Amanhecerá o dia e partirei para a França, ao encontro de um cara que sequer conheço, para ser sua acompanhante de luxo, sua amante, seu objeto sexual. Jamais superarei isso, tenho certeza. Caí numa armadilha do destino. E não posso recuar. Minha família depende de

mim, precisa desse sacrifício. E por mais que seja difícil, é no bem de nós todos que preciso me concentrar antes de qualquer coisa. Se tenho como ajudar, ainda que de forma inapropriada, preciso ajudar. Não conseguirei ver meu pai doente e minha mãe, e mesmo minha irmã sem terem onde morar. Correndo o risco de viver embaixo da ponte. Isso seria um golpe ainda mais forte para superar.

O voo foi longo e cansativo. Durara cerca de doze horas e me deixou exausta. Augusto e eu havíamos saído do Rio às cinco da manhã e chegado à Paris exatamente às cinco da tarde. Após tomarmos um táxi, dirigimos para um restaurante ao ar livre antes de seguirmos para o hotel. Ele pedira *Coq au Vin* do cardápio, que fiquei sabendo que se trata de uma típica comida francesa, e vinho tinto para acompanhar a deliciosa refeição.

— A cidade é linda, você vai se apaixonar — comenta o homem à minha frente enquanto toma um gole do vinho tinto da taça.

— Sim, eu espero — dou uma garfada na comida do prato. Em seguida, levo o garfo até a boca, me esforçando para ser educada.

Ele me avalia por alguns segundos.

— Está nervosa?

— Um pouco... — admito. — Mas não pelo lugar, na verdade...

— Entendo — desvia o olhar. — Bom, ele não é tão ruim quanto pode parecer à primeira vista... bom, o que quero dizer é que vocês vão se entender bem, tenho certeza.

— Eu tenho minhas dúvidas... quer dizer, eu não sei... sinceramente, não sei o que pensar de um cara que faz um tipo de proposta como essa. Não me parece muito... confiável.

— Homens ricos e poderosos. No geral são assim. Convivo nesse meio há anos e tudo o que posso dizer é que me acostumei com o modo de serem.

Um silêncio paira no ar e observo o homem à minha frente. Augusto até que tem se esforçado e se mostrado uma pessoa bacana comigo. No entanto, é o empregado do homem que sonha em me carregar para a cama, e, portanto, devo ter muito cuidado com o que falo para ele.

— Você o conhece há muito tempo? — pergunto.

— Há um tempo suficiente para saber como é de verdade. Sou seu assistente e uma espécie de seu homem de confiança. Faço um pouco de tudo. Mas não posso reclamar porque ganho muito por isso. Um salário realmente invejável.

— E não pode nem me dizer o nome dele? Ouço muito você falar "ele", "meu patrão", mas nunca o nome dele.

— Bom, prometi que manteria segredo. Mas tudo o que posso lhe dizer é que tem menos de quarenta, muito dinheiro na conta bancária além de uma fortuna milionária. Seu rosto está sempre estampado em revistas. Ele tem negócios espalhados pelo mundo e é excelente no que faz. E, claro, tem muito orgulho disso.

— Céus, só não me diga que ele é casado...

— Oh, não. Não é do tipo que se prende a alguém. Gosta de liberdade. Na verdade, preza por ela. Gosta de estar no controle de tudo, inclusive de seus sentimentos. No entanto possui uma namorada fixa.

— Uma namorada?

— Sim. Na verdade, eles passam muito pouco tempo juntos, mas quando o assunto é eventos e jornalistas, gostam de posar como um casal apaixonado. Para a sociedade, formam uma junção perfeita.

Desvio o olhar, abraçando-me, sentindo um frio repentino. Acho que a conversa não tem me feito bem.

— Tudo bem? — Augusto me observa, preocupado.

— Tudo... Só estou um pouco nervosa... nunca fiz uma coisa dessa. É meio... assustador.

— Compreendo — limpa a boca com um guardanapo. —, mas se isso a consola, será por pouco tempo. E você vai receber uma boa quantia no final de tudo isso.

Quando chegamos ao hotel, fico atônita. Parece que estou dentro de um cenário desses filmes hollywoodianos sobre executivos ricos e poderosos. O lugar é esplêndido. Muito mais luxuoso que o hotel onde trabalhei. Encontro muitas pessoas elegantes pelo caminho. Mulheres chiquérrimas e sorridentes falando francês. Homens engravatados, que exalam poder. Só não me sinto tão mal porque estou devidamente vestida, com um elegante vestido preto e branco, na altura dos joelhos. Calço saltos e no meu cabelo há um coque perfeito. A bolsa é de marca e os acessórios também.

Havia passado apenas o batom e a sombra no rosto, já que nunca fui muito fã de maquiagem. Augusto me ajudara durante as compras ainda no Brasil. Nesse exato momento, ele dirige-se à recepção e troca algumas palavras em francês com o atendente. Enquanto isso vejo as malas serem formalmente carregadas pelo *bellboy*. Observo ao redor. Estou na França. Caramba, dá pra acreditar?! Se alguém me dissesse que isso iria acontecer um dia eu não acreditaria! Em plena Paris! E vestida como

uma senhora de respeito em um dos mais luxuosos hotéis do mundo! Sorrio pela primeira vez em treze horas de tensão. O que o destino ainda me reservará? Não tenho ideia.

Ao chegar no quarto, fico ainda mais perplexa com a incrível suíte. Ela é impecável, dessas que a gente só vê pela TV. Possui portas de madeira maciça, móveis de marfim, uma dupla de vidraça chiquérrima, que dá acesso à varanda delineada e florida. O piso é todo forrado com tapete vermelho e o do quarto é especialmente adornado com carpetes felpudos brancos.

— A senhorita ficará aqui à princípio — Augusto comenta. — Pedi para trazerem alguma coisa para comer. Se precisar de alguma coisa, qualquer coisa que seja, é só me telefonar. Estarei em uma das suítes ao lado. Na suíte em frente à sua estará o patrão.

— E quando terei que vê-lo? — mordo meu lábio inferior porque a ideia já me causa calafrios.

— Bom, ele está numa reunião de negócios agora, na companhia de alguns empresários — consulta o relógio no pulso. — Mas acredito que mais tarde vocês provavelmente jantarão juntos. Recomendo que vista algo bem elegante e que esteja deslumbrante. Tudo bem?

Concordo com a cabeça.

— Certo.

— Então até mais, senhorita. Desejo-lhe toda a sorte do mundo.

— Obrigada.

Augusto gira o calcanhar, passa pela porta e me deixa sozinha na minha suíte. Tranco a porta e olho em volta, observando cada detalhe desse imenso quarto de hotel. Sinto um misto de sentimentos. Fascínio, insegurança,

curiosidade, alegria e pavor. Examino cada pedaço do ambiente e fico ainda mais maravilhada com a ideia de que estou sozinha. Ao menos por algumas horas.

Levo os meus pés para o quarto dentro da suíte. Quartos e camas chiques são uma espécie de minha fixação. Aproximo-me da cama imensa e macia e me deixo afundar nela. Encaro o teto por alguns segundos. É mesmo um sonho estar neste lugar. O problema é a razão da hospedagem. Não estou nesse local por causa de uma viagem qualquer ou por diversão, mas sim como uma mera acompanhante de luxo de um homem que sequer vi, com quem nunca troquei palavras.

Estremeço com a ideia de ter que encontrá-lo mais tarde. Sim, terei que fazê-lo. E pior: terei que beijá-lo, terei que dormir com ele, que sentir seu corpo sobre o meu, sentir seu cheiro, seu órgão dentro de mim. Como será isso? Desde que me tornei mulher só conheci Cidão na cama, e mesmo assim já não transamos há muito tempo... mas aqui, nessa cama ou na dele terei que dormir com esse desconhecido, terei que sentir o toque de suas mãos em meu corpo, sua boca na minha... serei praticamente o seu brinquedinho de luxo. Suspiro. Não quero mais pensar nisso. Deito-me na cama, me abraço ao travesseiro e fecho os olhos, querendo que o sono me pegue.

Capítulo 19

VERÔNICA

ESTOU NERVOSA. Já é noite e o aguardo na sua suíte. Uma bela suíte, por sinal, mas o meu nervosismo é tanto que sequer consigo ficar olhando em volta e admirar o lugar. Tudo o que consigo fazer é tremer e unir os dedos de uma mão nos dedos da outra. Augusto me deixara aqui, à espera do homem. Disse que o patrão dele não demoraria. Em seguida, havia ido embora, deixando-me sozinha, aflita e insegura.

"Calma, Verônica, tente manter a calma".

Respiro fundo. Descruzo minha mão da outra e as desço em meu vestido. Eu o aliso. Estou dentro de um longo de seda amarelo bem sexy e calçando saltos de quase quinze centímetros. Meus cabelos estão soltos e cuidadosamente penteados, com leves cachos nas pontas. O batom vermelho valoriza meus lábios carnudos, os brincos de ouro e a sombra nos olhos completam o visual.

Estremeço quando, de repente, a porta se abre e avisto uma sombra surgir nela. *É ele. Só pode ser.* Para. Me olha de um modo que me faz congelar. Não. Não só a maneira de me olhar me faz congelar. Tudo nele me faz congelar. Novos passos seguros para a frente e, então, nossos olhos finalmente se encontram pela primeira vez. Pisco. Perco o ar. A confusão vem em minha cabeça imediatamente e me desorganiza toda. Pisco várias vezes, tentando reorganizar

a minha mente. Não. Não é possível. Não pode ser. Pisco de novo, mas permaneço o vendo ali bem em minha frente, a poucos metros de mim.

— Você? — minha voz sai surpresa, confusa e incrédula — O que está fazendo aq...?

E então tudo começa a fazer sentido.

— Verônica, eu não queria que fosse assim — diz.

Eu o encaro.

— Você... por quê? — por que ele? Eu nunca imaginaria e/e! Não o cara em quem apostei todas as fichas da minha admiração e confiança — Por quê?

Nesse momento ele afunda as mãos nos bolsos do terno azul marinho perfeito. Nossos olhos não se deixam por nenhum momento.

— Desde que a vi dançando em minha cama de hotel, não consegui mais tirá-la da minha cabeça.

Recuo um passo.

— Fiquei louco. Só sabia que precisava de você.

— Verônica, eu...

Recuo outra vez. Não quero mais ouvir o que tem a me dizer. Por que eu fui tão estúpida? Levo minhas mãos ao rosto e uma série de imagens passam em minha mente. Jonas me salvando do amigo dele no quarto de hotel, Jonas na porta do hotel, se oferecendo para me levar pra casa, Jonas sendo gentil, Jonas aparecendo repentinamente no pagode, Jonas ofertando dez mil por mim no concurso, Jonas me seduzindo...

— Meu Deus, como eu fui tão burra?

— Verônica...

Eu o encaro novamente, agora mágoa e decepção me tomando por completo.

— Por que agiu como se fosse o homem mais honrado do mundo?

— Eu não queria causar uma má impressão em você. Você começou a me ver como um homem gentil e a confiar em mim. Eu não queria perder aquilo por nada. Eu a desejava, mas não queria perder a sua admiração. Sabia que me odiaria no momento em que soubesse de tudo, como parece estar fazendo agora.

Por mais que eu o encare e que eu ainda sinta uma coisa forte por esse homem, não aceito o modo como me tratou, como for ardiloso, frio, falso. Estou tão confusa e nocauteada com a revelação que nem consigo mais saber ao certo o que fazer.

Ele, então, chega ainda mais perto, com passos lentos, de um predador que só está examinando a presa.

— Verônica, não sinta raiva de mim — diz, a voz baixa.
— Eu preciso de você.

Limito-me a encará-lo. Estou estática e o olhar dele é penetrante demais para que eu consiga fazer qualquer coisa, até mesmo desviar os olhos. Em segundos ele já está na minha frente, bem mais perto, e perco o ar quando sinto o primeiro toque de sua mão. Ela é macia, mas dura, firme. Seus olhos azuis não saem dos meus no instante em que leva minha mão gentilmente aos lábios.

— Será que a gente pode começar de novo?

— Bom, vim fazer o que estava descrito no contrato. Sou uma profissional agora e prefiro que me veja dessa forma porque será dessa forma que o verei.

Ele parece engolir em seco, talvez surpreso com o que acabei de lhe dizer, mas então, assente.

— Será como quiser — diz.

Jonas gira o calcanhar de repente e se afasta de mim. Sigo seus movimentos com os meus olhos e o avisto ir ao bar para se servir com alguma bebida.

— Você quer beber um pouco? — pergunta de onde está, enquanto vejo o líquido âmbar atingir o seu copo de vidro.

— Não, obrigada.

Ele termina de se servir e começa a fechar a garrafa.

— Está decepcionada, eu sei, mas espero que eu possa melhorar essa situação — guarda a garrafa no local onde a pegou e volta lentamente para perto de mim, ainda que não tão perto como anteriormente.

Detesto saber que o Jonas que eu conhecia é diferente de tudo o que pensei que fosse, que ele não passa de um personagem, que ele na verdade é o oposto do que conheci. Estou trêmula, olhando para o cara à minha frente e tentando ainda lidar com todos os sentimentos contraditórios que sinto.

— Você está linda — elogia, seus olhos em mim e sua boca no uísque.

Aproveito esse momento para observá-lo melhor. É praticamente impossível não me sentir desconfortável com essa presença onipotente tão próxima à minha. De fato, ele é um homem magnífico com M maiúsculo e tem um olhar extremamente intimidador. Não está mais tomando seu uísque agora. Seus olhos estão em mim, sabendo provavelmente que eu o estudo agora. Seu queixo é firme e seus cabelos escuros parecem mais negros do que eu me lembrava. Sua colônia tomou conta do ambiente desde que ele passou pela porta e tenho medo de que ela possa ser capaz de me fazer fraquejar, mesmo eu não devendo.

— Você está bem? — quer saber.

Como eu poderia estar bem depois de tudo o que descobri? No entanto respondo a ele:

— Sim, estou.

— Bem-vinda à Paris. Podemos sair pra conhecer a cidade amanhã, se gostar da ideia — comenta, atencioso.
— Tenho um compromisso na parte da manhã, mas nada que tome muito o meu tempo e me impeça de sair com você à tarde. Teremos a tarde toda livre. E posso te mostrar alguma parte da cidade.

Não sei o que responder. Não sei o que pensar. Foi por isso que Augusto foi impedido de me revelar a identidade do patrão? Obviamente que sim. O que me sugere o quão calculista Jonas é. Engulo em seco. Na verdade, adoraria sair para conhecer Paris, mas não na companhia dele. Agora que o vejo como realmente é todo o encanto ficou para trás. Acabou. Eu gostava mais do antigo Jonas. Eu estava me envolvendo por ele... me apaixonando... não por esse que me quer como uma prostituta... e quanto a conhecer Paris, prefiro ir sozinha ou até mesmo na companhia de Augusto, que é alguém com quem já me sinto um pouco mais à vontade, se for o caso.

— Verônica — continua ele, chegando mais perto. —, preciso que me perdoe e realmente que não haja formalidades entre a gente. Me chame de Jonas. E saiba que não precisa se sentir obrigada a fazer o que não quer. Isso aqui é uma viagem, não uma prisão. Portanto, espero que se divirta.

Divertir-se? Está brincando? Bom, isso fala o cara que me enganou esse tempo todo, que fingiu ser outra pessoa quando na verdade é uma totalmente diferente.

Nesse momento o celular dele toca e eu imagino que possa ser sua namorada. Ou talvez seja apenas uma

ligação do trabalho.

— Eu preciso atender — diz — eu já volto.

Ele me dá as costas, põe o aparelho no ouvido e começa a falar com a pessoa do outro lado. Olho para a imensa porta de vidro que dá para uma varanda e vou até lá. Um pouco de ar me fará bem. Em fração de segundos eu me pego observando a vista encantadora da cidade. Paris é um sonho. Não há nada que explique o que a cidade é e o que estou sentindo. Olho para trás e Jonas ainda está tendo uma ligação de dentro da suíte. Suspiro. Volto o meu olhar para a bela vista e tento relaxar, ainda que isso seja difícil e angustiante. Fecho os olhos e tento me perder por alguns minutos, até que uma brisa de repente atinge minha pele e deixam meus pelos dos braços eriçados. Estremeço mais ainda quando sinto que não estou mais sozinha aqui fora.

Eu me viro para a frente e encontro um par de olhos azuis bem vivos. Deus, ele é mesmo lindo. É extremamente sexy. Tem um sorriso perfeito nos lábios e seu olhar parece ser capaz de penetrar a alma. Todavia um alerta apita em minha mente. Não, você não tem que se envolver com ele. É só sexo. Algo carnal. É pago. E ainda que ele esteja se esforçando para ser atencioso e agradável, ele te enganou! Te iludiu! Encarnou um papel esse tempo todo!

— Gostou? — indaga. Como não respondo, diz: — Venha ver isso — pega a minha mão, e me conduz até o outro lado da varanda. Ao chegarmos lá, aponta para uma luz brilhante, que de longe parece ser apenas um ponto amarelo no meio de toda a cortina azul do céu. — Está vendo?

— É a Torre Eiffel — sorrio por um único momento, minha voz num sussurro, meus olhos mirando o ponto, completamente encantada.

Realmente isso tudo é incrível e acho que nunca teria uma oportunidade linda como essa um dia se não fosse.... bom, se não fosse por ele e pela situação. Nunca havia imaginado que um dia estaria aqui, em plena Paris, vendo a famosa torre, mesmo que de longe. E isso, sim, parece um sonho. Mas também haverá um momento que se tornará um pesadelo.

— Gosta do que vê?

— É incrível — sussurro.

— Podemos ir até lá amanhã ver de perto, se quiser.

— Eu não sei...

De repente a brisa fria surge de novo e eriça todo o meu corpo.

— Está com frio — pega outra vez em minha mão. — Venha, vamos entrar. Há uma lareira lá dentro.

Jonas abre o caminho e me deixa passar primeiro. Assim que passa pela vidraça, fecha a enorme porta e me segue. Ele tem razão. Aqui dentro da sua suíte está bem mais quente. Sinto-me melhor no calor da sala aconchegante, a lareira acesa, apenas os abajures iluminando o cômodo. Jonas aproxima-se devagar. O momento parece propício para uma investida, mas... as luzes da sala estão apagadas e apenas os abajures iluminam todo o ambiente. Aproxima-se mais lentamente, toca meu braço delicadamente. Sinto minha pele arrepiar com seu toque. Cerro meus olhos e tento pensar que estou em outro lugar e não nessa situação.

Pousa o dedo indicador no meu lábio, brincando com ele, e lentamente começa a beijar meu braço... depois o

pescoço, o ombro. Estremeço ainda mais com seu toque — não sei o que é pior: o frio ou seus lábios contra a minha pele agora. Jonas, então, passa a segurar minha cintura com uma das mãos, e me puxa para si. Suspiro. Por um momento, fico sem ação, sentindo meus seios contra a dureza de seu peito. Minha nossa, ele é enorme e duro! Estou tão tensa, tão nervosa... tensa demais para esboçar qualquer reação. Ele continua beijando meu corpo insistentemente, até que afunda o rosto na curva de meu pescoço e me deixa sem ar. Ah, meu Deus... isso é maravilhoso. No entanto uma confusão paira em minha mente. Ele não quer romance comigo, quer apenas me levar pra cama e fazer de mim seu brinquedo de luxo... eu estava prestes a me apaixonar por ele, a lhe entregar meu coração... e agora tudo o que sei é que quer me usar.

Uma sensação estranha vem em mim e não consigo relaxar. Eu o empurro com delicadeza, então fujo de seus braços. Sequer espero pela sua aprovação. Simplesmente passo por um Jonas imponente, poderoso, e caminho até à saída. Sinto seu olhar de surpresa e confusão atrás de mim, mas ele não vem atrás para me impedir de ir. Puxo a maçaneta da porta e me retiro da suíte, deixando para trás um homem que tenho certeza de que não está acostumado a ser rejeitado.

Capítulo 20

VERÔNICA

TRANCADA NO QUARTO, não consigo pensar em outra coisa que não seja na loucura que acabei de cometer e - principalmente - em toda a confusão que está a minha vida.

Como tive coragem de empurrar o Jonas e sair correndo da suíte dele? O que, afinal, deu na minha cabeça? E se ele estiver morrendo de raiva agora? E se me mandar de volta pra casa? Se fizer isso, o que vou fazer? Certamente ele vai me mandar embora e dizer que depois dessa humilhação quem não quer mais agora é ele! Que homem aceitaria uma coisa dessa? Ainda mais um homem rico e seguro de si como ele! Está claro que coloquei tudo a perder! Não tem mais jeito, acabei de cavar a minha própria sepultura... pior: a da minha família. Querendo ou não, aquele homem é a solução para todos os meus problemas.

Calma, Verônica.

Respiro fundo. Afundo na beirada da cama, tentando reorganizar os meus pensamentos. *Ai, caramba. Bom, o mais inteligente agora é esperar a poeira abaixar.* Suspiro. Levo minhas mãos ao rosto. *Calma, está tudo bem. Se ele quiser me mandar embora, paciência. Darei tudo de mim e*

consegurei de alguma forma juntar o dinheiro para pagar a casa.

Subitamente olho para a porta e avisto a maçaneta girar, como se alguém tentasse entrar. Em seguida a maçaneta volta ao lugar. Sei que é ele, Jonas, que está lá fora, atrás da porta. Prendo a respiração, como se ele pudesse de alguma forma me ouvir ou sentir. Espero. Vejo a sombra de seus pés se afastar da porta e sei que ele está indo embora.

Permaneço na cama, mas agora começo a abrir a presilha da minha sandália cara. Faço isso com um pé e depois com o outro. Abandono as sandálias no chão e volto a me aconchegar na cama. Puxo um travesseiro até mim e me abraço nele. Tento não pensar no Jonas e no que rolou esta noite. Foi muita decepção para um momento. Só quero dormir e esquecer que estou aqui, nesse imenso quarto de hotel, pronta para ser seu objeto sexual - isso se ele ainda quiser levar essa história à frente.

JONAS

LEVO OS MEUS PÉS até à suíte de Verônica e pego na maçaneta da porta. Eu a giro, mas a porta não se abre. A garota se trancou lá dentro. Estava claro que ela faria isso. Encosto a minha testa na madeira da porta. Gostaria de falar alguma coisa para Verônica e mostrar que não sou esse monstro que ela está pensando. Suspiro. Não vou forçar a barra. Imagino o quanto esteja assustada e confusa, especialmente com a revelação de que sempre fora eu desde o início. Eu finalmente largo a maçaneta e me afasto da porta. Volto para a minha suíte. Neste momento o meu celular toca. O nome de Paula aparece no visor enquanto me decido se vou atender ou não. Faz dias que não telefono para ela. Respiro fundo antes de atender. Sei que sou um cafajeste por enrolá-la tanto, ainda que eu nutre um pouco de sentimento por ela. A questão é: isso não é o suficiente para eu querer me casar. Claro que não. O celular não para de chamar. Finalmente o levo ao ouvido.

— Olá, Paula! — digo.

Paula sorri do outro lado da linha, a voz macia como a de uma felina.

— *Demorou... o que será que está acontecendo, meu super Jonas? Anda me evitando?*

— Não é isso — esfrego a minha mão esquerda no rosto — Eu tenho trabalhado muito ultimamente. Você sabe, a Luxus é tudo pra mim.

— *Acho que só me enrola* — suspira com desânimo — *O problema é que o amo mesmo assim.*

— Me diga, honey, o que anda fazendo de tão interessante longe de mim?

Paula volta a rir.

— *Muitas coisas.*

— Ah. Muitas coisas? Que tipo de coisas?

— *Compras, claro... mas hoje quero saber de você. Onde está, Jonas? Em que país?*

— Na França. Mais precisamente em Paris.

— *Oh! Como eu queria estar com você aí em Paris... amo a cidade. Posso voar até aí e encontrá-lo...*

— Não, Paula, melhor não — corto, mesmo sabendo que o meu tom sai áspero. — Quero dizer, não é uma boa ideia... ando muito ocupado e talvez nem consiga dar toda a atenção que você merece.

— *Oh, Jonas, estou com tanta saudade... por que você faz isso comigo?*

— Tenho uma ideia melhor — afundo no sofá. — Posso encontrá-la depois de amanhã. Vou ter uma reunião na Florida e prometo passar aí em Miami pra vê-la. Palavra de honra.

— *Depois de amanhã?* — parece pensativa, e, em seguida, sorri maliciosa. — *Oh, mas o que você está planejando, hein, garanhão?*

— Surprise, baby. Surprise.

Dá a gargalhada gostosa que tanto gosto.

— *Okay, baby. Então, nos veremos depois de amanhã. E se me enganar, será um homem morto, Jonas Malta. Entendeu?*

— Eu morreria feliz se fosse a seu lado, honey. Bye.

Ao desligar o telefone, eu o abandono na mesinha de centro. Suspiro. Sim, sou um canalha. Sim, e não me envergonho disso, é verdade. Mas nunca incentivei ninguém a gostar de mim. Por mais que eu minta para Paula, sempre deixei bem claro quem sou de verdade. Um

homem ambicioso e frio, que é capaz de tudo para conseguir os seus objetivos - não um príncipe encantado. Também tenho a consciência de que tenho uma namorada linda e cheia de gás, e mesmo assim, desejo outras - no momento só Verônica. Mas antes dela já tive outras mil puladas de cerca.

Ao nascer do sol, tomo um banho e coloco um moletom preto. Me encaro no espelho e bagunço meu cabelo preto com as pontas dos dedos. Antes de deixar o quarto, pego uma camiseta branca e vou a vestindo pelo caminho, até chegar na sala de jantar, onde encontro Augusto, como sempre a postos.

— Bom dia, senhor. Espero que tenha tido uma boa noite de sono — soa, discreto e formal, como de costume.

— Bom dia, Augusto. Dormi muito bem, obrigado. Sente-se e tome café comigo.

Olho para a mesa farta e variada e toda essa visão já abre o meu apetite. Augusto puxa uma cadeira cuidadosamente sem fazer ruídos e senta-se em frente a mim. Enquanto despejo o café preto na minha xícara, sinto sua atenção em mim. Olho para a janela enorme de vidro lá fora e constato que a manhã em Paris está ensolarada e parece mais quente que o normal.

— Tem notícias da Verônica? — pergunto — À propósito, ela já acordou?

— Não sei, senhor. Quero dizer, talvez ela ainda esteja deitada.

— Certo — tomo o meu primeiro gole do café — Quero ficar a par de tudo o que acontece — digo — Principalmente em relação à garota.

Consulto a hora no pulso.

— São sete e meia. Tenho que ir. Vou encontrar dois empresários daqui a pouco e vou almoçar com eles. Talvez até jogue algumas partidas de tênis antes de voltar para o hotel. E quando isso acontecer — olho diretamente para seus olhos castanhos — Quero encontrar a garota tranquila e feliz. Entende o que quero dizer?

Parece pensativo e por um segundo preocupado com a minha última frase.

— Acho que entendo, senhor.

— Ótimo.

Eu me levanto da mesa, e sigo de volta para o quarto.

VERÔNICA

NÃO QUERO SAIR do quarto. Tenho medo de esbarrar em Jonas no caminho e a verdade é que não sei o que faria se isso acontecesse. Ainda não estou pronta para lidar com isso. Sequer sei o que dizer a ele, mas tenho a intuição de que me mandará embora. Meu celular inesperadamente toca, causando palpitações em meu coração. Reconheço o nome de Augusto no visor, então isso me deixa um pouco mais aliviada.

— *Bom dia, senhorita, sou eu, Augusto.*

— Oi, Augusto, bom dia.

— Dormiu bem?

— Oh, sim, obrigada.

— *Bom, não é nada de mais, só queria mesmo saber se está tudo bem e se não está precisando de alguma coisa.*

— Oh, não, não estou precisando de nada. Não se preocupe.

Mexo o meu cabelo, mordendo meu lábio inferior, me preparando para o momento em que ele mencionar o chefe e dizer que a ordem é me colocar no primeiro voo que aparecer. Não tenho ideia do que será da minha família agora, mas sou forte o suficiente para erguer minha cabeça e arrumar as minhas malas.

— *Não vai sair do quarto? — Augusto quer saber — Já são dez e quarenta da manhã. Faz bela manhã lá fora. Podemos ir às compras, se quiser, ou mesmo almoçar em um restaurante ao ar livre. As recomendações que recebi foram para deixá-la tranquila e feliz.*

Pisco os olhos e tento absorver o que acabou dizer, especialmente as últimas palavras.

— Como é?

— *Exatamente isso que ouviu.*

— Ele falou isso pra você?

— *Sim. Essas mesmas palavras. Tranquila e feliz.*

— Mas e então — gaguejo porque realmente estou surpresa com a ideia de que Jonas não ficou furioso e não quer me mandar embora —, onde ele está agora?

— Bom, ele foi a um almoço de negócios. Deve demorar um pouco.

Mais aliviada ao ouvir isso, relaxo meus músculos e afundo na beirada da cama.

— Certo, entendi.

— *E o que me diz do passeio?*

Penso um pouco. Talvez a ideia não seja tão ruim, afinal, Jonas está fora e eu não poderei ficar a vida inteira trancada nesse quarto de hotel.

— Está bem. Você pode me dar quinze minutos? Vou só tomar um banho e me aprontar.

— *Fique à vontade. Tome o seu café primeiro. Estarei esperando.*

Após almoçarmos em um restaurante ao ar livre e conhecer mais um dos pratos típicos da cidade, a gente volta para o hotel e até aceito a ideia de entrar na piscina enquanto um Augusto - não mais engravatado, como de costume, mas ainda assim completamente formal e desfocado ali, fica por ali perto, tomando um suco de frutas. Por um momento esqueço o lado ruim da viagem e consigo curtir a água deliciosa.

— Venha, Augusto, entre na água! — grito para ele enquanto estou boiando — Não acho justo estar nessa piscina incrível enquanto você está aí com essa roupa quente — brinco.

— Eu me contenho com a sua alegria, senhorita, e com o meu suco — me mostra a taça.

— Ah, para. Isso não é nada comparado aqui dentro. Venha!

Insisto tanto que ele sorri e se levanta dizendo que irá colocar uma roupa apropriada. Eu me pergunto se ele vai fugir de mim, mas o homem surge alguns minutos depois vestindo uma cueca azul marinho. Ele pula na piscina e boa parte da água cai em meu rosto. Sorrio e dou um mergulho. Quando volto outra vez à superfície, respiro todo o ar que ficara preso e afasto boa parte da água fresca do meu rosto. Nesse instante algo subitamente me chama a atenção. Na verdade, não é exatamente algo, e sim *alguém*. Jonas. Ele está com as mãos enterradas nos bolsos do jeans, me observando com atenção. Surpreendida, desvio o olhar. Augusto, ali perto e também dentro da piscina, sai imediatamente de onde está e vai murmurando vários pedidos de desculpa enquanto vai ao encontro do patrão. Vejo os dois trocarem poucas palavras e um Augusto muito tenso se afasta. Jonas continua onde está. Depois de tudo o que acabou de acontecer, não há mais clima. Imediatamente saio da água e logo me cubro com a saída de praia. Ao passar por ele, tento manter meu queixo erguido. Não devo nada a ninguém.

— O que foi? — me indaga — Já cansou da piscina?

— Já fiquei tempo o suficiente — fito seus olhos escondidos pelos óculos de sol.

— Parecia estar se divertindo.

— É, eu estava.

— Então por que não volta?

Dou de ombros.

— Acho que já fiquei tempo o suficiente.

— Isso é por que estou aqui? — retira os óculos escuros do rosto e os pendura na gola da camiseta vermelha — Você parecia muito bem quando Augusto ainda estava por perto.

— Deve ser impressão sua. Acho melhor subir e me trocar — dou um passo à frente, mas ele segura o meu braço, me impedindo de ir.

— Por acaso está me esnobando? — rosna, baixo, para só eu ouvir. Meus olhos recaem em sua mão grande e firme na minha pele. Ele provavelmente se dá conta do que acabou de fazer, então me solta.

— Me desculpe — murmura, colocando os óculos de volta ao rosto.

— Com licença, senhor, acho melhor...

— Não me chame de "senhor", porra. Quantos anos acha que tenho?

Eu o encaro. Ele me encara de volta. Seus olhos novamente escondidos pelos óculos.

— Você sabe a droga do meu nome.

— Jonas — repito, ainda encarando-o — E já que comentou isso, quero dizer uma coisa: você pode até me obrigar a voltar pra piscina e a fazer o que quiser. Pode também me obrigar a seguir para a sua suíte agora mesmo e a realizar os seus caprichos. Mas não pense que vou voltar a vê-lo como antes. Você nem de longe é o cara que conheci.

Dito isso, apresso os meus passos e sigo o meu caminho de volta para o hotel.

Capítulo 21

JONAS

— **NÃO SABIA** que estava te pagando para tomar suco à beira da piscina e mergulhar nela — comento, tentando disfarçar todo o meu incômodo com o fato de Verônica parecer muito mais à vontade com Augusto do que comigo.

— Peço desculpas, senhor. Não era a minha intenção chateá-lo. Prometo que isso não vai mais se repetir.

Bebo um gole do meu uísque, tentando controlar a minha raiva. No fundo o fato de Verônica me rejeitar e me desprezar é algo com que não contava quando planejei usar a dívida da casa para tê-la. Porra! Eu deveria ter pensado nisso antes de pensar em jogar sujo.

Um movimento de Augusto me faz lembrar que ele ainda está presente na minha frente. Eu o fito. Pergunto:

— E o que os dois estiveram conversando às minhas costas?

Augusto permanece imóvel, me encarando, mas sou capaz de observar sua expressão mais tensa, como se estivesse preocupado com o que irá responder.

— Na verdade sobre nada em especial — explica — Acho que ela só não queria ficar sozinha e por isso me convidou para lhe fazer companhia na piscina.

— E o que vocês costumam conversar quando estão juntos e a sós? Ela fala sobre mim?

— Sim, pergunta como o senhor é e tenta entender por que fez a ela esse tipo de proposta.

— E o que você responde?

— Que tenho certeza de que vocês se entenderão.

Tomo mais um gole do meu uísque, aprovando a resposta que deu, mas me perguntando se não está sendo um tanto otimista.

— Eu tenho minhas dúvidas.

— A garota só precisa de um tempo, senhor. Só precisa confiar mais.

Penso um pouco nessas suas últimas palavras. Assinto. Pode ser. Também gostaria que Verônica parasse de me ver como um monstro cruel.

— Avise a ela que gostaria que me acompanhasse hoje à noite a um evento. Ela não precisa se preocupar com roupas agora.

— Farei isso.

Abandono o meu copo vazio na mesinha de centro e em seguida me levanto.

— Diga que é importante que esteja linda e que pareça feliz a meu lado.

— Sim, senhor.

Sigo para o meu quarto, deixando Augusto para trás na sala de estar da suíte, e penso no que fazer esta noite para agradar Verônica e começar o meu processo de reconquistá-la. A primeira coisa a ser feita é aplacar essa raiva que está sentindo de mim.

VERÔNICA

— **O PATRÃO IRÁ** a um jantar de gala esta noite — Augusto comunica assim que passa pela minha porta. — A senhorita irá acompanhá-lo. Se vista com o melhor que tiver. O evento é realmente glamouroso. Caso não encontre nada adequado, podemos sair para comprar algo melhor.

— O problema não são os vestidos, nem mesmo a maquiagem... bom... é que não sei se vou saber me portar em eventos como esses... na hora da comida, quero dizer, como vou saber, por exemplo, qual talher escolher? Eu não sei se dou conta disso...

Augusto sorri de um modo paciente e terno.

— Fique tranquila, vou orientá-la. Não é um bicho de sete cabeças. Só preste a atenção em todos os detalhes que eu disser.

— Certo. Obrigada.

Continuo o encarando e me lembro de como Jonas pareceu detestar o fato de vê-lo comigo na piscina mais cedo.

— Espero que ele não tenha brigado por ver você comigo na piscina.

— Ele reclamou, mas já está tudo bem. Não me demitiu, como na hora imaginei.

Estou um pouco mais aliviada agora. Augusto é um sujeito bacana. Ele me conduz à mesinha de centro e coloca vários talheres nela. Explica com paciência para que serve cada um deles. Aos poucos percebo que tem razão: não é um bicho de sete cabeças. Já consigo identificar a

maior parte dos garfos e colheres, e já consigo mostrar um sorriso.

— Tudo ok? — me encara, ainda agachado próximo à mesinha.

— Tudo. Obrigada.

Algum tempo depois, quando Augusto vai embora, corro para o banheiro e levo um bom tempo relaxando embaixo da água espumante da banheira de mármore. Minha mente voa longe, vai até o Brasil e eu me dou conta de que desde que cheguei a Paris só dei dois telefonemas à minha mãe: um, na mesma noite em que cheguei; e outro hoje logo após o almoço. Bem que eu gostaria de ligar de novo, mas como não vou poder demorar, é melhor deixar para telefonar mais tarde após o evento.

A água já está começando a ficar fria. Puxo o roupão cinza que deixei ali perto e me levanto um pouco enquanto me cubro com ela.

Saio da banheira com cuidado, ajeitando o cinto do roupão cinza, vou até o closet escolher o vestido ideal. Examino vários deles e fico feliz por encontrar um que me valoriza. Jamais pensei que um dia teria tantas roupas lindas e caras para escolher. Puxo um cabide preto e pego um vestido verde-limão. É bonito, elegante, sofisticado e, obviamente, adequado para a ocasião. Calço um par de saltos pretos. Depois de pronta, prendo meus cabelos perfeitamente em um coque e, em seguida, cuido da maquiagem. Nada exagerado. Apenas sombra, base, blush e batom. Depois de completamente pronta, me avalio um pouco no espelho e, apesar de tudo, fico satisfeita com o resultado. Estou bonita e elegante.

Um pouco mais tarde, já na suíte dele, respiro fundo e tento não mostrar a ele o quanto pode ser capaz de me desestabilizar ainda que seu olhar penetrante esteja em minha direção. Viro o meu rosto e tento me concentrar no que terei que fazer daqui a algumas horas. Aprendi mais cedo com Augusto sobre como usar os talheres e a forma como me portar em um evento como o que Jonas irá me levar, então não posso falhar. Também não posso desmoronar, mesmo que eu me sinta um mero objeto pendurado numa vitrine cuja finalidade é ser cobiçado e usado. Suspiro. Tento manter a calma, mas fico um pouco mais nervosa agora que Jonas está se aproximando lentamente. Sou capaz de sentir sua colônia envolvente de almíscar e, por um momento, me envolvo não só pelo cheiro que exala dele, mas também por sua beleza e altivez. Ele é maravilhoso, de fato. Alto, elegante, charmoso, sexy. Ergo meus olhos e não há como ignorar o seu smoking carvão impecável.

— Você está linda — há um sorriso no canto de seus lábios e tenho certeza de que esses lábios são muito experientes no que diz respeito a beijos — Aliás, linda é pouco. Você está maravilhosa.

Não consigo respirar, mas me esforço para murmurar um “obrigada”. Jonas permanece me observando, toca meu rosto com o seu dedo polegar e o indicador. Chega ainda mais perto de mim, me fazendo estremecer e virar o rosto. Segura meus cabelos na altura da nuca com firmeza e fecho os olhos quando sinto que vai me beijar. Logo seus lábios pressionam os meus e sua língua invade a minha boca, não me dando outra alternativa senão me esquivar. Ele percebe meu desinteresse e, mesmo não querendo,

recua dois passos. Pigarreia, aparentemente um pouco contrariado.

— Bom, acho melhor a gente ir.

Ele abre o caminho para eu passar primeiro. Quando saio de sua suíte, caminho até o elevador, segurando a minha bolsa de mão com firmeza, despejando nela todo o meu desespero. Sinto Jonas a todo momento atrás de mim. Seu cheiro delicioso mexe comigo de uma forma que eu não gostaria e isso me deixa confusa e ainda mais nervosa.

Estamos apenas nós dois no elevador elegante. Jonas aperta o botão do painel e se coloca ao meu lado. Ele não diz nada, mas enquanto mantenho meus olhos fixados na porta de alumínio do elevador, sinto seus olhos sobre mim.

— Você já ligou para a sua mãe? — pergunta de repente, me surpreendendo. Tanto que eu o encaro.

— Sim... já.

— Espero que ela não esteja preocupada.

— Não se preocupe. Estou cuidando de tudo.

A porta do elevador finalmente se abre e Jonas mais uma vez me deixa passar primeiro. Eu o ouço cumprimentar em francês alguns outros hóspedes que encontramos pelo caminho. Já na rua, há uma limusine branca estacionada. Com gentileza Jonas abre a porta para que eu entre primeiro, como sempre. Tenho que admitir, ele é um cavalheiro. Ele se senta ao meu lado no elegante banco traseiro. Isso me deixa ainda mais nervosa. Especialmente depois do beijo que tentou me dar. Não consigo relaxar. Fico o tempo todo pensando no que ele espera de mim, não sei o que fazer... bom, se concordei em estar aqui com ele em Paris, tenho que começar a agir como uma profissional.

Um alívio toma a minha alma quando Jonas atende o celular e gasta um bom tempo conversando com outra pessoa. Em seguida com mais outras. Ao que parece, fala sobre negócios, coisa que não entendo e nem mesmo me esforço para entender. Quanto menos souber da vida dele, melhor. Não quero prestar a atenção no que diz. Tento relaxar e acabo me distraíndo um pouco ao observar as ruas parisienses, as construções, o modo como as pessoas se comportam e se vestem. É como se eu estivesse em outro mundo completamente diferente. Volto à realidade apenas quando sua mão firme pega na minha com gentileza e a leva até os lábios.

— Fique tranquila — murmura com a voz aveludada. — É só uma festa estúpida com um monte de gente mais estúpida ainda. Assim que puder, voltaremos para o hotel.

Viro o meu rosto para fitá-lo e pela primeira vez olho bem dentro de seus lindos olhos azuis. Abro minha boca, mesmo sabendo que deveria mantê-la fechada.

— E quanto à sua namorada? — não sei de onde saiu isso, mas agora é tarde demais.

Eu gostaria de poder voltar alguns segundos e morder a língua, mas isso é impossível. Ele me encara e seu cenho está franzido, no então não responde à minha pergunta. Nesse instante seu celular volta a tocar e ele o leva ao ouvido. Respiro fundo, dizendo a mim mesma que devo ficar calada.

Mais meia hora se passa e Jonas ainda está falando com alguém no celular. De repente o motorista avisa que chegamos.

Ao chegar ao salão principal, percebo alguns olhares em nossa direção. Homens de smoking, muito bem alinhados, ao lado de glamourosas mulheres. Algumas

muito mais jovens do que eles. Serão amantes? Provavelmente. Apesar de estarmos em plena Paris, muitos convidados parecem ser brasileiros — isso me deixa um pouco mais aliviada. Não tenho nenhuma noção de francês e não gostaria de ficar boiando.

— Ei, Jonas! — uma voz, de repente, chama. É de um homem alto, grisalho, de aparentemente cinquenta e poucos anos, e magro. Ao lado dele há uma mulher também magra, quarentona, morena, de cabelos curtos. — Que coincidência encontrá-lo aqui!

— Como vai, Ralph? — Jonas o cumprimenta com um aperto de mão — Não sabia que estavam em Paris.

— Chegamos há alguns dias — Ralph responde e Jonas desvia o olhar para a mulher ao lado dele.

— Olá, Suzana — ele a cumprimenta também.

A tal de Suzana abre um sorriso que para mim soa controlado. Em seguida, mira os olhos em mim.

— Bom, esta é Verônica — Jonas diz, e dirigindo-se a mim: — Estes são Ralph e Suzana. Dois velhos amigos.

— Velhos? Uau. Não sou velha coisa nenhuma — Suzana está com o sorriso forçado nos lábios finos. Ela é uma mulher charmosa e elegante. Claramente é muito areia para o caminhãozinho do marido, que é bem mais velho e feio — Essa é a sua nova namorada, Jonas? — ela quer saber.

— Foi um prazer vê-los — Jonas diz para ela, se despedindo e deixando claro que não quer responder à sua pergunta indiscreta.

No entanto Suzana permanece com os olhos curiosos sobre mim. Jonas volta a agarrar meu braço enquanto me conduz para longe do casal.

— Pensei que fossem amigos — comento, provocando o fato de ele ter dito isso e ter fugido do casal.

— Nem tudo o que falamos é verdade — confidencia enquanto caminhamos — No fundo ninguém é amigo de ninguém. Você ainda não viu nada.

Imagino como esse meio de gente rica e importante deva ser superficial e repugnante. Sinto pena dessas pessoas vazias e infelizes, que na verdade pensam que por terem dinheiro e prestígio são os seres humanos mais especiais do mundo.

— Jonas! — uma outra voz surge de repente, me assustando. — Oh, cara, que bom vê-lo!

Virando-se na mesma hora, Jonas abre um sorriso que dessa vez parece ser mais sincero. Avisto dois desconhecidos. Ambos loiros.

— Henrique. Luiz Miguel — ele os cumprimenta com um aperto de mão e em seguida com um abraço.

Observo os rapazes desconhecidos. Luiz Miguel é loiro, alto e muito charmoso. Henrique é loiro, mais jovem e muito extrovertido. Os três aparentemente se dão muito bem e agora estão trocando algumas piadas. De repente sinto o olhar de curiosidade e interesse dos desconhecidos em minha direção. Jonas também deve ter sentido, pois logo me encara e trata de falar:

— Esta é Verônica... Verônica, estes são Luiz Miguel e Henrique.

— Oi — digo a eles.

— É um prazer, Verônica — Luiz Miguel pega a minha mão e a leva aos lábios, todo sedutor e me deixando sem jeito.

O irmão dele faz o mesmo em seguida.

Eles voltam a falar sobre a última vez em que estiveram juntos em Paris e nesse momento começo a sentir vontade de ir ao banheiro. Mordo o lábio inferior, pensando numa forma de dizer a Jonas que preciso ir ao banheiro - mas por alguma razão - talvez sem sentido - não quero falar isso na frente dos amigos dele. Jonas me encara e parece notar o meu desconforto.

— Tudo bem? — pergunta em meu ouvido.

— Preciso ir ao banheiro — digo no ouvido dele.

— Certo. Há um do outro lado do salão, é só seguir pela direita.

— Ok, volto logo — seguro um pouco a barra do meu vestido, sorrio novamente para os rapazes assim que peço licença e passo por eles, me afastando dos três.

Capítulo 22

VERÔNICA

NO BANHEIRO, após usar uma das cabines, retoco a maquiagem em frente ao espelho. Subitamente sinto a presença de alguém surgindo e ficando ao meu lado. Instantaneamente olho através do espelho para a recém chegada e encontro o semblante intrigado da morena de cabelos curtos a quem fui apresentada meia hora atrás. Suzana, a mulher de Ralph.

— Oi — força um sorriso contido, o mesmo que estava em seu rosto no momento em que fomos apresentadas.

— Oi — respondo, me perguntando se veio atrás de mim. Provavelmente está curiosa para saber se sou a amante do Jonas - visto que todos os seus amigos e conhecidos devem saber que ele já tem uma namorada.

— Verônica, certo?

— Sim. E você é a Suzana.

— Isso mesmo.

Eu a avalio, atenta. Suzana não é exatamente uma mulher estonteante, mas sem dúvida já deve ter sido muito atraente coisa de dez ou quinze anos atrás. Mesmo beirando os cinquenta anos, sua pele é muito lisinha e o seu corpo é incrivelmente elegante.

— Bem — ela tira algo da bolsa e, com o rosto fixado no espelho à nossa frente, simula retocar também a

maquiagem — então quer dizer que você e o Jonas estão juntos? Há quanto tempo isso vem acontecendo? Desculpe-me a intromissão, é que você não parece ser o tipo dele. Sem ofensas claro.

— Ah, é? Bom, eu não sabia — finjo demência e volto a me concentrar na minha maquiagem. Espalho um pouco de pó translúcido para disfarçar a oleosidade que a essa altura já existe na pele.

— Desculpe mesmo, eu não quis ofendê-la.

— Não me ofendeu — eu sequer me viro para lhe dar atenção — Entendi o que a senhora quis dizer, que ele deve estar acostumado a desfilas com as loiras altas, modelos, provavelmente.

— Ah, por favor, não me chame de senhora — força uma voz educada, mas está nítido o quanto se ofendeu.

— Bom, Suzana, você pode pensar o que quiser a meu respeito, mas posso garantir que foi ele que insistiu para que eu visse à festa. E, acredite, não teria vindo se Jonas não tivesse quase que implorado.

— Jura? — engole em seco, agora está novamente mirando o espelho à sua frente. Ao que parece, também está retocando o batom. — Me desculpe, eu não quis me desfazer de você. Era só curiosidade mesmo, Verusca.

— Verônica — corrijo.

— Isso. É Verônica, Verusca, é tudo parecido... — zomba — Mas é um nome bonito. Não quero dizer que não é.

— O Jonas costuma dizer que é exótico e que combina comigo — provoco, deslizando o batom líquido bordô pelos meus lábios — Você não tem ideia de como ele fica louco na cama, sussurrando o meu nome sem parar.

Tento não me divertir com o olhar perplexo e bravo da mulher. Bom, foi ela que começou a me provocar. Ela nem precisa me dizer mais nada, pois já está mais que claro para mim que essa mulher, mesmo casada, morre de amores pelo Jonas.

Suzana se rende primeiro e não fala mais nada. Volta a se encarar no espelho para provavelmente terminar de retocar a sombra. Eu faço o mesmo. Ambas ficamos em silêncio enquanto retocamos a maquiagem ou ajeitamos o cabelo. Sei que essa mulher ao meu lado quer dizer muita coisa e detesto saber como tem me julgado agora - assim como os amigos de Jonas. O modo como os dois irmãos me olharam deixou claro que sabem que sou apenas um passatempo, nada sério.

— Eu só queria dizer uma coisa, Verônica — Suzana comenta de repente, me trazendo de volta a ela — Jonas não é do tipo que preza pela fidelidade e por compromisso sério. Não há uma mulher no nosso rol que não saiba o quanto ele brinca com nossos sentimentos e depois os descarta como se fossem nada.

Eu a encaro.

— Obrigada por avisar. Devo supor que você já foi muito íntima dele.

Ela desvia o olhar e desconversa, parecendo se dar conta do que acabou de fazer.

— Bom, meu marido... Ralph... é um grande amigo da família Malta. Mas se quer um conselho, fique longe do Jonas. Pro seu próprio bem. Com licença.

Depois que Suzana vai embora, me deixando sozinha outra vez no banheiro, me encaro de novo no espelho. Me sinto linda, elegante e sexy dentro desse vestido exuberante. Mas penso que definitivamente esse universo

de glamour não foi feito para mim. Além disso fico pensando em tudo o que Suzana falara sobre Jonas e como ele brinca com os sentimentos das mulheres. Bom, se ele faz isso com as que são ricas e estonteantes, as que são do mundo dele, imagine o que faria com uma pobretona como eu. Suspiro, desgostosa. E pensar que estive perto de me apaixonar perdidamente por esse homem. Suspiro de novo. *Erga a cabeça, Verônica, e não permita que ele brinque com você!* Após me olhar pela última vez no espelho, pego a bolsa de mão e deixo o banheiro. Vou procurar Jonas e torcer para que essa festa não demore a acabar.

Uma música lenta começa a soar no amplo salão cercado por homens elegantes e mulheres exuberantes. Alguns casais começam a dançar. Um homem, de repente, aproxima-se de mim, sem me dar tempo de agir.

— Me dá a honra desta dança, senhorita? — seu sorriso é tão terno que não consigo recusar. O rapaz não é bonito, mas possui as feições finas cabelos pretos e encaracolados.

Enquanto estou deslizando pelo salão com o desconhecido, de repente avisto um Jonas de longe nos observando. Tenho a certeza de que não está nada feliz e satisfeito com a nossa dança. Seu olhar é sério em nossa direção. Vejo o momento em que leva o copo de uísque à boca e esconde a raiva atrás dele. A música lenta e melosa dura poucos minutos. Quando finalmente termina, uma nova começa a tocar, e o homem insiste que eu dance outra vez com ele. Eu não quero ser deselegante e abandoná-lo na pista na frente de todo mundo. Passamos a dançar pela segunda vez, até que de repente, alguém surge e nos interrompe. Jonas. Seu olhar é duro na direção

do outro homem. Toma a minha mão gentilmente das mãos do desconhecido. O sujeito, sem graça e conformado com a derrota, murmura um agradecimento a mim e se afasta.

Jonas me puxa gentilmente para si, me obrigando a ficar colada em seu peito duro. A música romântica continua tocando e nos embalando. Suas mãos grandes estão segurando suavemente a minha cintura, seu cheiro gostoso começa a me envolver e a me deixa bamba. Minhas mãos agarram o seu pescoço e mal consigo me mexer de tanto que estamos unidos. De repente, seus lábios descem até o meu rosto, sua barba pinicando suavemente o meu queixo, uma sensação de desconforto e prazer ao mesmo tempo, fecho os olhos, uma de suas mãos firmemente segura meu cabelo na altura da nuca, forçando ainda mais o beijo que me dá agora em público. Um beijo firme e possessivo, de quem está me punindo por eu ter dançado com outro homem. Acabo correspondendo ao beijo, me deixando levar pelo calor do momento, sem pensar que vou me arrepender depois.

— Tudo o que quero é sair daqui e mergulhar em seu corpo a noite toda... — sussurra com a voz rouca em meu ouvido.

Estremeço. Meu corpo dá sinal de vida. Há uma quentura no meio das minhas pernas e fico brava comigo mesma por isso.

Apesar das suas palavras em tom de desespero e angústia, gostei de ouvir isso. Me sinto desejada.

A festa finalmente acabou.

Já está tarde quando chegamos na sua suíte. Não passará desta noite, eu sei. Após fechar a porta, Jonas aproxima-se de mim e me conduz até à cama. Mais calma do que imaginava estar, sustento seu olhar que faísca de desejo. Sem dizer nada, bruscamente me puxa pela cintura do mesmo modo como fez no salão, obrigando nossos corpos a se colarem mais uma vez, como na pista de dança. Segura meu rosto com as duas mãos e sinto sua língua ávida e dominadora invadir a minha boca, enroscar em minha língua. Estou completamente arrepiada. Sua barba volta a roçar em meu rosto, e gosto dessa sensação. A fragrância masculina de seu perfume me deixa ainda mais inebriada e molhada, é como se estar aqui com ele me transportasse para outra dimensão. Reconheço que é muito bom estar em seus braços. *Sim, eu não queria que fosse, mas é.* Jonas é cheiroso, gostoso e possui uma forma incrível de me beijar... uma forma com a qual nunca fui beijada antes... ele realmente é muito bom nisso, estou sentindo tudo, querendo tudo, precisando de tudo, adorando tudo, sentindo meu corpo esquentar, sentindo prazer, sentindo desejo... meu corpo está fervilhando e a região entre minhas pernas pegando fogo.

Logo já estou me livrando das roupas e ele faz o mesmo com as dele, abrindo a camisa preta e deixando seu peitoral enorme à vista. Ele é grande, ombros largos, braços musculosos, então me pergunto como é lá embaixo... ele faz sinal para que eu tire toda a minha roupa e fique nua em sua frente. Faço como pede. Seus olhos correm por meu corpo, passeiam por ele. Suas pupilas se dilatam, fazendo com que seus olhos de azuis claros fiquem escuros. Ele parece aprovar cada polegada do que vê. Sua mão me puxa para si com firmeza e sua boca

abocanha meu mamilo. Levo minha mão meio trêmula e toco seu cabelo macio e negro. Depois de cansar de me mamar, me joga com menos gentileza na cama. Fico o esperando, meu ar mal saindo pela boca e nariz. Eu o vejo abandonar a calça no chão, em seguida a cueca boxer preta. Encosto minhas costas na cama, mantendo minhas pernas ainda fechadas, observando-o terminar de se despir. Desço meus olhos por seu corpo magnífico. Ele é mesmo perfeito, um deus grego.

Logo está sobre mim, segura as minhas pernas e as separa uma da outra. Se encaixa no meio das minhas coxas e força o corpo grande contra o meu.

— Hoje vai conhecer um homem de verdade... — chupa meu ombro com força, deixando uma trilha de beijos e mordidinhas em minha pele.

Fecho os olhos.

Eu o quero.

Sinto a cabeça de seu pau na minha entrada melada e molhada. Ele começa a brincar ali, esfregando a cabeça de seu pau em mim, me fazendo sentir prazer e a sussurrar, pedindo por mais, pedindo que entre em mim.

— Eu quis me enterrar em você desde o dia em que a vi... — rosna baixo, enquanto chupa o meu umbigo — Quando decido que quero uma mulher, ela se torna minha, Verônica... — sussurra antes de tomar a minha boca para mais um beijo selvagem.

Logo seu corpo duro pesa sobre o meu, uso as minhas mãos para acarinhar os seus braços musculosos, seu peito amplo e largo amassa meus mamilos. Empurra para dentro de mim e sinto um grande desconforto à princípio. Ele para, me dando tempo para relaxar. Nossas respirações se misturam, nossas tensões, nossas bocas, nossas

expectativas. Relaxo à medida que seu pau vai deslizando para dentro de mim e me causando sensações maravilhosas. Começo a gemer baixinho, minhas mãos agora puxando o seu cabelo com força e desejando mais. Jonas passa a empurrar mais rápido e mais forte para dentro de mim, me fazendo gemer ainda mais, a querer mais. Ele geme em meu ouvido, rosnando e dizendo coisas sujas. Empurra com dureza e força, deslizando por mim e metendo bem lá no fundo, me fazendo gemer e gritar.

— Isso, delícia... abre mais... preciso de mais... — geme em meu ouvido à medida que vou me abrindo mais, que vou me entregando mais para ele e permitindo que me use a seu bel prazer — Isso, porra... você é deliciosa... que corpão...

Empurra, vai empurrando seu membro para dentro do meu corpo, me tomando toda, me preenchendo, me amando gostosamente, me usando, me causando sensações incríveis e maravilhosas. E eu só quero mais.

Preciso de mais.

Capítulo 23

VERÔNICA

ACORDO E, POR UM momento, tento me lembrar de onde estou. Pisco os olhos antes de abri-los de vez. O quarto parece escuro e não sei se ainda é noite ou se já é dia. Levo a mão ao rosto e esfrego os olhos. Bocejo. Mesmo com a vista carregada do sono sou capaz de contemplar os móveis bonitos e uma cortina grossa. Ao que tudo indica, estou na suíte dele. *Jonas*. Suspiro. Ah, sim, e em cima da cama dele, claro. Olho para os lençóis brancos bagunçados e constato que Jonas não está mais aqui, apesar da marca do travesseiro ao lado ser a prova de que esteve deitado sobre a cama até pouco tempo atrás.

Provavelmente já saiu para resolver alguma pendência referente a negócios ou talvez foi encontrar a namorada socialite. Suspiro de novo. Pronto. O pesadelo já havia passado e terminado, porém, não definitivamente. Finalmente transei com ele. Mas ainda teremos outros momentos juntos. O pior de tudo é que... gostei.

Lembro-me da noite anterior e da forma como Jonas me amou intensamente. Tenho que admitir que ele é maravilhoso e, à medida do possível, foi carinhoso comigo. Nunca havia me sentido tão bem assim nos braços de um homem antes. Cidão não é o que se pode chamar de um

expert na arte do sexo. Pelo contrário. Seria até covardia compará-los. Cidão, por exemplo, nunca me fez gozar como ontem à noite Jonas foi capaz de fazer. E isso envolve tudo, desde a sedução, as preliminares à hora H.

Afasto o lençol do meu corpo e, com um movimento brusco, sinto um incômodo entre as pernas. Isso provavelmente se dá porque já não fazia sexo há um bom tempo. Ou talvez seja pelo fato de Jonas ser o que costumamos chamar de homem bem dotado. Levanto-me e procuro pelo vestido longo que eu havia usado ontem na festa. Eu o encontro no carpete felpudo e o visto imediatamente.

Deixo o quarto, fechando com cuidado a porta atrás de mim, não querendo fazer barulho nenhum. Do corredor ouço vozes masculinas. Uma é de Augusto. A outra é de... Jonas.

— *Vamos para Nova Iorque amanhã, Augusto* — informa.

— *Oh. Nova Iorque, senhor?*

— *Você não. Quero dizer, só iremos Verônica e eu. Você voltará ao Brasil.*

De onde estou não posso vê-los muito bem e eles também não podem me ver, todavia, consigo ouvi-los perfeitamente. E mesmo sabendo que é errado ouvir conversa alheia atrás da parede, como estou fazendo agora, não consigo sair do lugar. Preciso saber o que Jonas tem em mente agora que despachará Augusto. Mordo meu lábio inferior, preocupada. Por que Augusto não pode ir para Nova Iorque conosco?

Augusto não responde nada, mas tenho certeza de que assentiu. Ele não parece do tipo que questiona o patrão. Pelo contrário. Pelo que vejo, faz questão de fazer tudo

certinho para não irritar o chefe. Contudo, não posso julgá-lo. Quem em sã consciência ignoraria uma ordem do todo poderoso Jonas?

Dou um passo à frente, e ainda me escorando na pilastra, consigo vê-los melhor agora. Jonas está sentado à mesa, dentro de um roupão branco, tomando o seu café preto. Augusto em pé, a seu lado, já todo engravatado, pronto para o trabalho.

— *Como quiser, senhor...* — Augusto comenta. Em seguida pigarreia. — *E pretende demorar muito tempo em Nova Iorque?*

— *Não muito* — diz Jonas, derramando o café do bule na xícara. — *Estou cansado. Na verdade, esgotado. Vou cancelar algumas reuniões em Londres e em Roma também. Depois de Nova Iorque quero ir pra casa.*

— *E a garota?* — pergunta Augusto, de repente, surpreendendo a mim e provavelmente ao chefe.

— *O que tem ela?* — as sobrancelhas negras de Jonas se arqueiam em seu lindo rosto enquanto encara o empregado. É impossível deixar de notar o quanto é lindo e charmoso de qualquer jeito, mesmo sério e com ar de arrogância.

— *Bom... é que o acordo não previa...* — Augusto ensaia — *quero dizer, não previa... um mês?*

— *Não se preocupe. Já estou cuidando disso.*

— *Certo.*

Silêncio.

Os dois repentinamente param de falar sobre coisas do meu interesse e apenas mantêm uma conversa comum sobre coisas banais - sobre pastas e relatórios. É melhor eu sair de onde estou antes que um deles perceba o que estou fazendo.

Levo os meus pés para a frente, ficando no centro das atenções. Não gosto de me sentir no centro das atenções, especialmente porque não tenho intimidade com nenhum dos dois, embora Augusto tenha sido bem bacana comigo desde que aceitei a proposta e às vezes eu até consiga relaxar com ele.

Aliso o meu vestido, o mesmo que usei na festa da noite passada e me esforço para dar um sorriso educado e gentil.

— Bom dia — digo.

Jonas mantém os olhos em mim e vejo o exato momento em que sua íris azul desce e passeia por meu corpo. Não estou acostumada a acordar e a encontrar dois estranhos no café da manhã - especialmente estando com o vestido da noite anterior e com os cabelos desgrehados.

— Bom dia, senhorita — Augusto diz, contido, tentando ser discreto ao máximo. Tenho certeza de que sabe o quanto me sinto mal nessa situação.

Jonas se levanta da cadeira como uma espécie de gentileza e cumprimento.

— Bom dia, Verônica. Por favor, sente-se e tome o café comigo — isso meio que ressoa como um misto de pedido e ordem. Todavia seu semblante parece mais suave que o da noite anterior.

Caminho até à mesa onde está sentado a tempo de ver sua mão puxar gentilmente uma cadeira para que eu me sente nela. Um flash dessa mesma mão me tocando e explorando várias partes do meu corpo me causam calafrios. Pisco os olhos. Afundo na cadeira de assento macio. Olho para a frente e vejo Jonas, já sentado novamente, me encarando, me estudando. Será que viu o

momento em que me perdi em meus pensamentos sobre ele?

Augusto começa a me servir, todo solícito e sempre muito educado e atencioso. Eu agradeço com um sorriso. É bom tê-lo por perto. Fico me perguntando como será tudo depois que ele voltar para o Brasil.

— E então, dormiu bem? — Jonas quer saber.

— Sim. Obrigada.

— Ótimo. Eu estava pensando em almoçarmos fora hoje e depois passearmos um pouco pela cidade. Imagino que queira conhecer os pontos turísticos de Paris antes de partirmos amanhã.

— Vamos voltar ao Brasil? — eu me faço de idiota porque, afinal de contas, ele não deve saber que ouvi toda a conversa entre Augusto e ele.

— Ainda não — responde, seus olhos azuis avaliando a minha possível reação — Vamos para Nova Iorque amanhã. É uma cidade linda. Você vai amar.

— Acho que sim.

— Mas não se preocupe, depois disso prometo levá-la pra casa.

Tenho certeza de que meu olhar tornou-se um pouco mais desanimado e que ele percebeu. De bobo Jonas não tem nada. Ele é mais inteligente e sagaz do que eu possa imaginar, isso está claro. E quanto à nossa partida a Nova Iorque, na realidade, adoraria voltar para a casa o quanto antes possível e matar a saudade da minha família, mas já que não dá para fazer isso agora, paciência. Por falar em casa, não posso esquecer de ligar para a minha mãe mais tarde. Prometi a ela que falaria todos os dias enquanto estivesse em Paris.

Um silêncio paira sobre nós dois. Jonas termina o seu café e cruza as mãos sobre a mesa, decidido a me avaliar sem discricção alguma. Desço meus olhos sobre o copo que estava com ele. É a primeira vez que o vejo tomar algo que não seja vinho, martini ou uísque.

De repente se levanta do lugar, puxa uma cadeira próxima à minha e se senta ao meu lado.

— Estive pensando sobre o que você me falou naquele dia da piscina — começa, atraindo meus olhos para o seu rosto másculo e perfeito — Você tem razão. Fui um idiota. Devia ter me esforçado para conquistá-la ao invés de agir como um cafajeste. Acontece que...

Ergue o dedo e toca o meu rosto carinhosamente. Estou o encarando, minha atenção toda nele, mas já sei o que planeja. Bom, se eu for inteligente não vou me deixar levar por sua proximidade e por seu toque.

— Estou louco por você, Verônica — sussurra de um modo rouco e sensual e então seu rosto já está afundando em meu cabelo, seu nariz fino e reto esfregando e o cheirando — Eu sei que ficou decepcionada e que não sou o homem que imaginava, mas... ainda assim... quero que saiba que é especial pra mim.

Sem esperar por minha resposta, segura meu rosto com as duas mãos e pressiona os lábios contra os meus, me fazendo fechar os olhos. Me beija de um modo agressivo e ao mesmo tempo sensual. Confesso que até gosto desse tipo de beijo vindo de Jonas. Tenho certeza de que tomou um banho logo assim que acordou porque está vestindo um roupão e está muito cheiroso. Todavia não quero me deixar levar por seu perfume, charme e beleza. Esquivo-me de seu toque e de seu beijo. Jonas afasta o

rosto do meu, percebendo a minha indisposição para retribuir o seu beijo.

— Não vai me perdoar, não é?

— Se vamos ter que partir amanhã, acho melhor voltar pro meu quarto e arrumar as minhas coisas — digo secamente porque o mais sensato a fazer é ficar longe dele — Talvez o Augusto possa me ajudar... tenho muitas coisas no closet.

— Preciso te dizer uma coisa, Verônica — comenta — Augusto não irá conosco pra Nova Iorque. Seremos só nós dois — anuncia.

Eu sei, eu já havia ouvido a conversa dos dois, mas Jonas não sabe disso, então preciso demonstrar um pouco de surpresa. Eu o fito com um olhar de desapontamento.

— Isso significa que a partir de agora passaremos a dividir o quarto — Jonas acrescenta. — Bom, acho que depois da noite passada isso não será mais um problema pra você.

Dou um sorriso amargo porque não gostei da forma fria com a qual acabou de dizer. Sei o porquê disso. Porque ficou irritado com a minha rejeição por seu beijo minutos atrás. Jonas não é um homem acostumado a ser rejeitado. Ele possui tudo o que qualquer mulher desejaria: riqueza, charme, status, beleza. De fato, eu me apaixonei por ele e é exatamente por isso que quero me manter o mais afastada emocionalmente o possível.

Fico imaginando o que está pensando agora sobre mim. Tenho vontade de dizer tudo o que está preso em minha garganta, mas me controlo. Se fosse em um momento diferente, eu já teria ido embora e nunca mais olhado para ele. Acontece que, querendo ou não, preciso do dinheiro.

Além do mais, Jonas não está me forçando a nada. Estou aqui por livre e espontânea vontade.

— Depois da noite anterior não vai ser problema algum — afirmo em um tom firme, tentando demonstrar o quanto estou fria em relação a nós dois — Aliás, foi pra isso mesmo que vim. Para dormir no seu quarto, especialmente na sua cama. Não foi?

— Exatamente — bebe mais um gole de café e me observa, intrigado.

Não sei o porquê, mas acho até que aprovou o meu jeito de falar. Desvio o olhar. Ele passa a me observar por mais algum tempo. Às vezes tenho a impressão de que odeia a maneira como o questiono e provoco. Noutras acho que adora.

— Vai ser sempre assim? — indaga de repente, me encarando. — Se não está satisfeita, por que aceitou vir? Por que aceitou minha proposta?

Encaro seus olhos azuis piscina e fico sem palavras. Não vou dizer a ele que preciso do dinheiro para quitar a dívida da casa da minha família.

— Qual é o problema, Verônica? — insiste — Sabe, tenho a impressão de que não está satisfeita com o que está acontecendo aqui e acho estranho você ter mudado de ideia de uma hora para outra... bom, e por que tanta resistência assim? Eu estou pagando bem por isso, não estou?

Agora ele pegou pesado.

Cruzo os braços na altura do peito e ergo o meu queixo, forçando o meu orgulho. Não quero dar-lhe satisfação de minha vida, muito menos uma explicação.

— Eu não sou uma prostituta, se é que me entende.

— Eu sei que não é — rebate calmamente, me observando. — E foi justamente por isso que a escolhi. Mas a questão é: e você, por que *me* aceitou?

Volto a fitá-lo. Mas penso no que dizer. Melhor inventar uma desculpa qualquer.

— Não sei... mas sobre você, então quer dizer que costuma fazer esse tipo de proposta? — indago só para mudar de assunto, usando um tom mais agressivo do que eu gostaria — Costuma escolher mulheres aleatoriamente e pagá-las para irem para a cama com você? Bom, me desculpe, mas se for isso mesmo me soa canalhice.

Exibe um sorrisinho arrogante no canto dos lábios esticados, mas não desiste da nossa discussão.

— Então é isso o que pensa de mim? Me acha um canalha?

Pisco os olhos, confusa. Então não sei mais o que dizer de volta. Não gosto de brigar com as pessoas — especialmente porque tenho a plena consciência de que se estou aqui é porque quero. Mas o modo como ele começou a me desafiar não me deu outra escolha além de ficar na defensiva.

— Na verdade, não sei o que pensar... não o conheço o suficiente.

— Se é assim que pensa sobre mim, gostaria de saber o que achou da minha *performance* ontem à noite. Me fale. Como fui com você? Delicado, bruto, selvagem? Eu a fiz gozar?

—O quê?!

Abro a boca, chocada. Meu rosto esquenta na hora. Não vou permitir que desça o nível e jogue sujo, zombando de mim desse jeito e me humilhando.

— Responda — insiste. — Já que é tão convicta com as suas ideias, é bom saber o que mais acha a meu respeito.

— Você é sujo!

Descruzo as pernas e volto a cruzá-las porque toda essa conversa me deixa muito tensa e desconfortável.

— Bom, não foi o que perguntei. Quero saber o que achou de mim na cama — toca a ponta do dedo na lateral do meu rosto, me deixando inquieta — Fui melhor que o seu ex? — sua voz rosna. — Me fale, preciso saber.

— Com licença...

Levanto-me bruscamente da cadeira, sem pensar no que estou fazendo, e tento me afastar a tempo, mas quando ouço o barulho brusco de sua cadeira ranger, sei que estou em apuros. Ele é bem rápido. Sinto sua mão firme segurar o meu cotovelo e me puxar de volta, me fazendo girar para encará-lo.

— Aonde pensa que vai? Fiz uma pergunta.

Olho para o seu rosto lindo e bravo agora. Eu queria odiá-lo, mas não sou capaz.

Solta o meu braço, com um sorrisinho ainda no canto da boca. Um misto de diversão e irritação por ter sido rejeitado mais de uma vez. Sei que apesar de tudo, eu o deixo intrigado. Ao mesmo tempo que o *excito*.

— Você é atrevida e gosto disso. Mas a maioria dos homens não teria paciência. Provavelmente lhe dariam uma lição ou a mandariam de volta pra casa.

— Se é isso o que quer fazer, vá em frente. Eu não me importo!

Seus olhos se arregalam e o tom de um azul passam para um cinzento sombrio. Em fração de segundos, volta a segurar meu braço. Dessa vez com menos gentileza.

— O que pensa que está fazendo, garota? — indaga, agora exasperado — Acha mesmo que preciso de você? Hã? Acha mesmo que está me fazendo algum favor? É isso o que acha?

Meu coração acelera. Estou assustada com a maneira ríspida com a qual está me tratando e me segurando, e me pergunto se vai me xingar. Ou pior: me agredir.

— Me solta! — exijo.

— Vai ser do jeito que eu quiser, entendeu? — decreta, duro, enquanto ainda segura meu braço, mas então me solta de uma vez — De agora em diante, vai ser do meu jeito!

Afasto-me imediatamente, ainda assustada, meu coração acelerado. Jonas já está perto do bar, puxando uma garrafa de bebida.

— Eu sei que não está aqui porque quer — diz, abrindo a garrafa e em seguida enchendo o copo —, mas sei também que precisa do dinheiro. Talvez esteja precisando. Está na cara que está precisando. Eu sei de tudo, Verônica. Mais que isso: eu controlo tudo.

— Eu quero voltar pro meu quarto! — exijo, quase aos prantos.

Ele me examina minuciosamente. Bebe todo o uísque do copo em um gole só e o abandona no bar.

Sustento o seu olhar, tentando manter o restante de dignidade que ainda me resta.

— Agora entendo por que precisa *comprar* mulheres — meneio a cabeça, desdenhando, não me contendo de raiva.

— Ah, é? E por quê? — dá mais dois passos em minha direção. Ele é muito mais alto e mais forte que eu, mas ainda assim, não me intimido.

— Porque é desagradável demais pra ter uma por livre e espontânea vontade!

Absorve as minhas palavras e as avalia, então, de repente, avança e me puxa para si. Sem se importar com a minha resistência, me beija à força. Loucamente. Protestando, me vejo à mercê dos seus lábios furiosos e das suas mãos experientes e hábeis, que fazem com meu corpo o que bem entendem. Tento me afastar, mas é tarde demais. Como um animal selvagem, me mantém presa contra a parede e volta a me beijar. Tento outra vez protestar, mas isso é inútil. Quando me dou conta, já estou sem fôlego e deitada no tapete felpudo da sala. Seus lábios fazem uma trilha de beijos em meu corpo. Abro os lábios para receber sua língua. Eu o quero. Meu corpo esquenta. Em segundos pega fogo.

— Você ainda vai gritar pelo meu nome... — sua voz rouca resmunga como um bálsamo para o meu ouvido.

Sua mão grande apalpa minha coxa sem pressa, subindo o meu vestido lentamente. Jonas retira a sua mão de cima de mim e se afasta apenas o suficiente para arrancar o roupão que usa. Eu o observo. Meu peito bate como se houvesse um tambor no lugar do coração. Observo-o se despir à minha frente. O peitoral definido, os bíceps musculosos. Ele é a arrogância em pessoa, mas também é a sedução em carne e osso. Mordo meu lábio inferior, uma quentura umedece o meu baixo ventre, uma sensação de não e sim ao mesmo tempo. Não consigo deixar de olhar e admirar o seu peitoral enorme, encontro algumas tatuagens pela pele. Não há como ignorar o calor de seu corpo sobre o meu.

Seus lábios voltam a me tocar, sua barba volta a roçar em minha pele, primeiro no pescoço, nos ombros e depois

na boca. O perfume que exala de seu corpo é uma espécie de preliminar. Por um momento, minhas mãos tomam iniciativa e tocam os braços musculosos que estão me enjaulando. Por um momento esqueço as coisas horríveis que me falou. Gosto de sentir o peso de seu corpo sobre o meu.

Introduz a língua em minha boca outra vez e eu a recebo com desejo, louca para ser penetrada enquanto nossas línguas se embolam. Um beijo longo, intenso, demorado. Agarro seu pescoço rígido e depois mergulho as mãos nos seus cabelos macios. Jonas me envolve com os braços fortes, fazendo com que nossos corpos rolem pelo tapete. Estou por cima agora e é a vez de suas mãos agarrarem meus cabelos pela nuca e me beijar com ainda mais força e desespero. Posiciono-me em seu quadril e gemo quando sinto seu pau duro deslizando para dentro de mim. Fecho os meus olhos, mordo meu lábio e começo a cavalgar devagar, aos poucos aumentando o ritmo. Segura a minha cintura com as duas mãos e diz que estou cavalcando gostosamente à medida que seu pau permanece deslizando para o fundo do meu corpo.

A gente fica um bom tempo assim, entre gemidos e rosnados. Ele me faz virar outra vez e volta a ficar por cima de mim. Ajeita-se entre minhas coxas e quadril, em seguida volta a me penetrar com força e urgência. Aumenta o ritmo à medida que vou pedindo por mais. "Mais, Jonas... por favor, mais". Ele goza e eu gozo junto. Sinto todos os seus fluídos jorrarem em mim. Eu me sinto saciada. Quando seu corpo abandona o meu, um Jonas arfante deita-se a meu lado no tapete, enquanto tento não pensar no que está acontecendo, o meu coração acelerado. Eu me viro para ele. Tenho vontade de tocá-lo, de me aconchegar em seu

peito, de dizer que não precisava estar acontecendo desse jeito, que eu já estava me apaixonando, mas então me calo. Lembre-se, Verônica: ele só terá o seu corpo. Não o seu coração.

Capítulo 24

VERÔNICA

APÓS TER dormido duas vezes com o Jonas, me sinto menos nervosa e assustada agora, afinal de contas, é como se o pior já tivesse passado. Sei lá. Não sei explicar. Acho que por mais que tenha sido estranho dormir com um cara que não é meu namorado a experiência não foi tão ruim como imaginava. O mais aterrorizante: eu posso ter gostado mais do que deveria. *Ah, claro que gostou, Verônica! O cara é um gato e ainda por cima um deus grego na cama! Não negue, pois você também não é de ferro!*

Agora só me pergunto como vai ser depois que voltar para casa e tudo isso terminar. Suspiro. Um dia isso tudo vai acabar. Mais cedo ou mais tarde. E só tenho medo de estar envolvida demais quando isso acontecer.

Como Jonas prometera dias atrás, seguimos para Nova Iorque. Havíamos chegado no sábado à tarde e preciso admitir que ainda há um pouco de desconforto com a ideia de compartilhar a mesma suíte com ele.

Neste momento estou sozinha porque Jonas saiu horas atrás com a desculpa de que iria à Flórida tratar de negócios. Ainda lembro-me do momento em que me avisou que viajaria. Eu estava sentada na beirada da cama

quando de repente se agachou até mim, sua íris em um azul suave, e disse:

— *Vou dar uma breve passada em Miami. Não pensei em levá-la comigo porque você não iria gostar — tocou meu rosto com a ponta do polegar — Talvez eu volte no dia seguinte, se não for possível tomar um voo de volta ainda hoje. Mas se for muito difícil pra você ficar aqui sozinha, posso fazer um esforço.*

Por um lado, sabia que precisava ficar sozinha e colocar minha cabeça no lugar. Por outro lado, no fundo, eu já estava me acostumando com a sua companhia.

— *Tudo bem, posso esperar você chegar — respondi.*

Permaneceu me encarando, sua testa franzida, seu rosto masculino bonito me analisando. Suspirou de leve, ainda que seu semblante não tivesse mudado. Na maioria das vezes parecia imperturbável. Nem uma linha sequer parecia denotar incômodo ou irritação, a não ser que eu o rejeitasse, claro.

— *Tem certeza que vai ficar bem?*

— *Claro, não se preocupe.*

Algo dentro de mim dizia que ele iria se encontrar com alguma de suas amantes. Abri a boca para questionar, mas nem ao certo sabia o que dizer.

— *Ao menos o Augusto me fazia companhia...*

Seu semblante mudou instantaneamente. De leve e imperturbável passou a sério e impaciente. E por que não dizer que ficou ofendido?

— *Precisa entender que o Augusto não tem nada a ver com nós dois e com o que vamos fazer aqui — seu tom saiu duro e ao mesmo tempo controlado — Não havia o porquê dele permanecer em Nova Iorque.*

— *E as suas outras amantes? Elas têm a ver? — as palavras foram mais rápidas que eu.*

Vi sua sobrancelha negra e grossa arquear na hora.

— *O que quer dizer?*

— *Você entendeu o que eu disse, Jonas.*

— *Certo — suspirou profundamente, levantando-se e se afastando de mim.*

Deu-me as costas. Começou a abrir a própria camisa para trocá-la.

— *Você deixou claro no contrato que nossas transas seriam sem proteção e me obrigou a fazer exames para garantir que estivesse seguro. Sem falar que deixou estipulado que não posso me envolver com outro homem enquanto estivermos juntos. Bom, eu acho que tenho o mesmo direito de exigir isso.*

— *Não vamos falar sobre o contrato agora — a camisa saiu pelos seus ombros largos e fortes enquanto ele ainda permanecia de costas para mim.*

— *Ah, não? Vamos falar quando voltar dos seus outros encontros?*

— *Você tem que entender que sou eu que banco a diversão. Eu tenho alguns privilégios.*

Sua camisa já havia saído do corpo e Jonas seguiu para o banheiro, me deixando sozinha e chateada com a resposta dada.

Voltando ao agora, ainda não acredito no que me falou. *Eu que banco a diversão. Eu tenho alguns privilégios.* Então ele pode continuar transando com quem quiser e fazer tudo a seu bel prazer. E tenho que aceitar porque, afinal, é ele quem está me pagando por estar aqui. Bom, isso não faz sentido nenhum. O problema é que não

pensei em todas essas questões quando concordei em assinar o contrato.

Estou olhando pela janela as ruas. Nova Iorque é, de fato, um lugar mil vezes mais movimentado que Paris. Jonas já partiu e estou sozinha na suíte. Com toda franqueza, talvez seja melhor mesmo assim, que eu fique sozinha. Tê-lo sempre por perto me deixa inquieta e apavorada com a ideia de que ainda sou apaixonada por ele, mesmo ele sendo um homem cafajeste. Acontece que não posso evitar as sensações de meu corpo quando Jonas está por perto, especialmente me tocando ou me beijando.

Já telefonei para a minha mãe e para a Érica. Prometi ligar outra vez para as duas. Acho que ficar sozinha vai ser bom por causa dos telefonemas que vou dar.

JONAS

QUANDO CHEGO em frente à porta do vigésimo andar do elegante *Collins Avenue King's*, em Miami, nem preciso bater na porta para avisar que estou aqui, pois ela se abre imediatamente e em seguida sou calorosamente puxado pela mulher de pele de porcelana e cabelos dourados. Com ela em minha cintura, consigo entrar com um pouco de dificuldade por conta dos agarrões e beijos com os quais sou recebido. Eu precisava encontrá-la antes que começasse a desconfiar e colocasse todo o meu plano com Verônica por água abaixo. Eu não quero perder Paula, mas não sou capaz de abrir mão da minha aventura em Nova Iorque. Além do mais, Paula é fácil de ser enganada. Tudo o que preciso fazer é lhe dar um pouco de atenção e lhe proporcionar uma boa trepada. E assim continuo tento tudo sob o controle.

VERÔNICA

AS HORAS parecem disparar e nesse instante converso com Érica pelo telefone. Horas atrás eu já havia ligado para casa e compartilhado com a mãe todas as experiências vividas em Paris e atualmente em Nova Iorque. Ela obviamente ficou encantada. E está mais aliviada, mais segura de que estou bem. Mesmo através do telefone, sem poder vê-la, eu soube.

Também expliquei que agora estava nos Estados Unidos e não mais na França. Que Nova Iorque é uma linda e movimentadíssima cidade norte-americana. É um sonho conhecê-la. E disse que estou feliz. Claro que omiti muitos detalhes — os mais sórdidos da viagem — contudo, fiquei mais aliviada quando a mãe pareceu feliz e menos preocupada do outro lado da linha. Perguntei pelo pai e também senti um grande alívio quando fui informada de que ele já está começando o tratamento.

Após matar a saudade de casa e me despedir da mãe, liguei para Érica e com ela pude desabafar melhor.

— *E aí, como é Nova Iorque? Eu sempre tive vontade de conhecer Nova Iorque! Mas nunca tive grana, é claro. São coisas que só fazemos em sonhos* — Érica comenta animada, ao telefone.

Na minha mente a visualizo esparramada na velha cama de solteiro que tem, comendo algumas guloseimas, com os olhos brilhando.

Dou uma risadinha. Estou morrendo de saudades da minha amiga.

— *Então, vai voltar quando?* — quer saber.

— Eu não sei ainda. Acho que será logo depois da nossa passagem por aqui. Estou torcendo pra que isso

aconteça. O Jonas ainda não confirmou nada, e também evito ficar perguntando...

— *Entendo... e falando nisso, como você está? Pela sua voz, parece bem.*

— Sim, apesar de tudo, estou bem — suspiro, me sentindo bem e não tão mais solitária, agora que estou conversando pelo telefone — Minha rotina é basicamente ir a alguns eventos na companhia dele e o resto... bom, você já deve imaginar.

— *E ele... quero dizer, ele a trata bem? Se esse homem, por mais lindo e gostoso que seja, for abusivo ou escroto com você, denuncie!*

Rio, agora visualizando a minha amiga toda séria e brava, mesmo que isso seja quase impossível.

— Ele não me maltrata não. Está tudo bem. Na medida do possível, tenta ser gentil e atencioso. Imagino o esforço que esteja fazendo.

— *Menos mal então* — suspira — *Mas você disse que já estará de volta... e como será? Não ia ter que ficar com o cara ao longo de um mês?*

— Não sei, provavelmente vou ter que ficar com ele nessas duas semanas depois que voltarmos ao Brasil. Mas, sinceramente — suspiro de novo — não quero mais falar disso ou de mim. Me fale sobre você. Como vão as coisas por aí? Está tudo bem no hotel?

— *Ah, você sabe, amiga. Tudo na mesma. Eu ralando pra caramba, feito uma condenada pra ganhar uma merreca!*

Rio mais uma vez. Sinto falta das nossas conversas animadas. É até uma coisa triste de se dizer, mas a verdade é que com Érica tenho mais afinidade do que com a minha própria irmã. Além disso com ela consigo ser eu

mesma. Há coisas que converso com a minha amiga e que não posso conversar com a minha mãe, inclusive - não que a mãe não seja confiável e compreensiva, mas não gosto da ideia de vê-la preocupada ou decepcionada.

— *Você, pelo menos, está aí viajando, curtindo o mundo, conhecendo gente nova, comendo do bom e do melhor... eu aqui já até perdi as esperanças de ter um gringo interessado em mim.*

— Ah, Érica, não fale uma bobagem dessa nunca! Estou pagando um grande preço por isso, você sabe. Preferiria mil vezes estar aí ralando a ter que ficar dormindo com um sujeito que mal conheço.

— *Tá, tudo bem, entendo o que você está falando. Mas, poxa, o cara é lindo pra cacete! E rico! Podre de rico! E isso faz muita diferença.*

— Não sei... — tento encontrar as palavras certas — ele não é exatamente ruim, admito... até no convívio, às vezes me surpreende, mas mesmo assim... é estranho porque eu gostava dele, tinha uma impressão diferente do que era e depois que descobri sobre a proposta me dei conta de que tudo era uma fantasia da minha cabeça. Ele não é diferente dos outros homens. Além disso, dinheiro não é tudo.

— *Sim, sei, mas sou daquelas que preferem um rico bonito a um feio pé rapado.*

A gargalhada explode das nossas gargantas.

— *Ah, Verônica, por falar em pé rapado... sabe quem andou me procurando outro dia desses? Aquele seu ex-namorado pagodeiro.*

— O Cidão? Sério? E o que ele queria?

— *Ah, imagina. Você. Ele só pensa em você. Está obcecado. Queria saber se você tinha ido mesmo viajar à*

trabalho... o porquê... com quem... fez um monte de perguntas. Um interrogatório completo.

— E você não disse nada, né, Érica?

— *Claro que não! O cara está doido. Ele não aceita a ideia de você ter viajado sem falar com ele. Na verdade, não aceita a ideia de você ter dado um pé na bunda dele.*

— Minha mãe comentou que Cidão andou fazendo perguntas, e ela até mesmo me questionou sobre o fim do nosso namoro — suspiro — espero que o Cidão me esqueça de uma vez e vá viver a vida dele.

— *Terminar com ele foi a melhor coisa que você fez. Esse cara não é confiável, Verônica. Não gosto dele.*

Mordo meu lábio inferior, pensando nas palavras de Érica. Nunca vi Cidão como um vilão ou alguém que não fosse do bem, no entanto, suas últimas atitudes me levavam a duvidar de tudo o que eu sabia sobre ele. Acho que tenho dedo podre para homens. Primeiro me enganei com Cidão. Agora com Jonas.

Após me despedir de Érica e desligar o telefone, corro até à sala e sento-me na mesa, ansiosa pelo almoço que já havia sido entregue. Estou faminta e a comida cheira muito bem. Olho para o relógio no pulso e constato que já são quase duas da tarde. Àquela altura Jonas já deveria estar em Miami, provavelmente para encontrar alguma mulher. Ou talvez a namorada socialite. Lembro-me muito bem dos olhares femininos em direção a ele na festa. Também lembro que ele estava rodeado de muitas delas quando voltei do banheiro. *Ah, Verônica, não seja tola. Você é pobre, mas não burra. É claro que um homem como ele - bonito, gostoso, sedutor e rico - não precisa ficar atrás das mulheres. Elas é que se atiram nele.*

No entanto, Jonas garantiu a mim que voltaria no mais tardar amanhã. Tento afastá-lo dos meus pensamentos. Quanto mais pensar nesse homem, mais apaixonada por ele ficarei. Dou uma garfada na massa que está no prato.

— Hmmm, que delícia... — fecho os olhos, adorando a sensação da comida se derretendo na minha boca — Maravilha...

Sirvo-me de um pouco de suco de morango enquanto meus pensamentos vão novamente até Jonas. Ah, meu Deus, por que não consigo parar de pensar nesse homem? Que tipo de homem é ele? Onde estão seus pais? Ele dirige mesmo uma empresa? Ele parece jovem demais para ter um cargo tão alto. Com quantos anos iniciou a carreira que todos dizem ser brilhante? Ele sempre foi rico? Bom, provavelmente. Como é a namorada dele? Será que é estonteante? Provavelmente. E por que ele me mantém nesse quarto de hotel? Por que é um pleno cafajeste sem coração? Suspiro. E o que eu sou? Uma vagabunda? Não, não quero pensar numa coisa dessa. Eu preciso dessa grana, caramba, e logo! E quanto a Jonas... eu adoraria poder dizer que é uma merda ficar com ele, que o cara cheira mal ou é horrível. O problema é que isso não é verdade. O fato é que beija bem, transa gostoso, e na cama me faz sentir a mulher mais especial e desejável do mundo. E agora tenho medo de me apegar ainda mais...

Depois de comer a sobremesa, pego o meu celular e acesso o Google. Procuro por Jonas Malta e avisto algumas fotos dele em eventos, na empresa que se chama Luxus, em capas de revistas e em matérias na Forbes e em outros tipos de artigos sobre negócios. Acesso a um vídeo no Youtube onde ele fala sobre o prêmio que ganhou e um outro em que ele inaugura uma das filiais da Luxus na

Itália. Procuro por sua namorada e encontro várias fotos dele ao lado de uma loira linda e estonteante. Bato a tela do Notebook, me sentindo mal. Não quero mais procurar nada sobre ele. Eu nem devia ter pesquisado tudo isso, para começo de conversa. Agora que sei quem é a namorada dele e toda a realidade em que vivem, que é extremamente diferente da minha, tudo o que quero é voltar para casa e nunca mais ter que vê-lo.

Capítulo 25

JONAS

— ***EU SEI, EU SEI...*** mas você sabe, se eu pudesse, não estaria aqui. Jamais. — ouço sua voz um pouco chorosa dizer a alguém.

Paro. Por um momento me pergunto "mas que porra é essa?", mas então logo me dou conta de que só pode estar falando ao telefone. Nenhum filho da puta teria a ousadia de entrar em minha suíte e pegar a minha mulher - ainda que temporariamente.

Empurro a porta delicadamente porque não quero que note a minha presença. Pelo contrário. Quero escutar mais da sua conversa e saber do que se trata - e principalmente, saber com quem está falando.

Eu a avisto sentada na cama, com o telefone no ouvido. Ela é linda. Ainda que não acredite nisso. Os cabelos estão bagunçados de uma forma natural, mas a deixam sexy. Está usando um shortinho e uma camiseta de tecido. Suas pernas lisas e brilhantes estão à mostra, me fazendo um convite. Imediatamente lembro do momento em que estive entre suas coxas, em que meu corpo esteve por cima do seu delicioso corpo, em que meu pau se enterrou em sua boceta quente e apertada.

Olhos castanhos assustados estão sobre mim agora, me trazendo de volta à realidade. Verônica parece apreensiva. Está claro que não esperava me ver. Também está claro que *não queria me ver*. Na verdade isso é o que mais me incomoda. Não sei explicar o que sinto por dentro, mas é um sentimento que arde, que me golpeia porque em toda minha vida acreditei que era irresistível.

— *Eu tenho que desligar agora. Depois a gente se fala...* — ela diz a seja lá quem for que esteja do outro lado da linha.

Imagino que seja um cara. Todo homem possui essa coisa arisca de se sentir ameaçado por outro homem. Como um exímio macho, odeio saber que pode haver um outro rondando o meu território. Tenho certeza que o meu semblante está duro agora e não me importo de esconder o que sinto. Não nesse momento.

Mãos delicadas colocam o telefone de volta ao gancho enquanto seus olhos de chocolate continuam me encarando - provavelmente se perguntando o que estou fazendo em sua frente ou se estou bravo. Bom, bravo é pouco. Estou puto pra caralho! Primeiro porque ela não pareceu gostar da minha volta; segundo porque é possível que estivesse falando com outro homem.

Verônica permanece com a expressão de quem foi pega no flagrante enquanto fazia algo errado. *Será que fazia algo errado?* Será que conversava com o namorado pagodeiro? Será que contou a ele o que acontece entre a gente? Será que os dois estavam planejando alguma coisa quando cheguei? Já vi casos em que namorados planejam se envolver com pessoas ricas para depois um deles dar o golpe. Bom, a culpa seria minha se isso acontecesse. Fui eu que iniciei essa merda toda.

Eu a observo calmamente de onde estou, ainda parado na porta. Fecho a porta atrás de mim com naturalidade, o meu autocontrole prevalecendo. A examino minuciosamente, consciente de que ela está receosa com a minha presença. Afundo as mãos nos bolsos da calça.

— Tudo bem? — pergunto, a examinando.

— Sim... está — responde, endireitando-se na cama. Seus cílios expressivos fitos em mim.

— Estava falando com alguém? — quero saber. Nada tira de minha cabeça que estava falando com o namorado, provavelmente se lamuriando e até mesmo revelando coisas sobre mim.

— Não... quero dizer, com ninguém importante.

Sei.

— Certo — dou mais dois passos à frente, me afastando da porta — Sabe que eu posso conseguir a chamada se quiser, não sabe? — digo, sem mesmo pensar no que estou dizendo. Mas é a desconfiança falando mais rápido.

— Como é? — me lança um olhar de incredulidade e surpresa, sua boca de repente solta um riso nervoso, mas tenho certeza que não é de humor — Isso é um tanto humilhante. Você não acha?

Dou mais um passo à frente, chegando cada vez mais perto.

— Com quem estava falando, Verônica?

— E por que eu deveria contar? Isso não estava no contrato, sabia?

— Bom, se tivesse agido com naturalidade quando cheguei, eu não teria motivos pra desconfiar.

— Bom, é que talvez eu não ache que seja da sua conta.

Ah, porra.

Permaneço parado, as mãos afundadas nos bolsos. Já entendi o que aconteceu, isso tem cara de vingança. Na certa ficou com raiva porque fui à Miami encontrar outra mulher. Paula. Por mais que eu não tenha admitido, Verônica é esperta demais para ser enganada.

— Ah, você está errada. Tudo o que está aqui, e isso envolve você, é da minha conta — digo.

Levo os meus passos lentamente até o telefone e o coloco no ouvido. Começo a discar para a administração do hotel. Verônica permanece me lançando um olhar de quem está completamente chocada e chateada. Um homem atende do outro lado e começo a falar em inglês com ele enquanto Verônica resmunga e me lança um olhar de protesto.

— Não acredito que esteja fazendo isso! — briga.

— Isso o quê?

— Ah, você sabe. Solicitando o registro das minhas conversas! — ela se levanta da cama, tentando fugir de mim, mas seguro o seu pulso, a impedindo de ir.

— O que pensa que está fazendo agora?! — grita, tentando se desvencilhar de mim.

O homem do outro lado continua me perguntando o que desejo e bato o telefone na cara dele, desistindo de continuar com isso. A disputa com Verônica, sem dúvidas, é mais importante. Ela luta para se soltar de mim e acabo me dando conta da idiotice que estou fazendo. Eu a solto. Ela corre para fora do quarto, batendo a porta com raiva. Respiro fundo, me perguntando o que estou fazendo. Penso nas palavras que disse. *Isso é humilhante!* De fato, a cena foi constrangedora e humilhante. Eu passei dos limites.

Alguns minutos depois de nossa discussão, deixo o quarto e a procuro por cada canto da suíte, mas não a encontro em lugar nenhum. Caminho até o banheiro e tenho certeza de que está lá dentro. Giro a maçaneta, mas a porta está trancada. Bato suavemente.

— Verônica — chamo, tentando ser mais gentil — Eu admito que passei dos limites. Me perdoe. Não pedi o registro das ligações, se isso a consola.

Nenhuma resposta.

— Verônica? — chamo de novo, dando batidinhas na porta, mas não há resposta.

Suspiro profundamente. Afasto-me da porta. É melhor dar um tempo a ela. Vou até à sala e caminho até o bar para pegar um pouco de bebida. Coloco duas doses do Jack Daniel's em meu copo e afundo no sofá. Depois de beber, pego o meu notebook e dou uma olhada nos novos projetos das joias. As horas passam e me lembro que Verônica não saiu do banheiro durante todo esse período.

Aproximo-me outra vez da porta do banheiro e chamo:

— Verônica? — dou batidas suaves na porta — Tudo bem aí?

Nenhuma resposta.

— Olha. Me desculpe. Vamos conversar.

Nada.

— Pelo amor de Deus, não pode ficar trancada nesse banheiro a noite toda... vamos conversar como dois adultos, certo?

Nada ainda.

Forço a maçaneta da porta, começando a achar que há algo muito errado. Continuo forçando a porta, até me

afastar um pouco, dar impulso e jogar o meu corpo duramente contra ela, arrombando-a na hora. Parte do banheiro aparece para mim e meu coração dispara quando a avisto desmaiada no chão.

— Verônica!

Corro até ela, me agacho, tomo seus pulsos e posso ouvir sua pulsação. Isso me deixa um pouco mais aliviado.

— Verônica? — eu a chamo, tentando despertá-la e logo sinto o quanto todo o seu corpo está pegando fogo. Ela finalmente desperta, confusa e grogue, os olhos vermelhos.

— O que... o que aconteceu?

— Calma. Você vai ficar bem. Você está com febre. Vou chamar um médico.

Eu a pego com gentileza e a ergo nos braços com facilidade. Eu a carrego de volta para o quarto. A deito com cuidado na cama. Puxo o edredom sobre o seu corpo.

— Eu estou bem... só um pouco fraca, acho. Lembro que a minha cabeça ficou pesada de repente...

— Você precisa de um médico. Fique aqui, que já volto — digo.

Corro de novo até o banheiro à procura da caixa dos primeiros socorros que sempre há nas suítes de hotel. Com ela em mãos, volto para o quarto e encontro Verônica em pé, querendo andar, se apoiando em algo.

— Não. Você precisa deitar — eu a pego pela cintura enquanto resmunga que está bem, que não tem nada de mais, só uma febre — Você é sempre teimosa assim? — eu a coloco outra vez nos braços.

— Eu não pensei que executivos soubessem cuidar de pessoas doentes — brinca e isso não me soa ruim.

Sorrio com esse comentário.

— Você está muito enganada, doçura. Eu sei fazer muitas coisas boas também.

Ela sorri.

— Você me chamou de doçura?

— E você é.

Gosto da sensação de suas mãos quentes em meu pescoço enquanto se agarra em mim para que eu a leve de volta para a cama. Eu a coloco cuidadosamente na cama e ela se aconchega nela. Pego o termômetro e meço a sua temperatura.

— 39°. Essa febre precisa baixar.

— Vou ficar bem, Jonas. É só uma febre. Você nunca teve febre na vida?

— Já.

Pego o celular do bolso e disco novamente para a administração do hotel. Dessa vez solicito um médico ao quarto o mais rápido o possível.

Desligo. Observo Verônica voltar a fechar os olhos. Ela não parece bem.

É só uma febre. Você nunca teve febre na vida?

Um flashback vem em minha cabeça.

— Jonas? — *ouvi a voz do meu irmão assim que ele abriu a porta do meu quarto — Tudo bem aí? Você precisa de alguma coisa?*

— *Cadê a Zuleica? — gemi, choroso, mas eu não queria chorar. Eu sabia que não podia chorar. Era um garoto de sete anos e garotos não choravam, certo?*

— *Ela não veio hoje. É folga. Esqueceu? Todos os domingos ela tira folga.*

— *É verdade — suspiro, a garganta inflamada doendo, meu corpo queimando em febre — E o papai?*

— Não está. Foi ao evento. Ele e a mamãe. Os dois foram. Ela disse que era um evento de gala e não podia perder por nada porque já tinha comprado o vestido.

— Ela devia ter ficado pra cuidar de mim... — resmunguei, tremendo de frio, meus olhos ardendo, as lágrimas descendo por meus olhos que provavelmente estavam vermelhos.

Eu só não sabia se as lágrimas desciam por causa da febre alta ou por causa da mágoa que eu sentia pela minha mãe ter me deixado doente em casa. Estava claro que o evento de gala e toda aquela idiotice era mil vezes mais importante que um filho doente. Fechei os olhos, sentindo a febre de 39° me dominar. Eu costumava ter essa febre.

— Você quer um pouco de água ou posso voltar pro meu vídeo game? — ouvi a voz do meu irmão perguntar. Eu não podia julgá-lo. Ele só tinha 9 anos.

— Pode ir jogar. Eu vou ficar bem.

A porta se fechou em seguida e eu soube que estava sozinho outra vez no quarto escuro enquanto minha cabeça doía e meu corpo ardia em febre.

— Está frio... — a voz fraca de Verônica me traz de volta à realidade.

Pego um cobertor dentro do armário e a cubro cuidadosamente com ele, tentando deixá-la cada vez mais aconchegada. Apago a luz para que toda essa claridade não a incomode e afundo na poltrona em frente à cama para velar o seu sono. Não vou deixá-la sozinha. Jamais.

O celular de repente toca e é o recepcionista avisando que o médico já está à caminho da minha suíte. Agradeço. Desligo. Quando o doutor bate na porta minutos depois, deixo Verônica sozinha apenas para abrir a porta e receber o homem. Eu o cumprimento e levo o médico até o quarto

onde Verônica está. Ele a avalia e a medica. Em inglês me pergunta o que aconteceu e explico que viemos de Paris e que ela parecia bem até o dia anterior. Ele me explica que a febre vai logo baixar com a medicação que deu e que essa virose provavelmente se deu por conta das viagens e da mudança de clima. Assinto. Ele deixa outras medicações e uma lista de alimentos que ela precisa comer para se sentir melhor. Eu o acompanho até à saída e agradeço.

Volto para a poltrona, observando-a dormir. Estou mais aliviado agora que Verônica foi medicada e que logo ficará boa. Eu não sei o que faria se algo grave acontecesse. Por causa de mim a garota está ali. Enquanto estivermos juntos fora do país serei o seu responsável. Relaxo minha nuca na parte dura da poltrona e travo uma luta contra o sono. O quarto está na penumbra. Não quero dormir porque Verônica pode precisar de mim durante a madrugada e eu quero estar pronto para socorrê-la, caso isso aconteça. Lembro da frase que ela falou a respeito dos executivos cuidarem dos outros. Essa é, provavelmente a ideia que no geral as pessoas têm de homens como eu, que somos egoístas, arrogantes, desumanos. Bem, isso pode até ter um fundo de verdade. Todavia tenho que admitir que essa garota tem a capacidade de trazer o melhor de mim, algo especial que me motiva a ser melhor a cada dia. É sexo, claro que é. Mas talvez não seja apenas isso.

Capítulo 26

VERÔNICA

ABRO OS OLHOS. Pisco. E a primeira coisa que vejo em seguida é ele sentado na poltrona, com os olhos fechados. Endireito-me na cama. Sento-me com cuidado para não fazer barulho e acordá-lo. Jonas está com a mesma calça preta e com a mesma camisa azul escuro da noite anterior. Acho que passou a noite na poltrona. Não há nenhum cobertor sobre ele. Será que sentiu frio durante a madrugada?

Busco na memória o que aconteceu ontem à noite para Jonas ter adormecido na poltrona. Bom, Jonas havia chegado de Miami, eu estava conversando no telefone quando isso aconteceu, ele não gostou e tivemos uma discussão porque me humilhou ao dizer que pediria o registro das ligações.

Lembro-me também que eu já tinha levantado meio estranha ao amanhecer, com muita dor de cabeça. Então depois da discussão me tranquei no banheiro e a minha pressão deve ter abaixado porque do nada apaguei. Jonas me socorreu e constatou que eu estava com febre.

— Como está se sentindo? — sua voz rouca ressoa, me levando a fitá-lo — Bom dia.

Ele esfrega o rosto e se ajeita na poltrona.

— Bom dia. Estou bem melhor. Obrigada — digo, e tocando meu pescoço para ver se ainda estou quente,

aviso: — A febre passou.

— Ótimo, vou pedir o café — ele se levanta da poltrona e deixa o quarto.

Demoro algum tempo tomando banho de água morna. Quando finalmente abandono o banheiro e volto para o centro da suíte, opto por um vestido de tecido leve e me visto com ele. A porta não está aberta, mas também não está fechada. De onde estou consigo ouvir Jonas falar com alguém no telefone. Sei que já tomou banho porque antes de me servir o café da manhã na cama já estava vestindo um moletom preto e uma camiseta branca. Na hora não pude deixar de admirar seus braços musculosos e seu abdome perfeito. A verdade é que ele todo parece ter sido feito de aço e, mesmo não querendo pensar em sexo, não sou capaz de desvincular uma coisa da outra. Quando estamos juntos na cama sinto todo esse seu vigor corporal.

Depois de vestida, vou até o espelho e dou uma escovada em meu cabelo. Nem quero imaginar o meu estado ontem à noite quando estive doente. Detesto a ideia de que ele possivelmente me viu descabelada e cheia de olheiras. *Ah, Verônica, não comece a surtar agora!* Deixo a escova de lado e abandono o quarto. Já na sala eu o encontro terminando a ligação no celular. Descanso meu ombro na parede e cruzo meus braços no peito. Mas agora não estou mais chateada com ele. Bom, quero dizer, não tão mais chateada.

Jonas me encara. Uma de suas sobrancelhas se ergue.

— Tem certeza de que já está mesmo bem pra ficar em pé? — quer saber.

— Até já tomei um banho.

— Por que não me esperou? Eu ia ajudá-la.

— Não se preocupe comigo. Já estou bem.

Permanece me encarando. E permaneço fazendo o mesmo com ele. Abro a boca, pensando no que dizer por que devo agradecer pelo modo como me tratou depois que me encontrou desmaiada no banheiro.

— Você foi muito legal comigo ontem à noite. Obrigada.

Me encara, os olhos azuis tranquilos como nunca os vi antes. Guarda o celular no bolso do moletom.

— O que fiz foi pouco, Verônica. Você sabe disso. E devo desculpas pelo modo como agi antes de tudo aquilo. Você tinha razão. Eu a humilhei. Fui um idiota.

— Aceito suas desculpas — dou uma piscadela.

A gente se senta à mesa e fica por um momento em silêncio apenas tomando o nosso café e eu não quero pensar em como foi o encontro dele com a namorada ontem ou no que está acontecendo agora e que isso não passa de uma encenação. Quero apenas aproveitar o momento.

— Olha — começa — Eu tenho um evento pra ir esta noite. Eu gostaria muito de poder recusar o convite, mas ele é realmente importante. Eu adoraria que fosse comigo, mas depois do que aconteceu ontem à noite, acho melhor você ficar e descansar um pouco.

— Se não tiver problema, prefiro ficar.

— Eu prometo não demorar.

— Está bem.

JONAS

CHEGO sorrateiramente na porta da suíte e me surpreendo com as gargalhadas vindas da sala de estar. Aproximo-me devagar, até avistar uma Verônica sentada no felpudo tapete, de bruços, com as pernas estiradas, completamente descontraída em frente à televisão. Há um pote de pipocas ao seu lado e vendo-a assim tão leve e relaxada, não consigo evitar um meio sorriso nos lábios. Olho para a tela da tevê e uma lembrança da infância me atinge. *Scooby Doo*. Verônica está assistindo ao *Scooby Doo*. Afundo as mãos nos bolsos da calça e descanso meu ombro na parede, divertido com a ideia. Não quero interromper essa cena, então permaneço onde estou, vendo-a por uma outra ótica. Até me pego envolvido com o desenho na tevê quando subitamente sinto o seu olhar em minha direção.

— Não se importe comigo — digo, meus ombros ainda contra a parede de concreto — Cheguei agora.

É nítido que estraguei o momento. Merda. Ela não será mais a mesma Verônica que encontrei ao chegar. Sem dizer nada, ajeita o cabelo e se senta no tapete. Com um sorrisinho tímido, volta a mirar a televisão, se esforçando para não demonstrar o quanto está incomodada com a minha presença. Desencosto-me da parede, dou alguns passos para a frente até chegar mais perto dela.

— Vendo *Scooby Doo*? Isso realmente me impressiona — tiro o paletó do smoking do corpo e o abandono no braço do sofá.

— Você imaginou que eu seria do tipo de quem vê novelas, não é? Na verdade, não gosto delas. E adoro desenhos.

— Nada contra. Também gosto — me livro dos sapatos e me sento a seu lado no tapete.

Verônica não consegue disfarçar o quanto minha presença a deixa um pouco nervosa, inquieta. Eu não sei se é só mágoa ou raiva. Mas é visível que de alguma forma mexo com ela. Esta noite me sinto bem-humorado, apesar de ter voltado de uma festa que fora perfeitamente insuportável. Tudo em que eu pensava quando ainda voltava para o hotel é que eu precisava do corpo quente e gostoso dessa mulher embaixo de mim. Só que não sou nenhum imbecil insensível como ela pensa que sou - sei que preciso envolvê-la e seduzi-la ou então não vai se entregar a mim. E nunca na vida transei com uma mulher que não estivesse muito a fim de mim. Não quero nem imaginar uma coisa dessa.

— Sabe, eu também adorava Scooby Doo — pego um pouco de pipoca do pote dela e as levo até à boca. Verônica continua olhando para a TV, contudo, imagino que esteja intrigada por eu estar aqui tão perto dela falando sobre desenhos animados e não sobre negócios.

— Já viu esse episódio antes? — pergunto, tendo um pouco de vislumbre de quando era um garoto de dez anos. — Foi o dia que...

— Que apareceu o navio fantasma — completa, me encarando. Não está mais inquieta ou tensa. Parece um pouco mais descontraída comigo tão próximo — Eu sempre assistia a esse episódio. Na tevê aberta sempre repetia. E lembro que morria de medo toda vez que a parte do navio aparecia.

— Por quê? — meus olhos miram seus ombros nus por causa da blusinha e vão descendo até suas coxas. — Não

acredito que morria de medo de uma coisa boba dessa — provoço.

— Ora, eu tinha sete anos! — defende-se.

Dou uma risadinha, imaginando a cena. Eu quase não via desenhos animados porque meu pai sempre colocava meu irmão e eu em várias atividades extraclasse. A verdade é que enquanto meu pai ficava fora de casa, trabalhando o dia inteiro, Júlio e eu ficávamos aos cuidados da babá. Minha mãe nessa época já havia ido embora com um de seus amantes - escolhido ele ao invés dos próprios filhos.

Meu irmão e eu tínhamos escola, aulas de natação, equitação, jiu jitsu, golfe, entre outras coisas mais. Quando a babá nos buscava, já era para tomar banho, jantar e dormir. Havia dias em que eu sequer via o meu pai.

De repente eu me pego de volta ao agora e me surpreendo por vê-la me observando. Ela sorri. Um sorriso breve, mas um sorriso. E tenho vontade de carregá-la até à cama. Tenho vontade de esquecer todas as mágoas do passado fazendo muito sexo. A minha vida adulta foi toda assim. Sexo atrás de sexo. Eu me sinto bem sendo frio e insensível. Quando você não recebe muito amor, você também não tem muito o que dar, então é melhor que continue assim. Ela me dá prazer e em contrapartida lhe dou o dinheiro e o conforto que posso proporcionar.

— Está vendo como a gente se entende? — chego mais perto dela, toco a ponta do meu dedo delicadamente em seu rosto, fazendo-lhe carinho. — É bom saber que temos algo a mais em comum. Eu também adorava Scooby Doo.

Verônica retribui o sorriso, mas me pergunto se ainda não sacou que tudo o que quero é carregá-la para cama e

transar selvagemente.

— Há quanto tempo você não faz uma coisa como essa? — pergunta, me encarando e me surpreendendo.

Afasto meu dedo de seu rosto. Franzo minha testa, pensando na última vez que comi pipoca e assisti a um desenho.

— Caramba, faz muito tempo.

Verônica sorri, me estudando. Me pergunto se está pensando que talvez eu não seja tão frio e desagradável quanto ela pensa. Talvez o maior problema entre nós dois seja a falta de comunicação.

— Você deve ser realmente muito ocupado. Precisa se descontraír mais — diz, me encarando e eu concordo.

— Verdade. Sabe de uma coisa? — encho minha mão com mais pipoca — Vida de rico não é essa maravilha que todo mundo pensa — levo as pipocas à boca — Quando eu era garoto, por exemplo, de uns oito ou nove, eu sentia inveja dos meninos pobres.

Ela não diz nada. Apenas me ouve, atenta.

— Às vezes, dentro do carro do motorista, indo ou voltando da escola, eu via através da janela aqueles garotos e garotas correndo do lado de fora, jogando, brincando, pulando, fazendo várias coisas legais... uns comprando cachorro-quente na carrocinha, se lambuzando com coisas gostosas, enquanto eu estava lá, sentado no banco traseiro de um carro fechado...

— Nossa — ela está tocada — sua infância foi mesmo assim?

— É por isso que sou quem sou, Verônica. Eu tive brinquedos, conforto, vida boa, os melhores colégios do mundo, mas nunca me senti amado como uma criança deveria ser.

— Que triste, Jonas. Eu lamento muito.

Seus olhos estão brilhando e imagino se está tão tocada a ponto de se emocionar.

— Bom, não vale a pena ficar pensando nisso — digo.

Permaneço me encarando com aquele olhar distante e me pergunto se está imaginando-me garoto sentado no banco traseiro de um belo carro, sendo conduzido por um motorista carrancudo, enquanto seguia pendurado na janela do automóvel com os olhos brilhando, observando as outras crianças do lado de fora brincar. Verônica morde o lábio inferior, pensativa.

— Como estão seus pais agora?

— Meu pai morreu quando eu ainda tinha 17 anos.

— E a sua mãe?

— Ela foi embora com outro homem quando eu ainda era pequeno. Hoje em dia somos como dois desconhecidos.

Verônica parece angustiada com tudo que lhe contei. Morde outra vez o lábio inferior. Tenho certeza de que sua relação com os pais é completamente diferente da minha. Conheci sua mãe e de cara gostei dela. Pelo modo como fala dos pais, sinto o quanto os ama. Aliás, se não os amasse, não estaria aqui comigo, se sacrificando em prol da família.

— Eu lamento pela sua infância, Jonas.

— Tudo bem. Já passou. Eu já superei.

Será mesmo?

— Mas por que eles não foram bons pais pra você? — quer saber.

— Bom — esfrego meu rosto, pensando nisso pela primeira vez — Meu pai era muito ocupado. Só trabalhava e quase não tinha tempo pra nós. Mas graças à sua frieza,

sou quem sou. Me orgulho disso. Ele me ensinou tudo o que eu deveria saber sobre negócios. E quanto à minha mãe... bom, não sei nem o que dizer... mas por que não deixamos esse papo de infância de lado e fazemos outras coisas mais gostosas?

Chego ainda mais perto dela. Desço meus olhos por seu corpo.

— Você está linda, mesmo só de camiseta.

Desvia o olhar de mim, provavelmente preferindo continuar conversando sobre família e essas merdas de infância, mas não quero mais falar sobre isso. A minha era uma porcaria. Essa conversa toda só me faz ficar ainda mais deprimido e faminto por sexo. Me afundar em seu corpo quente vai ser muito mais gostoso.

Toco seu queixo gentilmente, obrigando-a a me encarar.

— Olhe pra mim — sussurro, já cheio de tesão — Caramba, você é linda pra caralho.

Não responde, mas mantém seus olhos em mim, como pedi. Ela se endireita e lentamente se deita sobre o tapete, sabendo que é isso o que quero agora. Puxo seu vestido lentamente para cima e ela me auxilia quando o passo pelos ombros e pela cabeça. Verônica fica apenas de calcinha e sutiã, mas começo a tirá-los também. Preciso dela nua. Quando isso finalmente acontece, quando sua calcinha desliza por suas pernas e chega nos pés, gasto alguns minutos observando seu corpo quente e sensual, todo nu e perfeito pra mim. Começo a abrir os botões da minha camisa e tiro o tecido por meus braços e ombros. Meu pau já está duro, louco para sair das calças. Tiro as minhas calças e me deito sobre ela, amassando seu corpo e seus mamilos.

— Sabe por que saí mais cedo da festa? — rosno baixo em seu ouvido — porque só pensava em você, em ter esse corpo lindo todinho pra mim... você me deixa sem ar... — beijo sua boca. Ela vira o rosto, mas insisto. Seguro seu rosto com minhas mãos, forçando sua boca a ficar parada para receber a minha.

Depois de beijá-la muito, travando nossas línguas, me afasto de seu corpo quente apenas para admirar outra vez o seu corpo nu. Seus olhos castanhos me encaram, na expectativa. Sua respiração está mais acelerada, seus peitos subindo e descendo. Começo a abrir o zíper da calça, sem pressa. Tiro a calça, em seguida a cueca. Verônica está à minha espera, tão ansiosa pelo meu corpo quanto estou pelo seu. Ajeito-me entre suas coxas deliciosas. Gosto de suas mãos pequenas deslizando por meus braços fortes. Beijo seu queixo, sabendo que minha barba está pinicando sua pele lisa. Ah, caralho, não vou aguentar.... a cabeça do meu pau está na sua entrada já molhada. Eu me pergunto se enquanto eu estava contando a minha história triste ela estava ficando excitada. O fato é que está molhada por mim. É bom saber que mexo com seu corpo do mesmo jeito que mexe com o meu.

Logo me afundo em sua boceta gostosa e apertada, querendo já ir bem mais fundo, mas preciso deixá-la ainda mais relaxada. A garota geme, a cabeça encurvada para baixo, os olhos fechados. Fico parado, esperando, adorando essa sensação que estou lhe causando. Ah, porra, sou bom pra caralho. Ela se abre mais, cada vez mais relaxada e eu passo a empurrar mais rápido, indo mais rápido, cada vez mais rápido, até ir com força.

— Isso, geme pra mim, porra...

Verônica geme, seus gemidos vão ficando mais alto, ela quer mais, pede por mais, enquanto vou tomando seu corpo, usando e abusando, fazendo o que quero. Seguro sua nuca com firmeza enquanto minha língua entra em sua boca, explorando tudo. Meu pau não para de trabalhar, meu quadril empurrando meu pau para frente, tomando-a, fodendo-a completamente. Vou empurrando com força, deslizando meu pau enorme por sua boceta apertada, um caminho estreito e quente, vou pegando tudo pela frente, me alojando lá dentro, saindo, entrando, saindo de novo, entrando com mais força, indo além, empurrando duramente contra ela, metendo com força e com fome. Tomo sua boca enquanto vou pulsando em seu corpo gostoso, gozando quente em seu fundo, lambuzando-a toda.

— Porra, como é gostosa...

Capítulo 27

VERÔNICA

ABRO OS MEUS OLHOS. Pisco uma, duas vezes. Não preciso olhar para saber que está ali ao meu lado. Eu o sinto. A gente fez amor por um bom tempo antes de pegar no sono. Imagino que dormimos por algumas horas. Lembro-me do momento do sexo e como me tomou, me beijou, me chupou, fez tudo o que nenhum homem fez. Foi o sexo mais selvagem que tivemos até agora. Mas foi gostoso. Aliás, a cada dia que se passa tem ficado ainda mais gostoso. Ele vai conhecendo meu corpo, acertando nos pontos onde me dá mais prazer, e eu vou fazendo a mesma coisa com ele. Ou pelo menos tento. Nós fizemos três vezes entre pausas. Cada uma superando a anterior.

Agora Jonas está apagado na sala, como um tigre cansado. Eu o balanço delicadamente, tentando despertá-lo, mas é inútil. Ele deve estar realmente muito cansado. Cruzo os meus braços na altura do peito, me dando conta de que não vai adiantar muito ficar ali, tentando acordá-lo. O melhor a fazer é deixá-lo dormir em paz, afinal de contas, já é madrugada.

Eu me ponho de pé devagar e com cuidado para não interromper o seu sono. Olho para o programa de auditório que está passando agora na tevê e constato que ela esteve ligada desde o momento do *Scooby Doo* até agora. Procuro pelo controle remoto que ficou abandonado em algum canto do sofá, mas não o encontro. Retiro o pote de

pipoca do outro lado do tapete e o levo para a cozinha. Jogo as pipocas frias e velhas na lata do lixo. Subitamente a imagem de Vanessa vem à minha mente e me divirto com ela. Se estivesse aqui resmungaria pelo fato de eu ter me desfeito das pipocas.

Depois de apagar a luz da cozinha, levo os meus pés até o quarto, ainda bocejando. Lembro-me de Jonas adormecido lá no carpete da sala. Pego um edredom grosso, e volto para a sala com ele em minhas mãos. Cubro Jonas. Olho para o sofá e finalmente encontro o controle remoto. Eu o miro na TV, a desligando. Meus olhos voltam à imagem de Jonas no carpete. Fico o observando dormir. É lindo até dormindo. Não. É maravilhoso. Faz coisas impressionantes na cama e me faz sentir a mulher mais gostosa e admirável que já existiu.

Gosto do seu beijo de língua, do modo como suas mãos grandes me tocam ora com delicadeza, ora com um pouco mais de brutalidade, mesmo sem me machucar. Gosto do modo como seus joelhos afastam minhas pernas e como seu quadril se ajeita entre minhas coxas, do modo como seus braços musculosos se posicionam ao lado do meu rosto, me engaiolando, me fazendo sentir protegida. Do modo como seu peitoral amplo e duro esmaga meus mamilos e seios, do modo como sua barriga definida cola na minha. Gosto do modo como sua boca exigente procura pela minha no mesmo instante em que seu membro entra em mim e vai deslizando até se alojar completamente no meu fundo. E talvez esse seja o meu maior medo: ficar viciada nele.

Suspiro. Deixo Jonas dormir na sala e caminho para o nosso quarto. Afundo na cama e tento dormir de novo. Meus pensamentos subitamente vão até minha casa, até à

minha família... na saudade que estou sentindo deles... depois vão até Cidão.... em como ele estaria... penso em Jonas... no que temos feito e nos momentos que temos passado juntos... na forma como ele sabe transar comigo e não me deixar enjoada... até que tudo vai ficando... escuro...

Na manhã seguinte, desperto com vozes e barulhos que parecem vir da sala. Esfrego os olhos com as mãos. Continuo ouvindo as vozes. Afastando o cobertor de cima de mim, sento-me na cama e ajeito meus cabelos desgrehados. Miro o relógio da parede. São oito e vinte da manhã. As vozes estão vindo cada vez mais próximas... elas estão aqui na suíte - provavelmente na sala de estar.

Levanto-me num pulo, calço os chinelos e vou até à porta para tentar ouvir melhor o que está se passando lá fora. São vozes, definitivamente, de pessoas que estão na sala de estar - e realmente dentro da suíte! E vozes de pessoas alteradas. Ao menos uma delas está alterada. Uma discussão. Uma voz é de Jonas, eu a reconheço. Um timbre firme e controlado. Ele está falando mais baixo, tentando contornar a situação. A outra voz é de uma mulher. Ah, merda. Com o coração pulsando, me afasto da porta e me caminho até o centro do quarto. Começo a andar de um lado para o outro, angustiada, me perguntando o que está acontecendo lá fora e quem é essa mulher que está discutindo com ele. Volto a me aproximar da porta, querendo entender o que falam e quem é ela. Será que é a namorada dele?

— *O que está acontecendo aqui, Jonas? Por que não conta logo de uma vez?* — a voz feminina brada — *O que*

tanto me esconde? Me diz! Pois cansei de bancar a ingênua! Cansei!

— Você pode falar mais baixo, por favor, Paula? Nova Iorque inteira não precisa participar disso! — Jonas parece incomodado com o show que ela está fazendo.

— Dane-se Nova Iorque! Dane-se as boas maneiras! Dane-se você! Eu quero saber a verdade! Me diz! — de repente seu tom parece de alguém angustiada e realmente sofrida. — É outra, não é? Você está me traindo com outra mulher! É claro que está! E não seria a primeira vez, não é verdade? — começa a chorar descontroladamente: — É claro que está me traindo... por que eu sou tão burra?... — ouço barulho de socos no peito e sei que está batendo nele.

— Paula, calma. Vamos conversar...

— Vamos conversar? Como tem coragem de me pedir isso? — grita. — Eu não quero conversar coisa nenhuma! E não quero ficar calma! Eu quero descobrir quem é a puta que está com você aqui dentro! Eu vou acabar com ela! Quero ver com meus próprios olhos...

— Paula!...

Jonas grita, e tenho certeza de que a mulher está vindo até o quarto onde estou. Ouço passos apressados se aproximarem cada vez mais. Aflita, afasto-me da porta. Os passos de Jonas atrás dela só confirmam que a mulher se aproxima do quarto, como uma louca. Recuando ainda mais, vejo o exato momento em que a porta se escancara e que seus olhos encontram os meus. Seus olhos como chamas de fogo. Não sei o que fazer. Seus olhos estão vermelhos de tanta tristeza e sofrimento. Por um momento, só vejo aflição e dor. Ela grita, chora, e parte para cima de mim, como uma louca, furiosa. Pensando apenas em me

defender, ergo os braços como um escudo, enquanto a mulher traída, histérica, avança. Eu a empurro para longe antes que agarre o meu cabelo e não o solte por nada. Jonas chega a tempo, puxa a namorada enfurecida pela cintura, gritando com ela e mandando que pare com o show. Como nada é capaz de acalmá-la, ele a carrega com firmeza e a leva de volta para fora do quarto e para longe de mim.

Com o meu coração batendo feito um tambor, o tremor em meu corpo, o choque tomando a minha mente, corro até à porta e viro a chave na maçaneta, trancando-me lá dentro - fazendo o que eu devia ter feito assim que escutara a discussão.

Ponho as mãos nos ouvidos porque não quero mais ouvir os gritos da mulher traída lá fora. Eu me sinto mal com tudo isso, eu me sinto uma grande vadia. As lágrimas descem por meus olhos e não consigo contê-las. Tenho vontade de ir embora, de sumir de uma vez. Lamento tê-lo conhecido um dia naquele hotel. Por um segundo lamento ter aceitado vir. No entanto, sei muito bem que se estou aqui nessa situação a culpa não é dele. Jonas não me obrigou a nada. Por mais que a minha vergonha e revolta nesse instante falam mais alto que qualquer coisa, preciso entender: ele não me obrigou a nada. Mas eu jamais vou esquecer a tristeza e a dor que avistei nos olhos da loira.

Capítulo 28

JONAS

PAULA FOI EMBORA depois de me xingar e prometer que nunca mais olharia na minha cara. Bom, não sei o que pensar. Confesso que estou irritado porque nada disso deveria ter acontecido. As coisas nunca saem do meu controle e dessa vez saíram.

O flagra de Paula e o desfecho da história agora me deixam frustrado. Afundo no sofá e respiro fundo. Eu queria ficar com Paula. Mesmo que não haja nenhuma pretensão de me casar um dia com ela. Queria poder continuar mantendo nossa relação. Não posso negar o quanto nosso relacionamento sempre fora conveniente. Mas também quero Verônica. As duas na mesma hora. Merda. Suspiro. Eu me levanto e levo os meus pés até à porta do quarto onde Verônica esteve até agora. Giro a maçaneta devagar e surpreendo-me por encontrar a porta trancada.

— Verônica? — chamo, batendo levemente na porta, tentando ser o mais delicado que posso.

Tenho a consciência de que o que aconteceu minutos atrás aqui foi capaz de abalá-la também. O mínimo que posso fazer é me desculpar pelo episódio lamentável.

Não há nenhuma resposta, então forço a maçaneta outra vez.

— Verônica? Por favor. Eu sei que está aí dentro. Será que podemos conversar? Eu gostaria de me explicar.

Espero mais um pouco.

Nada.

Encosto a minha testa na madeira da porta, pensando no que mais dizer para convencê-la a acreditar em mim. Ouço ruídos. Tenho a impressão de que também ouço passos lá dentro. Imagino que esteja vindo até mim, se aproximando da porta. Eu me afasto um centímetro e aguardo. Subitamente a porta se abre na minha frente. Dou de cara com uma Verônica séria. Não sei o que dizer a ela. Juro que não sei. A morena se vira de costas pra mim e caminha de volta até à cama. Afunda no colchão. Meus olhos são guiados até o closet porque perto dele há algo que me chama a atenção: sua mala feita.

— O que é isso? — quero saber, tendo a noção de que meu cenho está franzido.

— Vou embora, Jonas — responde, sem me encarar.

— Ir embora? Mas por quê? Você não precisa fazer isso. Está tudo resolvido. Foi um mal-entendido e já passou — afundo as mãos nos bolsos do meu jeans e suspiro: — Olha, me desculpe pelo que aconteceu. Isso não devia ter acontecido. Foi algo que fugiu do meu controle. Não sabia que ela me seguiria, mas garanto a você que uma coisa dessa nunca mais vai se repetir.

Verônica suspira e parece levar minhas palavras em conta, parece estar confusa e a pensar no que acabei de lhe dizer.

Olho novamente para a sua mala feita e só sei que não gosto do que vejo. Tento pensar rápido numa forma de reverter a situação e convencê-la a ficar.

— Vamos esquecer o que aconteceu. Ok?

— Não. Não quero mais participar disso, Jonas. Olha, eu lamento. Eu sei que não me obrigou a nada e que se

estou aqui foi por minha própria escolha. Mas não quero mais isso pra mim. É muito estranho e humilhante. Eu não consigo mais... não faz parte do meu feitio, dos meus princípios... vou embora. Pra mim já chega — se levanta da cama, pronta para alcançar a mala.

Ah, merda.

Passo rapidamente a mão pelo rosto, ainda pensando em como convencê-la a ficar. Deve haver uma maneira. Tem que ter uma maneira. Esfrego o meu rosto outra vez, procurando o meu autocontrole e a inteligência.

— Você não precisa fazer isso. Podemos voltar de onde paramos.

— Pra mim não é tão simples como parece — rebate, sem me encarar, já perto da mala — Eu vi a forma como ela chorou, como ela sofreu. Não quero mais ter que compactuar com isso. Não fui criada assim... e você deveria ter vergonha de enganar as pessoas.

— Paula não é mais minha namorada. Já terminamos tudo. Acabou.

— Por causa de mim.

— Não. Por causa de mim e dela. De nós dois. Muitas coisas que começam, terminam também. Faz parte da vida. Ela vai superar. Todos superam um fim.

— Mas não precisava ter sido como foi.

Esfrego o meu rosto. Chego mais perto dela e toco em sua mão que está segurando a alça da mala.

— Fique. Por favor.

— Vai ser melhor assim, Jonas.

— E o nosso acordo?

— Não precisa me pagar nada — me encara. — Eu só quero a passagem de volta pro Brasil, por favor.

Solto sua mão.

— Não posso fazer isso.

— Por que não?

— Temos um acordo, Verônica. Lamento, mas infelizmente não posso fazer nada por você.

Seus olhos castanhos estão arregalados em minha direção e seus lábios abertos em formato de um O.

— Como não? Você é um cara poderoso, tem influência... é só providenciar a bendita passagem para o Brasil e ponto-final!

Verônica quer ir embora desse maldito hotel e voltar para a vidinha de merda que tem. E tudo voltará a ser como antes. Mas não vou facilitar as coisas. Ao contrário, quero puni-la e pirraçá-la. Vai me achar mau, frio e desumano? Foda-se. O que importa é que assinou o maldito contrato e vai ter que levá-lo à sério agora. Por outro lado, também sei que não posso mantê-la comigo na marra. Por um instante engulo o meu orgulho, suspiro, pego novamente em sua mão e a conduzo gentilmente até a cama. Fico mais aliviado quando aceita se sentar ao meu lado.

— Por favor, entenda. Desde o início, você sabia como seria. Sei que o que aconteceu agora há pouco foi chato e a deixou abalada, e com razão... sei que foi imperdoável da minha parte. Mas o fato é que tudo isso fugiu do meu controle, acredite. Não era para ter acontecido desse jeito. Não era para Paula ter aparecido aqui e descoberto dessa maneira. Eu romperia com ela, mas seria uma conversa civilizada. Desculpe se a fiz se sentir humilhada. Mas preciso que acredite em mim quando digo que uma cena como aquela não vai se repetir. Por favor, fique.

Levo sua mão gentilmente aos meus lábios. Seus olhos seguem os meus movimentos.

— Por que está fazendo isso? — murmura, aparentemente mais calma. — Quero dizer, você é tão rico e tão poderoso... poderia ter a mulher que quisesse... por que está insistindo comigo?

— Porque quero você. Não outra — digo, sendo sincero —, desde o primeiro dia em que a vi dançando em minha cama naquele quarto de hotel eu a quis. Desde aquele dia você não saiu de minha cabeça.

Ela me encara, confusa, e entreabre os lábios, pensando em dizer algo, mas no meio do caminho desiste.

Prossigo:

— Achou que eu tivesse ficado com raiva? Está enganada. Nem por um minuto fiquei.

Permaneço calada, me encarando, a cada momento mais tranquila diante das minhas revelações.

— Verdade?

— Verdade. Pensava em você quando deitava, quando levantava, quando tomava banho... até quase não aguentar mais, e então, tive essa ideia.

— Me contratar pra ficar com você.

— Isso mesmo.

— E você acha... quero dizer, você acha isso normal?

Abaixo meu olhar e mantenho meu sorrisinho arrogante no canto da boca. Esse sorriso cínico que sempre a deixa abalada. Sim, eu sei que sou um grande filho de puta. Acho que essa batalha finalmente venci.

Chego mais perto dela, pouso minha mão em sua coxa. Seus olhos descem por minha mão grande em sua pele. Posso jurar que a ouvi gemer baixinho. Passo a alisar sua coxa. Logo se vira de frente a mim, se senta em meu colo e joga seus braços em volta do meu pescoço.

— Eu não sei o que estou fazendo, Jonas — diz, baixinho — Ora estou te odiando, ora estou te amando... você tem também embaralhado a minha cabeça... — toca meu rosto delicadamente com a ponta de seus dedos pequenos.

Eu a puxo para mais perto de mim. Rosno de tesão. Inclino a cabeça para baixo e o meu rosto vai parar no vão de seus seios. Verônica geme, gostando. Tem ficado mais ousada a cada dia que passa. Afasta as mãos de mim para ela mesma puxar a alça da blusinha para baixo, até tirá-la. Depois faz a mesma coisa com o sutiã. Sai do meu colo, se levanta e começa a deslizar a calcinha para baixo, até o tecido acumular-se entre seus pés. Ela o passa por um pé, depois pelo outro. Eu me levanto também, ficando bem maior que ela, tiro a camiseta, em seguida meu jeans escuro juntamente com a boxer. Meu pau já está duro, bem mais grosso e maior do que minutos atrás. Seus olhos descem até ele e seus lábios se entreabrem com desejo. Dá uma mordidinha no lábio inferior, cheia de malícia.

Chego mais perto dela, pego seu queixo, eu o puxo para cima e beijo sua boca gostosa. Minha outra mão desce até sua bunda redonda, apertando-a com força, precisando tocá-la, senti-la. Depois minha mão vai até sua boceta, meu dedo do meio brincando com ela, deixando-a ainda mais relaxada e molhada. Verônica geme, jogando a cabeça e a cabeleira escura para trás. Eu a pego pela mão e a conduzo para fora do quarto até a área coberta porque quero fodê-la na piscina agora. Há total privacidade lá.

Verônica estremece um pouco quando entra na água fria, mas logo nossos corpos se acostumam com a temperatura, que aos poucos vai ficando morna. Seguro sua cintura e a levo até a parede de azulejo. Ela abre as

pernas em volta do meu quadril. Seus braços e mãos estão novamente em volta do meu pescoço. A ponta do meu pau está em sua bocetinha, eu enfio até a metade e vou cavalgando nela sem parar. Quero gozar lá dentro e lambuzá-la toda com a minha porra.

Ela geme alto, olhos fechados, seios pulando em meus olhos, me deixando ainda mais tarado, meu corpo grande e musculoso vai pulando e montando no dela, apoio meus cotovelos na lateral da piscina enquanto vou empurrando forte e duro para dentro de seu corpo moreno. Água por todo lado, misturado com gozo e suor. Chupo seu pescoço, sabendo que sua pele vai ficar cheia de chupão mais tarde. Suas mãos pequenas e audaciosas seguram minha bunda dura, me puxando para si, para eu fodê-la ainda mais fundo. Ela geme meu nome, pede por mais, diz que precisa de mais, assim como preciso também.

— Isso, Jonas... vai, por favor...

Cresço ainda mais nela, subindo e descendo em seu corpo fresco por causa da água, entrando e saindo, tomando e metendo, empurrando e tirando, indo cada vez mais rápido e forte, afundando, me alojando lá no fundo de sua boceta apertada que a cada dia tem se adaptado mais ao meu pau, tem se encaixado perfeitamente nele, como se tivessem sido feitos um para o outro.

— Gostosa pra caralho... — meto mais firme e mais forte — É isso o que você quer, não é? Então toma...

— Ohh...

Revira os olhos, gemendo, me abraçando, pedindo por mais.

— Você é minha... até eu cansar...

Não responde. Está muito envolvida no tesão que estou lhe proporcionando com meu pau enorme.

— Nossa, você é... mesmo... enorme...

— Toma o meu pau... — meto mais forte e duro, ela revira ainda mais os olhos enquanto rebola, fazendo meu pau rebolar dentro dela, de um jeito gostoso.

— Vou gozar... — grita, revirando ainda os olhos enquanto vou rebolando nela, estimulando seu clitóris, alcançando seu ponto G, e tendo ela se agarrando em mim — Ai...

— Isso, doçura... — vou metendo mais forte e duro, indo mais longe — receba meu pau... sinta o quanto é duro... — mãos leves se agarram ainda mais forte em mim enquanto vou empurrando para dentro, querendo deixá-la completamente preenchida.

Fico ali, metendo sem parar, indo e voltando, descendo, e subindo em seu corpo gostoso e curvilíneo, empurrando até o fundo, gozando forte, soltando meu gozo, espirrando meu gozo, explodindo meu gozo, lambuzando-a completamente.

— Isso... me deixe te lambuzar toda...

Meto mais algumas vezes, até finalmente cansar. Mantenho meu pau em sua boceta apertada, respirando sexo, nossas testas suadas, seus mamilos contra meu peitoral, sua respiração na minha, seu corpo colado ao meu. Não quero sair dela, mas preciso. Beijo sua boca gostosa e seguro sua bunda grande e deliciosa com minhas duas mãos.

— Você é o máximo... — sussurro em seu ouvido antes de finalmente tirar meu pau de dentro dela.

Segura o meu rosto com as duas mãos para um beijo apaixonado.

— Estou ficando apaixonada.

Capítulo 29

VERÔNICA

— **AI, MEU DEUS**, que susto! — é o que digo quando acordo e me deparo com ele na poltrona, em frente à cama.

Jonas estica os lábios num sorrisinho orgulhoso por ter causado esse efeito sobre mim, mesmo que seja um susto. Olho para o seu corpo. Está maravilhoso dentro de um jeans azul claro e uma camiseta branca. Puxo o lençol até meu corpo, cobrindo-me, me dando conta do que aconteceu ontem. Nós transamos outra vez. Lógico. É para isso que estou aqui.

— Não há o porquê se esconder de mim. Eu já vi seu corpo — ele diz, me deixando corada.

— Eu sei, mas é diferente quando não estamos *fazendo* — pigarreio, toda sem graça.

Jonas ainda possui os lábios esticados num sorrisinho que o deixa ainda mais sexy e o olhar fixado em mim. Ele é realmente lindo. Mais que isso: charmoso. Sedutor. Quente. E seu cheiro maravilhoso de colônia amadeirada não sai da minha pele, mexendo cada vez mais com os meus sentidos. Eu no fundo tenho muito medo porque nunca conheci um cara tão impressionante e envolvente quanto ele. Receio que essa aproximação possa me confundir e me perturbar ainda mais do que já está acontecendo. Não é um conto de fadas. Um dia isso vai

acabar. Não sou a mocinha e ele não é o meu príncipe encantado.

— Eu daria um pulmão pelos seus pensamentos — comenta, a voz masculina profunda, me trazendo à realidade.

— Eu acho que você não gostaria de saber meus pensamentos.

— Experimente me contar.

— Bom, eu estava aqui pensando... por que um homem tão rico e atraente como você pode querer uma mulher como eu. Aliás, sua namorada é linda. Eu a vi.

O sorriso descontraído não sai de seus lábios, mas ele está pensativo agora. Talvez esteja pensando pela primeira vez nessa ideia.

— Eu acho que não há uma explicação lógica pra isso. Eu simplesmente não gostava o suficiente de Paula. A paixão é assim, doçura. Ela vem e vai. E ninguém tem culpa de nada. Nem Paula, nem eu. Muito menos você.

— Mas ela te ama... pude sentir seu sofrimento quando... bom, quando eu a vi no quarto.

Jonas não responde. Mas mantém o olhar em mim.

— Você sempre faz isso? — continuo fitando-o — Quero dizer, contrata mulheres para...

— Não — ele ri. — Foi a primeira vez.

Desvio meu olhar dele e foco o chão. Dou um sorriso amargo.

— Não sei se me sinto ofendida ou lisonjeada...

— Sinta-se lisonjeada. Por favor.

Lembro-me da noite passada após a confusão com a ex dele e o momento em que transamos selvagememente na piscina. Foi a coisa mais diferente que já fiz em toda a minha vida. E foi excitante. Tenho aprendido muitas coisas

com Jonas. Muitas maneiras diferentes de beijar, de tocar alguém na hora do sexo, posições novas, outras formas de transar. Eu sempre soube que nós, mulheres, precisamos sentir prazer também e gozar, mas nas duas vezes em que fui para a cama com Cidão, isso nunca aconteceu. Eu achava que sexo nem era algo tão bom assim - até conhecer Jonas. Ele faz com que tudo se torne satisfatório para ambos os lados. Ontem na piscina, por exemplo, eu me entreguei a ele de uma forma que nunca pensei que faria e não me sinto envergonhada por isso.

O celular dele de repente começa a tocar e Jonas se levanta da poltrona, murmurando que precisa atender. Ele passa pela porta e me deixa sozinha no quarto. Aproveito esse momento para pular da cama e correr para o banho. Com ele por perto nunca gosto de ficar de qualquer jeito.

Meia hora mais tarde, volto para o quarto dentro do roupão branco e avisto um pedaço de papel abandonado na cama já forrada.

Pode telefonar pra quem quiser. Prometo me comportar como um cavalheiro.

Sorrio.

Mordo meu lábio inferior, pensando que desde o que acontecera não ligo para casa. Nem para Érica. Estou com saudades.

Pego o telefone ao lado da cama e começo a discar para o Brasil. O telefone toca insistentemente, mas ninguém atende. Eu desisto, preocupada.

Jonas entra novamente no quarto e me encontra olhando para o telefone.

— Ligou para sua casa? Talvez sua família esteja preocupada — diz, segurando a barra da camiseta e puxando-a para cima.

— Eu liguei, mas ninguém atendeu. Não deve ter ninguém em casa.

— Aliás, uma coisa me intriga — comenta, passando a camiseta pelos braços musculosos e pelos ombros — Saber se você contou a alguém o que realmente veio fazer aqui.

— Não... é claro que não.

Ele dá um sorrisinho cínico. A essa altura já se livrou da camiseta.

— Por que é *claro que não*?

Mordo meu lábio inferior.

— Bom, minha família não aprovaria uma coisa dessa. Desculpe a sinceridade, mas nem todas as pessoas acham normal alguém pagar outro alguém para ir pra a cama, por mais dinheiro e fetiches que essa pessoa possa ter.

Jonas estica os lábios em um outro sorriso cínico enquanto joga a camiseta na cama.

— Bom, dormir com alguém por dinheiro é algo comum para muitas mulheres.

— Nem *todas* as mulheres fazem isso. E não sou esse tipo que você está pensando.

Leva as mãos másculas e perfeitas até o zíper do jeans. Me observa por alguns segundos e, então, sorri satisfeito por perceber meu olhar desconfortável em direção ao seu peito nu e musculoso.

— Você me intriga, doçura, e admito que me excita também.

Meu rosto esquenta na hora e espero que não tenha percebido. Não sei o que mais me incomoda: seu comentário ou seu peitoral incrível. Posso lembrar de seu peito contra os meus seios. É um peito largo, forte, gostoso de se tocar.

— Certo, não vamos começar uma discussão. Já deu pra perceber que você é uma garota firme em suas convicções e acho que também sou firme nas minhas. A gente vai ter que descobrir uma forma de se acertar sem que seja apenas na cama.

Engulo em seco. Eu o vejo se livrar da calça e ficar apenas de cueca boxer branca. Tenho certeza que vai para o banho. Afastando uma mecha de cabelo do meu rosto, desvio o olhar.

— Será que posso saber quando vamos voltar ao Brasil? — mudo de assunto.

— Na terça, logo pela manhã. Por quê? Não está gostando de Nova Iorque? Achei que fosse curtir a cidade, talvez até mais que Paris.

Volto a encará-lo, mas me esforço para não fixar meus olhos em seu corpo quase nu. Em vez disso, eu o fixo em seu rosto lindo.

— Não vejo problema nenhum com a cidade. Só queria saber.

— Ah, preciso avisar. Amanhã à tarde haverá um almoço pra irmos. Não precisa me acompanhar, se não quiser. Vou aparecer por lá, mas não pretendo demorar.

Eu o vejo seguir para o banheiro. Já sozinha no quarto, penso na ideia de ter que acompanhá-lo ao almoço.

Capítulo 30

VERÔNICA

MAIS QUE UMA SEMANA havia se passado e, com ela, muitos momentos ao lado de Jonas. Alguns bons, outros nem tanto. Contudo nem o tempo estava sendo capaz de tirar do meu coração o Jonas antigo, o Jonas que eu conheci ainda no hotel, por quem me apaixonei primeiramente. Cada segundo ficava mais claro para mim: eu já o amava. E pensando bem, nem era tão difícil assim entender o porquê. O modo como vinha sendo atencioso comigo, generoso, carinhoso, gentil me fazia lembrar do Jonas de semanas atrás. O modo como vinha me tocando, beijando e me amando na cama todas as vezes em que ficávamos juntos, fosse dia ou noite, isso tudo também, essa coisa de corpo no corpo, pele na pele, alma na alma me deixava ainda mais envolvida e apegada.

O curioso é que com Cidão isso nunca aconteceu. Nunca me senti realmente apaixonada por ele. Nem mesmo quando assumimos a relação. Já com Jonas é tudo completamente diferente. Eu já estava envolvida antes mesmo de começarmos a ir para a cama.

Estou caminhando neste momento pelo jardim de um clube, afastada de todos do salão. Jonas e eu chegamos cerca de duas horas atrás. Antes mesmo de chegarmos eu já imaginava o quanto seria entediante. Por mais que eu me vista com os mais lindos vestidos, que eu seja apresentada a homens e mulheres de alto escalão e que

eu até seja aceita por grande parte deles, não sou como qualquer um deles. Não me identifico com as conversas das madames - sempre falando sobre a nova tendência de moda ou criticando alguma outra nova rica que já estive na companhia delas - e nem aprecio os drinques coloridos que tanto tomam.

Antes de chegarmos ao local do almoço, Jonas já havia me explicado que não precisaria de muito esforço para sobreviver a elas.

— Não há muito mistério. No geral, são mulheres fúteis e burras. Não importa a idade que tenham — disse — Sempre vão querer parecer melhores do que realmente são. Não se impressione ou se intimide pelo que falam.

— E o que me sugere? — indaguei enquanto o auxiliava a dar o nó na gravata.

— Não precisa muita coisa. Só diga o quanto gostou de Paris e o quanto está gostando de Nova Iorque. E sorria. Sempre sorria. Elas entenderão que você está feliz.

O ar está fresco aqui fora. Usei isso como justificativa para me afastar das perguntas indiscretas a respeito de Jonas e eu. Foi a melhor coisa que fiz. Só agora consigo respirar, aliviada. Nada melhor que um pouco de ar fresco e silêncio. Eu sempre gostei de ficar sozinha por uns minutinhos. É bom para concentração e para mergulhar em nossos próprios pensamentos. Sem falar que é uma experiência imprescindível para a prática do autoconhecimento.

À medida que vou caminhando, vou conversando comigo mesma e refletindo sobre a convivência com o Jonas. Está nítido que após uma semana e meia inteira já estamos nos entendendo bem melhor. E preciso admitir que fui severa demais quando disse a ele que jamais o

veria como o homem que conheci no hotel. É claro que não vou esquecer o fato dele ter mentido e encenado. Todavia durante toda a semana consegui identificar nele alguns traços que eu tanto adorava no primeiro Jonas: ele é sempre muito atencioso comigo, é sempre gentil e protetor. Isso sem mencionar que na cama faz questão de me satisfazer completamente.

Sorrio comigo mesma, me sentindo uma iludida. *Ah, Verônica, pare. Não idealize nada. Pare com tudo isso antes que se machuque feio.*

Levando os meus pés pelo terreno plano, por entre os arbustos, noto a presença de alguém atrás de mim e viro o rosto para encará-lo. Um homem alto, loiro e com um par de olhos castanhos gentis. Paro na hora. Ele faz o mesmo.

— Oi — estica os lábios em um sorriso agradável. — Desculpe, não queria incomodar. Sou o Cássio. Como vai? — estica a mão para mim.

Olho para a sua mão esticada em minha direção e penso se devo apertá-la. *Ah, meu Deus, que negócio é esse, Verônica? Claro que deve. Foi essa a educação que sua mãe lhe deu?*

— Verônica — pego em sua mão, o cumprimentando.

— Então, cansou também daquele bando de gente chata lá dentro?

Deixo escapar um sorriso nos lábios, mas me pergunto se é uma boa ideia me afastar tanto do salão e ficar conversando aqui fora com esse desconhecido. Digo qualquer coisa a ele e me despeço. Continuo o meu caminho e noto que Cássio continua a me acompanhar.

— Será que posso caminhar com você? Prometo não incomodá-la.

Ele é um rapaz bonito, embora não tenha uma beleza chamativa como a do Jonas e nem seja também charmoso ou sexy quanto o Jonas e os amigos dele. O homem ao meu lado tem a aparência de um inglês, no entanto, pelo seu português perfeito dá para saber que é brasileiro. Veste um sobretudo caramelo, possui olhos grandes e ternos.

— É bom encontrar brasileiros aqui — comenta, ao meu lado — Você é de onde?

— Rio.

— Hum. Moro no Rio também. Quer dizer, eu nasci no Paraná. Mas já vivo no Rio há alguns anos.

— Imagino que seja algum empresário ou executivo.

— Sim, sou. Trabalho na Montrel. Já ouviu falar?

Na verdade, não, mas faço que sim com a cabeça para não parecer rude ou desinformada.

— Também somos do ramo de joias — explica, como se soubesse da minha ignorância referente à sua empresa. — Assim como a Luxus.

A gente até que fica conversando sobre coisas interessantes e o quanto tem sido legal conhecer Nova Iorque. Em um determinado momento da conversa, ele me indaga:

— Você veio acompanhada de alguém, certo?

— Sim — eu o encaro, vendo em seus olhos castanhos que ele já sabe quem é o meu acompanhante e só espera ouvir a minha confirmação.

— Entendo... sujeito de sorte.

— Está começando a ficar frio aqui fora... acho melhor voltar pro salão. Foi um prazer conhecê-lo.

— O prazer foi todo meu, Verônica.

JONAS

ISOLADO DE TODOS, em um pequeno atelier de artes que fica do outro lado do clube, analiso alguns quadros espalhados pelas paredes enquanto bebo um gole do meu Jack Daniel's. Eu percebo a sua chegada, o som que seus saltos fazem, o seu cheiro. Mas permaneço parado, bebendo o meu uísque e estudando os quadros.

— Jonas — a voz arrastada e feminina diz.

— O que você quer, Suzana? — nem me dou ao trabalho de me virar para encará-la.

Estou cansado de vê-la sempre onde chego e de ser perseguido por seu faro. Uma sombra. A porra de uma sombra em desespero. Uma espécie de mulher vazia, problemática, fraca, que não se dá o valor. Já terminamos a séculos. Não sobrara nada. Nem amizade ou admiração. Eu sequer gosto de lembrar dos momentos que tivemos juntos. O fato é que não a quero mais e qualquer pessoa com um mínimo de inteligência possível já teria compreendido isso. Mas Suzana não.

— Como vai, Jonas?

— Como você acha? — rebato, de forma impaciente, sem me importar em ser gentil com ela. Eu já cansei de ser compreensivo e complacente.

A mulher loira, magra e elegante já está na minha frente. Seus olhos castanhos mel estão arregalados e atentos a qualquer movimento que eu faça. Sempre desesperada, esperando por uma chance.

— Há seis anos espero por isso, Jonas — declara, trazendo seus dedos ao meu rosto, mas me esquivo de seu toque — Jonas, por que está agindo desse jeito?

— O que você acha? Me deixa em paz, porra. Desencana de uma vez — dou mais uma tragada em minha bebida e me afasto de Suzana.

Subitamente sinto suas mãos e braços sobre mim, me abraçando enquanto sua voz agora dramática tece um monte de declarações de amor.

— Eu não consigo parar de pensar em você, Jonas! Eu não consigo! Me ajuda... por favor, me ajuda — faz uma trilha de beijos em meu pescoço e minhas costas.

Eu me giro de novo e fico de frente a ela, seguro suas mãos agitadas e olho bem em seus olhos.

— Suzana, pelo amor de Deus, se controle. Estamos num local aberto. Qualquer pessoa pode aparecer aqui.

— O que você fez comigo, Jonas? Eu te amo, eu te quero! Eu só penso em você. Por que me pune tanto desse jeito?

— Suzana, acalme-se... — peço, contendo-a, tentando contornar a situação. Sei que além de desequilibrada, Suzana sempre apreciou um bom show. — Espere, me ouça. Lamento se a magoei muito no passado, mas agora precisa superar isso. Não é mais tempo de relembrar a nossa história. Ela chegou ao fim.

— Você nunca acha que é um bom momento... — retruca, novamente agarrada ao meu pescoço, praticamente me arranhando. — Por que está fazendo isso comigo? Por que me castiga e me trata como lixo? Por que sempre me menospreza? Eu não sou boa o suficiente? — tenta me beijar, mas não a beijo de volta — Por favor, vamos matar a saudade... eu o amo... não sabe o quanto esses anos de afastamento têm me feito mal...

— Suzana, chega, porra! — digo com menos paciência, sendo mais enérgico, segurando suas mãos e fitando-a nos

olhos. — Você está fora de si. O que aconteceu entre nós dois acabou. Aceite isso. Entenda que o que tínhamos era bacana e foi quente, mas terminou. Um dia tudo tem que terminar.

Eu a sinto relaxar em minhas mãos, desgostosa, perdendo as forças.

— Vamos deixar isso pra lá — continuo — Eu não a amo. Estou com outra pessoa agora e você tem o seu marido. Não vale a pena se humilhar dessa forma.

Seus olhos cheios de lágrimas me encaram, seus lábios estão entreabertos.

— Por que terminou com a Paula então?

— Não foi por você, Suzana. Nunca te prometi nada. E sobre o passado, eu só tinha vinte e poucos anos. Eu só estava começando a minha vida. Nossa história foi bacana, mas acabou. E por mais difícil que seja, precisa me esquecer — percebendo o quanto estou sendo duro, amacio um pouco a voz. — Você ainda tem o Ralph. Fique com ele.

Eu me afasto, deixando-a imóvel no lugar. Levo os meus passos para mais longe dela, até sumir de seu campo de visão. No entanto sou capaz de ouvir seu grito histérico seguido de um choro angustiado.

Não volto.

VERÔNICA

— Ele não vai gostar de saber que esteve conversando com outro — comenta uma voz, me surpreendendo e me fazendo olhar para o loiro que apareceu do nada. Eu o conheço. Já fomos apresentados. É um dos amigos do Jonas. O irmão mais novo do outro loiro.

— Verônica, certo? Como vai?

— Bem... você é o Henrique, né?

— Isso mesmo — se aproxima um pouco mais.

Ele é alto. Perfumado. Seus olhos verdes brilham vistos assim mais de perto.

— O que você tem contra o Cássio? — pergunto, já que ele comentou que Jonas não gostaria de me ver com o outro.

— Eu? Nada. Bom, ele é um filho da puta invejoso, mas pessoalmente não tenho nada contra o cara. Mas Jonas tem.

— E por quê?

— Coisas relacionadas a negócios, você ficaria de saco cheio.

Gosto do Henrique. De todos os três, é o que parece menos rico e arrogante. Ele é do tipo que conversa com cada pessoa como se fosse igual, sem distinção entre porteiro, faxineiro, presidente.

— Verônica?

A voz de Jonas surge, nos fazendo olhar para ele.

— Eu não disse? — Henrique sussurra para mim — Graças a mim ele não a viu com o outro — brinca.

Henrique passa por Jonas. Fala alguma coisa sem importância para ele e em seguida volta para o salão,

sumindo do alcance dos meus olhos. Jonas chega mais perto de mim.

Capítulo 31

VERÔNICA

— **ONDE VOCÊ ESTAVA?** — Jonas quer saber, pegando em meu pulso.

— Pegando um pouco de ar. Por quê?

— Venha — me puxa para um outro lado do jardim, bem mais longe do salão.

Eu não entendo o que está acontecendo, o porquê de me levar para bem mais longe. Só entendo depois que a gente passa por árvores e por cercas. De onde estamos posso ver uma pequena construção. Há uma porta de madeira nela. Logo em seguida empurra a porta e me conduz até o interior do cômodo. Olho em volta e avisto mesas e armários, todos empilhados, como se o lugar fosse usado como algum tipo de depósito de móveis velhos.

Jonas tranca a porta, me prensa contra a parede fria e posiciona os braços musculosos acima de minha cabeça. Não diz nada nem eu pergunto. Sei que quer transar. Suas pupilas dilatadas me dizem isso. Tira os braços de cima de minha cabeça e desliza um deles até minha perna. Segura a barra do meu vestido florido e lentamente vai puxando-o para cima. Puxa a minha calcinha para baixo, me fazendo esquentar aos poucos. Me pega pela cintura e me coloca sentada numa velha mesa de madeira. Abre as minhas pernas, afastando uma coxa da outra. Puxa o zíper antes

de abaixar suas calças. Se encaixa entre minhas pernas abertas, segura o meu rosto com as duas mãos e enfia a língua morna em minha boca. Gosto de sentir o cheiro de uísque vindo dela.

Fecho os meus olhos, esperando por todo o seu corpo. O meio entre minhas pernas já está molhado. Eu preciso dele. Logo. Com urgência. Jonas me ensinou a ficar viciada nele. Seu membro ereto já está em minha entrada e eu seguro sua cintura com força, puxando-o mais para mim, só aguardando o momento mais prazeroso. Jonas se inclina para a frente e para dentro de mim de uma forma dura e firme, me roubando gemidos inexprimíveis. Chupa minha boca à medida que vai deslizando seu pau por meu corpo. Gemo em sua boca, pedindo por mais, e dizendo que sou toda dele.

— Ah, que delícia, doçura... é assim que quero... é assim que gosto... toda abertinha... vai, geme pra mim...

Segura meu cabelo com força, enrolando os fios em sua mão máscula. Permanece me beijando e me possuindo, dizendo palavras sujas, sentindo prazer e me dando prazer.

Inclino minha cabeça para trás, lhe dando mais acesso para beijar meu pescoço e me chupar completamente. Em seguida me vira de costas na mesa e me deixa de quatro. Segura meu cabelo e o joga para o outro lado do meu rosto.

— Eu quero você completamente...

Segura a minha cintura com as duas mãos, me alisando e acarinhando. Dá palmadinhas em meu bumbum empinado, me preparando para o momento mais delicado. De repente se afasta um pouco e, em seguida, sinto algo refrescante em meu ânus. Imagino que seja algum gel para

minimizar a dor e o desconforto. Sinto seu pau voltar a encostar lentamente em meu bumbum, pronto para esperar o momento certo. Fecho os meus olhos, desejando isso, sentindo o meu corpo pegar fogo. Suas mãos grandes seguram minha bunda e afasta uma banda da outra. Volta a dar palmadinhas em meu bumbum empinado. Seu pau desliza devagar e, com cuidado, até o desconforto ficar um pouco maior. Ele o tira e beija meu pescoço.

— Relaxe. Vai ser gostoso...

Tenta de novo, deslizando seu pau enorme por meu corpo. Vou sentindo um pouco mais de prazer à medida que vai deslizando devagar, até se impulsionar com mais dureza. Sinto seus gemidos e uivos em meu ouvido enquanto segura meu cabelo com força e me come por trás. Quando termina, estou exausta. Me vira de novo de frente para ele e abocanha minha boca.

— Você é toda minha, doçura — afirma.

Algum tempo mais tarde, Jonas está dirigindo a Mercedes Benz e eu estou no banco carona, lutando contra o sono e pensando nas coisas que aconteceram no clube. Conversei com Cássio e depois com o Henrique. Com nenhum dos dois me senti diferente ou desconfortável. Minha mente vai agora às palavras de Henrique. No momento elas não me chamaram atenção, mas agora me pergunto o que ele quis dizer com "Jonas não vai gostar de saber". Será que se referia ao lado ciumento e possessivo

do amigo ou a alguma coisa além disso? Será que Jonas e Cássio não possuem uma relação amigável?

— Tudo bem? — a voz de Jonas surge, interrompendo os meus pensamentos.

— Está — forço um sorriso para ele.

— Eu não sei — segura o volante com firmeza antes de contornar uma curva — Você está calada desde que saímos do clube. Será que foi o sexo? Me desculpe se pareci autoritário. Você não precisa fazer nada do que não queira.

— Não foi isso. Eu gostei. Bom, quer dizer, não foi tão ruim como imaginei.

É claro que não vou contar a ele sobre os pensamentos a respeito dele e do loiro que conheci esta tarde. Cássio. Muito menos que estive conversando com o rapaz.

Suspiro antes de dizer:

— Eu acho que é só um pouco de cansaço mesmo.

— Espero que as socialites não tenham enchido o seu saco — seus lábios se esticam em um sorrisinho provocador.

— Você parece gostar de saber o quanto as conversas delas me deixam sonolenta.

— Imagina. Sou um santo — seu sorriso está mais aberto agora.

— Você está rindo. Você deve ser meio sádico.

— Oh, meu Deus, está me chamando de sádico! — mesmo rindo e brincando, mantém a atenção na direção — Vamos lá. Só em uma semana me chamou de canalha, cafajeste, e agora sádico. Isso deixa claro o quanto me despreza.

— Se falei tudo isso é porque mereceu.

— O que será que vai me chamar amanhã? Maníaco?

— Você é impossível! — dou uma risada.

Gosto desse clima que estamos tendo agora. A gente não discute mais. Nem briga. Na verdade, o que mais fazemos quando estamos na suíte do hotel é ler, assistir a filmes, e claro, sexo. A gente faz sempre muito sexo. O tempo todo. Jonas é insaciável. E admito que estou começando a me tornar também.

— Bom, eu estava pensando... — ele comenta, de novo interrompendo os meus pensamentos — como amanhã é a nossa última noite na cidade, poderíamos sair para um passeio e depois jantar fora, se concordar com a ideia. Cancelei um almoço com um dos sócios. Não era nada importante. Entre você e ele, prefiro passar o dia com você, claro.

Sua última frase despertou uma sensação estranha, mas incrível em mim. Acendeu mais um pouco da paixão que tenho sentido. Às vezes tudo o que vivemos parece ser um sonho, algo maravilhoso. Na maioria delas me esforço para esquecer que não é real. Nada disso é real, exceto o sexo que fazemos e o sentimento que tenho por ele, que não consegui anular dentro de mim.

— Não gostou da ideia?

— Não, eu gostei sim. Adoro a ideia de sair um pouco do hotel e jantar fora.

— Certo. Então iremos.

Durante a noite, após o jantar, me vejo na mesa cercada por seus braços fortes e firmes. Jonas me beija com desejo. Um beijo ávido, dominador, que faz com que

nossos rostos se virem de um lado para o outro, lentamente, enquanto suas mãos fortes e masculinas percorrem todo o meu corpo, explorando-o. Quando sinto o seu beijo no vão de meu ombro delicado, gemo baixinho e curvo ainda mais para receber o carinho. Os toques e o calor de sua pele já não me assustam mais. Pelo contrário. Isso é bom. Muito bom. Já começo a me acostumar com essa aproximação e também a apreciar esse toque febril, essa respiração quente, e o cheiro gostoso e envolvente.

— Você é tão linda... — sussurra, rouco, me deixando ainda mais excitada. — Linda e macia...

Sua voz é sensual e seus toques exigentes me fazem cerrar os olhos, ansiando por mais. Envolver o seu pescoço rígido com os meus braços e, em seguida, mergulho as mãos nos cabelos macios, ao mesmo tempo em que correspondo ao beijo longo e intenso. Depois de fazermos amor na sala, ele me pega nos braços e me carrega para o quarto. Me deita na cama.

Saboreio o momento em que Jonas se livra da própria camiseta, exibindo o peitoral definido. Com a respiração entrecortada, eu o puxo para mim, desejando tê-lo sobre mim. Fico satisfeita quando adivinha meus pensamentos e aproxima-se, forçando o peso contra o meu, me beijando loucamente.

Seu beijo é uma mistura de desejo e volúpia, e após algum tempo absorvido nessa intimidade, ele passa a se despir com uma controlada ansiedade. Eu o ajudo. Vejo o momento em que se livra do restante da roupa. Quando Jonas deita-se outra vez sobre meu corpo, eu o puxo para mim.

É bom demais estar nos seus braços famintos e sentir esse toque descomunal. Retribuo o carinho de uma forma

quente e selvagem. Após mais alguns beijos demorados, acarinha o meu rosto e a gente se ama perfeitamente.

No dia seguinte, quando pisamos no aeroporto, já no Brasil, Jonas cuida das bagagens enquanto eu, muito ansiosa, telefono para casa. Após confortar a mãe e dizer que está tudo bem e que já estou à caminho, prometo chegar o mais rápido o possível para abraçá-la. Quando desligo o celular, o alívio me toma. É bom voltar para o Brasil, o lugar que eu conheço tão bem.

Ouçó o celular de Jonas tocar e o vejo levar o aparelho ao ouvido.

— Certo, estou indo — diz para alguém.

Imagino que seja o seu motorista. Ainda no avião ele havia comentado que um deles nos pegaria.

— Olha, eu posso pegar um táxi daqui mesmo e ir pra casa — digo, mas ele está ainda no telefone dando instruções ao motorista, então nem presta atenção ao que digo.

Jonas finalmente desliga a ligação e me informa que o motorista já está lá fora, à nossa espera.

— Eu posso pegar um táxi — comento.

— De jeito nenhum. Eu faço questão de deixá-la em casa — insiste, pegando ambas as nossas bagagens e seguindo na minha frente.

Logo assim que entramos no carro preto e discreto, ouço Jonas dar novas instruções ao motorista e dizer que

iremos primeiro ao endereço de minha casa.

— Sinceramente agradeço a sua gentileza, mas não há necessidade de me deixar em casa — digo a ele, já sentada ao seu lado no banco traseiro.

— De forma alguma. Não faz o menor sentido colocá-la num táxi. Se há um carro à disposição, eu posso deixá-la em casa.

— Eu sei, mas...

— Prometo que em breve ficará livre de mim — diz antes de colocar os óculos escuros no rosto, ficando ainda mais charmoso e sexy.

Eu não sei se estava brincando ou se falou sério. Jonas simplesmente ficou calado agora. Não puxou mais assunto. Talvez tenha ficado ofendido com a minha nítida disposição para me afastar dele.

Respiro fundo e tento relaxar no meu lugar. Vejo o momento em que o motorista pega a estrada do Galeão. Olho para a janela e tento me distrair com o dia bonito que está fazendo lá fora. Diferente de Paris e Nova Iorque, o dia no Rio de Janeiro já se inicia bastante ensolarado.

Tento não pensar na minha estada fora do país. Não quero ficar pensando nos momentos inesquecíveis que passei com Jonas. Todavia tenho que admitir que, apesar de todos os infortúnios e dos momentos constrangedores ao lado dele, Jonas me provou suas qualidades. Pelo pouco que pude perceber, é um sujeito vaidoso, sim, contudo, é gentil e também sabe ser generoso. Não sei o que eu tinha na cabeça ao me oferecer para pegar um táxi. Ele não é do tipo que largaria uma mulher sozinha no meio do caminho.

Capítulo 32

VERÔNICA

— **MÃEEEE!** — grito assim que chego em casa, algum tempo depois. As minhas duas malas ao meu lado.

— Filha! Oh, meu Deus, filha, finalmente você chegou! — vem ao meu encontro, toda sorridente e emocionada.

Nos abraçamos com força, como se não tivéssemos nos vistos há um bom tempo. É bom estar de volta em casa. E melhor ainda poder abraçá-la outra vez e sentir seu cheiro gostoso.

JONAS

CHEGO À COZINHA do casarão e sorrio porque a encontro de costas, completamente distraída enquanto prepara a comida. A mulher redonda e da cor de jambo é a única coisa positiva que trago da minha infância. Sempre foi para mim a melhor versão boa que eu poderia ter de uma mãe.

Aproximo-me de mansinho, em silêncio, ficando cada vez mais próximo, até que estico minhas mãos e tapo seus olhos. Zuleica grita na hora e não consigo segurar a risada. Largo seus olhos e ela se vira para mim, me dando a maior bronca:

— Seu danado! Quase me matou de susto!

— O que você pensou que eu fosse? Um bandido? — provoco, ainda rindo.

— Ora, sei lá... eu não pensei em nada... o meu coração só saltou do peito.

Ainda me divertindo com a cena, beijo sua bochecha fofa carinhosamente.

— Ah, mas só podia ser você mesmo, o tenista mais metido do mundo!

— E *bonito* — acrescento. — Mais bonito do mundo.

— E também convencido! Ah, vem cá!

Ela me puxa para um abraço gostoso e macio enquanto pergunta como fui de viagem.

— Foi tudo bem, como sempre.

— Você está cheiroso — se afasta do abraço e ajeita a minha camisa branca impecável, como se temesse amarrotá-la — Ah, mas isso não é novidade nenhuma — e volta a fazer o que estava fazendo no fogo — Bonito desse jeito, nem precisa ser tão vaidoso.

— Eu gosto.

— É por isso que as moças ficam em polvorosa — fica falando para si mesma, fazendo suas observações sobre a minha vida amorosa.

— Hum, o que está preparando de bom? — me aproximo mais de perto do fogão para ver o que está fazendo. Pelo cheiro parece delicioso.

— Eu teria preparado aquele molho especial que você tanto gosta se soubesse que estava chegando. — diz.

— Não se preocupe comigo. Já comi alguma coisa pelo caminho — eu me afasto e abro a geladeira, em busca de algo para beber — Além do mais, não vou almoçar em casa.

— Você não gosta mesmo daqui — comenta, não me surpreendendo. Zuleica sempre fala demais — Fica em hotel ao invés de ficar na própria casa... depois chega de viagem e, mal chega, já sai...

— Você sabe, é uma casa muito grande pra mim. Às vezes me sinto sozinho.

— Devia encontrar uma moça pra casar. Pretendentes não faltam. Seria bom encher essa casa enorme com crianças.

Penso na ideia. Até sorrio, imaginando a cena.

— Quem sabe um dia? Ainda não estou pronto para isso.

— Vocês homens sempre falam isso. Até ficarem velhos ou sofrerem de amor.

Bebo um pouco de suco, guardo a garrafa e abandono o copo em qualquer lugar. Caminho para fora da cozinha e nesse instante me lembro que trouxe presentes de viagem para ela.

— Tem presente lá na sala. Acho que vai gostar.

Eu já estou saindo da cozinha e virando o corredor, mas a ouço dizer:

— *Ah, meu filho, obrigada!*

VERÔNICA

ACORDO BEM CEDO na manhã seguinte, aproveito que todo mundo em minha casa está dormindo e vou à padaria. É um sábado agradável, embora esteja frio e nublado.

— Bom dia, Verônica. Você andou sumida, hein. Como está?

— Bom dia, Regina. Estou bem, obrigada. Eu estive sumida mesmo. Estava viajando. Só ontem à tarde voltei.

— Oh, que legal. E aí, vai querer o de sempre? Pão fresquinho e quinhentas gramas de mortadela?

— Isso mesmo. E mais o pão doce do meu pai. Obrigada. Ele adora.

— Ok. E por falar no Seu Osmar, como é que vai ele? Tá bem?

— Está bem, sim, graças a Deus. Eu já não o via assim tão bem há muito tempo.

Regina vai pegar os pães, depois corta a mortadela e volta com meus pedidos. A gente se despede e vou para o caixa pagar as compras.

Quando já estou fora da padaria, caminhando na esquina da rua, alguém surge do nada, gesticulando em minha direção, me dando um grande susto.

Cidão.

— Ai, que susto, Cidão! — seguro as sacolas de compras contra o peito. — Isso é jeito de aparecer?

Dá mais um passo e para em minha frente.

— Quero conversar — anuncia.

Olho para a sua aparência e me assusto com ela. Está mais cafona e mal vestido do que nunca. A camisa muito

colorida não combina com a calça capri. A barba parece que não faz há meses. A boina azul na cabeça deve estar toda ensebada de caspa. Misericórdia. Agora compreendo por que as pessoas sempre me perguntavam o que eu havia visto nele. Realmente não dá para entender. Cidão não tem boa aparência, não tem estudos, não tem emprego, e ainda por cima, é machista e abusivo.

— Se for pra discutir, prefiro que não — digo a ele, ansiosa para chegar em casa e tomar o meu café da manhã.

— Não é pra discutir, porra. É pra saber a verdade.

— O quê? Como assim a verdade? Do que está falando? A gente já terminou, Cidão. Acorda. E isso há muito tempo. Eu já expliquei tudo a você. Por favor, me deixe em paz. Não comece a me atormentar agora.

Dou um passo para a frente, simulando ir, mas sua mão segura o meu braço com firmeza.

— O que foi fazer no estrangeiro? Por que me deu um chute na bunda e logo em seguida viajou?

— Me solte. Terminei porque não te amo mais...
— *nunca te amei de verdade!*, era o que eu deveria gritar na cara dele, talvez assim me deixasse logo em paz, mas não tenho coragem de humilhá-lo — Olha — suspiro — acho que já falei tudo o que tinha pra falar. Vamos deixar essa história pra trás, ok? Não vale a pena brigar. Agora me solte, quero passar!

Ele não obedece.

— Me solte, Cidão! — grito, brava — Me deixe em paz de uma vez por todas!

Eu me desvencilho dele e corro, seguindo o meu caminho. Seguro as compras com mais firmeza em meus braços e, quando chego na metade da rua, olho para trás.

Cidão continua na esquina, com o olhar sombrio, me olhando ficar cada vez mais distante dele. Meu coração está acelerado. Minhas mãos tremendo. *Meu Deus, eu nunca o vi assim em toda a minha vida. Se eu soubesse que chegaria a esse ponto, sequer teria me envolvido com ele.* Bom, é melhor deixar para lá. O fato é que terminei com Cidão e não voltarei atrás. Só quero que fique longe de mim.

Ao chegar em casa, já mais calma, tranco a porta da sala e sigo para a cozinha. Não vou falar para os meus pais sobre o episódio com Cidão. Afinal, eu mesma quero esquecê-lo.

— Bom dia, família! — sorrio, feliz por ver o pai e a mãe.

Faz tanto tempo que não tomamos café juntos. Pouso as sacolas na mesa e vou tirando a mortadela, depois os pães. Pego o pão doce do pai e o entrego a ele.

— Ah, filha, obrigado. Você lembrou — sorri, pegando o pão, já se sentando à mesa.

— Sempre lembro, pai — beijo o seu rosto carinhosamente.

Vou até à mãe, que está em pé, passando o café, e beijo também o seu rosto.

— Bom dia, querida — seus lábios se esticam num sorriso terno.

Nesse momento Vanessa surge, ainda de camisola, e bocejando.

— Bom dia — minha irmã diz antes de se sentar à mesa.

Lembro do episódio lá fora com Cidão e por um segundo penso em comentar com eles, mas pensando bem, é melhor não. Não quero que se preocupem com

isso. Cidão é só um sem noção que vai ter que aprender a aceitar as coisas como elas são. Afundo na cadeira entre o pai e Vanessa e corto o meu pão com a faca. Deixo Cidão de lado e penso nas coisas boas. Estou feliz. Ao menos é bom saber que a dívida da casa vai ser quitada e finalmente vamos voltar a dormir em paz.

— Estava só esperando você chegar da padaria para que eu passasse o café — a mãe comenta, trazendo o bule de café para a mesa — Então, como dormiu, minha querida?

— Muito bem, mãe — levo o meu primeiro pedaço de pão à boca.

O pai, ao meu lado, sentado entre mim e Vanessa, vira sua segunda página do jornal.

— Verônica, minha filha, uma coisa não entendi muito bem... como foi que conseguiu tão rapidamente o dinheiro todo pra quitar a dívida da casa?

— Ora, Osmar, a menina não já explicou? — a mãe sai em minha defesa — Foi trabalhar no exterior. Lá se paga muito bem!

— Mas tanto dinheiro assim, Selma? De uma hora pra outra? Até pra quem volta da Europa, é difícil de acreditar...

— Foram três semanas, pai — digo em minha defesa, mesmo assim me sentindo mal por ter que mentir para eles.

— Duas — corrige ele, mexendo na página do jornal. — Foram duas semanas. E ontem você voltou pra casa. Pode ter se esquecido, mas eu não.

Sinto o meu rosto esquentar na hora.

Oh, sim, é verdade. Ele tem razão. Eu estava tão preocupada com outras coisas que sequer me lembrei de contar certinho os dias.

— Se eu fosse você não teria mais voltado pra casa — Vanessa diz, levando seu primeiro pedaço de pão à boca. Só agora percebi que está folheando uma revista da Avon.

— Bom, pai, lá realmente se paga bem — explico, tentando convencê-lo de que realmente consegui o dinheiro de uma forma honesta e plausível. — E, como disse, o dinheiro vai estar na conta até o início da semana que vem. Portanto não se preocupem, a vida voltará ao normal.

— Deus te ouça — Vanessa diz, seus olhos na Avon — Já pensou ter que morar embaixo da ponte?

— A gente tem que agradecer a menina, Osmar — sorri a mãe, toda orgulhosa, se sentando à mesa para também tomar o seu café da manhã.

O meu peito aperta. Sinto tristeza e vergonha. Eu queria tanto que tudo tivesse sido diferente.

Capítulo 33

JONAS

ESTOU SENTADO ATRÁS da enorme mesa, arremessando bolinhas de basquete numa cesta pregada à parede. Estou tentando me distrair com alguma coisa enquanto meus pensamentos insistem em remeter-se à Verônica.

Havia chegado em minha sala na Luxus dez minutos atrás. Antes disso havia duelado com Luiz Miguel em um jogo de tênis. Neste momento, acerto a última cesta e, então, abruptamente a porta se abre e a loira aparece na minha frente.

— Paula?

Para, sem dizer uma única palavra. Está com um vestido preto e óculos escuros estilo gatinho no rosto. Admiro seu par de belas pernas bem delineadas e cuidadas, então me ponho de pé. Eu a vejo se aproximar rapidamente em minha direção.

— Eu quero dizer que o perdoo... — murmura, já agarrando meu pescoço. — Eu o perdoo por tudo... pensei bastante e decidi que quero dar uma nova chance ao nosso amor...

Confuso, deixo-me abraçar por ela, lembrando de como é bom sentir sua pele macia outra vez. Bom, talvez seja o

momento para relembrar os velhos tempos e não para raciocinar. Eu a beijo. Um beijo ardente, louco, de tirar o fôlego. Paula geme baixo quando apalpo sua bunda. Em seguida, cambaleamos até a mesa cheia de papéis. Afastando tudo rapidamente com uma das mãos, suspendo Paula e a pouso sobre o tampo de madeira grossa. Após mais beijos e carícias, levanto seu vestido, puxa sua calcinha, abro minhas calças e a penetro ali mesmo na minha mesa de escritório.

VERÔNICA

SUSPIRANDO, afundo no simples sofá da sala. Tento não pensar no Jonas, mas isso é praticamente impossível. Foram muitos momentos marcantes juntos. Por um segundo, observo os móveis simples de minha casa e me lembro do luxo e conforto com os quais vivi durante as últimas semanas ao lado de Jonas. É assustador o contraste. Por falar em assustador, levo um susto quando, de repente, meu celular vibra e olho o nome dele no visor. Meu ar fica suspenso por alguns segundos e então, respiro fundo. É ele, Jonas, do outro lado do telefone. Mordendo meu lábio inferior, penso no que fazer. Talvez seja melhor deixar tocar... *não, você quer ouvir a voz dele outra vez, Verônica, não se engane. Quer vê-lo outra vez, sentir seu cheiro... sabe que quer...*

Levo meu celular imediatamente ao ouvido.

— Alô? — digo.

A voz demora um pouco para soar do outro lado. Espero.

— *Eu tenho pensando em você.* — sua voz grave faz meu coração bater sem parar.

— Jonas? — me faço de desentendida, mas estou tremendo como uma adolescente apaixonada e estúpida.

— *Você sabe que sou eu, doçura.*

— Oi... Jonas.

Meu coração dispara, e apesar de ainda não ter me acostumado com a ideia de ser sua mera dama de companhia, no fundo, sei que os dias em que estive com ele foram alguns dos melhores da minha vida.

— *Quero que jante comigo esta noite* — diz, sem rodeios.

— Jantar?

— *Estou muito a fim de você. Preciso de você...* — afirma, a voz quente, aveludada.

Respiro fundo.

Certo. Estou sendo paga para isso. E, no fundo, bem lá no fundo, eu quero.

— Como quiser — tento controlar as minhas emoções, não deixá-lo notá-las — Irei ao seu encontro, Jonas.

Ele parece ficar satisfeito, do outro lado.

— *Ótimo. Quero vê-la, sentir seu cheiro, sua pele, seus lábios carnudos, seu corpo macio... você me enlouquece, doçura...*

Estou sem palavras. Fecho os olhos, imaginando sua voz rouca e aveludada falando desse jeito em meu ouvido enquanto sua mão poderosa me toca. *Minha nossa, estou ficando louca por esse homem.*

— *Vou mandar o motorista pegá-la às sete.*

Ele desliga.

Cerca de uma hora mais tarde, diante da entrada da mansão, fico encantada com o que contemplo. O jardim que dá acesso ao portão principal é imenso e bem projetado. Olho em redor e avisto árvores e plantas vistosas, que, sem dúvidas, são bem cuidadas. Enquanto caminho, percebo que estou sendo observada por alguém a metros de distância. Por um momento, me imagino como a Chapeuzinho Vermelho indo em direção à casa da Vovozinha, só que, na realidade, tenho a consciência de que estou seguindo ao encontro do Lobo Mau. Observo os lindos arbustos à minha frente e consigo avistar uma imensa piscina ao lado direito da casa. Quando chego mais

perto, sinto o azul de seus olhos percorrerem meu corpo. Com as mãos afundadas nos bolsos do jeans escuro e o sorriso característico no canto da boca, Jonas está perfeito dentro de uma camiseta branca que valoriza seus músculos. Está vigoroso, está mais sedutor. Fitando-o, paro já bem próxima a ele na porta. Evito sorrir para não parecer ansiosa demais. Jonas, então, sai da porta e traz seus passos lentamente até onde estou, como um felino.

— Seja bem-vinda — sussurra ao pé do meu ouvido, enquanto sua grande mão me puxa pela cintura e me traz para ainda mais perto de seu peito — Senti saudades... — enterra o rosto no meu cabelo, aspirando o meu cheiro.

Viro o rosto enquanto Jonas beija meu pescoço aqui mesmo na frente da casa. Por um momento tento ficar indiferente, mas a verdade é que o cheiro e o toque desse homem são mais intensos do que posso suportar. É praticamente impossível me manter fria. Sentindo Jonas beijar meus lábios, entreabro a boca lentamente para ceder ao beijo.

— Venha — diz, finalmente me puxando pela mão. — Quero que conheça a casa.

Percorremos a imensa e ampla sala de estar. Ele me faz um sinal com os olhos, me indicando que devo me sentar. Agradeço, educada, e não posso deixar de reparar nos detalhes à minha frente. Seu confortável sofá é mil vezes mais macio que o da minha casa. As paredes impecáveis são de pedras, os móveis brilham. Pigarreio, um pouco desconfortável, e ajeito-me, enquanto Jonas dá alguns passos em direção a uma gigantesca estante de DVDs. Imagino que provavelmente nem tenha tido tempo de assistir a maioria.

— Que tal um filme antes do jantar? — sugere, a voz macia. — Gosta de aventura, ação ou um bom suspense?

Dou de ombros, tentando não parecer impressionada.

— Você tem cara de quem curte comédias românticas. — ele provoca — Não. Acho que estou enganado.

— Tanto faz — dou de ombros outra vez, desviando o olhar. — O que quiser ver, verei.

Pisca os olhos e para no mesmo instante, divertido. Lança alguns passos em minha direção. Agacha-se em minha frente e está tão perto, que sou capaz de sentir sua respiração e a fragrância amadeirada de seu pós-barba. Sinto raiva de mim mesma por desejá-lo tanto. Sei que não devia. Sei que ele é um homem cruel e implacável no que tange ao amor. Então, por que estou tão envolvida?

— Como assim "o que quiser ver, verei"? — questiona, o tom sexy. — Ah, não. Você não é assim — provoca, tocando a ponta do polegar em meu rosto.

Há uma pontada de deboche no seu comentário e por isso me sinto no dever de rebater à altura.

— Bom, estou aqui pra satisfazer suas vontades. Portanto, qual diferença faz qual filme prefiro?

— Eu não quero que só faça as minhas vontades — retruca. — Quero que seja a garota destemida que sempre é quando estamos juntos.

Eu o encaro, seus olhos azuis brilhando, me hipnotizando.

— Sabe que não precisa literalmente satisfazer todas as minhas vontades. Não precisa ser tão profissional a ponto de ficar desconfortável com uma simples brincadeira — expõe o magnífico sorriso no canto da boca. — Me conte uma coisa, nossa estada em Nova Iorque foi tão ruim assim? Acho que cuidei direitinho de você enquanto

estivemos fora. Então, por que tanta resistência? Por que a gente não volta do ponto em que paramos?

Olho em seus olhos. Surpreendo-me ao constatar que são, na verdade, ainda mais claros do que aparentavam ser.

— Verônica?

— Sim? — sinto vontade de provocá-lo também. Então sorrio.

— O que você quer que eu fale? Que você não é tão maravilhoso o quanto imagina?

É a vez dele arquear as sobrancelhas, intrigado. E, então estampa no rosto um sorriso, dessa vez mais cínico.

Prossigo:

— Se eu disser que você foi maravilhoso, se sentirá melhor?

— Ah, certamente.

— Oh, mas e se eu disser o contrário? Se eu disser na sua cara que não passa de um canastrão sexual? O que você vai fazer?

Sorri, malicioso.

— Eu sei que não sou. — responde, rouco.

— Ah, não? E como pode ter tanta certeza assim?

Jonas permanece me examinando.

O maldito sorriso no canto da boca!

— Porque sei que não sou. E as mulheres também. Inclusive você.

Engulo em seco. Acho que ruborizo imediatamente, mas tento disfarçar.

— Você está enganado. Não o acho tão irresistível assim. As outras mulheres não sei. Mas eu não acho.

— Está mentindo — afirma, me encarando intensamente — Sabe que está.

Calo-me. Limito-me a fitá-lo.

— E sabe por que sei que está mentindo? — continua, o olhar cada vez mais intenso. — Porque vejo em seus olhos. Você gosta quando eu a toco. Seus olhos não mentem. E neste momento, estão me dizendo que está louca por um beijo meu.

Entreabro os lábios, pretendendo protestar, mas então seus lábios me calam. Ainda tento protestar, afasto seu peito, mas é em vão. Após o beijo, Jonas afasta-se para me observar outra vez, certamente para ver o efeito que seu beijo me causou. Sem pensar no que faço, levanto a mão, mas ele é rápido o suficiente para impedir que ela toque seu rosto.

— Eu não curto agressão física, doçura — sussurra, a voz quase inaudível. — Mas se quiser, podemos fazer algo selvagem na cama.

Tenho vontade de xingá-lo, mas antes que eu consiga abrir novamente a boca, sua língua quente domina a minha. Tento impedi-lo, mas enquanto me beija, nossos corpos se colam em uma perfeita sintonia. Uma onda de calor me toma e acabo relaxando em seus braços. Passo a beijá-lo com vontade, com urgência. Meus braços tomam vida própria e vão parar em seu pescoço duro. A gente fica assim se beijando por um tempo, até que Jonas começa a forçar o peso, me fazendo deitar no sofá. Sua mão sobe por dentro da minha saia justa, me roubando calafrios e gemidos.

Após afastar-se um pouco, Jonas se livra da camiseta e depois do próprio jeans. Aproveito para me livrar das minhas roupas também. Voluntariamente me abro para ele poder se ajeitar entre minhas coxas. Fecho os olhos enquanto me penetra com força, dureza e paixão.

Jonas sussurra em meu ouvido que quer ouvir meus gritos ecoarem pela sala. Eu me agarro às suas costas largas enquanto pulsa dentro de mim, me fazendo gemer mais alto. A gente perde o controle das coisas e a noção do tempo. A gente passa um bom tempo nessa paixão arrebatadora, louca, viciante. Está cada vez mais claro que sou sua droga e ele está viciado em mim. Finalmente após um ritmo frenético, parece que alcançamos juntos o clímax, suados e ofegantes. Beija minha testa antes de desabar ao meu lado.

Capítulo 34

VERÔNICA

NA MANHÃ SEGUINTE, acordo e lembro-me de que não passei a noite em casa. Ficara tão tarde que acabei cedendo ao Jonas e dormido em seu quarto. Exatamente em cima de sua cama. Agora, levanto-me rapidamente, ajeito o meu cabelo e visto a minha roupa. Eu não o encontro por perto. Acho melhor tomar um banho antes que apareça e me veja toda descabelada assim.

Depois do banho, saio do quarto e olho em volta. Nem sinal do Jonas. Desço as longas escadas de mármore preto e nem sei por onde começar a procurar. O lugar é imenso. Eu nunca vi uma mansão antes em minha vida. Mas agora estou aqui pisando em uma.

— Bom dia — uma voz feminina surge do nada e viro-me para dar de cara com uma senhora.

É uma mulher bonita, de formas redondas e a pele cor de jambo. Seu sorriso é amável e amistoso.

— Como vai, querida? Eu sou a Zuleica. Você deve estar com fome, não?

— Oh, não, na verdade, não quero incomodar... já estou de saída.

— Imagine. Não será incômodo nenhum. Pelo contrário, será um prazer. A mesa já está pronta. Venha, vou mostrar o caminho.

Ela é tão educada e atenciosa, que acaba me convencendo a aceitar o café. Zuleica me conduz à sala de jantar mais linda que já vi. Uma mesa gigantesca e repleta de coisas gostosas e frescas está montada à minha frente, me convidando. Sorrio enquanto puxo uma cadeira para sentar.

— Como foi a sua noite? Dormiu bem?

— Oh, sim, obrigada — começo a me servir com um copo de suco de laranja e pão fresco.

— Você deve ser muito especial pro guri, pois ele não costuma trazer pessoas pra casa — Zuleica comenta de repente.

Eu a encaro e ela está meio que me estudando agora.

— Ah, é?

— Nem mesmo as namoradas.

Dou uma mordidinha no pão, enquanto fico pensamento nessa informação. Por que Jonas não leva nenhuma mulher pra casa, mas me trouxe pra cá? Isso não faz sentido.

— A senhora trabalha há muito tempo pra ele?

— Sim, desde que ele era um menino. Na verdade, eu trabalhava na casa dos pais dele quando o Jonas e o irmão eram crianças. Eu era a babá deles.

— Deve conhecê-lo muito bem então.

— Oh, sim, o suficiente. — Sorri. — No fundo é um bom rapaz, mesmo quando tenta fingir o contrário.

— Poxa, me desculpe pela grosseria, eu nem disse meu nome. Sou a Verônica — estico a mão para cumprimentá-la.

Zuleica aperta a minha mão enquanto comenta que sempre achou Verônica um nome bonito.

— Se eu tivesse uma filha daria esse nome a ela. Mas Deus só me deu filhos homens, inclusive os postiços — brinca.

— Nada é por acaso — brinco com ela.

— É verdade.

Ela me observa tomando o meu café.

— Vou deixar você à vontade agora. Qualquer coisa, estou por aqui.

— O café da manhã está uma delícia. Obrigada. Foi um prazer conhecê-la, Zuleica.

— O prazer foi meu — responde antes de sair e me deixar sozinha.

Meu pensamento voa até as coisas que falou a respeito de Jonas. Ele nunca trouxe nem mesmo a namorada até aqui, mas trouxe a mim, uma acompanhante de luxo. Querendo ou não, é tudo o que sou no momento.

JONAS

PELA MANHÃ, olho para a porta porque há vozes ecoando lá fora. Subitamente a porta se abre e vejo a mulher entrar, agitada, enquanto um Augusto todo nervoso e chateado está atrás, dizendo que ela não deveria ter entrado dessa forma.

— Mãe? O que está acontecendo aqui? — quero saber, me levantando.

— Eu avisei que o senhor não deveria ser incomodado... — explica Augusto, se desculpando.

— E desde quando uma mãe incomoda um filho? — zomba Stela, largando a bolsa numa poltrona.

— Tudo bem, Augusto. Pode ir. Deixe comigo — digo a ele, respirando fundo e tentando controlar a irritação que sinto por vê-la.

Augusto sai, fechando a porta atrás de si e eu me sento novamente na cadeira, os olhos em minha mãe.

Espalhafatosa, bonita e curvilínea, apesar dos seus cinquenta e sete anos. A última vez que a vi estava loira. Agora seus cabelos estão tingidos de ruivo. Os olhos continuam mais verdes que uma esmeralda. De fato, é a versão humana de uma gata. Mas quem a conhece sabe muito bem que está mais para uma cascavel.

— Quanto tempo, filhote — diz, me avaliando — Faz tempo que a gente não se vê. Nem parece mais que somos mãe e filho...

— E quando foi que parecemos? Ah, deixe-me lembrar, quando eu tinha uns seis ou sete anos. Antes de você se mandar com seu amante.

Eu a observo. Sua presença é algo que não me agrada, mas vou tentar conter a irritação, sendo mais irônico e bem humorado o possível.

— Vamos lá — digo — O que você quer? Já me encher o saco de manhã?

— Ora, mas por que toda essa agressividade, Jonas? Sou sua mãe, ainda que não goste disso — cruza as pernas. — É assim que um filho deve falar com a própria mãe? Porque a verdade é: querendo ou não, o sangue sempre falará mais alto.

Não respondo. Ela tem razão. Querendo ou não, sempre teremos o mesmo sangue correndo pelas veias.

— Chega de papo furado, Stela. O que você quer? Estamos só nós dois aqui. Pode tirar a máscara. Vá direto ao assunto. É dinheiro, não é? Deixe-me adivinhar: aquele dançarino de cabaré levou tudo o que você tinha.

— Como você é desconfiado, menino — descruza as pernas, ficando desconfortável do nada, então sei que acertei na mosca qual é o problema. — Por que está sempre na defensiva, Jonas? Não entendo por que esse temperamento tão difícil comigo.

— Conheço você, mamãe — zombo. — Se está tudo bem, você viaja, vive a sua vida e nem se lembra do próprio nome. Mas se o dinheiro acaba, aí você reaparece. Ressurge das cinzas. Revela que ainda está viva. Mas quer saber? Eu não me importo.

Não responde. Só franze a testa e mantém a boca aberta, simulando que está ofendida. E fico estudando essa pessoa que depois de todos esses anos se tornou uma desconhecida para mim.

— Está bem, você venceu — diz, mexendo nos cabelos ruivos — Estou aqui porque preciso de dinheiro. Gastei

muito esse mês e quase não sobrou nada para as contas. Então, se há ainda um pouco de amor e compaixão por sua mãe, por favor, me ajude.

Sorrio. Mais amargura em meu sorriso que ódio ou outra coisa. Nunca vou esquecer que me abandonou quando eu ainda era pequeno. Abandonou a mim e ao meu irmão.

— Certo.

Puxo a minha carteira do bolso da camisa, pego algumas notas de cem e estico a ela, que já está com os olhos brilhando sobre o dinheiro.

Pega da minha mão e começa a contar nota por nota.

— Mil reais? Só isso?! Não pode ser um pouquinho mais? — reclama, chocada e decepcionada — Isso não dá pra quase nada, Jonas!

— Que tal arregaçar as mangas e começar a trabalhar? Você não é nenhuma velha.

— Ah, vá pro inferno, seu cretino! Essa porcaria de empresa deveria ser minha! Fui eu que aturei aquele maldito do teu pai!

Sorrio com gosto, com prazer porque adoro vê-la chateada e contrariada. Há um sabor de vingança nisso tudo.

— Só está colhendo o que plantou. Preferiu deixar seus filhos pra trás e fugir com um pé rapado. Agora você não tem direito a nada, Stela. Nenhum tostão.

— E os anos infelizes que passei ao lado dele? Tive você e o seu irmão por causa dele! Eu nunca quis filhos!

— Vá embora da minha frente.

Seus olhos verdes me fuzilam com raiva.

— Vai se arrepender de fazer isso comigo, Jonas. Vai ver.

Guarda o dinheiro que lhe dei na bolsa, gira o calcanhar e sai bufando da minha sala. Eu não me importo com o que disse e com a raiva que sente de mim. Nunca esquecerei o dia que saiu de casa para ir viver com seu primeiro amante - um músico dez anos mais jovem. Eu tinha sete anos, corri até ela e implorei que ficasse. Eu disse que a amava e que não poderia ver sem ela, a minha própria mãe. Eu chorava e ela fugia de mim, corria para o táxi que a levaria para longe. Sequer olhou para trás enquanto eu corria, seguia o carro, chorando e pedindo que voltasse.

"Mãe, não vá! Por favor, não vá", eu dizia, aos prantos. "Mãe, volta!".

Até que o carro se afastou demais e minhas pernas não aguentaram acompanhá-lo. Ajoelhei no chão, no meio da rua, a chuva caindo sobre mim, e chorei. Chorei como nunca. Mas ela foi embora sem olhar para trás. E nunca mais voltou. Nenhuma carta, nenhum telefonema. Nada. Era como se tivesse apagado meu irmão e eu de sua vida. Então só reapareceu quando Júlio e eu já éramos homens e já nos preparávamos para administrar a empresa. Acontece que nunca mais foi a mesma coisa. Ela não era mais a minha mãe. Não havia mais amor, carinho, respeito. Só mágoa. As coisas nunca mais seriam como antes. E eu nunca esqueceria que um dia ela escolheu nos abandonar.

Capítulo 35

VERÔNICA

O DIA PASSOU rapidamente e agora já é noite. Eu não sei por que ainda me surpreendo quando conheço um novo restaurante. Já devia ter me acostumado com o fato do meu acompanhante ser um homem extremamente rico e sofisticado. Para ele não vale um *bom*, tem que ser o *melhor*.

O lugar em que estamos hoje, por exemplo, emana poder, riqueza e sofisticação. Metade da aristocracia carioca deve estar jantando aqui, suponho. Já há uma mesa reservada para nós dois e não posso deixar de reparar como o maitre faz questão de sorrir o tempo todo e de tratar o Jonas como se ele fosse algum rei. Jonas puxa a cadeira gentilmente para que eu me sente nela. Em seguida dá a volta e se senta em minha frente.

Por um momento meus olhos se perdem em sua beleza e charme. Está lindo no terno preto com gravata da mesma cor. O visual contrasta com a claridade dos olhos.

— Você está linda — diz, me estudando da mesma forma como avalio sua boa aparência.

— Obrigada. Você também está ótimo.

Sei que estou bonita dentro de um elegante longo preto que possui um decote perfeito em forma de V, me deixando sensual. Jonas o aprovou desde o momento em que pôs os

olhos em mim na portaria do prédio de Érica, onde concordamos de nos encontrar.

— *Uau. Está linda* — disse, me estudando da cabeça aos pés.

Pegou em minha mão e a levou aos lábios, como um cavalheiro. E eu só me sentia estranha por estar tão bem vestida num lugar simples como aquele. Os poucos vizinhos ali perto nem disfarçaram o quanto estavam curiosos com a cena. Todavia nem poderia julgá-los. Quem não estaria? Jonas me conduziu ao carro preto e abriu a porta para que eu entrasse primeiro.

— E então, o que vai querer beber? — indaga de repente, me trazendo de volta ao agora.

— Ah, sim — pego o cardápio da mesa e começo a folheá-lo sem pressa — Bom, eu não sou muito fã de bebidas alcoólicas, mas você poderia me ajudar com alguma hoje. O que me sugere?

— Bom, se quer a minha opinião, deveria provar o *Cheval Blanc 1947*. Não é tão doce nem tão amargo. Você vai gostar.

— Posso confiar em você?

— De olhos fechados, doçura.

Doçura. Sorrio. Estou me acostumando com esse modo carinhoso de me chamar. Sua voz sempre fica mais sexy quando me chama dessa forma e eu sempre sinto um calor entre as pernas quando o ouço me chamar dessa forma.

— É sério que não gosta de bebidas? Nem cerveja?

— Nenhum pouco — admito — Por quê? Acha que sou careta por isso?

— Jamais. Algumas pessoas não gostam mesmo. Principalmente mulheres. Eu respeito. Sabe, reza a lenda que a mulher de um bêbado era a mais bela de todas da

Europa. Então, um dia, cansada de ser trocada noites e dias pelo marido por causa de suas bebedeiras, ela lhe lançou um desafio: "Ou eu ou o vinho", avisou. Ele, então, respondeu: "Quando pode se mudar?".

Dou uma risada. É a primeira vez que o ouço contar uma piada. Gosto disso. Gosto muito de perceber o quanto Jonas superou as minhas expectativas. No início, quando descobri que era ele quem havia me feito a proposta, fiquei chocada, frustrada, chateada, decepcionada. Jurei a mim mesma que o trataria com frieza e que não me envolveria mais do que já estava envolvida.

Acontece que os dias se passaram e nós ficamos cada vez mais próximos e envolvidos. Fui conhecendo mais sobre sua história, sobre sua vida, seus hábitos. Nossas conversas ficaram mais verdadeiras e íntimas. Passei a notar os momentos em que era generoso com algum funcionário do hotel e o quanto era incrível quando encontrávamos uma criança em algum lugar. Resumindo, caiu por terra a promessa de que eu nunca mais me apaixonaria. Cá estou, um pouco triste por hoje ser a nossa última noite juntos.

— Boa noite, cavalheiro. Madame. Desejam fazer o pedido? — um garçom pergunta.

— Um uísque pra mim e um vinho para a senhorita, por favor.

— Certo. E algo para comer?

— Ainda vamos escolher. Avisarei quando decidirmos.

— Sim, senhor — ele anota as bebidas que queremos e se afasta.

JONAS

APÓS O JANTAR, chegamos ao casarão. A sala de estar está apagada. Levo os meus passos até o abajur apenas para manter uma claridade um pouco mais agradável. Vejo Verônica afundar-se no sofá e gosto dessa ideia. É algo estranho. Não sou do tipo de homem que leva mulheres para casa. Nem mesmo Paula frequentava esse lugar. Nossos encontros eram sempre mantidos em hotéis ou na casa dela. Nunca na minha. Até porque eu mesmo não costumo ficar em minha própria casa. Mas com Verônica é diferente. Não sei por que decidi trazê-la para cá outra vez e não para qualquer outro lugar disponível. Só sei que agora estamos aqui e, mais do que nunca, me sinto bem em casa.

— Você quer beber alguma coisa? Um refrigerante? Um suco? — pergunto enquanto volto para perto dela.

— Oh, não, estou bem assim. Obrigada.

Agacho-me diante de seus olhos castanhos avaliadores e me pergunto o que, de fato, vi nessa mulher. É óbvio que é sexo, mas tenho a sensação de que há algo a mais por trás disso. Só não sei o que é ainda. Sua mão lentamente toca o meu rosto, me surpreendendo, e começa a me acarinhar.

— Por que você faz isso comigo, Jonas? — indaga, me tocando ainda.

— O que faço com você?

— Por que me olha dessa forma? Por que me faz acreditar que existe algo além do que fazemos? Por que às vezes me deixa iludida?

— Você é tão especial, doçura — agora é minha vez de tocar seu rosto liso e delicado. — Se ao menos soubesse disso, entenderia o que me faz agir assim com você. Queria que essa noite não acabasse.

— Eu também não queria...

Pego em sua mão. Abro a boca para falar alguma coisa, mas não sei ao certo o quê. O curioso é que sempre sou bom com as palavras, sobretudo na hora de seduzir uma mulher. No entanto fecho a boca porque não tenho certeza do que dizer. Sinto algo diferente esta noite. Um misto de ansiedade e desânimo. Ansiedade pelo fato de tê-la aqui ao menos por mais uma noite e por poder possuir sua boca, sua pele, seu corpo. Ainda hoje isso tudo será meu. E tristeza por saber que essa é a última vez. E que há a possibilidade de Verônica nunca mais querer me ver de novo depois desta noite. Não porque me odeie como à princípio pareceu odiar, mas porque assim como eu, compreende que não é só sexo. E talvez, assim como eu, queira fugir disso tudo, apagar o que sente.

Meu dedo abandona o seu rosto e a ponta dos seus dedos voltam para o meu, deslizando pela minha barba feita. Permaneço com meus olhos a estudando. Teve vontade de dizer que a quero por mais um tempo, que não quero que vá embora depois de hoje, mas as palavras simplesmente não saem de minha boca. Deixo isso para lá. Não quero bancar o adolescente apaixonado e idiota agora.

— Vou sentir sua falta — é tudo o que consigo dizer.

Ela não responde, mas pela expressão em seu rosto tenho certeza de que diz silenciosamente "eu também".

Finalmente me levanto e pego em sua mão, conduzindo-a gentilmente para fora da sala de estar. Ao

pisar no quarto escuro, paro em sua frente e acarinho seu rosto. Beijo sua boca enquanto minhas mãos seguram sua cintura e puxa o seu corpo para mais perto do meu.

Nossas bocas se unem por um bom tempo, até que finalmente levo Verônica para a cama. Contudo quero que o último momento seja especial e perfeito. Sim, para *ela*. Não quero que seja apenas uma transa selvagem como das outras vezes. Quero que seja algo realmente bom para ela e desejo do fundo do meu coração — se é que tenho mesmo um — que ela se sinta bem e amada.

Sei que não faço amor. Apenas sexo, sem o envolvimento romântico. E já fiz sexo variadas vezes e com muitas mulheres. Mas nunca amor. É um pouco diferente agora. Nesse momento, trocamos beijos e carícias suaves e gentilmente forço o peso de meu corpo sobre o dela na cama. Eu a possuo com ternura, com paixão e profundidade. Rolamos pela cama, entre beijos e carícias, cheios de desejo. E de amor.

Abro os olhos lentamente e começo a piscá-los. Eu me dou conta de que estou em meu quarto, deitado na minha cama - e que não estou sozinho nela. Olho em volta. O quarto está uma penumbra e não sei ao certo se ainda é noite ou se já é dia. Pego o meu relógio na cabeceira da cama. O visor me informa que são cinco e quinze da manhã. Estico o braço e coloco o relógio de volta ao lugar.

Viro para o lado e encontro Verônica adormecida, de bruços, com os cabelos espalhados pela cama. Meus lábios se esticam lentamente em algo que imagino que seja um sorriso. Meu coração se enche com algo bom, talvez

ternura. É bom sentir sua presença aqui, por mais incomum que isso pareça até mesmo para mim. Ergo minha mão e toco delicadamente seus cabelos, não querendo acordá-la. E agora, que está acabando? O que vou fazer? Bom, provavelmente voltar à minha vida de sempre: trabalho, mulheres, partidas de tênis e curtição. Ainda sou jovem e tenho as melhores coisas da vida: dinheiro e beleza. Seria mesmo idiotice querer alguém para mim. Verônica é maravilhosa, mas há outras mulheres que são especiais também por aí. Afasto minha mão de seu cabelo.

Fico olhando para o teto, embora esteja tudo escuro. Está muito cedo ainda para levantar, mas já perdi o sono. Afasto o lençol cuidadosamente do corpo para não acordá-la. Verônica sequer se mexe. Às cinco e pouco da manhã qualquer pessoa está em seu mais profundo sono.

Eu me levanto da cama e sigo para o banheiro — um banho frio para me despertar por inteiro. É o que faço. Relaxo embaixo da água fria, sentindo-a deslizar por toda minha pele e corpo. Do nada minha mente vai até à noite passada. Tudo havia saído como planejado. Havíamos jantado fora e depois transado várias vezes durante a madrugada.

Passando as mãos pelos cabelos molhados, me pergunto se estou começando a ficar confuso em relação à garota. Isso não é bom. Não posso perder o controle. Desde o início era para ser apenas uma aventura. Não posso me envolver. Por mais bonita e especial que seja, Verônica é apenas uma garota qualquer. Uma camareira de hotel que havia chamado a minha atenção. Eu, de fato, havia me sentido incrivelmente atraído por ela. Eu a levei para a cama e tive bons momentos com ela. Mas acabou. Foi uma aventura, um sexo gostoso, uma diversão. Várias

outras mulheres já haviam passado por minha vida, e consequentemente, por minha cama. Verônica não foi a única e agora não pode começar a desequilibrar meu mundo.

Paro de pensar nisso tudo. Sentindo o meu corpo já congelado embaixo da água, desligo o chuveiro e pego uma toalha limpa. Saio do box, a toalha enrolada em minha cintura. Vou até à pia e me encaro no espelho. *Não perca o controle, Jonas. Não esqueça disso.* Pego a escova e a pasta para escovar os dentes. Depois disso, volto para o quarto e encontro Verônica ainda adormecida na cama. Puxo uma calça de moletom da gaveta e uma camiseta branca. Calço meu par de tênis. Vou correr um pouco. É a melhor forma de colocar meus pensamentos em ordem. Só sei que preciso voltar ao meu normal.

Capítulo 36

VERÔNICA

MEUS OLHOS SE ABREM. Pisco. Está escuro e imagino que seja por causa da cortina fechada. Olho em volta e a memória me vem à cabeça. Estou no quarto de Jonas. Estivemos juntos. Aliás, passamos a noite toda juntos. A nossa última noite.

Meus olhos procuram por algum sinal dele, mas não há nada, exceto o seu cheiro inconfundível impregnado em minha pele. Por um momento sou tomada por uma sensação de alívio, por outro, estou frustrada. Imaginava que dessa vez ele estaria comigo quando acordássemos.

Esfrego meus olhos e me sento na cama. Tento me concentrar em outra coisa, mas com o cheiro de Jonas em cada parte do meu corpo fica difícil fazer a minha mente trabalhar. Suspiro. A nossa noite, apesar de tensa no início, terminou quente e satisfatória para ambos. Ele havia sido mais delicado e carinhoso que das outras vezes. E eu me sinto um pouco perturbada agora porque precisava manter meu coração resguardado e falhei desastrosamente nessa missão. A verdade é que me sinto bem ao lado Jonas. Com ele, sinto uma realização que nunca senti antes. Quando me toca ou me beija, não quero outra coisa além disso.

Desço da cama e sigo para o banho. Enquanto estou embaixo da água morna, me ensaboando, tento pensar nos

prós e contras de amá-lo. *Mais nos contras que nos* *prós*. Primeiro: Jonas tem a realidade completamente oposta à minha. É rico, de boa família e é um cara de grande influência nos negócios.

Pra que me envolver então?

Depois de ontem à noite certamente nunca mais nos veremos. Ele provavelmente esquecerá o meu nome daqui a alguns dias. E logo conhecerá outras garotas. E seria burrice da minha parte me envolver com um homem como ele. De fato, Jonas é lindo e tem uma pegada deliciosa, mas também é frio e promíscuo. O que Suzana falou para mim semanas atrás é verdade e eu sempre soube disso. Ele sabe ser cruel no que diz respeito a relacionamentos. Não tem coração.

Me lembro muito bem do dia em que a ex-namorada dele nos flagrou no hotel. Pude ver o sofrimento dela, o modo como sofria, como seu coração parecia ter sido partido ao meio.

Ah, chega de pensar nessas coisas, Verônica.

Depois de sair do quarto e tomar o café da manhã sozinha na sala de jantar, pergunto à Zuleica onde ele está.

— No jardim, querida. Acho que está limpando a piscina. Acordou bem cedo hoje e foi correr. Depois tomou um banho, o café, e está no jardim até agora. Acho que está um pouco chateado com alguma coisa. Não falou quase nada.

Eu me abraço instantaneamente e aliso meus braços, me perguntando o porquê de ele possivelmente estar chateado. Acho que não falei nada errado ou fiz nada que pudesse deixá-lo assim. Bom, provavelmente é alguma coisa relacionada a negócios.

Zuleica murmura que precisa ir ver o almoço e eu caminho até a sala de estar. Chego perto da porta de vidro que dá para o jardim, pensando se devo ir agora atrás dele. Acho que sim.

Já do lado de fora, eu caminho e o encontro próximo à piscina, como Zuleica falara minutos atrás. Jonas não me vê. Está de costas, agachado, mexendo na água. Veste apenas um moletom preto. Nada de camiseta. Olho em nossa volta. A manhã está ensolarada e agradável. O céu de um azul muito claro contrasta com o verdejante jardim da mansão.

— Bom dia — digo, finalmente, tentando puxar assunto.

Jonas se vira rapidamente para me encarar, só agora notando a minha presença.

— Bom-dia — responde, sério, mantendo toda a sua concentração na tarefa que está fazendo.

Ajeito uma mecha do cabelo que cai no meu rosto enquanto penso no que falar a ele. Então tudo o que consigo dizer é:

— Você tem uma bela casa. É bom estar aqui.

Não responde, mas assente com a cabeça. Parece compenetrado na piscina. Imagino que esteja utilizando algum purificador ou algo do tipo.

Como continua em silêncio, volto a observar o lugar. O jardim é bem cuidado, os canteiros perfeitos, tudo feito com muito bom gosto e certamente resultado do trabalho de um ótimo paisagista. Volto a olhar para a direção dele e para o que está fazendo. Permanece agachado perto da piscina e de costas para mim. Não sei o que falar e também não gosto de ficar parada aqui feito uma idiota. Pigarreio.

— Obrigada pelo jantar de ontem. Foi maravilhoso.

Continua de costas, mas pelo menos responde:

— Não foi nada... desculpe não poder te dar atenção agora. E quanto à casa, pode conhecer o resto, se quiser.

Uso novamente os braços para abraçar a mim mesma. Não é frio. A manhã está quente e ensolarada. Devo essa sensação estranha ao fato de estar nervosa.

— Adoraria... mas infelizmente não posso... preciso ir.

Jonas vira o rosto imediatamente, me encarando. Está sério. Acho que não gostou de ouvir o que acabei de dizer, *que preciso ir*. Será que sentiu como se eu tivesse acabado de lhe dar um soco no peito? Ou talvez me achou indiferente? Bom, até acho que há lógica para se ofender com a minha pressa de querer ir embora e ficar longe dele. Tenho certeza de que muitas mulheres dariam tudo para estarem aqui no meu lugar, com ele. Eu até gostaria também de permanecer, mas não quero me machucar.

— Por que tanta pressa? — indaga, finalmente se levantando e me encarando. — O dia mal começou. Não precisa ir assim tão depressa.

— Bom... é que só quero ir pra casa. Você sabe, tenho uma família me esperando.

— E um namorado também — conclui, então parece arrependido em seguida por ter falado isso sem pensar.

Não respondo. Eu já não estou com Cidão há um tempo, mas a ponta de ciúmes que senti na frase de Jonas me deixa satisfeita. Pode ser loucura, mas gosto de saber que sente algo por mim.

— Certo — diz, um pouco impaciente. — Vou pedir ao motorista que a leve.

— Na verdade, não precisa. Posso ir sozinha. Vou ficar bem.

Jonas para bem mais perto de mim e me avalia. Acho que a forma como sempre recuso suas ofertas o deixa

confuso e ofendido. Leva as mãos aos bolsos da calça. É atlético, forte, gostoso. Tento não focar seu peito amplo e largo. É inacreditável como mesmo vestindo apenas um moletom, consiga ser irresistível.

— Bom, se não quer o motorista, eu mesmo posso levá-la então.

— Prefiro ir sozinha.

Permaneço me encarando, me analisando e provavelmente estudando as razões para eu agir assim.

— Por que insiste tanto em me evitar?

Passo a língua úmida pelos lábios secos, nervosa.

— Desculpe. Não quero menosprezar você.

— Não é o que parece.

— Eu não sei... talvez... talvez seja só mesmo o meu jeito... prefiro me virar sozinha. Sempre fui assim.

Ele não está convencido e nem mais interessado no que falo, mas não diz mais nada. Mas sei que está irritado.

— Certo, vamos ao que interessa. Venha, vou preparar o seu cheque.

Engulo em seco. Não gosto da forma que usou para falar, como se eu fosse, de fato, uma prostituta à espera do pagamento, todavia, eu o sigo de volta à mansão, sem questioná-lo.

Quando chegamos à sala de estar, Jonas vai até o rack e pega um talão de cheque. Não leva muito tempo para fazer todo o procedimento.

— Aqui está. Todo seu. — Estica a mão para me entregar o pedaço de papel.

Novamente uma sensação horrível me toma. É estranho. Como se eu estivesse aqui pegando o meu pagamento por várias noites de sexo. Mas o problema é que foi exatamente isso que aconteceu e agora não sei

lidar com a realidade. Sinto-me uma pessoa inferior, sem honra. Tenho vontade de amassar tudo e jogar na lata do lixo. Mas não posso — minha família depende de mim.

O movimento de Jonas pegando uma garrafa de bebida no bar me chama a atenção. Vejo-o jorrar uma dose no copo e, então, beber logo em seguida.

— Acho que estou viciado em você... — murmura de repente, colocando o copo de volta à mesa.

Me encara.

Não há resposta. Apenas o encaro de volta. *O que eu poderia dizer?* Jonas volta para perto de mim com passos lentos, até chegar bem mais perto de modo que nossas respirações se misturam. Suas mãos grandes de repente vão até à minha cintura e me puxam para mais perto de seu corpo forte e duro.

— Quero que fique comigo mais um pouco... — mergulha o rosto no vão entre meu pescoço e ombro, me causando arrepios, sua barba pinicando minha pele — Por favor, diga que sim... — o homem praticamente implora. — Ouviu? Ainda quero você...

— Eu não posso... — meus olhos estão fechados, estou amando essa sensação de seus lábios em minha pele, sua barba me tocando, seu cheiro me inundando, suas mãos grandes me segurando, seu corpo duro contra o meu, mas preciso dizer não. *Diga não, Verônica! Não! Ele tem que aprender a ouvir não! Precisa entender que dinheiro não é tudo!* — É que não sou uma espécie de objeto que você vem, pega e usa quando quer.

— Eu posso lhe dar o que quiser... joias, roupas caras, viagens... mais cem mil... — sussurra, a voz aveludada, rouca, quente, seus lábios ainda chupando minha pele — O que me diz? Mais cem mil por uma semana...

— Não, Jonas... não posso... — meu corpo diz que sim, mas eu preciso gritar que não — Eu não posso... não estou à venda...

Insiste, agora segurando minha nuca e beijando os meus lábios.

— Por favor, pare... — empurro seu peito gentilmente.

— Duzentos mil então... o dobro... o que me diz...?

Eu não sei o que acontece, mas lhe dou um tapa na cara. Vejo o seu rosto virar e se manter parado. Estou tremendo agora. Nem sei como fiz isso. Levo a minha mão à boca, chocada com o que acabei de fazer. Eu bati nele! O que deu em mim pra bater nele? Bom, ele não devia ter falado aquelas coisas...

Jonas leva a mão ao rosto e alisa o local onde bati. Não me diz nada. Nem eu digo nada. Fico parada, esperando sua nova reação.

— Certo, vou levá-la pra casa — é tudo o que diz.

Ambos ficamos em silêncio durante todo o percurso. Gosto quando Jonas liga o som e então uma música eletrônica começa a tocar porque assim o vazio com a falta de conversa não se torna tão desconfortável. Penso no que aconteceu meia hora atrás em sua casa. Não vou pedir desculpas pelo tapa que dei porque ele não me pediu desculpas pelas coisas que falou.

Quando a Mercedes-Benz estaciona perto do meio-fio, em frente ao portão velho da minha casa, minhas mãos soltam o cinto de segurança da minha cintura e meus olhos encaram os azuis dele.

— Obrigada pela carona — digo, sendo sincera.

Por mais que eu tenha recusado inúmeras vezes, no fundo, gosto dessa coisa que tem de sempre querer me proteger.

— De nada — responde friamente e desvia o olhar.

Sei que ainda está chateado por eu ter recusado continuar sendo sua garota prostituta.

Bom, mas essa é a minha decisão. Se quiser algo realmente sério, que me diga e me trate como uma mulher de verdade, não como uma profissional. No entanto a despedida é sempre difícil e muitas vezes somos capazes de fazer coisas patéticas sem pensar. É o que faço agora, na pura emoção do momento. Fico avaliando sua fisionomia bonita, me perguntando porque ele tinha que ter aparecido na minha vida para bagunçar tudo. Detesto a ideia de que estou apaixonada e de que nunca mais vou vê-lo.

Sem pensar duas vezes, me inclino até o seu banco e toco carinhosamente seu rosto. Jonas me encara, surpreso com a minha mudança de comportamento. Acarinho sua barba rala, seguro seu rosto com as minhas mãos, encosto meus lábios nos seus e tudo o que sinto em seguida são nossos lábios se tocando e nossas línguas se enrolando. Sinto sua mão firme segurar minha cintura enquanto mergulho cada vez mais na paixão do momento.

— Vamos ficar mais um tempo... — geme em minha boca antes de intensificar ainda mais o beijo.

— Eu não posso.

Afasto meus lábios dos seus, meu corpo de seus braços e empurro a porta do carro para fugir disso tudo e, principalmente, da minha fraqueza. Paro na calçada e vejo o momento em que põe o carro em movimento e sai do

meu campo de visão e, provavelmente, para sempre da minha vida.

Capítulo 37

VERÔNICA

— **ENTÃO EU TAVA** certo, né? — uma voz masculina bem familiar surge do nada enquanto ainda estou olhando o carro de Jonas desaparecer do meu campo de visão.

— Cidão? — eu o encaro.

— Você tava mesmo me traindo com outro — afirma, um semblante sombrio e estranho.

— Quê? Ah, não me venha com essa conversa de novo. A gente terminou. Acabou, Cidão. Vê se enfia isso de uma vez por todas na sua cabeça!

Chega mais perto de mim, puxa o meu braço com força e me fulmina com olhos vermelhos. Me pergunto como em todo esse tempo fui cega. Cidão sempre foi um homem tóxico e danoso. Seu ciúme excessivo, machismo e ignorância eram só reflexo do sujeito nocivo que ele sempre foi. Mas fui ingênua o bastante para não perceber isso.

— Foi por ele que me largou? — insiste, ainda apertando meu braço e agindo como se tivesse algum

direito sobre mim — Me fala, que eu vou fazer uma besteira agora mesmo!

— Você está louco? Me solta! Para, que está me machucando! — tento me desvencilhar de sua mão, mas não adianta nada.

Ele sequer escuta. Só grita, convencido de que tem razão sobre toda a história fantasiosa que criou na cabeça.

— Me fala quem é o desgraçado! Me conta logo o nome dele!

— Não! Me deixe em paz!

Como num surto, segura meus ombros e começa a me sacudir. Eu o empurro com força, mas em vez de me deixar em paz, sua mão me acerta um tapa na boca. Levo a ponta do dedo até meu lábio e vejo sangue. Com raiva porque me bateu, eu o empurro de novo com força e grito que o odeio, que nunca o amei, que só quero que me deixe em paz!

A essa altura, toda a rua já está nos assistindo. Alguns estão rindo e outros estão zombando de nós. Eu nunca passei tanta vergonha em minha vida!

Cris surge de repente, me puxa pela mão e me leva para dentro de casa, me arrancando de toda essa confusão.

— O que aconteceu? — a mãe nos encara, os olhos arregalados.

Não tenho condições de explicar o que ocorreu no meio da rua minutos atrás, então fico aliviada quando Cris conta

o episódio à minha mãe, que fica tão chocada e nervosa, que leva as mãos à boca, e me pergunta se estou bem.

— Como você tá, filha? Minha nossa senhora, eu não sabia que Cidão era covarde assim.

— Cidão é mesmo um covarde, dona Selma — Cris diz, me conduzindo ao sofá — Bateu na Verônica aqui mesmo no portão de casa. A maior falta de respeito com vocês.

— E falou coisas horríveis pra mim — digo, me esforçando para não chorar e dar esse gostinho a todos os que riram e zombaram.

Afundo no sofá, tocando meu lábio que foi acertado pelo tapa de Cidão. Covarde cretino! Vanessa surge da rua, perguntando o que aconteceu e dizendo que toda a vizinhança está falando da confusão. Minha mãe pede a ela que prepare um copo de água com açúcar para mim e depois me questiona por que chegamos a esse ponto de agressão física.

— Ele não aceita o término por nada, mãe — explico — E agora me persegue o tempo todo. Quer fazer da minha vida um inferno.

— Como que pode uma coisa dessa? Vocês dois quebrando o maior pau na rua? O que está acontecendo, filha? O que os vizinhos vão dizer?

— Ele que me agrediu. Só tentei me defender — digo, minha mão ainda tocando meu lábio inchado. — Ele não passa de um grosseirão, louco e covarde.

— Você fez a melhor coisa quando deu um chute na bunda dele, Ve — minha irmã diz, voltando da cozinha e me entregando o copo de água com açúcar.

— Tô muito decepcionada com o Cidão — diz Cris enquanto viro o copo em minha boca — Isso não se faz. Em mulher não se bate nem de brincadeira.

— Essas atitudes do Cidão estão ficando perigosas. Quantos casos de feminicídio vemos por aí — Vanessa comenta, se sentando no sofá oposto ao meu. Eu até diria que está se divertindo um pouco com o acontecido.

— Vire essa boca pra lá, Nessa! Não vai acontecer nada com sua irmã! — a mãe briga com ela.

— Não estou dizendo que ele vai matar a Ve, mas é assim que as coisas começam. Não é, Cris?

Cris começa a falar sobre uma prima distante que sofria violência doméstica, mas estou tão cansada disso tudo, que me levanto do sofá, precisando de um banho e de um tempo sozinha para esfriar minha cabeça. Acho que, no fundo, estou meio deprimida. Estou assim desde que me despedi do Jonas.

JONAS

APÓS VOLTAR DA LUXUS, estou sentado atrás da mesa em meu escritório de casa. Já passam das onze da noite. Não quero dormir. Só preciso de uns segundos para relaxar. Cerro os olhos. A lembrança de hoje de manhã vem com força em minha cabeça. Verônica aqui mesmo em minha casa, adormecida em minha cama... de uma forma surpreendente que não sei explicar isso me fez bem, tê-la aqui me fez bem. No início era uma ligação só sexual, algo descarado e sujo. Agora é diferente.

Lembro-me da primeira vez em que a vi na minha cama de hotel. Meus olhos foram captados imediatamente e levaram a imagem de sua silhueta perfeita ao meu cérebro. Ela não era nada além de um corpo bonito. Não a via como uma pessoa que tinha um coração que bate, como uma pessoa que respira. Era só um mero objeto de prazer. Também lembro do momento em que a vi assistindo ao Scooby Doo.

Foi especial.

Levo minha mão ao queixo enquanto meus pensamentos estão longe. Verônica não lambe o chão onde piso como quase todas fazem. Não se joga em meu pescoço e diz o tempo todo que me ama, que precisa de mim. E isso tem sido o separador das águas, o fator decisivo para ganhar minha atenção. Talvez eu precise de uma garota assim, que tenha a coragem de dizer na minha cara que nem sempre tenho razão, que não sou tudo isso que imagino, que me mostre que o mundo não gira ao meu redor.

O telefone de repente toca, me tirando dos devaneios. Começo a falar com um dos seguranças, que me avisa que uma mulher loira está procurando por mim. Digo que a deixe entrar. Depois de algum tempo, a porta se abre, me mostrando Paula em minha frente e diz:

— Olá, *baby*. A empregada me avisou que você estava aqui.

Eu a observo. Paula está dentro de um vestido azul-turquesa sexy, saltos altos e tem um batom vermelho nos lábios. Ainda sorrindo, caminha de uma forma sensual até minha mesa. Eu me levanto, as mãos em meus bolsos.

— Estava com saudades... — diz, sensual, contornando a minha mesa e colando seu corpo no meu. Em seguida, envolve meu pescoço com seus dois braços finos.

— O que está fazendo aqui, Paula?

— O que acha? — desliza os lábios por meu peito sobre a camisa azul. — O que você acha, meu super Jonas? Hum, adoro esse seu cheiro de macho alfa...

Retiro gentilmente seus braços do meu pescoço e me afasto de seu alcance. Caminho até o bar, escolho uma bebida e jorro um pouco do líquido em meu copo.

Aparentemente contrariada por eu tê-la esnobado, Paula afunda na cadeira em frente à minha mesa e cruza as pernas de um modo muito sexy.

— Quando é que vai parar de beber assim? — me provoca. — Está virando um alcoólatra, sabia?

Divirto-me com esse comentário enquanto fecho a garrafa outra vez.

— E quando é que vai parar de comprar tanto? Está virando uma consumidora compulsiva, sabia?

— Ora, Jonas, não tem nem comparação — rebate. — Eu faço uma coisa saudável, você não.

Saboreio um gole do meu Jack Daniel's e volto para a presença dela.

— Eu não sabia que comprar roupa e sapato todo dia era uma coisa saudável, honey. Só se for pra uma mulher como você.

Paula descruza as pernas e levanta-se imediatamente, ficando novamente diante de mim.

— Está certo, você tem razão, não é — toca meu peito através do tecido da camisa. —, mas não quero que fique enchendo a cara desse jeito. Ora, amor, por que não vamos pro quarto fazer algo gostoso?

Penso um pouco nessa proposta enquanto tomo meu último gole. Não amo Paula, mas é fato que sua beleza e o seu apetite sexual me impressionam. Enquanto a mulher desabotoa a minha camisa, me mordiscando o peito, feito uma felina carente, largo o copo em uma mesa ali perto e, então, meus braços a suspendem. Paula grita, dando risadinhas e resmungando besteiras em meu ouvido enquanto a levo até o quarto.

VERÔNICA

SAIO DE MANHÃ CEDO à procura de emprego. Já quitei a dívida da casa e por isso só me restaram cerca de vinte mil do que recebi de Jonas. Esse dinheiro está na poupança e não pretendo mexer nele tão cedo. Por causa da viagem com Jonas, larguei o emprego no hotel e também a faculdade. Preciso agora reorganizar a minha vida. Quero arregaçar as mangas e procurar um novo trabalho. Também quero voltar a estudar. Érica tentou me convencer a voltar para o hotel, mas para lá não voltarei. Jamais vou esquecer que quase fui violentada lá. Além do mais, chega de hotéis de luxo e de homens ricos promíscuos. Quero algo que se encaixe comigo.

No centro da cidade, distribuo meus currículos. Em duas ou três agências até consigo entrevistas. A volta para casa, no entanto, é a pior parte do dia. Já exausta, enfrento ônibus cheio e um trânsito infernal. Para piorar, passo a maior parte do percurso em pé.

Quando finalmente piso em casa, meus pés estão doloridos, estou faminta e ansiosa por um banho. Abro a porta, encontro o pai e a mãe com o semblante fechado, me encarando.

Preocupada, fecho a porta atrás de mim e pergunto:

— Aconteceu alguma coisa?

A mãe abaixa a cabeça, abatida e até mesmo chorosa.

— Filha, nós...

— Deixe que falo, Selma... — interrompe o pai, ríspido e sério.

Eu o avalio, me perguntando o que está acontecendo.

— Por que esses semblantes preocupados?

Sinto o olhar duro do pai em minha direção e ele me faz estremecer.

— Vou fazer apenas uma pergunta e quero a verdade. Apenas a verdade — avisa, me deixando ainda mais nervosa. — Que tipo de trabalho foi fazer na Europa? — quer saber, me atingindo como uma bala de canhão.

Passo a língua nervosamente pelos lábios, tentando processar tudo rápido, mas sei o quanto é praticamente impossível enganar o pai. Além do mais, me sinto mal por isso. É como se eu estivesse cometendo um crime. Acho que já não sou mais capaz de continuar com essa farsa. O que farei, não sei, mas não há dúvidas de que preciso contar a verdade.

— Fui à França porque... — murmuro, minha voz muito baixa, denunciando que isso não é tudo, que ele tem razão em desconfiar.

— Eu quero a verdade! — insiste.

É como se já soubesse a verdade e só precisasse de uma confirmação.

Eu o encaro, mesmo sentindo vergonha e tristeza. Ele tem o olhar duro como nunca vi antes.

— Filha, por favor... — a mãe murmura, já chorando.

— Deixe que cuido disso, mulher! — o pai novamente a interrompe, exasperado.

— Pai... o que quer que eu diga?

— Cidão nos contou a verdade — explica, seu semblante ainda duro em minha direção — Tudo o que você foi fazer lá.

— Que verdade? O que ele contou?

— O seu namorado, aquele que foi traído e humilhado por você — continua o pai, o olhar cheio de decepção e mágoa. —, nos contou tudo o que houve ontem e o real

motivo da briga de vocês... e estou aqui até agora perplexo... que tipo de filha criei?

— Pai, por favor, eu posso explicar...

— Não minta pra mim, que não sou nenhum idiota! Eu quero a verdade!

Não consigo conter o choro. É tarde demais. Tudo está perdido. Tudo desmorona na minha frente, na minha vida. Toda a minha dignidade, a minha moral, a confiança de meus pais, tudo isso se esvai.

— Cidão nos contou tudo... — continua o pai, me apunhalando no coração e me fazendo chorar, me fazendo sentir pequena e imunda. — Contou que você estava aos beijos com outro homem dentro do carro. Um carro importado... foi com esse homem que foi para a França? Foi com ele que conseguiu todo o dinheiro? Que tipo de mulher é você?

— Pai... — levo a mão ao rosto e caio de joelhos, aos prantos, arrasada, nocauteada, pisada.

A verdade está escancarada e não há mais como negá-la. Todo o filme volta à minha memória. Sim, eu havia me prostituído, sim, no exterior. Havia viajado e tido várias noites de sexo com Jonas, um cara rico, que em troca disso, me deu muito dinheiro - o suficiente para que eu quitasse a dívida da casa onde todos moramos!

Tenho vontade de gritar isso tudo a plenos pulmões. Preciso desse alívio também. Não está sendo nada fácil para mim. Nunca foi. Desde o primeiro dia. Aliás, sou eu, na verdade, a maior vítima da história, e não o pai ou a mãe. Sou eu a salvadora da pátria, a heroína que se sacrificou em prol de todos. Mas em vez disso, de gritar a plenos pulmões, de jogar tudo isso na cara, choro. Soluços golpeiam meu corpo e ferem meu coração.

— Você não precisa explicar mais nada — diz o pai, com profunda tristeza e amargura. — Só quero que deixe essa casa.

— Osmar, por favor...

— Ou ela ou eu, mulher! Você escolhe — retruca ele, controlando-se para ou não me agredir ou não desabar em lágrimas — porque aqui nessa casa não tem mais espaço pra nós dois.

Não me importo com a casa. Estou sofrendo porque dói demais ver a decepção e a rejeição nos olhos dele. Dói mais ainda ver o sofrimento que estou causando à mãe.

— Eu nunca pensei que um dia sentiria tanto desgosto na minha vida... — ele continua, a voz falha, virando-se de costas provavelmente para que ninguém o veja chorar — De agora em diante esqueça que tem um pai porque vou esquecer que tenho uma filha.

— Pai... — minhas lágrimas não param de descer e os soluços golpeiam meu corpo todo — por favor...

Ignora que estou implorando e, com passos lentos, some do meu alcance.

Capítulo 38

JONAS

SAIO DO BANHO, a toalha enrolada em minha cintura, e me encaro no espelho. Vejo meu semblante bonito e impecável refletido nele. Por um momento paro para pensar no cara que sou, no cara em que os anos me transformaram. Observo esse sujeito frio, arrogante e orgulhoso. Sim, sou eu. Dizem que não tenho um coração. Mas que se foda! Estou feliz pra caralho, e na verdade, nem um pouco preocupado com o que acham ou deixam de achar de mim. Se as pessoas me odeiam ou me veneram, isso não me importa também. O que importa é que sou poderoso e bem-sucedido no que faço. Tenho apenas trinta anos e praticamente mando e desmando numa das maiores empresas do país.

Ah, a Luxus...

Ela é tudo para mim.

Quem não se enquadra na empresa ou não é bom o suficiente, simplesmente cai fora. Essa é a regra do jogo. Simples assim.

Ainda me encarando no espelho, passo a mão pelo cabelo úmido. Tenho um ótimo visual e a plena certeza de que consigo seduzir qualquer mulher e deixar qualquer uma aos meus pés. Ah, as mulheres... colecionei muitas ao longo dos anos... de todas, Verônica estranhamente foi a única que realmente me deu trabalho... linda, quente,

folgada, fala o que pensa e joga na minha cara nem sempre as coisas que espero ouvir.

Verônica...

Ofereci a ela duzentos mil por mais uma semana de paixão, mas se recusou. *Que tipo de mulher recusaria duzentos mil por uma semana comigo? Aquele namorado chinfrim não pode ser melhor que eu... não chega nem aos meus pés, porra.* Respiro fundo, a raiva me tomando toda vez que penso em sua recusa. Não sei o que posso fazer para consegui-la de volta, o que posso fazer para convencê-la, para deixar de resistir.

Preciso dela outra vez em meu quarto, em minha cama, de preferência com as pernas abertas e gemendo embaixo ou em cima de mim...

Um barulho vindo da cama, de repente, me faz virar para trás. É Paula remexendo-se entre os lençóis. A loira, no entanto, ainda dorme profundamente. Algumas horas antes a comi com força e paixão. Não posso negar, ela é gostosa. Todavia acontece com Paula o mesmo que acontece com Julia e com todas as outras que se atiram em mim: acaba o sexo, eu viro-me de lado.

Agora me visto silenciosamente para não acordar Paula. Saio de casa e entro em minha BMW. Sigo para o clube, onde encontro Luiz Miguel, Ricardo e Henrique. Jogo algumas partidas de tênis com eles. Depois disso parto para a Luxus. Há muitas coisas importantes para resolver. Enquanto seguro o volante com uma mão, disco para Augusto, que atende após o primeiro toque.

— *Senhor?*

— Oi, Augusto. Preciso que me faça um favor.

Silêncio.

— Quero que procure Verônica outra vez. Quero que a procure pessoalmente, já que o telefone dela parece inexistente agora.

— *Talvez ela não queira mais ser encontrada, senhor.*

— Não importa. Preciso que a encontre. É algo importante. Ela não pode fugir de mim assim.

— *Certo. E o que quer que eu diga a ela, caso a encontre?*

Penso nisso enquanto meus olhos concentram-se na estrada à minha frente.

— Quero que faça uma proposta de emprego a ela.

— *Uma proposta de emprego na Luxus, suponho.*

— Sim, na Luxus. Quero que Verônica venha trabalhar comigo — explico. — como minha secretária exclusiva. Um cargo que acabei de criar.

— *Certo, mas e se... bom, e se mesmo assim, ela recusar?*

Penso nisso. Seria péssimo. Nenhuma mulher recusaria um cargo como esse, mas Verônica é diferente de quase todas que conheci. Talvez o fato de ter de ficar tão próxima a mim a incomode. Por isso preciso ser esperto e cauteloso.

— Se mesmo assim ela recusar, proponha uma outra vaga a ela. Apenas convença Verônica a ir para a Luxus. Use sua inteligência e bom senso, que sei que tem de sobra. Até mais.

Desligo o telefone. Piso fundo no acelerador e sigo para a empresa. Preciso me distrair com mais trabalho o possível. Preciso trabalhar até tarde, trabalhar como um louco. Se ficar pensando muito nessa mulher escorregadia, vou enlouquecer.

VERÔNICA

— **AUGUSTO?** — falo, surpresa, vendo-o na porta do apartamento de Érica.

— Senhorita Verônica — me cumprimenta, todo contido e formal, como sempre.

Eu o observo, completamente surpresa porque não entendo o que veio fazer e como me encontrou aqui. Desde que saí da casa dos meus pais, estou morando com Érica.

— Desculpe-me aparecer de repente, mas é que precisava encontrá-la. Será que podemos conversar?

Hesito por um momento, mas então concordo.

— Bom... sim, entre — afasto-me da porta para que ele entre.

Depois que passa, fecho a porta atrás de mim, me perguntando o que Augusto deseja comigo. Tudo bem que ficamos bem próximos durante a temporada em Paris, mas depois disso não o vi mais. Eu o observo agora. Na certa, está aqui por ordem do patrão. Não posso dizer que isso é terrível porque, no fundo, tudo o que mais quero é saber sobre Jonas.

— Sente-se, por favor — digo, sendo educada.

— Obrigado.

Intrigada e não conseguindo mais conter a curiosidade, cruço meus braços no peito.

— Como me encontrou aqui?

Augusto ergue os olhos para mim enquanto se senta no sofá.

— Bom, estive na casa de seus pais e conversei com sua mãe. E ela me contou onde eu encontraria você.

— Ah — sento-me, diante dele, no outro sofá, e pigarreio: — Você aceita alguma coisa? Uma água, um café?

— Aceito um copo de água. Obrigado.

Afasto-me apenas para ir até à cozinha e trazer um copo de água fresca para ele. Augusto agradece antes de beber todo o líquido. Pousa o copo vazio na mesinha de centro e volta a me encarar.

— Eu sei que está se perguntando o que vim fazer aqui, mas vou explicar. Tenho uma proposta de trabalho pra você.

Sei que minhas sobrancelhas estão erguidas agora. Ele realmente me pegou desprevenida.

— Uma proposta de trabalho?

— Isso mesmo.

Logo me dou conta de que isso só pode ter o dedo de Jonas, e por mais que eu sinta muita falta dele, não quero ter que voltar a servir como seu objeto sexual. Suspiro, o desânimo me tomando. *Por que Jonas insiste tanto em me humilhar?*

— A pedido do Jonas, presumo — digo a Augusto.

— Sim, mas não se preocupe. É apenas uma proposta de trabalho. Algo estritamente profissional. Posso lhe assegurar. Meu patrão gostaria que você avaliasse a ideia de vir trabalhar conosco na Luxus.

— Na Luxus? — sei que meus lábios estão abertos em formato de um O.

A Luxus é tudo o que mais importa para o Jonas. Ele vive a empresa, bebe a empresa, respira a empresa. O tempo que estivemos juntos pude perceber que a Luxus é o seu grande e único amor.

— Sim. Como secretária. Como deve saber, a Luxus é uma das maiores empresas do Brasil. Não tenha dúvida de que é uma proposta excelente, mas deixe-me explicar: você seria uma espécie de secretária exclusiva. Não faria o trabalho mais difícil, apenas o mais específico. Teria um ótimo salário, ótimos benefícios e tudo o que uma empresa de peso como a Luxus pode proporcionar.

Respiro fundo, confusa, dividida, não sabendo se isso é bom ou ruim. Trabalhar num lugar como a Luxus é o sonho de qualquer garota humilde como eu. É claro que seria magnífico. Mas a questão é: vai ser bom pra mim ficar esbarrando em Jonas? Como sua secretária exclusiva, terei que interagir com ele o tempo todo. Será que vou conseguir isso sem me envolver romanticamente? Será que vou conseguir superar tudo o que rolou entre a gente?

— Secretária exclusiva — repito, avaliando os prós e contras — Bom, eu não sei... nunca trabalhei como secretária antes e não fiz nenhum curso específico na área... não sei se vai ser uma boa ideia... além do mais, por que estão me oferecendo o cargo? Tenho certeza de que vocês recebem mais currículos e indicações que se possa imaginar.

Augusto pigarreia um pouco. Talvez tente me convencer, mas não forçará a barra. Não é do feitio dele. Apenas me fará sentir mais confiante.

— Bom, não sei se você reparou, mas meu chefe costuma ser um tanto sistemático. E realmente prefere pessoas de confiança. Ou alguém que pareça ter uma boa índole e muita perspectiva profissional. Quanto à experiência, isso não é tão importante. As atribuições do cargo são bem simples e você terá um treinamento qualificado.

Penso outra vez. É realmente uma proposta incrível. É óbvio que um emprego como esse é tudo o que preciso. Seria muito bom para ser verdade, afinal, quantas garotas desejariam ter um trabalho como esse numa empresa de grande porte? Teria dinheiro para pagar minhas contas, poderia voltar a cursar a faculdade e ainda teria condições de ajudar Érica com as despesas do apartamento. O problema é... Jonas. Afinal, é o grande chefe da empresa e eu teria que ficar mais próxima dele do que deveria e não sei se estou preparada para isso. O que tivemos foi forte demais para ser esquecido tão facilmente. Ainda não esqueci como é estar em seus braços, como é o seu cheiro gostoso, o gosto de sua boca, a força de seu corpo... perturbada, passo a mão pelo rosto e suspiro.

— Eu não posso, Augusto. Me desculpe. Agradeço por ter vindo aqui e por terem pensado em mim para o cargo, mas não posso.

— Tem certeza?

Não respondo.

— Senhorita, garanto que não sofrerá nenhum tipo de assédio. Não se preocupe. Meu patrão tem seus fetiches, mas é um homem sensato, que sabe dividir o pessoal do profissional.

Passo minha língua pelo lábio inferior, dividida entre sim e não. *Ah, meu Deus, o que faço?*

— Eu não sei...

— Talvez não esteja preparada para dar uma resposta agora. Compreendo — tira um cartão do bolso do paletó — Aqui está meu telefone. Se mudar de ideia, pode me procurar.

— Obrigada — pego o cartão de sua mão.

— Bom, eu vou indo. Fique bem, senhorita.

— Você também, Augusto. Vou acompanhá-lo até a porta.

Após levá-lo até a porta e voltar para a sala, afundo no sofá e fico me perguntando se devo aceitar ou não a proposta.

— O que faço, meu Deus? — suspiro.

JONAS

EU O VEJO entrar no meu escritório. Estou pensativo, atrás da minha imensa mesa, ainda perturbado com meus próprios pensamentos. Augusto me cumprimenta, mas respondo com uma pergunta:

— Falou com ela?

— Falei, senhor.

— Então, o que ela disse?

— Ela pediu um tempo.

Levo meu copo de uísque à boca, absorvendo o líquido amargo e a resposta também amarga.

— Um tempo?

— Sim, senhor. Um tempo pra pensar. Deixei meu cartão com ela, caso precise entrar em contato.

Eu me ponho de pé, tentando ignorar a porra dos sentimentos confusos que estou sentindo agora.

— Então ela pediu um tempo?

— Sim, senhor.

Suspiro enquanto minhas mãos estão posicionadas no tampo de vidro da mesa.

— Nem o cargo na Luxus é o suficiente? — digo comigo mesmo — Que inferno. Ela é escorregadia demais. Impenetrável. Certo — respiro fundo, me endireitando, buscando novamente o meu autocontrole — Então, Verônica precisa de um tempo? Tudo bem, darei esse tempo a ela.

— Ela parece estar passando por uma fase complicada, senhor...

Eu o encaro na mesma hora, surpreso com esse comentário.

— Como assim uma fase complicada? Ela acabou de salvar a casa dos pais. Deveria estar feliz.

Augusto pigarreia.

— Parece que houve uma briga e ela saiu de casa... eu estive hoje no apartamento da amiga dela. É lá que a senhorita Verônica está morando agora.

— Uma briga — fico pensando nisso, avaliando a informação — E você sabe o porquê da briga?

— Não sei, senhor.

Observo sua expressão facial. Vejo nela que não me diria a verdade, mesmo se soubesse. Se pudesse, protegeria a garota das minhas garras. Augusto é mesmo um cara muito digno. Eu o admiro por isso.

— Obrigado, Augusto. Pode ir agora. Caso Verônica entre em contato, me avise.

— Sim, senhor. Com licença.

Depois que ele sai, permaneço preso em meus pensamentos. Verônica não está mais morando na casa dos pais. Houve uma briga. Ela saiu de casa. O que aconteceu?

Capítulo 39

VERÔNICA

— **JONAS?** — exclamo ao abrir a porta e encontrá-lo do outro lado — O que está fazendo aqui?

Seus lábios esticam em um sorrisinho cínico. De camiseta vermelha, jeans claro e óculos escuros no rosto, está lindo e charmoso, como sempre e para o meu desespero. No entanto, mesmo vestido de uma forma tão despojada, consegue manter o ar imponente e impecável. Qualquer um que o olhasse agora saberia que está diante de um cara importante. E há todo um magnetismo que emana dele.

— Como você está, doçura? Será que posso entrar?

— Claro... mas... claro, entre...

Tira os óculos escuros lentamente dos olhos, ainda esbanjando o sorriso de canto da boca que tanto mexe comigo.

— O Augusto contou onde me encontrar, não foi?

— É. Mas pra falar a verdade, tive que vir e ver com os meus próprios olhos como você está.

— Como estou? Bom, estou ótima, como sempre — forço um sorriso de quem está feliz e muito bem.

Engulo em seco em seguida. Penso um pouco, nervosa. Não gostaria de encontrá-lo num momento como

esse. Não quero ter que dar explicações sobre a minha mudança de endereço.

Jonas pisa na sala com seus sapatos italianos e fica cada vez mais claro o quanto sua presença pode ser perturbadora. Observo-o andar pela minúscula sala do apê e olhar ao redor. Cruzo meus braços no peito, tentando de alguma forma me proteger dele. Não por ser perigoso, mas porque entregar meu coração a esse homem significa correr riscos.

— Quer se sentar? — convido, me esforçando para parecer tranquila.

— Não, obrigado. Estou bem assim.

Não sei o que dizer a ele, então mantenho meus braços cruzados, e falo:

— Então foi mesmo o Augusto que contou onde eu estava — tento demonstrar segurança.

— Na verdade, eu praticamente o obriguei a dizer.

— E por quê? Olha, se veio falar da proposta, eu já disse que v...

— Não é sobre a proposta. Eu precisava saber onde estava. E principalmente, saber *como* estava. Apesar de tudo, nada do que sinto mudou.

Pisco. Não sei o que dizer. *Ouvi mesmo o que disse?* Eu o encaro com atenção. *Por que ele faz isso? Por que tenta me fazer acreditar que está apaixonado e que entre nós dois pode dar certo?* Tenho medo de amá-lo, de me perder nesse amor e de me decepcionar depois. Sempre lembro da cena de Paula no hotel e não quero terminar como ela.

— Bom, Augusto falou sobre a proposta de emprego... confesso que não esperava por isso.

— Gostaria que aceitasse.

— Eu não sei... sinceramente não sei se é uma boa ideia, Jonas. Você sabe, nós dois...

— Claro que é uma boa ideia. Prometo me comportar. Augusto deve ter explicado tudo. Posso ter sido um canalha com você antes, mas não farei nada que possa prejudicar nós dois. Nem mesmo a minha empresa.

— Mesmo assim, eu não sei...

— Já tem algum outro emprego em vista? Acredito que não, mas caso tenha, saiba que dobramos a oferta. Quero muito que venha para a Luxus trabalhar comigo, Verônica, e, para ser franco, duvido que consiga algo melhor que a minha empresa.

Não tenho uma resposta. Apenas suspiro. Não é à toa que Jonas está no topo dos negócios. Ele tem o poder de persuasão, a maneira certa de convencer as pessoas.

Dá alguns passos à frente e me encara de um modo penetrante que só ele sabe fazer.

— Por que você me quer, Jonas? Quero dizer, para o cargo? Poderia contratar qualquer outra pessoa. Eu sequer tenho experiência na área, você sabe.

— Escolhi você porque é de confiança. Além disso confio em seu potencial. Tenho certeza de que não vai me decepcionar.

— Mas...

— Mas? Mas o quê? É só vir trabalhar conosco e ponto.

— Não sei... desculpe, acho que estou um pouco confusa — cruço novamente meus braços no peito e afundo no sofá simples do apartamento.

Sem mesmo olhar, sinto Jonas se sentando também no sofá de dois lugares à minha frente.

— Se está achando que vou tentar me prevalecer do fato de ser seu chefe, fique tranquila, que isso não vai acontecer. Sei dividir as coisas. Pode não acreditar, mas até mesmo um cara promíscuo como eu sabe seguir regras.

Meus olhos procuram pelos azuis dele.

— E veio aqui só pra tentar me convencer?

— Caso fosse preciso.

Permaneço o encarando. Tento não pensar no período que estivemos juntos e no quanto foi gostoso e especial. Eu não posso me punir dessa forma. Jonas levanta-se e afunda as mãos nos bolsos do jeans. Também fico de pé.

— Fiquei sabendo que saiu de vez da casa de seus pais. É verdade?

Essa pergunta me pega de surpresa. Não sei o que dizer. Tento disfarçar. Não quero falar sobre isso com ele. *Não com ele.*

— Bem, tive alguns contratempos... nada de mais. Está tudo bem.

Traz seus passos mais à frente, me avaliando, me estudando, então chega ainda mais perto de mim e toca meu queixo com carinho e delicadeza. Ele vai me beijar. Sei que vai. Por um momento tudo em que penso é sentir seu beijo de novo. Mas antes que feche meus olhos, vejo suas sobrancelhas erguidas.

— O que foi isso? — toca em meu lábio inchado e só então me dou conta que não deveria ter visto isso.

Instantaneamente esquivo-me de seu toque e recuo, me sentindo mal com as lembranças. Desde o dia da agressão tento não pensar muito no assunto para não me odiar por ter ficado tanto tempo com um cara como Cidão.

— Estou bem, Jonas... — tento fugir de seu olhar atento, de sua pena. — Já passou. Estou bem.

— Seu lábio está machucado. O que aconteceu? Foi o seu pai que fez isso? — sua pergunta me surpreende. Por que não dizer *me choca*?

— Não. Não foi o meu pai. Claro que não... meu pai nunca faria uma coisa dessa.

Dá mais um passo para perto de mim.

— Seu namorado então — afirma, sua fisionomia está mais endurecida agora.

— Não quero falar sobre isso...

— Eu sei que foi ele... que filho da puta!

Seus olhos de um azul meio dia se tornaram meio acinzentados agora. Será raiva?

— Devia denunciá-lo — diz.

— Eu sei. Devia. Mas passou. Não quero mais pensar nisso — cruzo meus braços novamente, tentando me manter segura e firme. Suspiro — Estou bem agora. É o que importa.

Seu celular toca de repente, Jonas resmunga algo, consulta o visor e interrompe a chamada.

— Bom, preciso ir agora. A empresa não consegue ficar muito tempo sem mim. Mas sobre a proposta que fiz, gostaria muito que aceitasse o cargo.

— Será que eu posso pensar um pouco?

— Claro. Estarei esperando, Verônica.

Permaneço me observando - o meu lábio, provavelmente. Me pergunto se estou tão feia assim. Desvio o olhar. Me sinto horrível. Jonas chega mais perto. Toca meu rosto com delicadeza.

— Se esse cara voltar a incomodar, me avise — deposita um beijo em minha testa — Se cuide, doçura.

Gira o calcanhar e segue até a porta. Em seguida vai embora e some do meu campo de visão.

Só agora solto todo o ar que mantive preso esse tempo todo. Afundo no sofá. Eu o amo! Se aceitar o emprego, como vou deixar de amá-lo?

JONAS

— **ENTÃO TU É O** cara que gosta de cantar de galo no terreno dos outros, né? — uma voz masculina fala enquanto estou abrindo a porta da minha Mercedes.

Como é?

Eu me viro para o sujeito e o reconheço na hora. É o pagodeiro, o filho da puta do ex de Verônica. Não há como não reconhecê-lo. Parece um rato de esgoto. A mesma aparência desleixada e suja, o ar de vagabundo que conferi quando o conheci. Eu o avalio de cima a baixo, sabendo que tudo o que sinto por esse miserável é desprezo.

— Não vai responder? — continua, me encarando.

É sério que achava que tinha alguma chance de competir comigo? Olho para a sua roupa de merda. Camisa barata, calças mais largas, boina imunda na cabeça. Me pergunto como Verônica conseguiu ficar com um cara chinfrim como esse. Ele, sem dúvida, enlouqueceu quando levou um chute na bunda.

— Não se lembra de mim, bacana? Será que devo refrescar sua memória?

— Lembro de você — tento administrar a raiva que sinto e não partir para cima dele logo de cara — Não devia ter tocado nela.

— Ah, é? Experimenta levar chifre pra ver. É aqui que se encontravam enquanto riam de mim?

Por um momento o lábio inchado de Verônica invade a minha mente e incontrolavelmente meu sangue ferve dentro do corpo. O sujeito continua falando e só sei que não vou ficar em paz se não der uma lição nele.

— Quero saber se aquela piranha contou que...

Antes que termine a frase, eu o acerto com um forte murro na boca, descontando toda a ira em mim. Há certas coisas na vida que abomino mais que tudo. Agressão contra mulheres é uma delas. Eu nem penso mais no que estou fazendo e no que essa minha atitude poderá acarretar à minha imagem futuramente. Só sinto meus punhos doloridos por tanto encontrarem o rosto do sujeito. Eu o espanco, sem dó nem piedade. Finalmente o filho da puta está estirado no chão, cuspiendo sangue. Ensaia um xingamento, mas nem tem mais força para abrir a boca. Dou um pontapé bem forte em seu estômago, fazendo-o se contorcer de dor.

Eu me agacho até seu lado e seguro com força alguns fios de seu cabelo imundo.

— Por que não se levanta daí e reage? É mais fácil bater em mulher, não é?

— Filho da p... — grunhe, mas o xingamento não consegue sair de sua boca ensanguentada.

— Se eu souber que chegou perto dela outra vez, será um homem morto. Juro a você. Não sabe com quem está lidando.

Largo seu cabelo sujo, me afasto de seu corpo mole e me ponho de novo em pé. Olho em redor. Aparentemente ninguém testemunhou a cena. Sigo até à minha Mercedes, entro nela e coloco o carro em movimento. Enquanto vou tomando distância, coloco os óculos escuros de volta ao rosto. Penso na surra que acabei de dar no desgraçado. Isso me fez sentir melhor. Acelero o carro enquanto a raiva vai diminuindo aos poucos. Tento não pensar na imagem de Verônica sendo agredida. Respiro fundo. Ela fez bem em meter o pé na bunda daquele desgraçado. Puxo o

celular do bolso e disco para Augusto, que não demora a atender.

— *Senhor?*

— Avise que vou me atrasar um pouco hoje.

— *Como quiser.*

Desligo. Em seguida, em um impulso, pego o primeiro recuo e volto para a direção do apartamento onde Verônica está vivendo.

Capítulo 40

VERÔNICA

AINDA ESTOU EM CHOQUE. Havia recebido Jonas minutos atrás. Não fazia ideia de que algum dia ficaria frente a frente novamente com ele e, muito menos, que me faria uma proposta de emprego. Suspiro, tentando colocar os pensamentos em ordem. Eu disse que pensaria na ideia de trabalhar na Luxus, mas sei que não vai ser uma boa ideia, se eu quiser realmente fugir do sentimento que sinto por ele.

Subitamente a campainha toca e sou guiada por ela, até chegar à porta. Quem poderia ser? Já havia tido emoções demais para uma única semana e não precisava de mais uma. Primeiro a visita inesperada de Augusto e depois a de Jonas. Quem poderia ser agora? Abro a porta e perco o ar.

Sem dizer nada, ele dá um passo à frente, ficando bem mais perto de mim. Sua mão grande me puxa com firmeza pela cintura, fazendo com que nossos corpos se encaixem perfeitamente e com que meu coração bata sem parar. Em seguida vem o beijo. Sequer me dá tempo para questionar. Muito menos para resistir. Bom, para ser sincera, nem queria resistir. Tento dizer algo, mas sou calada por mais um beijo sedento e quente. Logo já estamos do lado de dentro do apartamento e vejo Jonas fechar a porta com o

calcanhar. Depois do beijo, ambos ofegantes, vejo o momento em que se afasta um pouco para poder se livrar da própria camiseta, deixando os músculos à mostra. Sem pensar que posso me arrepender depois, faço a mesma coisa que ele, eu me livro do vestido florido. Já nus, eu sequer pergunto se ele prefere ir para o quarto. A gente se perde ali mesmo entre beijos, gemidos, carícias, juras de amor e muito sexo no meio da sala de estar.

*É atração. Paixão. Amor. Se não for, será o quê?
Loucura? Talvez.*

Após nosso momento quente, me vejo agora com o rosto sobre seu peito musculoso enquanto minha boca faz uma trilha de beijos em sua pele.

— Dei uma surra no seu namorado — comenta de repente, enrolando fios do meu cabelo em seu dedo.

Retiro meus lábios de seu peito e meus olhos procuram os seus.

— No Cidão?

— Ele estava lá fora quando saí daqui. Me provocou, veio tomar satisfação — desliza a ponta de seu dedo para o meu lábio inchado — Aí me lembrei de seu lábio e não consegui me controlar.

— Ele não é meu namorado. Na verdade, eu já havia terminado tudo antes de ir viajar com você.

Jonas toca carinhosamente meu rosto com a lateral de sua mão.

— Você devia denunciar esse desgraçado — diz — Sendo namorado ou ex, não tinha o direito de tocar em você — desce o dedo novamente até meu lábio.

— Eu sei — suspiro — Se ele me procurar de novo, vou denunciar. Não quero que chegue mais perto de mim.

— Ele não vai — afirma, me surpreendendo, então explica: — Avisei que se chegar perto de você outra vez, vou acabar com ele. Tenho certeza que entendeu o recado.

— Jonas...

Leva a ponta dos dedos aos meus lábios, me calando.

— Se ele aparecer, vou cuidar disso — afirma — Homens como esse, se não forem freados, nunca param de machucar. E muitas vezes, mesmo quando a mulher presta queixa, eles conseguem machucá-las. Sei o que estou fazendo. Confie em mim.

Pondero. Concordo.

— Está bem.

Volto a beijar sua pele e os pelos de seu peito.

— E quanto a seu pai, foi ele que a expulsou de casa? — quer saber, já sabendo a verdade e só querendo a confirmação.

Volto a fitá-lo. Agora com tristeza. E balanço a cabeça, confirmando.

— Pelo que você me disse hoje, só pensou em aceitar a proposta porque a família estava passando por dificuldades.

— Precisávamos quitar a dívida da casa. Ou então a perderíamos.

— E mesmo sabendo de tudo isso ainda mandou você embora? Que sacana.

Suspiro longamente. Por mais que eu esteja triste e revoltada, não me sinto bem falando mal do meu próprio pai. Tento olhar pelo lado positivo da coisa - se é que existe algum. Bom, talvez o fato de reencontrar o Jonas.

— Acho que, no fundo, ele não consegue suportar a ideia.

— Pode ser. Mas quem pensa que é pra questionar as razões que você teve? Você se sacrificou pela família e isso inclui ele. Com todo respeito, doçura, ele deveria ter se ajoelhado na sua frente e beijado os seus pés.

Concordo. Sei que Jonas tem razão. Meu pai não foi justo e tolerante comigo, mesmo sabendo que tudo o que fiz foi pelo bem de todos nós.

— Não sei — suspiro outra vez —, mas prefiro acreditar que um dia vai pensar sobre tudo o que está fazendo e me perdoar.

— Ele não tem que perdoá-la por nada — retruca. — Você não fez nada de errado. Não cometeu nenhum crime. Se for mesmo um bom pai, como você diz que é, vai se dar conta disso e procurá-la.

— Está bem. Mas agora quero falar sobre coisas boas — quero parar de pensar no quanto meu pai me magoou e no quanto o magoei também — Você está aqui comigo — sorrio, me abraçando ainda mais forte a ele.

O sorriso não sai dos meus lábios desde que ele voltou ao apartamento e rolamos pela cama. Agora Jonas está sendo muito atencioso e carinhoso comigo. Estamos até compartilhando os meus problemas de família - coisa que nunca imaginei que faria com ele.

Não sei o que está acontecendo. Não sei o que somos afinal, se isso já indica que formamos um casal oficial. Mas eu o amo. Eu o amo tanto como jamais pensei que fosse amar alguém. E agora mais ainda porque nunca imaginei que no pior momento de minha vida eu fosse ser confortada justamente por um cara rico e completamente arrogante. Todavia, nesse momento, Jonas não está sendo

nada disso. Pelo contrário. Tem me ouvido com toda a paciência do mundo e tentando entender meus sentimentos.

— O que você fez comigo, doçura? — sussurra de repente, beijando a lateral do meu rosto, me fazendo rir.

— Eu não fiz nada... você que fez comigo... me seduziu e não sossegou enquanto não me teve.

— Eu não desisto do que quero. Nunca.

— Ah, é mesmo? E o que você quer comigo? De verdade — ergo o rosto e pouso meu queixo em seu peito para encará-lo.

— Tudo — responde, olhando profundamente em meus olhos — Quero você toda pra mim. E quero que venha morar comigo — puxa a minha cabeça para si e beija a minha boca.

Os dias passam.

Estou na praia do Leblon. É uma tarde nublada. Tiro as sandálias dos pés e caminho sobre a areia macia e morna. Neste momento, não me sinto mais solitária, nem mais amargurada. Talvez um pouco magoada. Apenas isso. Aqueles últimos dias haviam sido decisivos em minha vida. Nunca pensei que um dia veria meu pai me dar as costas. No fundo começo a me sentir um pouco injustiçada, afinal, ele sequer havia me escutado, sequer havia tentado ser razoável comigo. Não me considerava mais como uma filha. É óbvio que tive motivos fortes para fazer o que fiz. Meu pai deveria ter considerado isso.

Paro e cerro os olhos. Respiro fundo ao sentir a brisa vinda do mar. A vida não está sendo fácil para mim. Amo

os meus pais e sempre procurei fazer tudo por eles, mas agora me sinto abandonada

. Eu não merecia isso, não merecia ser rejeitada como tenho sido. Volto a abrir os olhos e contemplo o mar revolto e sombrio. Aliso meus braços. Olho em volta. A praia está praticamente deserta. Há poucos surfistas no mar. Tento pensar em coisas boas. Bom, apesar de todos os infortúnios, minha vida amorosa não poderia estar melhor. Finalmente encontrei o amor. Jonas. Ele é gentil, lindo e carinhoso comigo, tem sido um refúgio.

Tudo o que quero agora é ser feliz. Eu acho que mereço. Sim. Juro a mim mesma que vou tentar ser feliz ao lado de Jonas, mesmo sabendo que isso não será fácil. Estou apaixonada por ele e sei que também sente algo forte por mim, afinal de contas, Jonas havia me convidado para ir morar com ele e acho que não teria feito isso se não estivesse realmente envolvido. Sorrio. Agora seremos só nós dois e ninguém mais. E nada mais de contrato. Tudo será real de agora em diante.

De volta ao casarão, estremeço, mas estou decidida e pronta para ser feliz. *É loucura*, penso comigo mesma. Como poderia voltar para lá e seguir sendo como uma espécie de mulher exclusiva de Jonas, ainda que não tivessem mais um contrato firmado? Não importa, estou apaixonada. Além do mais, meu chão havia caído e a minha vida toda parecia ter desmoronado. Não tenho mais casa, mais família e talvez não queira mesmo ficar longe de Jonas. Apesar do pouco tempo com ele, sinto que estou completamente envolvida e o nosso período de

afastamento só serviu para confirmar o quanto somos loucos um pelo outro.

Nesse exato momento nossos olhos se encontram. Estou parada em sua frente. Jonas sorri, satisfeito, e vem ao meu encontro. Vestindo um jeans escuro e uma camiseta branca, se aproxima, pega a minha mão e a leva ao encontro dos lábios.

— Seja bem-vinda outra vez — diz, rouco, antes de enterrar o rosto no vão do meu ombro, me fazendo arrepiar.

Jonas me beija com desejo e me conduz para o primeiro móvel que encontra pela frente.

— Ah, doçura, como estou viciado em você... — sussurra, suas mãos puxando a camiseta, a passando pelos ombros e braços, até tirá-la completamente pela cabeça.

Perco o fôlego só de olhar para esse peitoral incrível em minha frente e imaginar que tudo isso é só meu agora. Não quero dividi-lo com mais ninguém.

Jonas ergue a minha saia e puxa a minha calcinha para baixo. Dou uma risadinha. Ele não é o único viciado em sexo. Atualmente admito que não posso mais viver sem ele também.

Levo minhas mãos até o meu cropped e o puxo pela cabeça, o retirando de mim. Meus seios balançam com o movimento que faço, bem no rosto de Jonas e vejo o quanto seus olhos brilham.

— Ah, porra... — enfia a boca em um dos meus seios, me dando um prazer maravilhoso já de cara. Gemo. Seguro seu cabelo com força, puxando-o, enquanto ele me mama à vontade.

Mesmo com os olhos fechados, sinto-o se mover e sei que está se livrando das calças. Logo sinto suas coxas másculas entre minhas coxas e, em segundos, Jonas já está me estocando com força, remexendo os quadris para frente e para trás, me penetrando completamente.

Ergo os meus braços e aperto seu pescoço, gemendo e pedindo que ele continue me amando. É bom estar aqui outra vez em sua companhia... é bom sentir esse perfume inconfundível, esse cheiro de almíscar... é bom tê-lo em meu corpo, me possuindo, me amando.

Capítulo 41

VERÔNICA

NO SÁBADO, Jonas dispensou todos os funcionários para que nós dois pudéssemos ter o nosso primeiro fim de semana mais à vontade na casa. Ele já tinha tudo planejado: faríamos muito sexo o dia inteiro e, à noite, sairíamos para comer em algum lugar da cidade. Eu escolheria. E prometeu que concordaria com qualquer que fosse a minha escolha.

— É boa na cozinha? — me lança um olhar provocador.

— Por quê?

— Bom, senhorita, preciso lembrá-la de que hoje seremos apenas você e eu nessa imensa casa. Se pretende passar as próximas horas do dia alimentada, é melhor contar com seus dotes culinários. Ou podemos pedir que tragam comida.

Aceito o desafio, afinal, a cozinha de Jonas é um sonho. O armário é branco, com vidro preto na torre, além do basculante preto. Há também uma bancada de granito preto, com quatro cadeiras vermelhas. Uma típica bancada de cozinha americana. Qualquer pessoa se sentiria encorajada para se aventurar nesse espetáculo de lugar.

— Está preparado pra comer qualquer coisa que eu preparar? — provoco.

— De olhos fechados.

— Muito bem então. Vamos começar — dirijo-me a uma das portas de vidro de cima. — Onde temos farinha de trigo aqui?

Olho para ele e reconheço seu olhar confuso. Não prendo a vontade de rir.

— Não acredito que não sabe onde ficam os mantimentos da sua casa — brinco.

Ele parece pensar rápido, os olhos brilhando. É extremamente competitivo. Dei-lhe um desafio e não sossegará enquanto não resolvê-lo.

— Espere, claro que sei... — vira-se para encarar o extenso armário. — Experimente a porta da esquerda, logo atrás dos enlatados.

Sigo suas instruções e encontro o que procuro.

— Muito bem. Nota 9 pela *performance* — brinco de novo.

— E por que não 10?

— Porque demorou um pouquinho pra pensar.

Jonas sorri, contrariado.

— Eu merecia um 9.5, pelo menos — retruca. — Mas não tem problema. Dá próxima vez vou ganhar um 11, só pra descontrar.

— Não existe 11, seu bobo — zombo, rindo.

— Na minha contagem existe.

— Certo. Que tal uma lasanha de peru de frango? — sugiro, abrindo a geladeira e pegando queijo, uma caixa de leite, e uma embalagem de peito de peru.

— Ótimo. E já que está toda empenhada com o almoço, me comprometo a fazer a sobremesa.

Fecho a geladeira, já com o peito de peru na mão, simulando surpresa.

— Sério? Vai nos preparar o quê? — caminho até à pia.

— Surpresa. Mas garanto que nunca experimentou nada igual.

— Uau.

Jonas move-se pela cozinha, pega tigelas, ingredientes, e começa a criar uma massa enquanto estou concentrada na minha comida. Minutos depois se aproxima de mim.

— Prove isso — leva uma colher de pau melada de massa à minha boca.

É uma massa deliciosa. Algo doce com muito chocolate.

— Hmmm... que delícia... o que é isso?

— *Éclair*. Um doce francês. Sabia que iria gostar.

— Eu amei.

Ele volta a se concentrar em sua tigela.

— E aí, o que acha de sairmos mais tarde? Podemos dar uma volta na orla, pegar um cineminha ou fazer um outro programa bacana. Você pode escolher.

— Qualquer lugar?

— Qualquer lugar.

— Nossa, você está muito bonzinho hoje. Primeiro o cardápio, agora o programa da noite... — brinco, piscando para ele.

Chego mais perto e enlaço seu pescoço com meus braços. Segura a minha cintura e diz baixinho em meu ouvido:

— Eu sou sempre bonzinho pra você. Isso é só o começo.

E lá vem mais um beijo.

A gente caminha por uma longa e movimentada rua de Vista Alegre. O cinema ficaria para outro dia. A gente gostaria de poder fazer várias coisas ao mesmo tempo, aproveitar todo o momento em que estamos juntos, mas nem sempre é possível. Jonas disse que eu poderia escolher o programa da noite. Qualquer coisa. Então estamos aqui, terminando de comprar dois hot dogs numa carrocinha.

— Senta. Vou pegar as bebidas — Jonas diz — Você vai querer o quê?

— Pode ser uma coca.

Cuido dos nossos lanches que estão sobre uma mesa branca de plástico e afundo na cadeira em seguida. Olho para o lado e vejo Jonas atravessar a rua e voltar à carrocinha. Sorrio. Ele parece tão mais humano, tão mais real vestindo apenas um jeans e camiseta azul escuro.

Minutos antes, havia deixado o carro em um estacionamento privado. O nosso plano era comer, passear um pouco e depois voltar para casa. Confesso que estou ansiosa para voltar para casa e deitar na cama. A noite será longa.

Jonas volta com os nossos refrigerantes e me encontrando dando a primeira mordidinha em meu cachorro.

— Você vai amar — mastigo e limpo os cantos da minha boca.

Jonas se senta em minha frente e leva o cachorro-quente para sua primeira mordida. Bebo a minha coca-cola. Jonas balança a cabeça, aprovando o lanche.

— Mas que negócio estranho é esse? — aponta para o próprio lanche.

Dou uma risadinha.

— Que foi? Vai ficar rindo? — resmunga, entre sério e divertido, lambendo o dedo sujo de molho.

— Está vendo só o que dá não comer cachorro-quente na infância? Não sabe nem segurar um.

— Ah, sua engraçadinha — joga um pedaço de guardanapo em meu rosto — Para sua informação, já comi muitos cachorros-quentes na vida. Em Nova Iorque, por exemplo, eu comia todo dia. Mas nunca provei um molho estranho como esse.

— Oh, meu Deus, como é metido... já comi muitos cachorros-quentes em Nova Iorque, por exemplo — zombo, o imitando e provocando.

— Hoje você tirou o dia pra me perturbar, doçura. Já entendi — volta a morder seu lanche.

A gente fica um bom tempo ali na mesa, comendo e conversando sobre várias coisas banais, eu em todo tempo implicando com ele.

— Hmmm... que negócio gostoso... vou comprar outro. Vai querer outro também? — termina o cachorro-quente e arremessa o papel amassado na lixeira à distância.

— Não, já estou satisfeita.

— Quer mais coca-cola?

— Não, estou bem com essa.

— Certo. Eu já volto.

Jonas se distancia e volto a beber a minha coca. Está uma noite tão bonita e movimentada, que pela primeira vez em semanas, sinto falta do bairro e dos fins de semana que eu passeava por ali com Érica ou com Cris. De repente uma voz familiar surge e logo em seguida o rosto de minha irmã aparece na minha frente.

— Oi, Ve. Você por aqui?

Vanessa se senta na cadeira que antes estava sendo ocupada pelo Jonas. Sorri, seus lábios de batom violeta.

— Oi, Nessa.

— E aí, quem é o novo bofe?

Não quero falar sobre o Jonas com a minha irmã, mas não serei capaz de escondê-lo, já que ele logo voltará e também porque provavelmente Vanessa já nos viu aqui juntos antes de se aproximar.

— Como está tudo lá em casa? — desconverso, estou mais interessada em notícias da mãe e até mesmo do pai.

Mesmo após o modo como me tratou, ainda sinto um imenso carinho por ele e me preocupo com sua saúde.

— Está tudo bem. Tudo na mesma. Mas pelo menos temos a nossa linda casa de volta. Graças a você, claro.

— Vanessa, por favor...

— Ah, olha só, o bofe está voltando.

Sei que está se referindo ao Jonas. Imagino que ele já a tenha visto também. Ele volta para a mesa e a cumprimenta de um modo seco.

— Oi, bonitão — ela o encara — Uau, mesmo assim meio disfarçado você é um gato!

Eu a vejo se levantar rapidamente e sussurrar algo no ouvido dele. Prendo a respiração, louca para que a minha irmã vá embora logo e nos deixe em paz. Sei o quanto gosta de ser desagradável e venenosa.

Vanessa se senta outra vez e sorri para mim.

— Ele te chamou para sair também? Bom, uma vez ele também me convidou.

Vanessa diz assim e algo estranho fica no ar. Imediatamente lanço meu olhar para Jonas, tentando entender se perdi alguma coisa.

— Bom, foi logo depois do pagode. Ele esteve lá em casa, te procurando, mas acabou me chamando pra jantar. Foi tipo: não tem uma irmã, leva a outra — dá uma risada.

Estou tão surpresa, que não sei como me comportar. Divido meu olhar entre os dois.

— Ele não te contou? — Vanessa me encara, simulando inocência — Não contou pra ela, Jonas? — ela o encara, depois volta a me encarar — Bom, não pode nem negar. A nossa mãe é testemunha. Agora só falta o pai conhecê-lo. Que tal levar o bonitão lá em casa e dizer tipo assim: aqui, pai, o cara que pagou a nossa casa.

— Já chega — Jonas fala firme com ela, fazendo-a encará-lo por um bom tempo — É melhor você ir — Jonas diz, pousando a mão na cadeira onde ela está sentada.

Vanessa pisca e posso ver o quanto se sentiu intimidada. Desviando os olhos de Jonas, me encara.

— Certo. Acho que estou atrapalhando — diz, se levantando, pronta para ir — A gente se vê por aí.

Vanessa gira o calcanhar e vai embora. Só então suspiro, aliviada.

— Que garota insuportável — Jonas se senta novamente em seu lugar — Como você aguenta?

Estou chocada com tudo o que acabou de acontecer aqui, mais ainda com a forma como a minha própria irmã agiu. Ela é minha irmã! Por que falou aquelas coisas para mim? Por que nunca dá uma trégua?

— Ela é minha irmã. Não tenho como me livrar — suspiro, não querendo pensar em como se divertiu com o fato de eu ter me prostituído para garantir a nossa casa.

Se Vanessa já me perseguia antes, agora mesmo é que vai sempre esfregar isso na minha cara. Sem piedade.

— Ela não vale um centavo. Como podem ser tão diferentes?

Eu o encaro. Penso nas coisas que Vanessa falou sobre eles dois, embora isso não tenha me deixado enciumada.

— E você? A levou pra sair? Estiveram juntos?

— Ah, não. Não leve a sério o que diz. Sua irmã é uma vigarista. Só jantamos juntos. Eu só queria informações sobre você.

— Ok.

— Não está chateada, está?

— Não. Na verdade, o que mais me dói é saber que minha própria irmã me odeia.

— Você não é a única, doçura. Há um monte de gente passando por coisa parecida por aí.

Eu o avalio.

— Você se dá bem com o seu irmão?

— Sim, na medida do possível. Ele não é o meu maior problema.

— É a sua mãe?

— É, mas vamos deixar isso pra lá. Não gosto de pensar nela.

— Ok. A gente pode ir agora — já não estou mais com vontade de continuar o passeio. Perdi todo o clima depois de reencontrar a minha irmã.

— A gente pode ir pra outro lugar.

— Prefiro ir pra casa.

— Certo, vamos.

Jonas me abraça e, novamente, pergunta se estou chateada com ele por causa do que Vanessa falou. Digo que não. Por fim, me deixo ser envolvida por seus braços. O que mais me abalou não foi o fato de descobrir que ele e

minha irmã já jantaram juntos, e sim ter que admitir que ela, a minha própria irmã, me odeia.

Capítulo 42

JONAS

É DOMINGO. Sol escaldante, céu azul, temperatura nas alturas lá fora. Minutos mais cedo, olhei para a piscina e gostei de saber que a água estava tão límpida que até era possível ver o meu reflexo nela. Agora estou no meu escritório dentro da mansão. Luiz Miguel está comigo no telefone.

— *Por onde anda? Está todo mundo comentando que se casou em segredo e por isso esse desaparecimento, que você anda meio domesticado* — zomba.

Ele, mais que qualquer outra pessoa, sabe o quanto tenho repugnância por casamentos. É o meu melhor amigo e já experienciamos muitas coisas juntos.

— Eu não posso explicar agora, mas não casei, é óbvio. Você teria recebido um convite. O fato é que ainda estou com a garota. Digamos que estamos curtindo uma lua de mel informal.

— *Está com ela na mansão? Cara, dessa vez você está ferrado. Um cara não leva uma mulher para a própria casa*

quando só quer trepar com ela. Você até rompeu com a Paula. Você está envolvido, amigo, não se engane.

— Não estou. É claro que não. E quanto à Paula, foi ela que terminou comigo — tento convencer a mim mesmo que o que Luiz Miguel fala não faz sentido.

— *Imagino que ela tenha tido seus motivos — debocha, rindo.*

— *Jonas?* — de repente ouço a voz de Verônica chamando por mim, então abaixo o tom para voltar a falar com Luiz Miguel:

— Eu preciso desligar agora.

— *Certo.*

— *Jonas?* — a voz de Verônica está um pouco mais próxima.

— Oi? Estou aqui! — já estou encerrando a ligação e abro a porta do meu escritório.

Ela está linda, do outro lado, de biquíni branco com listras pretas e usando uma saída de praia kimono longo da mesma cor.

— Oh, me desculpe. Eu não sabia que estava trabalhando...

— Não, tudo bem. Eu só estava falando com um dos sócios. Já terminei.

Saio do cômodo e fecho a porta às minhas costas. Largo o aparelho com o visor ainda aceso no primeiro móvel que encontro e volto toda a minha atenção para Verônica.

— Está linda.

Chego mais perto, eu a puxo pela cintura, a trazendo completamente para mim. Também já estou com meu traje de banho e tento me conter para que o meu pau não fique volumoso dentro da cueca, demonstrando o quanto estou

excitado. Minha boca encontra a sua. Um beijo longo e intenso. Nossas línguas já se entendem muito bem, como se tivessem sido feitas uma para a outra.

Subitamente meu celular toca de novo, acabando com nosso clima. Pego o aparelho e quando vejo o nome no visor, resmungo. Não é alguém com quem queira falar.

— Não vai atender? — os olhos chocolate de Verônica me avaliam enquanto o aparelho continua tocando.

— Não deve ser nada importante — interrompo a ligação e coloco o celular de volta ao móvel.

Volto a procurar pela boca de Verônica, lhe dando mordidinhas pelo caminho, fazendo-a rir enquanto joga os braços em volta do meu pescoço.

— Isso é muito bom, sabia? — sussurra em minha boca, toda sensual, me excitando ainda mais.

— É?

— Nós dois aqui juntos.

O celular volta a tocar, insistentemente.

— Ah, porra.

— Atende, amor — a palma de sua mão acarinha meu rosto e me convence — Pode ser importante.

Assinto, mesmo suspirando, contrariado, e sabendo que vou me aborrecer. Estico o braço para pegar o aparelho no móvel. Nem me dou ao trabalho de consultar o visor.

— Alô — digo, seco.

— *Jonas, sou eu* — fala a voz feminina do outro lado da linha.

— Eu sei que é você — respiro fundo, tentando controlar a irritação — O que você quer? Eu estou ocupado agora.

— Tarde demais, filhote. Já estou aqui no seu lindo jardim, e daqui mesmo posso ver o quanto está ocupado...

mas fique tranquilo, não quero atrapalhar o seu romance.

— O que você quer? — eu me afasto de Verônica e vou até à porta de vidro dupla que dá para o jardim e a piscina. Vejo a mulher lá fora, chapéu de sol e óculos escuros no rosto. Ela está sorrindo — Como entrou aqui?

— Expliquei ao segurança que sou sua mãe e que queria lhe fazer uma surpresa. Ele não acreditou na hora, mas mostrei minha identidade e a nossa foto juntos. Ele me deixou passar.

Passo pela porta, desligo o celular e caminho até ela.

— Não é bem-vinda aqui, então pode ir embora.

— Calma. Me deixe ao menos explicar o que estou fazendo aqui.

— Ah, não precisa explicar. É dinheiro. Eu já sei falar a sua língua — pego minha carteira que está ali na mesa branca perto da piscina e tiro algumas notas de cem e cinquenta — Aqui está o que tanto deseja.

— Isso é jeito de tratar sua mãe? — tira os óculos escuros do rosto e vejo seus olhos verdes se desviarem para alguém atrás de mim.

Verônica.

Não me importo que ela esteja vendo tudo isso. Não suporto a presença de Stela aqui. Tudo o que faço é dar a ela o que deseja para que em seguida me deixe logo em paz.

— Olá, meu bem. Sou Stela, a mãe dele — estica a mão para Verônica e ambas se cumprimentam — Imagino o que Jonas tenha falado de mim. Bom, não leve a sério tudo o que diz. Ele não chegou ao topo falando só verdades. Mocinhos bonzinhos não sobem tão alto, né, Jonas?

— O dinheiro está aqui — entrego as notas a ela — Pode ir agora.

Stela pega as notas, conta quantas tem e, em seguida, as guarda dentro da bolsa.

— E a loira? O que aconteceu com ela? Vocês, playboys, não valem nada mesmo — dá uma risadinha.

— Já tem o seu dinheiro. Pode ir — digo, prestes a perder minha paciência.

Sei que Verônica, atrás de mim, com os braços cruzados na altura do peito, está calada e constrangida com o modo como minha mãe e eu lidamos. Bom, mas não posso fingir ser quem não sou. Não com Stela.

— Nunca falei que podia entrar na minha casa. Muito menos sem avisar. Que isso não se repita — digo à minha mãe antes de girar o corpo e me afastar dela.

— Se não, você vai fazer o quê? Chamar a polícia para sua própria mãe, seu desnaturado?

Como já estou tomando distância, começa a gritar para que eu ouça as merdas que fala. Mas não me importo. Vou para o outro lado do jardim e disco para os seguranças.

— Quero minha mãe fora daqui.

VERÔNICA

— **ELE NÃO** puxou nadinha ao pai — comenta a mãe de Jonas, pegando um cigarro e o acendendo na minha frente — Aliás, é muito mais bonito e charmoso que aquele infeliz. Não é à toa que faz tanto sucesso com as mulheres. E também porque tem dinheiro, claro. Vocês adoram um bonitão rico.

— Não estou aqui por causa do dinheiro do seu filho — sou firme e séria.

— Ah, todas dizem isso — solta a fumaça do cigarro antes de me avaliar — Você é bonita, admito. Mas não vai levá-lo ao altar, se é o que imagina.

— Bom, também não estou pensando em casamento — suspiro, me sentindo ofendida — A gente só está deixando as coisas acontecerem naturalmente. Gosto dele e ele gosta de mim. Ou não teria me trazido pra cá.

— Tenho certeza de que está aqui porque Jonas quer. Quero dizer, ele não faz nada por acaso. Bom, acho melhor eu ir agora.

Nesse momento avisto um segurança fortão se aproximar de nós duas.

— Bem, já sei que não sou bem-vinda nessa casa. Foi bom te conhecer, mocinha.

Não respondo. Não sei se gosto dela. Achei errado o modo como Jonas tratou a mãe, mas também não achei certo o modo como ela se utilizou de meios para arrancar dinheiro dele. Isso não é coisa que uma mãe deveria fazer.

Além disso, tenho certeza de que há uma razão muito forte para ele ter agido do modo como agiu.

O segurança pede para que a mãe de Jonas o acompanhe e ela, já aparentemente satisfeita com o dinheiro que recebeu e com as coisas que falou do filho, nem se ofende. Coloca os óculos escuros no rosto e acompanha o homem. Eu a vejo ir embora e me pergunto o que pessoas como Stela e como Vanessa, por exemplo, ganham por serem tão venenosas e desagradáveis. Acho que são pessoas amargas, infelizes, que por serem assim, se sentem bem ao destruir o dia das outras pessoas.

Eu até penso em ir atrás do Jonas e conversar com ele a respeito de sua relação com a mãe. Mas pensando bem, ele deve estar chateado agora. É melhor deixá-lo um tempo sozinho. Talvez seja melhor nem tocar mais no assunto. Se Jonas, um dia, quiser conversar comigo sobre o relacionamento que tem com a mãe, ele mesmo se abrirá.

Capítulo 43

VERÔNICA

VESTIDA COM UMA camisa de manga comprida cinza e com uma saia salmão na altura dos joelhos, dirijo-me à Luxus. A empresa é muito bem localizada. Um prédio extremamente luxuoso, arejado, amplo e confortável. Decorado com toda a sofisticação necessária. Os saltos altos me dão mais firmeza ao andar, contudo é preciso andar devagar para não parecer que estou rebolando.

— Olá. Em que posso ajudar? — a moça da recepção do primeiro andar me encara com amigáveis olhos castanhos escuros.

— Oi. Eu me chamo Verônica. Sou a nova secretária — digo, abrindo a minha bolsa e pegando o meu crachá provisório para mostrar a ela.

Eu o entrego a ela, que analisa.

— Certo — me devolve o cartão — É só pegar o elevador para o quinto andar.

— Deixe que cuido disso. Obrigado, Leandra — Augusto surge do nada de repente, falando com a moça.

— Oi, Augusto — sorrio para ele — É bom vê-lo.

— É bom vê-la também, senhorita. Venha, vou levá-la.

— Está bem.

Guardo meu crachá na bolsa e caminho atrás do Augusto, que já está chamando o elevador.

Dentro do elevador, gosto de saber que o quinto andar é um lugar bastante reservado e pouco movimentado. Não há quase ninguém, exceto o próprio Jonas, o Augusto e o segurança. Eu imaginava que umas duas ou três secretárias estivessem me esperando e já estivessem incomodadas com a minha chegada, mas de acordo com Augusto, as três secretárias ficam no quarto andar. O quinto, onde a sala de Jonas fica, é o último, e completamente isolado de todos os outros.

— Pronto, chegamos — avisa quando a porta se abre e nós dois pisamos no chão mais limpo que a casa onde eu morava com meus pais — É aqui que você ficará — aponta para uma mesa preta e confortável — Aquela é a sala do patrão — aponta para uma enorme porta dupla de vidro.

Estreito os olhos, tentando ver alguma coisa ali dentro e me dou conta de que apesar de ser vidro, não dá para se ver nada do que acontece em seu interior.

— Augusto, obrigada por me receber e por me explicar tudo.

— Ah, imagina.

Vou para o meu posto. Coloco a bolsa em cima da mesa, afundo na cadeira macia e fico encarando o meu computador. Perto dele há uma máquina de cópias. Olho para o lado e vejo também um aparelho telefônico. Bom, tenho tudo o que uma secretária precisa. Não posso negar que é o emprego dos sonhos. Observo tudo. As agendas, o computador, o telefone, onde fica cada coisa, cada detalhe.

— É tudo perfeito. Nem acredito que estou aqui.

Augusto se mantém parado em minha frente, as mãos formalmente na frente do terno elegante.

— O bom é que ficará isolada da maioria dos funcionários. Só terá a minha companhia. À propósito,

aquela ali é a minha mesa — aponta para uma mesa bem parecida do outro lado, mas diferentemente da minha, a dele está cheia de anotações e trabalhos — Eu gostaria de poder avisar ao patrão que você chegou. No entanto ele está muito ocupado na sala de reuniões.

— Está bem. Depois falo com ele.

JONAS

ESTOU NA SALA de reuniões, que é composta por uma gigantesca mesa de vidro escuro e várias cadeiras acolchoadas em volta. De pé, com ambas as mãos no tampo de vidro preto da extensa mesa, olho nos olhos de cada um dos que estão presentes e digo o que precisa ser dito. Conseguir o cargo mais alto da Luxus não foi tão fácil como muita gente imagina. Ganhei espaço e notoriedade porque mostrei meu valor, porque provei que eu era capaz, que não era só um herdeiro idiota. Provei que eu era a grande aposta, a alma que faria a empresa ficar de pé.

Foi alcançando as metas e elevando o nosso nome para o exterior que consegui ganhar o respeito e a confiança de todos, até mesmo dos mais velhos.

E, embora eu seja rígido quando o assunto é trabalho, costumo ser sensato o suficiente para ouvir e avaliar o que meus funcionários têm a dizer, ainda que nem sempre seja o que espero ouvir. Na medida do possível, tento ser paciente e justo. Sei que um bom líder precisa incentivar a equipe e não desmotivá-la.

— Quero falar agora sobre a concorrência — digo, tocando nos botões do meu terno. — Aqueles caras da Montrel estão no nosso encalço, tentando nos provar que vieram pra ficar. Bom, sabemos muito bem que o crescimento rápido é uma grande armadilha, no entanto, parecem encorajados. Certamente querem dividir o cenário conosco, mas não iremos permitir.

Volto a pousar minhas mãos na mesa.

— Todos sabemos que a Luxus é a maior empresa do país. Uma das maiores do mundo. Trabalhamos com os melhores diamantes e com o melhor designer. Nossas peças são de qualidade e sofisticadas. Formarmos a melhor equipe do planeta. Isso inclui todos vocês. E isso, claro, inclui todos vocês. Nossos serviços são de primeira e por isso chegamos onde estamos. Vamos continuar fazendo o nosso melhor. Não vamos deixar a concorrência chegar perto. Nem em sonho.

Os outros se entusiasmam com meu discurso e vozes começam a falar ao mesmo tempo. Fernandez pede a palavra.

— A propósito, Jonas... outro dia um sujeito me procurou. Um cara inteligente e com carisma. Não com o seu brilhantismo, é claro, mas ele segue bem o seu estilo. Mas o fato é que queria sondar e ver se conseguia descobrir alguma coisa a nosso respeito. Naturalmente dei uma resposta evasiva e ele se afastou. Como você bem disse, a empresa dele ainda tem que comer muito arroz com feijão pra chegar perto de nós.

Os outros concordam.

— Cássio Fontana, você quer dizer — digo a Fernandez.

— Sim, o próprio. Você o conhece?

— Sim. De fato, a empresa dele está se expandindo e conquistando espaço. Ficaremos de olho. Por hoje é só, senhores. Reunião encerrada.

Esta noite será inesquecível.

Giro a maçaneta e empurro a porta devagar. Eu a encontro sentada em frente à penteadeira de mogno, penteando o cabelo. Paro. Tombo o ombro no batente da porta e cruzo os braços no peito.

— Eu já estou terminando — ela diz, me olhando através do reflexo no espelho.

— Eu poderia ficar durante horas aqui, só te admirando. Ela abaixa a cabeça e dá sorrisinho tímido.

Iremos a um evento de gala dentro de algumas horas e será a primeira vez que Verônica aparecerá do meu lado agora não como uma acompanhante qualquer, embora eu ainda não esteja certo do que realmente representa para mim. O fato é que ando bem ultimamente e isso tem acontecido desde que veio morar comigo. Já nem sinto mais tanta falta das farras, das bebedeiras e de trepar com outras mulheres. Verônica tem provido todas as minhas necessidades. Posso dizer que estou feliz.

Dentro de um smoking preto feito sob medida, desencosto-me do batente, descruzo os braços e dou passos até onde Verônica está sentada. Há uma coisa especial comigo e quero que veja. Eu me agacho em sua frente e analiso seu rosto.

— Estou pronta — anuncia, seu olhar me revelando o quanto também está feliz ao meu lado.

Verônica veste um vestido amarelo de cetim longo com decote tomara que caia. Desço meus olhos para observá-la melhor.

— Ainda falta uma coisa — aviso, pegando algo do meu bolso do paletó.

Verônica acompanha meus movimentos com os olhos e fica momentaneamente sem falar quando se depara com a linda caixa felpuda que tenho na mão. Abro a caixa com

cuidado e nós dois contemplamos um dos colares de diamantes mais bonitos que existe. É uma pedra alaranjada e brilhante tão viva quanto o núcleo do sol.

— Oh, meu Deus, Jonas, é lindo...

— Este é o *Aurora*. Uma das principais joias do catálogo da Luxus. — digo, todo orgulhoso, mostrando o colar entre meus dedos. —, quero que o use esta noite.

— Não... — me encara, os olhos arregalados — De jeito nenhum. Eu não posso.

— É claro que pode — me divirto com seu choque — Combina com você.

Ergo o colocar com delicadeza e o levo até seu pescoço bem feito.

— Ah, Jonas, não é uma boa ideia...

— É uma cortesia da Luxus para esta noite.

Afasto seu cabelo gentilmente para o outro lado do rosto.

Ela suspira, parecendo contrariada, mas não discute mais comigo.

— Você está como uma joia, doçura... e vai ser a mais bonita da festa.

Seus lábios cor de vinho se esticam em um sorrisinho lindo. Termino de fechar o colar em seu pescoço.

— Pronto. Agora, sim, está perfeita.

— Obrigada por ser tão maravilhoso comigo.

— É você que desperta o melhor em mim.

Eu a olho profundamente nos olhos. Com o *Aurora* no pescoço ficou ainda mais sedutora. Se ela soubesse o valor do colar... Verônica não tem ideia de que a peça está avaliada em torno de *cinco milhões de dólares*. É uma das mais caras do novo catálogo da empresa.

— Espere. Não é só isso. Ainda tem mais — puxo outra caixa de veludo, essa bem menor, do meu bolso. — Esse aqui é pra você, estou dando — abro a caixa e pego um par de brincos de ouro branco com diamantes e apatitas verdes — Poderá usá-lo quando e onde quiser. É um presente meu.

— Não, eu não posso aceitar... — olha em meus olhos enquanto toca delicadamente em minha mão.

— É claro que pode. Não se recusa um presente — sorrio, colocando alguns fios de seu cabelo que saíram do lugar para trás da orelha — Coloque-os. Quero vê-los em você.

— Jonas — suspira — eles são lindos. Eu os amei. Mas, sério, não posso aceitá-los.

— Por favor. Não faça essa desfeita comigo.

Seus olhos castanhos chocolate me avaliam, então Verônica respira profundamente e assente.

— Está bem.

— Ótimo.

— Eles são mesmo lindos — sorri timidamente e agradece. Em seguida começa a colocar o primeiro brinco na orelha. Depois o outro.

— Ficaram perfeitos — sussurro, quase sem voz.

Ela não tem ideia que os brincos estão avaliados em vinte e oito mil dólares.

— Vamos então? — chamo, me erguendo de novo e ficando de pé.

— Claro.

Ofereço meu braço gentilmente para Verônica e ela se segura em mim.

Capítulo 44

VERÔNICA

DURANTE O EVENTO sinto alguns olhares de curiosidade em minha direção. Fico me perguntando se as pessoas já sabem que Jonas e a socialite terminaram e se agora querem saber o que sou exatamente dele. Se é que já sabem toda a história. Minutos antes, Jonas havia me dado um beijo no rosto e murmurado que conversaria um pouco com alguns sócios, mas que voltaria depois.

— Voltarei pra você depois. Não vou demorar.

Voltaria para mim.

— Ok — respondi, acreditando nele.

Já se passou uma hora e meia e até agora não voltou.

Agora estou me sentindo abandonada. E pior: nem posso ir embora. Ainda mais porque estou usando esse colar de diamantes no pescoço. Eu poderia muito bem ser assaltada ou coisa pior. Respiro fundo, tentando me distrair com algo. A festa não pode estar sendo tão ruim assim. Talvez seja uma boa ideia beber alguma coisa.

— Oi — uma voz masculina surge e me viro para ver quem é. Fico decepcionada porque não é o Jonas. — Lembra-se de mim? — o loiro pergunta.

Tenho certeza de que sim. Esse rosto, de fato, é familiar.

— É claro que me lembro... nos conhecemos outro dia no clube.

O rapaz estica mais os lábios, ficando ainda mais atraente. Forço um sorriso porque ele está sendo tão agradável e não quero parecer rude.

— Sim, isso mesmo — estica a mão para mim — Verônica, não é? Como vai? Como vê, não esqueci seu nome.

O comentário me surpreende, mas meu rosto esquenta e talvez tenha ficado avermelhado porque estou morrendo de vergonha. Esqueci o dele.

— Desculpe... estou morrendo de vergonha... acho que esqueci o seu.

— Não tem problema. Sou o Cássio.

— Isso. Cássio. Como vai?

— Confesso que muito melhor agora que a revi. Acho que comentei com você no nosso primeiro encontro que não curto muito ficar no meio de festas e pessoas.

— Disse sim.

— Então é isso. Mas venho porque frequentar esse meio faz bem.

— Para os negócios, imagino.

— É. E você? Certamente está acompanhada — seus olhos descem pelo meu pescoço — Ah, sim. Claro. Seria muita idiotice minha achar que uma mulher bonita como você estaria sozinha.

— Você é muito gentil.

Olho em volta, um pouco desconfortável com sua presença. Lembro-me de que Jonas pode voltar a qualquer momento e que talvez seria uma cena constrangedora se me encontrasse conversando com outro homem. Só que,

pensando bem, talvez Jonas também esteja ocupado demais na companhia de outras pessoas.

— Que tal uma dança? — convida de repente.

Olho para alguns casais dançando na pista e tenho a certeza de que não há problema nenhum em dançar com alguém. Pego no braço que me oferece e o acompanho até à pista. Ao menos dançando não vou estar sozinha, ansiosa pela volta do Jonas. E também vai ajudar a fazer com que a hora passe mais rápido.

Estamos dançando uma música lenta. Em todo o tempo Cássio se mostra agradável e atencioso. A gente ri e fala sobre várias coisas enquanto nossos corpos deslizam pelo salão.

— Adoraria saber quem foi o cavalheiro que a encontrou primeiro. É, sem dúvida, um homem de sorte.

Me pergunto se Cássio está mesmo tentando dar em cima de mim. Na verdade, à essa altura da noite e depois das danças e conversas, tenho a plena certeza de que sim.

— Não subestime a minha capacidade de pensar — brinco. — Há inúmeras mulheres bonitas neste salão. E sei também que homens de negócios como você estão acostumados a mais de uma.

Cássio sorri, nem dizendo que sim, nem dizendo que não.

— Mas, de qualquer forma, precisa admitir que ambos, eu e o seu namorado, temos bom gosto.

— Eu não sei se ele é meu namorado — murmuro para mim mesma e em seguida me arrependo de ter falado isso.

Acontece que por mais que estejas bem e felizes, ainda não sei ao certo o que sou para o Jonas e o que ele é para mim. Agradeço em pensamento por Cássio não questionar

o porquê de eu ter dito isso. O assunto não é levado à frente.

Aos poucos vou relaxando um pouco mais na companhia dele. Cássio é bonito, inteligente e possui senso de humor. Todavia não se compara a Jonas. Na verdade, não há quem se compare ao Jonas no quesito beleza, charme e sedução. Só de pensar nele, naquele corpo atlético maravilhoso e nas coisas incríveis que sabe fazer na cama, fico molhada, mesmo estando na companhia de outro homem.

Quando mais uma dança finalmente termina, Cássio leva minha mão até seus lábios, como um verdadeiro cavalheiro.

— Foi um prazer revê-la, Verônica, e obrigado pela dança — diz antes de se afastar de mim.

Também gostei da dança. Mas agora que acabou, olho em redor e me pergunto onde foi que Jonas se meteu que até agora não voltou para mim, como prometeu que faria.

JONAS

— **AQUI ESTÁ VOCÊ** — uma voz feminina surge do nada e não preciso me virar para saber que é Suzana.

Ouçõ seus passos de salto alto virem cada vez mais para perto de mim, contudo permaneço onde estou, tomando o meu Jack Daniel's.

— Olá, Jonas.

— Como vai, Suzana? — me limito a dizer, mas não é porque me importo como realmente esteja e sim porque sou educado. Na verdade, já vou dar um jeito de me afastar dela antes que faça uma nova cena lamentável.

— Espero que não esteja chateado comigo...

Afasto o copo dos meus lábios.

— E por que eu estaria?

— Por causa do nosso último encontro. A cena que fiz.

— São águas passadas. Não tem importância para mim.

Não responde. Sei o quanto essa mulher é apaixonada e obcecada. Sei que não importa como eu a trate. Bastaria chamá-la a hora que eu quisesse que ela viria correndo como um cachorrinho, abanando o rabo. Se eu ainda quisesse algo do marido, a levaria para a cama e lhe daria algumas migalhas de atenção. Mas não quero nada. Tudo o que poderia obter de Ralph, já obtive. Agora o nosso caso ficará sempre no passado.

— Por que me despreza? — sussurra, já perto de mim, já me tocando e me beijando — Ah, Jonas... me leve pra

cama... só mais uma vez... por favor...

— Estamos em um lugar público, Suzana — falo baixo, a repreendendo, quase rosnando, afastando-me do alcance de suas mãos e de suas unhas. — Tente se controlar, ao menos uma vez.

Finalmente se dá conta do que está fazendo e se recompõe. Ajeita o cabelo. Agora está me encarando, os olhos arregalados, a expressão nervosa.

Dou mais um gole na minha bebida enquanto olho ao redor para me certificar de que ninguém nos viu juntos.

— Ralph me disse que vocês vão fazer uma sociedade — comenta de repente, tentando parecer mais sóbria. — Isso é verdade?

— Não sei, ainda estamos pensando. Por que quer saber?

— Seria ótimo se isso acontecesse, que assim poderíamos passar mais tempo juntos...

— Não viaja, porra — perco a paciência — Não temos mais nada e não tenho a pretensão de levá-la novamente pra cama. Se tudo isso é falta de sexo, pague um garoto de programa pra você.

Largo o copo da bebida em qualquer canto que encontro e sigo até à saída do cômodo.

— Jonas — me chama — Não vá. Por favor... vamos conversar — implora, a dignidade indo para o ralo.

Paro, já próximo à saída, e viro meu rosto para encará-la, tentando controlar todo o meu desprezo e a minha irritação.

— Tivemos bons momentos, Suzana, mas já acabou, como tudo nessa vida. Só restam as lembranças. E você precisa se contentar com elas.

Caminho para longe da minha ex-amante, para além do seu campo de visão, deixando-a sozinha e melancólica para trás.

Volto para o salão e procuro por Verônica. Foi um erro tê-la deixado sozinha esse tempo todo. Varro o lugar com meus olhos e não a avisto em canto nenhum. Caminho um pouco, olhando para todos os lados, e não a encontro. Verônica sumiu. Não está no mesmo lugar onde a deixei horas atrás. Sequer parece estar no interior do salão. Driblo algumas pessoas que chegam perto de mim e tentam ganhar a minha atenção com qualquer assunto sem importância. Chego até a área externa do local. Olho em cada parte. Nada. *Onde, afinal, Verônica se meteu?*

Capítulo 45

VERÔNICA

— OLHA SÓ VOCÊ de novo! — soa uma voz atrás de mim.

Viro-me imediatamente e dou de cara com Cássio.

— Oi — intrigada, o avalio.

Permanece com o sorriso no canto dos lábios, o olhar enigmático, mas, dessa vez, não sorrio de volta para ele. Apenas o observo. O rapaz deve ter percebido que estou mais séria agora, já que logo tenta se explicar:

— Desculpe, não estou seguindo você ou coisa do tipo. Deve estar me achando um chato, não é? Mas não quero perturbá-la. A bem da verdade é que o destino parece nos querer juntos, pelo menos, esta noite. Eu simplesmente saí pra resolver um problema no estacionamento e, quando voltei, avistei você.

— Tudo bem.

— Desculpe parecer um pouco indiscreto, mas é que estou começando a achar estranho ver uma mulher tão bonita como você passar todo o tempo da festa sozinha.

— Eu não estou sozinha — suspiro, dessa vez achando que Cássio está indo longe demais.

Não dei essa confiança toda a ele para falar esse tipo de coisa para mim. Mas a minha irritação pode também significar o quanto tem razão.

— Meu namorado é uma pessoa muito ocupada. Muito popular... por conta disso por onde passamos, sempre existe alguém querendo conversar com ele, e isso não me incomoda. De maneira alguma. E o fato de estar sozinha aqui não significa que eu esteja disponível.

— Entendo.

Seu olhar desce até meu pescoço e se mantém fixo nele. Só então lembro-me que ainda estou usando o colar de diamantes. Passo meus dedos sobre a joia.

— Vendo mais uma vez você com o *Aurora*, só posso supor que seu namorado seja realmente alguém muito importante.

Não respondo. Não consigo entender aonde quer chegar. Além do mais não gostei da forma como ficou olhando o colar. Sei que não é nenhum ladrão ou algum criminoso, mas não gosto da ideia de que pode estar me usando para atingir o Jonas.

— Acho melhor ir agora. Com licença...

— Espere — segura meu braço, me impedindo de ir. E por mais que me segure gentilmente, não gosto de saber que teve a ousadia de fazer isso.

Eu o fito, sinto meus olhos arregalados.

— Não precisa ir — diz — Não se for por minha causa. Desculpe se fui inconveniente, mas se estiver incomodada com a minha presença, eu mesmo posso sair...

Encaro seus olhos claros e por um momento tenho vontade de dizer que foi um erro encontrá-lo e mais ainda ter aceitado dançar momentos atrás com ele.

— O que diabos está acontecendo aqui? — uma voz masculina muito profunda soa atrás de nós dois, surpreendendo-nos e fazendo-nos olhar na direção do dono dela.

Jonas.

Está sério, o ar desconfiado, os olhos sobre as mãos de Cássio, que solta meu braço imediatamente, murmurando um pedido de desculpas.

Eu me afasto de Cássio e caminho para perto de Jonas.

— Cássio Fontana — ouço Jonas falar de um modo tão frio que é até impossível distinguir a intenção —, faz tempo que a gente não se esbarra por aí.

— Como vai, Jonas?

— O que acha? Não gostei de saber que estava assediando minha acompanhante. Isso não me deixa nenhum pouco feliz.

— Foi um mal-entendido. Não quis ser estúpido com ela. Verônica sabe que não tentei fazer nada que a ofendesse.

Jonas estreita os olhos e posso ver o quanto está sombrio. Divide o olhar entre nós dois.

— Ah, então já se conhecem?

— Nos conhecemos um dia desses no clube — respondo — E hoje nos reencontramos por acaso.

— Sei — Jonas afunda as mãos nos bolsos da calça preta e volta a fulminar Cássio com os olhos — Sabe qual é o problema, Fontana? Me incomoda ver homens como você agir desse modo grosseiro quando estão sozinhos com uma mulher. Elas não são objetos.

Cássio dá um sorrisinho cínico e meneia a cabeça.

— Não achei que ela tivesse dono, Jonas. E nem que fosse de ouro. Apesar de estar com este lindo diamante. No entanto isso é apenas uma joia. Você não concorda?

Jonas franze a testa e estreita os olhos azuis.

— Estamos falando do *Aurora* ou da minha namorada? Estou confuso.

Cássio não responde. Pisca. Por um momento parece sem resposta. Um silêncio paira sobre os dois. Toco o colar em meu pescoço, aliviada por ele ainda estar ali preso. Pouse minha mão gentilmente no ombro de Jonas e murmuro em seu ouvido:

— Já está tarde... vamos embora agora?

Jonas consulta a hora no relógio de ouro. Não me responde.

— Boa noite pra vocês. A gente se vê por aí — Cássio diz antes de girar o calcanhar e se afastar de nós.

Jonas permanece o observando ir embora. Sei que está puto da vida e já tenho certeza de que as diferenças dos dois, de fato, existe para ambos lados.

Em seguida Jonas concorda em ir embora também. Sigo em direção ao estacionamento e sei que está logo atrás de mim. Ele não diz mais nada sobre o episódio. Eu também não.

Quando chegamos ao local, há um universo de carros. Não faço ideia de qual seja o dele, embora saiba que é um preto lindo. Eu o observo ir em direção a um carro preto. Em seguida, aciona o controle remoto e destrava a porta.

Já dentro do automóvel, permanecemos em silêncio. Eu o observo de soslaio, mas Jonas continua concentrado na direção. Não fala sequer uma palavra sobre o acontecido.

— Tudo bem? — pergunto quando o silêncio entre nós começa a ficar constrangedor.

— Sim. Tudo ótimo.

Um novo silêncio.

— Vou viajar amanhã cedo. Irei pra São Paulo — anuncia de repente, sem tirar os olhos da estrada à nossa

frente — Surgiu um compromisso. Adoraria poder levá-la comigo, mas infelizmente não vai ser possível. Serão infundáveis reuniões, almoços de negócio... esse tipo de coisa. Você provavelmente vai se divertir muito mais em casa.

— Bem, posso ir e fazer companhia a vo...

— Não é necessário — soa tão frio e seco, que começo a ficar preocupada.

Jonas passou a maior parte do tempo longe de mim na festa. Depois, quando me encontrou, me viu na companhia de Cássio. Agora está me tratando com frieza, mas antes de chegarmos à festa, era o cara mais apaixonado do mundo. *O que aconteceu? O que mudou? Por que seu humor mudou de uma hora para outra? Por que está me evitando agora?* Ele está com raiva de mim? Por que não quer que eu o acompanhe até São Paulo? Pisco, sentindo uma sensação estranha. Está claro que Jonas não quer a minha companhia na viagem. Não duvido nada que já tenha se cansado de mim. Lembro-me do que a mãe dele falou, dias atrás, quando descobriu que ele já havia rompido com a ex. Respiro fundo. *Calma, Verônica, está tudo bem, não surte. Se ele não quiser você na viagem, tudo bem. Se entre vocês dois não der mais certo, tudo bem também. Você não vai se perder por esse homem, por mais gostoso e maravilhoso que ele seja!*

— Tudo bem? — é ele que pergunta agora, me tirando dos devaneios.

— Sim.

— Certo. Pretendo voltar antes da sexta — comenta. — No sábado podemos ir ao cinema ou fazer algo diferente, se você quiser.

— Pode ser.

Após mais um longo silêncio, é a sua vez de me olhar rapidamente e me avaliar.

— Tudo bem mesmo? — quer saber.

— Está — forço um sorriso, mesmo achando que há algo estranho nessa história de viajar a São Paulo.

Talvez devesse perguntar a ele, mas pensando bem, não quero parecer desesperada. Nunca corri atrás de homem nenhum e não vai ser agora que começarei a fazer isso. Além do mais, se estamos juntos - e, sim, estamos, inclusive, ele me tratou como namorada quando falou com Cássio, então devo confiar nele.

Jonas está novamente olhando para a frente, concentrando na direção.

— Enquanto eu estiver fora, pode convidar alguém de sua família ou mesmo uma amiga para te fazer companhia. Podem aproveitar a piscina.

— Seria ótimo.

— Então faça isso.

Algum tempo mais tarde, quando chegamos ao casarão, já no nosso quarto, Jonas trata de se livrar logo do smoking preto e o larga em cima da poltrona. A primeira coisa que faço é tirar o colar com cuidado do meu pescoço e guardá-lo na caixa de veludo. Depois afundo na cama e começo a tirar os saltos. Com eles já fora dos meus pés, é a vez do vestido. Eu o tiro com cuidado.

Subitamente mãos fortes tocam minha cintura e lábios mornos se apoderam da pele dos meus ombros. Sorrio quando seu corpo duro cola no meu e suas mãos largam minha cintura para descerem até a minha bunda. As duas mãos de Jonas agora entram pelo meu vestido e erguem o tecido.

— Ah, porra... você é tão gostosa... — rosna em meu ouvido, me fazendo esquentar e estremecer na hora. — Quero você... agora.

Fecho os olhos, meu corpo já em chamas. Gemo quando me puxa para mais perto, fazendo nossos corpos grudarem. Suas mãos tocam minha calcinha.

Gemo baixinho com a sensação se sua barba pinicando meu queixo, depois meu pescoço, meu ombro.

Deito-me na cama e Jonas enfia o rosto entre minhas pernas abertas. Gemo mais alto quando começa a me tocar enquanto minhas mãos agarram seu cabelo macio e puxa seus fios com força, sentindo muito tesão. Ele fica um bom tempo assim, me chupando, me proporcionando momentos incríveis.

Seu corpo pesa sobre o meu e sinto sua boca tomando a minha, exigindo tudo, chupando a minha língua.

Após vários beijos intensos e selvagens, se afasta um pouco só para retirar a camisa social. Sento na cama e meus lábios vão até seu peito rígido e com pelos. Agarro-me a ele e mordisco cada pedaço de sua pele.

Jonas geme e rosna, segurando com força meu cabelo. Em seguida se livra do restante de sua roupa. E eu me livro do vestido amarelo de cetim. Depois da calcinha minúscula.

Jonas me pega e me carrega até a penteadeira. Afasta minhas pernas e se ajeita entre elas. Suas mãos me puxam mais para si e arqueio minha cabeça para trás, sentindo meu cabelo descer como uma cascata pelas minhas costas. Volto a gemer quando começa a me penetrar com força, com firmeza, com loucura, com paixão, com desespero. A gente fica assim, se amando, se tocando e se beijando, trocando palavras sujas e quentes. Ele diz

que me quer, eu digo que o quero também. Nós dois ficamos assim até explodir juntos e depois cair na cama.

Capítulo 46

VERÔNICA

APÓS NOSSA CÁLIDA noite de amor, sinto sua mão firme me puxar para mais perto. De olhos fechados, estico meus lábios em um sorriso de contentamento. Estou apaixonada. Tenho certeza. Não, mais que isso, eu o amo.

Minha bochecha roça em seu peito rígido e musculoso. Tudo fica ainda mais gostoso quando me envolve com seus braços fortes e afunda o rosto em meu cabelo.

— Gosto de você assim, toda minha... — soa, a voz rouca que tanto amor ouvir.

— Você tem um lado romântico, sabia? — deposito beijinhos em seu peito aconchegante — E eu amo isso.

— Eu gosto de reservar meu melhor a você.

— Ah, é? — pousei meu queixo em seu peito, para poder vê-lo melhor — Então acho que sou mesmo uma mulher de sorte.

Dou uma risadinha, adorando esse nosso novo clima. Horas mais cedo, quando estávamos voltando do evento, eu jurava que Jonas estava distante e frio comigo, que ele não queria a minha presença com ele na viagem para São Paulo. E isso estava me angustiando. Agora percebo que era só uma cisma boba. Está tudo bem entre a gente, que

nada do que imaginei era real. Ele continua sendo o mesmo cara atencioso, carinhoso, disposto a me proporcionar momentos maravilhosos.

— No que está pensando? — quer saber, de repente, enquanto a ponta de seu dedo polegar está deslizando pelo meu braço, alisando a minha pele.

— Em nada importante. Besteira minha.

— Fiquei curioso.

— Bom, é que hoje quando estávamos voltando pra cá... — mergulho minha mão nos pelos negros de seu peito — tive a impressão de que você estava chateado e distante.

— E por que achou isso?

Dou de ombros.

— Bem, sei lá. Você comentou que ia viajar pra São Paulo e pareceu que não queria muito a minha companhia.

— Sempre vou querer a sua companhia — continua deslizando o polegar pelo meu braço — Você me faz bem. É gostosa, quente, inteligente. Não só um corpinho bonito. Gosto das nossas conversas.

Sorrio.

— Também gosto de ficar com você — é a minha vez de tocar seu rosto, estou acarinhando sua barba rala — Você tem me surpreendido positivamente.

A gente fica assim, abraçadinhos e em silêncio. Volto a beijar seu peito. Jonas continua alisando minha pele, agora desliza a ponta do dedo até meu cotovelo. Ele não diz que está apaixonado, mas também não cobro nada. Uma coisa que aprendi é que são nas atitudes que uma pessoa demonstra o que sente, e não palavras.

A gente se amou pela terceira vez na noite. Agora estamos novamente jogados um nos braços do outro. Eu nunca havia conhecido o real significado da paixão antes de conhecer o Jonas. E sexo, para mim, nunca foi algo tão incrível como tem sido. Aliás, eu nem curtia muito sexo. Vanessa me chamava de frígida. Agora entendo que o problema nunca foi com a relação sexual em si e sim porque eu não gostava de Cidão, e portanto, transar com ele era sempre um fardo. Não um deleite.

Mas agora com Jonas tudo é diferente. Quero fazer sexo todo dia, se possível. As transas são sempre boas, prazerosas, satisfatórias. Jonas tem se mostrado um amante generoso. Não visa seu próprio prazer. Faz sempre questão de me saciar também. E a cada dia me sinto mais à vontade para experimentar novas coisas e posições.

— Você está feliz aqui? — pergunta de repente, enquanto fico observando suas tatuagens no ombro.

— Estou. Como há muito tempo não estive — sou sincera.

— É bom ouvir isso — leva minha mão ao seu lábio com carinho.

Ele não diz mais nada. Nem eu digo. Aconchego-me mais a ele e me pergunto se vamos dormir assim grudadinhos hoje.

— O que Cássio Fontana queria com você? — indaga de repente, a voz macia, mas não deixo de notar uma pontada de ciúmes nela.

— Apenas conversar, eu acho — tento me fazer de boba. — Por quê?

— Por nada.

Silêncio. Ele parece ainda mais pensativo agora.

— Então vocês já se conhecem?

— É. Nos conhecemos um dia desses no clube.

— É, você disse.

Um novo silêncio paira sobre o ambiente e mordo meu lábio inferior, esperando que Jonas fale mais alguma coisa sobre o assunto. Adoraria ler seus pensamentos agora. Tenho quase certeza de que está morrendo de ciúmes.

— E por que ele estava segurando o seu braço quando cheguei?

— Eu não sei. Foi algo muito rápido. Eu queria ir embora, então ele disse que eu não precisava fugir dele.

— Vocês já tinham se encontrado na festa?

— Sim. A gente tinha dançado na pista.

— Ah, é? E que hora foi isso?

— No momento em que você sumiu e me deixou sozinha.

Jonas não responde e não posso ver sua feição agora, mas tenho certeza que está pensativo, se dando conta de que a culpa foi toda dele. Disfarço o sorrisinho porque estou adorando o rumo desta conversa, mas não quero que note. Não acredito que esteja ardendo de ciúmes! Quem acreditaria que uma simples camareira como eu iria causar tanto efeito num homem poderoso como ele?

— Eu não devia tê-la deixado sozinha. Me desculpe. Foi grosseiro da minha parte.

— Ok. Está desculpado.

Ergo novamente meu rosto e pouso meu queixo em seu peito para observá-lo melhor.

— E quanto a vocês dois? Você e Cássio já se conhecem há muito tempo?

Jonas me encara profundamente.

— Por que quer saber?

— Curiosidade.

— Bom, nunca tivemos nenhuma razão para sermos amigos. Eu já tinha o meu grupo de contato e ele sempre foi mais reservado, mais na dele. Além disso, somos inimigos e rivais. Concorrentes — explica. — Não confio nele. Afinal, sua empresa disputa espaço com a minha... mas vamos deixar isso pra lá. Não quero terminar a noite falando sobre esse cara.

E me puxa outra vez para si. A gente fica abraçadinho até pegar no sono.

JONAS

O SILÊNCIO da madrugada é sempre um momento oportuno para se pôr a mente em ordem. É isso que estou tentando fazer agora. Verônica está a meu lado e eu a observo adormecer. Toco a ponta de meu dedo indicador em seu rosto com cuidado para não acordá-la e me pergunto se estou apaixonado. Não, não pode ser. Ela é tão agradável, tão delicada... tão gostosa. É muito bom estar em sua companhia. Então talvez seja paixão. É isso o que as pessoas sentem quando gostam de alguém: querem sempre estar perto.

Desço a ponta do dedo até seus lábios quentes que tanto beijei nas últimas horas e permaneço a observando dormir, velando o seu sono. Após algum tempo, afasto suavemente a mão de seu rosto. *Talvez eu esteja agindo como um romântico inconsequente. Talvez meus amigos comecem a questionar. Como posso tê-la trazido para dentro de casa? Para o meu intocável reino. Será que não estou sendo tolo e precipitado?*

Mal conheço a garota e não sou do tipo de cara que aprecia tanta intimidade assim com alguém. Nem mesmo com Paula havia dividido o teto algum dia. O que, afinal, está acontecendo comigo? Será que estou mesmo envolvido? Que estranho de acreditar... Logo eu, um cara tão frio e equilibrado, que sempre soube separar amor de sexo? Estou de quatro por uma mulher? Bom, talvez não de quatro. Só apaixonado. Talvez apaixonado seja a palavra mais adequada. Mas de qualquer forma, paixão é uma coisa que vem e vai. Não é algo duradouro, permanente. Não, claro que não. Ainda bem que não.

Meus olhos voltam para Verônica adormecida. Ela é encantadora, de fato, mas é apenas uma mulher. Mulheres costumam ir e vir a todo instante em minha vida. Antes de Verônica vieram tantas outras, e depois dela, certamente, virão mais outras. Continuarei seguindo o meu modo de viver sem interrupções, sem mudanças, sem me prender a ninguém.

Mas por que raios estou tão apegado à sua companhia? Ao seu calor, seu cheiro e seu corpo? É fato também que não quero magoá-la, afinal, ela já havia passado por maus bocados na vida. Não merecia ser mais castigada. O que estou fazendo, caramba?

Esfrego minha barba enquanto estiro-me outra vez na cama. Suspiro profundamente e penso. Falta pouco para as cinco da manhã e ainda estou aqui, acordado. Só havia conseguido cochilar um pouco após a última transa e o sono agora não vinha. Levantaria cedo dentro de poucas horas e pegaria o primeiro voo para São Paulo. Resolveria assuntos importantes sobre a empresa e aproveitaria toda essa distância para ficar um pouco longe de Verônica e para poder reorganizar meus pensamentos e sentimentos. Na volta tomaria a melhor decisão possível e seja lá qual fosse ela, tentaria ser sincero.

Olho mais uma vez para Verônica adormecida a meu lado e penso na vida desregrada que tenho e na vida diferente que poderia ter a seu lado. Será que em minha vida caberia uma relação sólida com alguém? Será que eu seria capaz de levar um relacionamento mais a sério, que passasse de um noivado? Um casamento? Será que conseguiria desejar alguém por tanto tempo assim, desejando amar e proteger? E se viesse um filho? E se Verônica desejasse um filho? Eu nunca havia pensado na

ideia de ser pai, mas será que estava mesmo preparado para isso? Egoísta e individualista do jeito que sempre fui?

Talvez fosse melhor para ambos se Verônica seguisse o próprio caminho e fosse feliz com alguém que a amasse de verdade, assim como Paula também deveria fazer. Eu sei que não sou o homem certo para relacionamentos sérios e nem o homem ideal para nenhuma das duas. Não atendo aos scripts de um marido perfeito. Se elas sonhavam em se casar e ter filhos, que procurassem outros homens e fossem felizes com eles. Suspiro outra vez.

Confuso com meus próprios pensamentos, tento pegar no sono. Cerro os olhos. E então, quando menos espero, adormeço.

Acordo duas horas depois com o som do despertador. Levanto-me rapidamente, enfrento o chuveiro frio e me arrumo. Antes de sair, olho pela última vez para Verônica desmaiada na minha cama. Sinto algo bom, a observando ali. Um sentimento de solidez, de conforto. Em seguida, saio, deixando-a para trás.

Capítulo 47

VERÔNICA

ENQUANTO ME TROCO, penso na noite anterior que Jonas e eu tivemos. A gente havia se amado intensamente. Agora sorrio por ter a certeza de que toda aquela chateação no caminho de volta para casa por achar que não me queria na viagem não passava de uma preocupação boba, pois, no fundo, Jonas se importa, sim, comigo e me deseja muito. E só estava querendo me preservar de dias chatos e solitários dentro de um quarto de hotel em São Paulo.

Sorrio, satisfeita. Jonas sabe ser amável quando quer. Sim, e como sabe! E é muito carinhoso na cama. A frieza é apenas uma capa que usa de vez em quando, principalmente para lidar com os negócios. E a cada dia tem agido como um namorado e me surpreendido mais.

À essa altura, já deve estar chegando ao destino.

Encaro-me no espelho. Avalio meu rosto, minha pele, meu cabelo. De repente, ouço uma batida na porta.

— Sou eu, querida, Zuleica — fala a voz, do outro lado.
— Está tudo bem? Não vai descer para o café? Está um belo dia lá fora.

— Bom dia, Zuleica — sorrio ao abrir a porta e encontrá-la — Desculpe. Acho que perdi a hora... acordei às sete, mas estava com tanto sono, que voltei a dormir.

— Tudo bem. Não precisa se explicar, muito menos pedir desculpas. Está um lindo dia lá fora. Venha, preparei um café dos deuses pra você.

Assim que descemos a longa escada, eu a sigo à cozinha. Há um cheiro maravilhoso pairando no ar. Contemplo a mesa farta e a imagem imediatamente abre o meu apetite.

— Fique à vontade, querida. Espero que goste.

— Obrigada. Você é um amor.

Afundo na cadeira, diante da mesa. Provo a primeira fatia do bolo de chocolate e não tenho palavras para descrever o quanto ele é bom.

— Hmmm, meu Deus, Zuleica, isso é divino — parto uma segunda fatia e levo à boca — Você tem mãos maravilhosas.

Zuleica sorri, orgulhosa.

— Que bom que gostou. Faço bolos variados todas as manhãs. Ainda bem que aprovou.

— Gostar é pouco. Eu amei! — como mais uma fatia. — Venha, coma comigo.

— Oh, não, meu bem. Já comi muito hoje. Isso tudo é pra você. Sabe, adoro cozinhar. Principalmente para as pessoas que gosto. O guri saiu tão cedo de casa hoje, que nem deu tempo de preparar algo gostoso pra ele. Mas quando voltar, vou fazer a torta de maçã que tanto gosta. Vai adorar experimentar também.

— Tenho certeza que vou — limpo o canto de minha boca com guardanapo e me preparo para um quarto pedaço do bolo.

— Mas, então, já sabe o que vai fazer durante o resto do dia? Ainda mais sozinha nesse casarão?

— Vou chamar minha amiga — comento, após mastigar. — Vou ligar pra ela daqui a pouco. Foi uma sugestão do Jonas, sabia?

— Oh, posso imaginar — senta-se na cadeira ao lado da minha. — Ele sabe ser encantador quando quer. Só precisa de um pouco de incentivo. Espero que continuem se dando bem.

Levo o copo de suco de abacaxi à boca para dar uma golada enquanto penso no que Zuleica acabou de dizer.

— Você deve conhecê-lo há muito tempo, não é?

— Oh, sim, e posso afirmar a você, menina: ele está apaixonado.

Sorrio, meneando a cabeça, tendo minhas dúvidas, mas torcendo para que ela esteja certa.

— Eu não sei... acha mesmo?

— Talvez nem ele tenha se dado conta disso ainda, querida. Só acho que um pouco de paciência nunca faz mal a ninguém. E quer uma dica? Não o pressione. Bicho acuado, foge — me lança uma piscadela antes de se levantar da cadeira e me deixar sozinha na cozinha.

JONAS

HAVIA CHEGADO cerca de uma hora atrás. Subitamente a campainha toca, não me surpreendendo, pois já imagino que seja Paula. É a única que sabe onde estou hospedado. A campainha continua tocando, então resmungo um palavrão enquanto me dirijo à porta.

Quando a abro, a encontro do outro lado, me encarando escondida através de enormes óculos escuros. Sorri, mexendo o cabelo loiro brilhante de uma forma sensual.

— Oi, Paula — eu a cumprimento, sem entusiasmo algum.

O curioso é que a mulher em minha frente continua linda e estonteante. É a imagem perfeita, o tipo de garota que qualquer homem gostaria de ter ao lado e também de ostentar como um troféu. No entanto, para mim, ela é só uma pessoa que conheci. Não sinto nem mesmo aquele tesão que antes despertava em mim.

— Olá, *baby*. Posso entrar? — tira os óculos escuros do rosto e me revela seus olhos azuis.

Suspiro, ficando de lado e dando espaço para que entre. Depois que Paula passa por mim, fecho a porta e volto para dentro da suíte atrás dela.

— É assim que vai me tratar agora, Jonas? Com toda essa frieza? Desde quando as coisas começaram a mudar?

— O que você quer, Paula? Fala logo — me sento no braço do sofá, um tanto impaciente — Não vim à cidade por divertimento. Acabei de chegar de um voo, estou cansado. Daqui a pouco vou ter uma reunião. Me diz o que quer e pronto.

— Uau, você está tão lindo com essa camiseta vermelha — chega perto de mim e pousa as mãos com unhas enormes pintadas de rosa em meu colarinho.

Em seguida agarra meu pescoço e começa a se esfregar em mim. Eu a afasto com delicadeza e me desvencilho de seu toque.

— Se veio até aqui pra mais uma de suas sessões sensuais, lamento informar, mas perdeu seu tempo. Não estou com tempo para sexo selvagem.

Permanece imóvel, me encarando, os lábios rubros entreabertos, provavelmente surpresa e perplexa por eu tê-la rejeitado. Homem nenhum rejeita uma mulher linda e fogosa como Paula.

— Eu não vim pra mais uma de minhas sessões calientes, *honey*. Aliás, você tem que admitir que adora isso, mas, na verdade, vim aqui por outro motivo — senta-se no sofá, cruzando as pernas de porcelana perfeitas. — Tenho algo a lhe dizer. Algo que precisa ser dito pessoalmente, e não por telefone.

— Certo. O que é? — puxo a minha camiseta vermelha pela cabeça, me preparando para seguir para o banho — Aumentou sua coleção de sapatos *Gucci*? — zombo, me livrando da camiseta.

— Não, *baby*, não foi nada disso. Aliás, o que tenho a dizer é algo muito melhor do que simples sapatos de marca. — levanta-se para se aproximar de mim outra vez. — Estou grávida, Jonas. Gravidíssima de um filho seu.

— Como é? — paro, a encarando — O que acabou de dizer?

— Vamos ter um filho, Jonas. Eu e você. Um *little* Jonas.

Pisco, perplexo, então, levo minhas mãos para abrirem o zíper do jeans.

— Não está falando sério, está? Me diz que está brincando. Você nunca engravidou em anos, por que esse papo agora?

Dá novos passos em minha direção e puxa o meu jeans para baixo, pronta para me chupar.

— Não, agora não — puxo meu jeans de volta para cima porque não quero ser chupado.

Quero que me conte melhor sobre essa porra de gravidez. Seguro seus ombros e olho bem em seus olhos.

— Você não está grávida. Me fale a verdade.

— Oh, *my love*, não é história. Realmente estou grávida, Jonas. Vamos ter um filho. Pensei que ficaria feliz — enlaça meu pescoço com os dois braços finos.

— Paula... — murmuro, me desvencilhando dela.

A notícia me pegou de surpresa. Por um momento, não sei o que dizer ou o que fazer. Preciso absorver a informação.

— Oh, Jonas, por favor. Veja — puxa minha mão e a leva até seu ventre seco. — Sinta... é o nosso filho que está crescendo aqui. Nosso mini Jonas.

— É só um grãozinho, Paula — resmungo, puxando minha mão de volta.

E me afasto dela, confuso. Na verdade, puto da vida. Eu não quero filho nenhum!

Eu me dirijo ao bar. Preciso de uma bebida. Pego uma garrafa qualquer do móvel e logo viro o conteúdo dela em um copo para levá-lo à boca.

Mas que porra de notícia é essa? Paula grávida? Como isso foi acontecer?

Enquanto dou o primeiro gole no uísque, vejo Paula ajeitar as madeixas loiras e, em seguida, caminhar para perto de mim. Não gosto do seu sorriso em minha direção. É como se estivesse satisfeita por ter me enganado, como se soubesse que agora possui um trunfo nas mãos. E tenho a absoluta certeza de que usará todas as armas possíveis para me ter de volta.

— Não acredito que não esteja feliz — resmunga, a voz chorosa, se agarrando em meu pescoço — Achei que fosse adorar a ideia — e acarinha meu rosto — Vamos lá, Jonas. Diga que está feliz.

Não há resposta. Me mantenho parado, ainda desgostoso. Não estou pronto para ser pai. Muito menos assim, de uma hora para outra, sem planejamento. Por um momento, me sinto perdido.

— Por favor, preciso do seu apoio nesse momento, Jonas... isso também está sendo assustador pra mim. Pensa que é fácil me ver grávida assim de repente? Ainda mais agora que não estamos mais juntos?

— Eu não entendo... — passo a mão pelo rosto rapidamente. — Você não se cuidava? Não tomava pílula?

— Sim, tomava, claro que tomava. Tomava tudo certinho conforme mandava a bula. No entanto, depois que terminamos, fiquei tão mal, que acabei me confundindo com os dias e horários... aí tive essa grata surpresa. A regra parou de vir, surgiram os enjoos... então, descobri que estava grávida.

— Você acha mesmo que é uma boa ideia levar essa gravidez adiante?

Ela me fita, seus olhos arregalados, simulando choque.

— Como pode me perguntar isso? É seu filho... está insinuando que... — e faz drama, simulando choro. — Está

insinuando que não devo ter esse bebê? Eu vou ter esse bebê! Você querendo ou não. É seu filho! Nosso filho!

Esfrego meu rosto e, vendo-a histérica desse jeito, me pergunto se não fui longe demais.

— Eu preciso de um banho — é tudo o que consigo murmurar antes de girar o corpo e seguir para o banheiro, querendo ficar longe de Paula e de toda essa história de termos um filho.

Capítulo 48

VERÔNICA

O MEU CELULAR TOCA. É o número do Jonas. Vejo seu nome no visor. Pego o aparelho, toda empolgada, porque já estava ansiosa por sua ligação.

— Oi, amor — digo, pronta para perguntar *E aí, chegou bem?*

— *Quero deixar uma coisa bem clara, queridinha... —* uma voz feminina surge, me deixando completamente paralisada — *Não vou desistir dele. Nunca. Conheço muito bem seu tipo. É só mais uma que passou pela cama dele. Logo Jonas se cansará e voltará pra mim, como sempre faz.*

Pisco várias vezes, sem saber o que dizer ou o que pensar. Quem está do outro lado da linha? É a loira socialite, ex de Jonas? Mas o que está fazendo com o celular dele? Meu Deus, levo as mãos à boca, tentando encaixar as peças desse quebra-cabeça. Então Jonas estava com a ex em São Paulo? Meu peito começa a doer e não consigo raciocinar direito. Tudo começa a fazer sentido. Por isso Jonas insistiu que eu ficasse em casa?

— E tem mais — sua voz grave diz, me trazendo de volta à realidade — as coisas vão começar a mudar. Sei que está vivendo com ele na mansão, mas Jonas não

ficará mais com você quando nosso filho nascer. Isso mesmo que ouviu. Estou grávida. Não dou nem dois dias para a brincadeira de casinha de vocês acaba...

Antes que termine a frase, desligo o telefone em sua cara. Não quero mais ouvir nada. Já é o suficiente. Revolta. Mágoa. Decepção. Tristeza. Tudo junto. É o que sinto. E muita raiva de Jonas. E muita raiva de mim mesma por ter sido boba a ponto de acreditar nas mentiras dele. Eu devia saber que estava apenas me iludindo. E o pior é que, no fundo, desde que aceitei vir morar com ele, sabia muito bem que estava pisando em terreno minado. Sabia que a reputação de Jonas não era uma das melhores, que era um risco me envolver com ele.

Jonas, pelo jeito, só queria mesmo se aproveitar do meu corpo e se divertir comigo. Sempre demonstrou atração física, e não foi à toa que me contratou para um *tour* de paixão em Paris, depois em Nova Iorque. Como a atração é forte, resolveu me trazer para a própria casa.

Cafajeste.

Não sou capaz de conter as lágrimas que descem quentes e insistentes pelo rosto. Como fui estúpida... extremamente estúpida e cega... como pude imaginar que queria realmente algo sério comigo? É só uma brincadeira de casinha, como a ex dele mesmo zombou. Jonas certamente se casará com ela. Claro. Terão um filho. Formarão uma família perfeita. Ele está em São Paulo à essa altura em uma suíte de hotel com ela e os dois devem estar rindo às minhas costas.

Respirando fundo, me ponho de pé, num pulo. Não quero ficar mais nesta casa. Nem por mais um minuto. Pegarei minhas coisas e irei embora para nunca mais voltar.

JONAS

AO SAIR DO BANHO, vestindo uma camiseta branca e uma calça de moletom preta, eu a avisto deitada na minha cama e algo chama a minha atenção. O meu celular está em suas mãos. A minha cabeça não demora muito tempo para trabalhar e concluir tudo. Imediatamente corro até ela e arranco meu aparelho de suas mãos.

— O que pensa que está fazendo? — praguejo, irritado, me perguntando como conseguir desbloqueá-lo.

Noto que a última chamada havia sido para o celular de Verônica. Não acredito que Paula ligou para ela. Ah, merda. Encaro Paula. Detesto ver a expressão de satisfação em seu rosto.

— Como conseguiu desbloquear? — quero saber, a avaliando.

— Peguei seu telefone assim que o abandonou no aparador. Você não percebeu, mas ele estava conectado no YouTube. Uma de suas entrevistas. Fiquei vend...

— E aí teve a maldita ideia de infernizar minha vida — concluo, exasperado, e irritado comigo mesmo por não ter verificado o celular antes de abandoná-lo no aparador — O que disse a ela?

Dá de ombros e volta para a cama.

— Apenas a verdade, Jonas.

— Que verdade?

— Sobre nós. Que estamos nesse quarto de hotel e que vamos ter um filho.

— Cretina — rosno, tentando controlar a raiva e a vontade de segurar em seu pescoço e apertá-lo até que

perca a respiração.

— Você nunca falou comigo desse jeito... — me encara, simulando perplexidade.

— Você não tinha o direito de entrar no meu quarto, pegar o meu telefone e fazer ligações sem o meu consentimento.

— Jonas, por favor, tente entender... essa mulher acabou com a nossa vida... roubou você de mim... é uma vagabunda. Pensa que não sei que a colocou dentro de casa?

— Você vai embora daqui agora — eu a puxo pelo braço, sem paciência alguma e, sem gentileza, e a conduzo para fora do meu quarto.

Não me importo com seus protestos e com sua simulação de choro. Pelo corredor, Paula implora para que eu a deixe explicar tudo melhor, mas não quero ouvir mais nada.

Abro a porta de madeira e a ponho para fora de minha suíte, tendo o cuidado de não empurrá-la com força, para que não caia e depois me acuse de agressão física.

— Jonas! Não acredito que está fazendo isso comigo! Não acredito que está fazendo isso por causa dela!

Volto rapidamente até o interior da suíte, pego sua bolsa e a arremesso em seus braços.

— Acabou, Paula. Supere isso.

— Jonas!

Bato a porta em sua cara e não me importo se está chorando lá fora ou implorando para que eu abra novamente a porta e a deixe entrar.

Por causa da confusão que Paula causou, decidi voltar mais cedo para casa. Verônica não atendia mais meus telefonemas, então me dei conta de que só poderia me explicar pessoalmente.

Nesse exato momento, piso na mansão e me surpreendo por encontrar Verônica na sala de estar, ao lado de sua amiga. Meus olhos percorrem rapidamente o ambiente e logo em seguida encontram os seus. Largo as malas no chão e abro a boca, mas logo me dou conta de que não sei o que dizer e se eu disser qualquer coisa fora de hora posso acabar estragando tudo. É um momento delicado. Preciso convencê-la de que não tive nada com Paula e que não a estive enganando esse tempo todo.

Verônica cruza os braços na altura do peito e ergue o queixo ao me encarar, sustentando o olhar. A amiga dela pigarreia, aparentemente percebendo o clima ruim entre nós dois, mas já imagino que saiba de tudo o que aconteceu.

— Você deve ser o nosso anfitrião — diz a amiga, sem graça, esticando a mão para me cumprimentar — Prazer, sou a Érica.

Aperto sua mão, a reconhecendo na hora. Ela também trabalhava no hotel com Verônica e, inclusive, estava no meu quarto no dia em que vi Verônica dançar em minha cama.

— Lembro de você. Como vai?

— Ótima — sorri, parecendo ter ficado emocionada com o fato de eu ter me lembrado dela.

Volto a encarar Verônica, um tanto ansioso. Na verdade, queria poder ficar a sós com ela e explicar a minha versão da história. Preciso explicar o que realmente aconteceu entre Paula e eu em São Paulo. Ou seja: nada.

— Bom, acho melhor deixar vocês dois conversarem — Érica fala, toda sem graça, se afastando de nós em seguida.

— Estou indo embora — Verônica anuncia, ainda me encarando.

— Não vai nem me deixar explicar? — indago, chateado por saber que já tomou uma decisão sem ao menos ouvir o que tenho a dizer.

— Falei com sua ex pelo telefone — começa, e imagino que tenha chorado porque seus olhos estão avermelhados. — Ela me disse que vocês estavam juntos no hotel e que vão ter um filho.

— Verônica — aproximo-me um pouco, tentando manter a calma e agir com inteligência.

Sei que a conversa será difícil, afinal, como vou explicar que havia conversado dias antes por telefone com Paula e que já tinha combinado encontrá-la em meu quarto de hotel?

— Não é o que está pensando, Verônica.

— Bom, se não é o que estou pensando, então me explique por favor o que aconteceu. Estou aqui, Jonas. O meu primeiro impulso foi ir embora. Eu já havia arrumado minhas coisas, mas aí pensei: 'Caramba, devo dar a ele pelo menos o direito de se explicar'. Por isso fiquei esperando você voltar pra casa. Então, por favor, me explique o que está acontecendo.

Suspiro.

— Certo. Não aconteceu nada entre Paula e eu. Ela me encontrou no hotel porque tinha algo a me contar. Disse que era algo sério, por isso a recebi. Descobri sobre a gravidez hoje pela manhã. Fiquei tão atordoado com a notícia que fui para o banho esfriar a cabeça. Quando

voltei, descobri que Paula tinha usado meu celular pra ligar pra você.

— E por que acha que devo acreditar nisso? — leva as mãos ao rosto, parecendo confusa e exausta emocionalmente — Tudo está contribuindo para eu acreditar que vocês estiveram juntos.

Afundo as mãos nos bolsos do jeans. Não sei mais o que dizer. Se não acredita na minha versão dos fatos, será impossível convencê-la.

— O que quer que eu diga, Verônica? Eu não sei mais o que fazer.

— Talvez seja melhor ser franco. Assumir que foi para São Paulo matar a saudade da sua ex, que ainda sente tesão por ela. Eu só peço que seja sincero comigo. Mesmo que me machuque, fale a verdade.

— Não tive nada com a Paula — reafirmo — Se eu quisesse trepar com ela, acha mesmo que precisaria pegar um voo até São Paulo?

— Eu não sei, Jonas... — limpa o que parece ser o vestígio de lágrimas, tentando se recompor. — Você já mentiu tanto... eu não sei o que pensar... sinceramente você não é muito confiável.

Levo uma das mãos ao rosto, esfregando-o, tentando me conter, tentando pensar numa forma de convencê-la que, ao menos dessa vez, sou inocente.

— Como posso acreditar que ela apareceu no seu quarto de hotel e que não rolou nada entre vocês? — insiste.

— Você precisa confiar na minha palavra. Esse é o problema. Você não confia. Sendo assim, não sei mais o que fazer pra convencê-la de que não fiz nada.

— Tudo bem. Talvez seja melhor terminarmos por aqui...

Entreabro meus lábios, mas não consigo dizer nada. Permaneço afastado de Verônica e agora sou eu que estou chateado. *Como pode confiar nas merdas que Paula falou e não confiar em mim? Será que sou tão canalha assim? Será que não mereço nenhum voto de confiança?*

É certo que fiz muitas coisas erradas e coisas das quais Verônica, inclusive, não tem nem ideia - se tivesse, me odiaria -, mas em relação ao que aconteceu ontem, sou inocente. E agora há uma amargura dentro de mim por ouvi-la dizer na minha cara que não sou confiável.

Viro-me de costas para Verônica e pouso minhas mãos no vidro da porta dupla da entrada, por onde passei minutos atrás. Preciso de um tempo para pensar, de um tempo para absorver tudo isso. Descobri hoje que serei pai. Não estou preparado para isso. E talvez também não esteja preparado para continuar essa relação séria com Verônica. Luiz Miguel tem razão, eu pareço um homem casado agora, um domesticado. Estou perdendo a mim mesmo.

— Certo. Vou pegar minhas coisas... — ouço dizer atrás de mim, mas não me volto para ela.

Ouçó seus passos seguirem apressadamente pelo corredor e, em seguida, começarem a subir a escada. Acho que ficou magoada porque não insisti. Lidar com mulheres é sempre muito complicado. Nunca é possível entender o que realmente querem. *Então, Verônica vai mesmo embora? Apesar de todas as minhas tentativas de lhe dizer a verdade?*

O meu coração diz que devo impedi-la de ir. Já! Que se há alguma forma de mantê-la comigo, devo entrar em ação

agora. Que ela, provavelmente, foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida. Todavia, a minha razão retruca e diz que isso é o certo, que devo mesmo deixá-la partir, que o nosso romance não vai dar mesmo em nada, que mais cedo ou mais tarde, isso aconteceria.

Minutos mais tarde, ouço Verônica descer lentamente a escada, segurando apenas uma mala. Tenho certeza de que todas as roupas e presentes que lhe dei não estão lá dentro. Ela é orgulhosa demais para pensar nessas coisas materiais.

— Tem certeza que vai? — dou passos até ela, todavia paro no caminho.

Verônica não diz nada. Acho que, no fundo, não quer ir embora, mas está muito magoada para dizer que quer ficar. E quanto a mim, não sei também se é uma boa ideia mantermos algo tão sério assim. Eu a quero, mas não do modo como deseja. Bom, nem sei ao certo...

— Certo. Me deixe ajudar com a mala então — caminho até onde está e pego a mala de sua mão.

— Não tem necessidade, Jonas.

— Eu insisto.

A gente sai da mansão e avisto a amiga dela esperando no jardim. Érica informa que chamou um táxi de aplicativo e que o motorista já está esperando lá fora. Eu as acompanho até o portão de ferro preto e enorme. Olho para o céu. O tempo mudou de repente. O céu está carregado e escuro agora, anunciando que uma chuva logo virá.

Após acomodar a mala no porta-malas do táxi estacionado em frente à mansão, me dou conta de que esse é o último momento. Ou falo agora ou depois que ela for, será tarde demais.

— Verônica — começo, a encarando.

Quero lhe dizer muitas coisas, mas não sei nem mesmo como começar. Sou um cara bom com as palavras quando tenho que convencer alguém nos negócios. Sou implacável e certo. Mas na questão de amor, sou uma negação. Consigo seduzir facilmente as mulheres e levá-las para a cama, mas agora com Verônica, que é um caso mais sério, não consigo sequer dizer "fique, gosto de você aqui comigo". A frase está em minha cabeça, mas não sai pela minha boca.

O táxi buzina, chamando-a, enquanto Érica já está aconchegada no banco traseiro, só nos observando do lado de fora.

Verônica me encara, seus olhos castanhos implorando para que eu diga alguma coisa, para que eu diga que a quero e que preciso dela, que ela precisa voltar para dentro de casa e desfazer a mala, que a gente pode tentar.

Seus olhos me dizem que se eu insistir mais um pouco e me mostrar apaixonado, ela cederá. Que só quer que eu peça que fique, que só quer que eu a abrace, que beije seus lábios e diga que só existe ela. Mais ninguém.

Abro a boca, tentando acabar com toda essa angústia, com toda essa tortura, desejando muito que fique, mas também não sabendo se logo em seguida vou me arrepender.

Verônica ainda me encara. Ainda espera. Quer um romance, mas eu só quero sexo.

O táxi buzina de novo, o motorista pergunta se ela vai.

— Adeus, Jonas — finalmente diz, parecendo arrasada e decepcionada por eu não ter tentado mais.

Meus olhos seguem seu movimento. Eu a vejo entrar no carro. Vejo o automóvel partir em seguida, mas permaneço

em pé, minhas mãos afundadas nos bolsos do jeans. Pisco, dizendo a mim mesmo que vai ficar tudo bem. No entanto, meu peito aperta. Há uma angústia ao ouvir o carro e vê-lo se afastar cada vez mais.

Antes que o carro vire a curva e suma do meu campo de visão, vou para o meio da rua e corro até ele, gritando que espere, que não vá. A chuva que estava prometendo cair, por fim, cai - bem gelada e fina sobre mim. O táxi finalmente sai do meu alcance. Eu paro no meio do caminho, derrotado, me dando conta de que é tarde demais.

Deixe-a ir, Jonas. Será melhor assim. Ela te odiará se um dia descobrir que foi você que armou tudo e fez da vida dela um inferno. Aquela maldita proposta. Um segredo que precisará levar para o túmulo.

AINDA NÃO É O FIM.